



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA – PPGEDUC
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO E CULTURA

DARCIELLY DA SILVA CARDOSO

CAPOEIRA E O DIÁLOGO NA ESCOLA

A experiência socioeducativa e inclusiva no Pólo Escola Arte/ASSOCASE, Cametá-PA.

CAMETÁ/PA
2018

DARCIELLY DA SILVA CARDOSO

CAPOEIRA E O DIÁLOGO NA ESCOLA

A experiência socioeducativa e inclusiva no Pólo Escola Arte/ASSOCASE, Cametá-PA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura – PPGEDUC, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como parte dos requisitos finais necessários para a obtenção do título de Mestra em Educação e Cultura.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto

CAMETÁ/PA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C268c

Cardoso, Darcielly da Silva.

Capoeira e o diálogo na escola : a experiência socioeducativa e inclusiva no pólo Escola Arte/ASSOCASE, Cametá-PA. / Darcielly da Silva Cardoso. — 2018.
195 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Campus Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

1. Capoeira. 2. Educação popular. 3. Inclusão. I. Título.

CDD 370

DARCIELLY DA SILVA CARDOSO

CAPOEIRA E O DIÁLOGO NA ESCOLA

A experiência socioeducativa e inclusiva no Pólo Escola Arte/ASSOCASE, Cametá-PA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura – PPGEDUC, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, da Universidade Federal do Pará –UFPA, como parte dos requisitos finais necessários para a obtenção do título de Mestra em Educação e Cultura. Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Linguagem.

Data da Defesa: 27/04/2018

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto
PPGEDUC/ Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura
Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá
Orientadora

Prof. Dr. Luiz Augusto Pinheiro Leal
PPGEDUC/ Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura
Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá
Examinador Interno

Prof. Dr. Josivaldo Pires de Oliveira
UNEB/ Programa de Pós-Graduação em História Regional
Campus V – Santo Antônio de Jesus /UFBA
Examinador Externo

CAMETÁ/PA
2018

Aos capoeiristas que usam sua arte e
saberes de matriz africana para educar, que
suas lutas diárias sejam reconhecidas. A
minha família. Amor eterno.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação marca o fim de uma importante etapa da minha formação acadêmica, mas, também significa o iniciar de uma outra caminhada.

Relembrar os momentos importantes vivenciados durante o curso, a pesquisa e os objetivos que me trouxeram a conclusão deste trabalho proporcionaram dois tipos de sentimentos: nostalgia e a gratidão, por aqueles que auxiliaram e contribuíram para o meu sucesso acadêmico. GRATIDÃO! É a palavra que dedico aos companheiros, família, educadores e amigos que vivenciaram comigo a construção deste estudo, presenciando e compartilhando minhas vitórias, as angústias e os medos, com gestos de carinhos e conselhos.

A Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto, minha professora e orientadora, pelo incentivo, cuidado e orientações, pelos momentos de chamadas de atenção. Sou grata pelo respeito com os quais sempre me ouviu e encorajou nos momentos de angústia e incerteza. Um exemplo de educadora, e, acima de tudo, um ser humano comprometido.

Aos professores Dr. Luiz Augusto Pinheiro Leal e Dr. Josivaldo Pires de Oliveira pelas valiosas contribuições no exame de qualificação, que proporcionaram a conclusão deste trabalho. Ambos intelectuais e educadores foram imprescindíveis para a construção do texto final, expresso aqui, meus sinceros votos de admiração e agradecimento pela disponibilidade de suas participações na banca examinadora desta dissertação.

Aos docentes do programa PPGEDUC que ministram aulas durante a minha formação, em especial, aos professores Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda, Dra. Gilcilene Dias da Costa, Dra. Mara Rita Duarte. Ao PPGEDUC, pela oportunidade de formação acadêmica, por tornar-me uma pesquisadora do Baixo Tocantins. Ao CNPQ, em nome da instituição FAPESPA, que possibilitou as condições materiais para a realização da pesquisa.

Aos capoeiristas da ASSOCASE, em especial aos integrantes que atuam no pólo de capoeira Escola Arte, os protagonistas e interlocutores da pesquisa de campo deste trabalho, aos professores de capoeira regional Renato Leon, Fernando Willer, a senhora Andréia Waldemir, aos seus alunos/aprendizes, Isabelly Souza, Marcos Vinicius, Douglas, Benedito, Luís Benedito Laredo, Eloyse, e aos demais integrantes deste coletivo, pelo intenso convívio em seus espaços de ações culturais e educativas, pelo aprendizado compartilhado a cada dia, pela confiança e recepção durante o período de pesquisa de campo. Sou grata pela oportunidade.

Assim, como estendo os agradecimentos aos capoeiristas João Meia Lua, e ao seu irmão Benedito de Oliveira Santos, ao Cid Moreira e ao seu irmão Hildo Moreira, Wildison Garcia, ao contramestre Basean do ASSOCASE, e a professora Catarina, e aos demais que

concederam conhecer a memória e formação da capoeira em Cametá por meio de suas narrativas e vivências durante o período da década de 80 e 90.

A minha família, meus pais amados, Darcireno Furtado Cardoso e Dinalva da Silva Cardoso, meus irmãos, Darcinalva Cardoso e Darcelino Cardoso, pela credibilidade que depositaram no meu sonho, ajudando a torná-lo realidade, promovendo condições para minha dedicação aos estudos. Esse trabalho só foi possível com o apoio e o amor constante de vocês.

Ao meu namorado Samaronhe Soares Carvalho, pelo companheirismo, respeito, incentivo e compreensão pelo meu afastamento durante os períodos de estudos.

A minha família Malungo Centro de Capoeira Angola, ao coletivo de Cametá, Malungos do Norte, pelos momentos de partilha de saberes na formação da capoeira angola. Conviver junto ao coletivo é permanecer em constante relação com seus integrantes, isto é, partilhando erros e sucessos para contribuir com o crescimento de todos.

Em especial ao meu treinel, Leal que abriu as portas do universo da vadiagem contribuindo para minha formação humanizada através da prática na Capoeira Angola.

Ao “Bando da Brava” (Coletivo de Mulheres do Malungo Centro de Capoeira Angola) pelo incentivo e inspiração de conviver com mulheres que buscam na prática da Capoeira Angola sua resistência cultural e social diante das mazelas do mundo machista e opressor.

Iê! Viva, Camboatá!

Aos meus amigos da turma de Mestrado do PPGEDUC-2015, os quais partilhei amizades, vivências, risos e angústias durante a trajetória do curso: Jesse Campos, Regiane Neves, Edna Martins, Silvana Gonçalves, Gisely Damasceno, Elielma dos Santos.

A Deus, por criar as condições psicológicas para percorrer essa caminhada e por colocar pessoas tão especiais na minha vida.

RESUMO

O trabalho intitulado “CAPOEIRA E O DIÁLOGO NA ESCOLA: A experiência socioeducativa e inclusiva no Pólo Escola Arte/ASSOCASE, Cametá-PA”, falar-se-á do sentido de educação presente na prática da capoeira, que a torna um ambiente que produz saberes como oralidade, coletividade, inclusão e memória, elementos característicos da cultura popular. Tem como objetivo analisar as tensões, articulações e saberes que brotam do diálogo entre os praticantes desta manifestação afro-brasileira e o espaço escolar. Investigou-se como o coletivo de capoeiristas da Associação de Capoeira Senzala, atuantes no pólo de capoeira Escola Arte, na zona urbana do Município de Cametá-PA, contribuem para a formação cultural e educativa de crianças e jovens, considerando suas ações no cotidiano escolar, relações familiares e a partilha de seus saberes com outros espaços, praças públicas e Universidade. Optou-se pelo recorte do diálogo que os interlocutores estabeleceram com a escola EMEF Prof.^a Maria Nadir Filgueira Valente. Analisando o discurso (oralidade) dos capoeiristas, resultados da parceria, interesses e as tensões que surgiram por ambas as partes. Caminhou-se junto a CANCLINI (2008), BURKE (1992), CHAKRABARTY (2000), refletindo estudos da cultura subalterna. O trabalho é qualitativo com apoio na antropologia cultural, GEERTZ (2012), GINZBURG (1989), no fazer antropológico, “o paradigma indiciário” e a “descrição densa”. Usando o método observação participante, BRANDÃO (1986) e SILVA (2001), apresentam o pesquisador como participante, observador e mediador das ações dentro do grupo pesquisado. A metodologia com base na História Oral e técnicas de entrevistas, THOMPSON (1992) e PORTELLI (1997), coleta de narrativas dos capoeiristas e pais dos alunos/aprendizes. Utilizamos outros tipos de fontes, projetos de capoeira elaborados pelos interlocutores, Projeto Político Pedagógico da instituição mencionada e registros fotográficos. Com referenciais teóricos em REIS (2000), SALLES (2004), LIBERAC (2004), OZANAM (2013), CONRADO (2015), LEAL (2008), DIAS (2004), SOARES (2005), OLIVEIRA (2004), ABIB (2004), CAMPOS (2009), abordam a capoeira como uma prática histórica, educacional e cultural. Os resultados deste estudo evidenciam que o ensino da capoeira no espaço escolar cametaense, é visto, apenas como uma ação passageira, embora, haja o diálogo, as instituições de ensino e as próprias políticas educacionais que inserem a capoeira e seus agentes no âmbito escolar, não consideram os laços e as relações que se constroem entre quem ensina e quem aprende na formação da capoeira, ou mesmo o significado de coletivo que se forma a partir do vivenciar, caracterizado por um aprendizado contínuo que possui educação e inclusão. Mesmo diante das tensões que se criam no espaço escolar os capoeiristas do pólo Escola Arte/ASSOCASE procuram cultivar o diálogo com escolas e outros espaços da comunidade, pois, além de agentes culturais, identificam-se como educadores responsáveis pela divulgação e fortalecimento da cultura negra no cenário cametaense.

PALAVRAS- CHAVE: Capoeira. Educação Popular. Inclusão.

ABSTRACT

The work entitled "CAPOEIRA AND DIALOGUE AT SCHOOL: The socio-educational and inclusive experience at the School Art School / ASSOCASE, Cametá-PA", will talk about the sense of education present in the practice of capoeira, which makes it an environment that produces knowledge as orality, collectivity, inclusion and memory, characteristic features of popular culture. Its objective is to analyze the tensions, articulations and knowledge that spring from the dialogue between the practitioners of this Afro-Brazilian manifestation and the school space. It was investigated how the capoeiristas collective of the Capoeira Senzala Association, active in the Capoeira School Art Center, in the urban area of the Municipality of Cametá-PA, contribute to the cultural and educational formation of children and youngsters, considering their actions in the daily school life, family relations and the sharing of their knowledge with other spaces, public squares and University. It was decided to cut the dialogue that the interlocutors established with the EMEF school Prof.^a Maria Nadir Filgueira Valente. Analyzing the speech (orality) of the capoeiristas, results of the partnership, interests and the tensions that have arisen by both parties. He walked alongside CANCLINI (2008), BURKE (1992), CHAKRABARTY (2000), reflecting studies of the subaltern culture. The work is qualitative with support in cultural anthropology, GEERTZ (2012), GINZBURG (1989), in the anthropological doing, "the indicary paradigm" and the "dense description". Using the participant observation method, BRANDÃO (1986) and SILVA (2001) present the researcher as participant, observer and mediator of the actions within the researched group. The methodology based on Oral History and techniques of interviews, THOMPSON (1992) and PORTELLI (1997), collection of narratives of the capoeiristas and parents of the students / apprentices. Other types of sources were used, projects of capoeira elaborated by the interlocutors, Political Project Pedagogical of the mentioned institution and photographic registers. With theoretical references in REIS (2000), SALLES (2004), LIBERAC (2004), OZANAM (2013), CONRADO (2015), LEAL (2008), DAYS (2004), SOARES (2005), OLIVEIRA (2004), CAMPOS (2009), approach capoeira as a historical, educational and cultural practice. The results of this study show that the teaching of capoeira in the Campus school space is seen only as a transient action, although there is dialogue, educational institutions and the educational policies themselves that include capoeira and its agents in the school environment, do not take into account the bonds and relationships that are built between who teaches and who learns in the formation of capoeira, or even the meaning of collective that is formed from experiencing, characterized by a continuous learning that has education and inclusion. Even in the face of the tensions that are created in the school space, the Capoeiristas of the Escola Art / ASSOCASE pole try to cultivate the dialogue with schools and other spaces of the community, since, besides cultural agents, they identify themselves as educators responsible for the diffusion and strengthening of the black culture in the cametaense scenario.

KEYWORDS: Capoeira. Popular Education. Inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

IMAGEM 1 – Roda de conversa após o treino	20
IMAGEM 2 - I Batizado do grupo Africametá	75
IMAGEM 3 - A Escola Arte-Caá-Mutá Mestre Cupijó	98
IMAGEM 4 – Organização do espaço	99
IMAGEM 5 - Adolescentes observando os treinos no pólo Escola Arte/ASSOCASE.....	1000
IMAGEM 6 - Sucateamento da Escola Arte	1011
IMAGEM 7- Capoeiristas do pólo de Capoeira Regional Escola Arte/ASSOCASE	1022
IMAGEM 8 - Professor de capoeira Léon - membro da diretoria do pólo Escola Arte.....	1033
IMAGEM 9 - Venda de doce e artesanato	10707
IMAGEM 10 - Integrante da diretoria do pólo Escola Arte.....	110
IMAGEM 11- Integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE	11111
IMAGEM 12 - Alunos Do Pólo Escola Arte/ASSOCASE	11515
IMAGEM 13 - II Batizado do pólo Escola Arte/ASSOCASE.....	1211
IMAGEM 14 - Oficina de capoeira- roda de conversa na ufpa.....	1233
IMAGEM 15 - Oficina de capoeira.....	12525
IMAGEM 16 - Roda de capoeira na praça do titio.....	12626
IMAGEM 17 - Roda na praça São João Batista.....	12727
IMAGEM 18 - Roda na praça da Cultura Dia da Consciência Negra.....	12828
IMAGEM 19 - Treino na praça da Matinha	12929
IMAGEM 20 - Aula de musicalidade no pólo Escola Arte.....	15555
IMAGEM 21 - Orientação de toques no berimbau	15555
IMAGEM 22 - Treino de movimentações.....	15656
IMAGEM 23 - Orientação individual sobre postura de movimentação.....	1566
IMAGEM 24 - Roda de treino.....	15757
IMAGEM 25 - Roda de treino no pólo Escola Arte.....	15858
IMAGEM 26 - Os alunos mais velhos conduzido os treinos	15959
IMAGEM 27 - Treino de movimentação.....	160
IMAGEM 28 - Treino realizado pelos mais alunos mais velhos	16060
IMAGEM 29 - Roda de conversa sobre vivência na capoeira.....	16161
IMAGEM 30 - Oficina de capoeira na quadra da EMEF Profa. Nadir Valente.....	1655
IMAGEM 31 - Instrumentos da oficina de musicalidade.....	1655
IMAGEM 32 - Roda de encerramento da oficina de musicalidade e movimentação	1666
IMAGEM 33 - Roda de encerramento da oficina no pólo Nadir Valente.....	16767

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização Do Município de Cametá-PA.....	20
FIGURA 2 – localização da Escola Arte-Caá-Mutá-Mestre Cupijó.....	87
FIGURA 3 - Confederação Brasileira De Capoeira-Sistema Oficial De Graduação.....	106

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Critérios da escola para adesão ao Program Mais Educação	139
TABELA 2 - Macrocampos de atividades do Programa Mais Educação	140
TABELA 3 - Registro das escolas Municipais que aderiram ao PME em 2014.....	141
TABELA 4 - Capoeira e sua importância pedagógica	164
TABELA 5 - Síntese das respostas do questionário com o aluno Douglas.....	176

LISTA DE SIGLAS

ASSOCASE	Associação de Capoeira Senzala
E. M. E. F	Escola Municipal de Ensino Fundamental
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFHAN	Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Brasileiro
LDB	Leis de Diretrizes e Bases Nacional
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
PME	Programa Mais Educação
SEMEC	Secretaria de Educação Municipal de Cametá

SUMÁRIO

CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	12
“Encontro e desencontros”	12
Conhecendo o terreno da pesquisa: Fontes, métodos e metodologia	20
1 CAPOEIRA, HISTÓRIA E MEMÓRIA	33
1.1 Historiografia e ressignificações da prática da capoeira no Brasil	34
1.2 Refletindo a relação histórica entre Capoeira e Estado	48
1.3 “Os guardiões da Memória” : A capoeira em Cametá-PA (1980-1990)	54
2 O PÓLO “ESCOLA ARTE”: EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA	
EM UM GRUPO DE CAPOEIRA REGIONAL EM CAMETÁ-PA	84
2.1 O pólo de Capoeira Regional Escola Arte/ASSOCASE.....	84
2.2 “ Quem são os capoeiristas do pólo “Escola Arte? ”	102
2.3 Mapeamento dos espaços de atuação dos informantes	119
3 CAPOEIRA NA ESCOLA: CURRÍCULO EUROCÊNTRICO VERSUS	
SABERES AFRO-BRASILEIRO	131
3.1 Jogos e Interesse: Aberturas no currículo escolar brasileiro para o ensino da Capoeira e seus desdobramentos.....	132
3.2 A capoeira pode contribuir para Educação?: Um estudo de caso.....	154
3.3 Capoeira, Educação e Narrativas: A experiência dos capoeiristas do pólo Escola Arte/ASSOCASE na EMEF Profa. Nadir Filgueira Valente	162
CONCLUSÃO.....	186
REFERÊNCIAS	191

CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO

“Encontros e desencontros”

No texto dissertativo que segue, falar-se-á do sentido de educação presente na prática da capoeira, que a torna um ambiente que produz saberes culturais, como a coletividade, oralidade, ancestralidade, memória e inclusão elementos característicos de uma educação pautada em valores da cultura popular, e que se diferenciam substancialmente da lógica educativa adotada pelas instituições de ensino (ABIB, 2004, p. 150). Justamente, porque ensino da capoeira apresenta seus próprios códigos, a partir de categorias, não compreendidas pelo pensamento moderno e racionalista que influenciaram os sistemas de ensino formal.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as tensões, os saberes e articulações que surgem no diálogo entre a prática da capoeira e o espaço escolar. Investigou-se como um grupo de capoeiristas atuantes no Pólo de capoeira regional Escola Arte, membros da Associação de Capoeira Senzala (ASSOCASE), contribuem para a formação cultural e educativa de crianças e jovens da zona urbana do Município de Cametá, no Pará. Realizando um mapeamento das suas ações no contexto escolar, relações familiares e na partilha dos seus saberes culturais com outros espaços da comunidade, por exemplo, as praças públicas e a universidade. Trazendo uma análise a partir da vivência dos capoeiristas no pólo Escola Arte e o diálogo que eles construíram com esses espaços durante os três meses da pesquisa de campo.

Todavia, antes de iniciar a apresentação do grupo onde foi desenvolvida a pesquisa, e as respectivas análises teóricas e metodológicas que auxiliaram a desenvolvê-la, é necessário ressaltar, mesmo que brevemente aqui, os “encontros” e “desencontros” que teceram esta dissertação, isto é, as linhas de aproximações entre pesquisadora, temática e os interlocutores.

O meu encontro com a temática capoeira foi instigado inicialmente pela vida acadêmica, quando desenvolvi a monografia: “Ele não sabia nem riscar, “A capoeira desenvolveu”: Educação inclusiva através de uma prática afro-brasileira, Cametá/PA”, em 2006, no Curso de pós-graduação, Especialização em História Afro-brasileira e Indígena pela Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins/Cametá-PA. Onde abordei a temática capoeira pela perspectiva de inclusão social com adolescentes e crianças autistas ou/e com outras dificuldades cognitivas no pólo de Escola Arte/ASSOCASE. Os resultados evidenciam que o ensino da capoeira trouxe desenvolvimento físico e reconhecimento destes sujeitos como pertencentes a um grupo cultural de identidade negra (CARDOSO, 2016, p. 68).

Ao longo da produção deste estudo monográfico obtive também a oportunidade de apreender o sentido prático da capoeira. Experiência que vivencio como aprendiz no grupo Malungo Centro de Capoeira Angola/Cametá-PA. Diante deste contexto de aproximação da temática capoeira e a iniciação, na prática, a pergunta que cabe neste momento é, qual o motivo, então, para a minha aproximação com a Capoeira Angola, uma vez que, estudo as relações e ações de sujeitos que vivenciam a Capoeira Regional?

Para responder tal questionamento é necessário ressaltar que existem diferenças e aproximações entre os dois estilos de capoeira, devido aos processos políticos, culturais e históricos que influenciaram a ressignificação desta prática ao longo dos séculos XIX-XX. Autores como Pedro Abib (2004), Paulo Magalhães (2012), Letícia Vidor Reis (2000), Augusto Leal (2008) e Hellio Campos (2008), mencionam que a década de 30 do século XX, na Bahia, foi o momento de organização para ambos os estilos de capoeira. A Capoeira Regional¹ surge na responsabilidade de Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba, estabeleceu algumas modificações na prática, que desde o século XIX, esteve associada, segundos os autores citados, a prática de “vadios”, “desordeiro” e “desocupados”, carregando um estigma negativo pelo fato de ter sido criminalizada pelo Código Penal Brasileiro em 1890.

Mestre Bimba, viu a necessidade de dar a capoeira um caráter mais “aceitável”, incorporou nela outras lutas de origem marciais orientais, como o karaté e o jiu-jitsu, aproximando-a do caráter desportivo, criando o método “Luta Regional Baiana”, posteriormente popularizou-se como Capoeira Regional. O processo de descriminalização da prática na década 30, segundo Pedro Abib (2004), articulou outro movimento, liderado por Vicente Ferreira, o mestre Pastinha, e outros capoeira, buscavam a preservação tradicionais, a ritualidade deixadas de lado pela “eficiência” da Capoeira Regional (ABIB, 2004, p. 43).

Criou-se o movimento Capoeira Angola². Para Rosângela Araújo (2004), a mestra Janja, anteriormente ao surgimento da Capoeira Regional, falava-se apenas de *capoeira*, tanto como referência ao jogo/dança/luta quanto ao indivíduo que praticava. Ambos os estilos de capoeira possuem as suas diferenças em relação ao jogo (ginga, ritualização de jogo, formação de bateria, toques de berimbaus, etc.) e na própria formação (fundamentos de jogo, roda, nomes

¹ Se constitui em movimentos rápidos, precisos e sincronizados. “As características principais da Capoeira Regional são: exame de admissão, sequência de ensino de Mestre Bimba, sequência da cintura desprezada, batizado, roda, formatura, jogo de iúna, curso de especialização e toques de berimbaus: São Bento Grande, Santa Maria, Banguela, Amazonas, Cavalaria e Iúna” (CAMPOS, 2009, p. 54).

² O que caracteriza a Capoeira Angola é sua ancestralidade na cultura africana que se transforma mas permanece viva, através de uma visão de mundo que reverencia o sagrado da natureza e se transmite oralmente através dos mais-velhos, A tradição, entendida como a vivência e transmissão dessa herança, está, portanto, intimamente ligada à memória, e presente na capoeira. (MAGALHÃES, 2012, p. 45).

de golpes, diferentes graduações e vivências), cabendo como pontos de aproximação, alguns códigos de linguagem entre os capoeiristas, como, por exemplo, a percepção de mundo na capoeira vista debaixo para cima, e o reconhecimento da prática como uma manifestação de origem afro-brasileira que possui na sua trajetória histórica resistência cultural.

Decerto, a minha inserção neste universo possibilitou uma abertura compreensiva sobre o meu olhar como pesquisadora, em relação aos valores éticos e culturais presente na prática da capoeira. Sobre o sentido ético, refiro-me aquilo que os capoeiristas, sejam eles regionais ou angoleiros, denominam como fundamentos de jogo, um conjunto de código e símbolos que pertencem ao ensino-aprendizado desta manifestação cultural, e que se revelam com maior ou menor intensidade apenas aos seus praticantes. Portanto, a aproximação com a prática surgiu como uma necessidade, principalmente pela escrita do trabalho mencionado.

Pois, não conseguia apreender no âmbito das suas vivências os seus códigos de linguagem e o sentido de coletivo que permeava entre os capoeiristas investigados. Por outro lado, inseri-me na formação da Capoeira Regional, juntos aos informantes poderia comprometer o certo distanciamento científico que o (a) pesquisador (a) precisa ter da comunidade/grupo pesquisado. A esse respeito, o antropólogo Clifford Geertz (1997), contribuiu para pensar a experiência-próxima e experiência-distante no trabalho de campo.

“Limita-se ao conceito de experiência-próxima deixaria o etnógrafo afogado nos detalhes e preso em um emaranhado vernacular”, porém, limita-se ao conceito de experiência-distante, por outro lado “o deixaria sufocado com jargões”. A saída desta dualidade, é o etnógrafo considerar ambas as experiências como um acordo recíproco para que possa “captar” os conceitos e símbolos de forma eficaz e compreensíveis (GEERTZ, 1997, p. 88).

Lembro de um episódio significativo sobre esse contexto, vivenciado durante a pesquisa de campo no Pólo Escola Arte/ASSOCASE, tratava-se de uma conversa sem gravações e registros, o momento da minha apresentação como pesquisadora para um dos capoeiristas responsáveis pela direção deste Pólo. Após a nossa conversa refletir o quanto o vivenciar dentro de um coletivo de Capoeira Angola possibilitou permear o mundo dos informantes, o capoeirista revelou na nossa conversa inicial que havia comentado anteriormente, com outro capoeirista deste pólo que sentia uma certa desconfiança e preocupação em relação aos meus interesses pelas ações do seu coletivo de capoeiristas.

Alegando que talvez, não conseguisse compreender os propósitos do trabalho desenvolvido por eles, e que diante dos desafios perderia o interesse pelo grupo. Após expor a sua preocupação, pediu desculpa, pois, havia chegado ao seu conhecimento, que além de pesquisadora, também praticava capoeira, pertencia ao Malungo Centro de Capoeira

Angola/Cametá-PA, aprendiz do Treinel Leal. Depois, do relato do capoeirista observei a expressão de alívio no seu rosto, quando confirmava comigo as minhas posições como pesquisadora e capoeirista, no seu entender, de certo modo, eu poderia, então, partilhar um ambiente (a roda) ou mesmo experiências (no cotidiano), para compreender o trabalho que os mesmos desenvolvem com crianças e jovens da comunidade cametaense. Deste modo, percebi que o ato de conhecer não era uma ação minha isolada, no entanto, a comunidade ou o grupo também quer saber quem é o (a) pesquisador (a), e as suas relações com a temática pesquisada.

Para isso, “o grupo também mobiliza e cria os seus sistemas de classificação para torna aquele que inicialmente era um “estrangeiro” em uma “pessoa de dentro”, isto é, um sujeito socialmente reconhecido” (SILVA. 2001, p. 287). O meu reconhecimento de capoeirista e pertencer a um coletivo de Capoeira Angola pelos informantes possibilitou laços de aproximações entre o campo de pesquisa e os sujeitos, e quem sabe, se não tivesse tal reconhecimento, o capoeirista que me recepcionou não teria revelado as suas angústias e expectativas, e talvez, alguns dos episódios vivenciado por eles poderiam não ser registrados.

Geertz (1997), enfatiza que os sujeitos sejam eles grupos ou comunidades também sofrem na relação entre pesquisador e pesquisado. O “estranhamento” não é uma ação isolada do pesquisador, a comunidade também estranha o pesquisador. Não perceber este detalhe importante compromete toda a confiabilidade e a relação construída entre pesquisador e informantes. O conceito de exotopia também contribuiu para refletir o papel do pesquisador, segundo o intelectual Mikhail Bakhtin (1997), o conceito de exotopia é definido como um movimento que implica na ação do “deslocamento” do autor da sua obra, onde o autor-pessoa também é o autor-criador, devido ao “excedente da sua visão”. Carregando marcas sociais e históricas dos sujeitos, assim como características e valores que são projetadas na sua obra.

A exotopia concreta que beneficia só a mim e não aos outros, é segundo Bakhtin (1997), uma certa carência, “o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim, mas isso não é essencial, pois, a inter-relação “eu-o *outro*” é concretamente irreversível” (BAKHTIN, 1997, p. 44). Neste sentido, o meu envolvimento com a prática da capoeira, não deve ser entendido como uma tentativa frustrada do mito do pesquisador “camaleão”, enfatizado por Geertz, ironiza o etnógrafo dotado de uma “sensibilidade extra” adequada de ver e sentir o que os informantes imaginam. “Quando, na verdade ele apenas percebe, e mesmo assim com insegurança o que os outros percebem” (GEERTZ, 1997, p. 89).

Geertz, menciona que a compreensão do pesquisador (a) depende mais de uma habilidade, no qual consiga analisar os sistemas simbólicos que permeiam o nosso mundo e o mundo dos informantes. No entanto, quando as oportunidades se apresentam por meio do

convívio ou referenciais teóricos, não há necessidade de anular uma opção em prol de outra. Torná-las conjugáveis e acessíveis é um diferencial importante, e sem dúvida, a pesquisa de campo neste estudo foi indispensável para observação das vivências e o cotidiano do coletivo de capoeiristas atuando dentro e fora do Pólo Escola Arte/ASSOCASE, o empirismo acrescentou-se como uma vantagem para compreender as ações dos informantes como agentes educadores e culturais. Isso foi possível, justamente, porque segundo Cecília Minayo, o trabalho de campo possibilita a aproximação do pesquisador e a realidade dos sujeitos investigados e que juntos constroem o conhecimento empírico (MINAYO, 2001, p. 22).

Olhar e descrever o “outro” é sempre um grande desafio, onde o “outro” não deve ser visto como algo exótico, portanto, deste modo, o trabalho de campo não se realizou para promover apenas o encontro entre o observador (a) e o “outro”. Para apreender os diálogos, e principalmente as relações construídas pelos informantes foi necessário entender que eles também agiram como observadores das minhas ações. Se tratando de capoeiristas, a observação do “outro” é redobrada, pois, é da formação do capoeirista se educado e treinado para obter um olhar mais cuidadoso diante das adversidades do mundo, tanto para a defesa no jogo quanto para as desventuras que a vida apresenta. Foi perceptível essa noção de observação por parte dos capoeiristas responsáveis pelo pólo de capoeira Escola Arte/ASSOCASE.

Em relação ao entendimento das minhas funções como pesquisadora e aprendiz de Capoeira Angola, as lideranças do pólo procuravam deixar evidente tanto para os seus alunos/aprendizes como para outros visitantes deste pólo de capoeira. Isso acontecia no final dos batizados ou rodas comemorativas, quando o professor de capoeira Léon, responsável pela formação dos alunos/aprendizes, um dos membros da Diretoria do pólo Escola Arte, apresentava-me aos visitantes como pesquisadora, na tarefa de acompanhar e observar as atividades de ensino da capoeira no seu pólo. Embora, houvesse aberturas para o diálogo com os informantes, no entanto, também encontrei resistências, principalmente, na coleta de entrevistas com alguns capoeiristas da ASSOCASE e até mesmo por integrantes do pólo.

Entre as justificativas, havia em comum o desconhecimento do valor social da pesquisa e o descrédito em pesquisadores que não retornaram com o trabalho para o coletivo. Diante disso, este estudo afirma os seus deveres e princípios com os informantes, como sujeitos das suas histórias, memórias e ações culturais e educativas na comunidade cametaense. Realizamos a *restituição*, segundo Alessandro Portelli, pois, recebemos tanto das pessoas, que não sentiremos o nosso trabalho concluído, enquanto, não entregamos os resultados aqueles que foram responsáveis por viabilizá-lo. A restituição consiste em fazer com que “ sua voz, seja ouvida, para que outras pessoas conheçam as suas atividades (PORTELLI, 1997, p. 30).

Neste contexto, é necessário ressaltar o desafio que esta pesquisa se propôs na área da Educação, analisar, descrever e registrar o sentido de educação presente nas relações que a capoeira constrói no diálogo com o espaço escolar, e também com outros espaços da comunidade através das ações do coletivo de capoeiristas integrantes da ASSOCASE, mostrando suas articulações e produções de saberes culturais para o Município de Cametá-PA.

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PA



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/dadosdomapa> Acesso: 10/ 01/2018Google

A figura (1), ilustra a localização do Município de Cametá, no Pará, Brasil, estabelecida às margens do Rio Tocantins, possui cerca de 3 km de extensão. A cidade limita-se ao Norte com o Município de Limoeiro do Ajurú, ao Sul com Mocajuba, ao Leste com o Município de Igarapé-Mirim e ao Oeste com Oeiras do Pará. O número de habitantes no ano de 2017, era de 134.100 pessoas, contando com as ilhas e distritos do seu Município³.

Embora, a cidade de Cametá-PA, tenha os seus princípios de formação histórico e cultural, do mesmo modo como o seu próprio nome⁴, imersos na cultura indígena, por exemplo, os hábitos alimentares (açaí, peixe e mandioca) e a própria forma dos seus habitantes se relacionarem com universo lúdico amazônico, na criação de lendas locais (Boto, Iracema, Cobra Norato), presentes tanto na oralidade de seus moradores, como registradas na literatura cametaense⁵. No entanto, a presença negra e o lugar da cultura negra neste Município se constituem também como elementos significativos da sua formação cultural e histórica.

³ IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2017.

⁴ O significado da palavra Cametá vem da palavra indígena: Caámutá, os vocábulos *Caá* significam mato, floresta, e *mutá* significa degrau. A etimologizada da palavra autores Aberto Moia Mocbel (1985), Vicente Chermont Miranda (1968), Doriedson Rodrigues (2003), Vitor Tamer (2012), entre outros, apresentam, em comum, uma origem *Tupi* que culmina no significado de *casas no alto das arvores*, degrau *do/no mato*, *choupana* suspensa.

⁵ Ver: MOCBEL, Alberto Moia. Ecos cametaenses. Cametá-PA: Editora Grão-Pará, 1985. LAREDO, Salomão. Ouvindo Histórias do Imaginário Amazônico. Editora Front Cover. Coleção Mapará, 1999.

Pode-se destacar, mediante aos estudos de Benedita Celeste de Moraes Pinto (2001) e Flávio Gomes (2006), que algumas localidades do Rio Tocantins⁶, incluindo as localidades de Abaeté, Barcarena, Igarapé-Miri, Moju, Cametá, Baião, Mocajuba e Oeiras, desde o século XVIII, havia uma forte tradição quanto à formação de mocambos, comunidades de fugitivos e a constituição de campesinato negro (PINTO, 2001, p. 337-338). São mencionadas como comunidades remanescentes: Porto Alegre, Boa Esperança, Laguinho e Tomásia.

Para ressaltar o lugar da cultura negra neste Município, podemos citar como contribuições culturais produzidas por estas comunidades, as suas festividades, costumes e rituais que são realizados até hoje, por exemplo, o samba de Cacete⁷, o Bambaê do Rosário⁸ e Marierrê⁹. Manifestações que tiveram início nos distritos e vilas do Município de Cametá.

Possuidoras de valores culturais e educativos, no que diz respeito, aos processos de passagem de suas ritualizações para outras gerações, incluindo elementos como a oralidade, a musicalidade, a hierarquia de saberes e principalmente a expressão corporal, constituem também como códigos entre os seus participantes. Podemos apontar como afinidade entre essas manifestações culturais e a capoeira, é que ambas são práticas culturais de matriz africana,

⁶ Sobre formação de Mocambos, Quilombos e Memória Negra na Amazônia Tocantina. Ver: PINTO, Benedita Celeste Moraes. "Escravidão, Fuga e a Memória de Quilombos na região do Tocantins". Proj. História, São Paulo, (22). Jun. 2001. GOMES, Flávio. "No labirinto dos rios, furos e igarapés": camponeses Negros, memória e pós-emancipação na Amazônia, c. XIX-XXI". História Unisinos. 10(3):281-292, setembro/dezembro. 2006.

⁷ Samba de cacete é um ritmo musical tradicional no Município de Cametá, surgiu nos pequenos povoados remanescentes de mocambos no Baixo do Tocantins como o povoado do Mola, posteriormente se desmembrou surgindo Laguinho, Tomásia, Boa Esperança, Porte Alegre. Atualmente, nas celebrações as mulheres costumam usar blusas e saias bem rodadas, além de enfeites floridos na cabeça. Os homens vestem calças escuras ou brancas e camisas coloridas. A dança se faz através da movimentação com volteios suaves, acelerando o ritmo, como no batuque africano; A musicalidade e algumas letras do Samba de Cacete exprimem tristeza da escravidão, que quando os escravos bebiam, aceleravam o ritmo e se transformava em alegria. Os únicos instrumentos musicais utilizados são dois troncos de pau com aproximadamente de um metro e meio de comprimento, os tambores denominados de curimbó, tendo em uma das extremidades um pedaço de couro e quatro cacetinhos de madeira, de onde advém o nome dado ao ritmo. Descrição completa ver: PINTO, Benedita Celeste Moraes. "Umarizal no revisitado da memória: na tapera do Paxibal ainda vive a lembrança dos velhos". In: Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolo de poder feminino em povoados amazônicos de antigos quilombos. Dissertação (Mestrado em História da Pontifícia) – Universidade Católica de São Paulo, 1999.

⁸ O Bambaê do rosário surgiu no quilombo do Mola, após o processo de abolição da escravatura, migrou juntamente com ex-quilombos para a Vila do Juaba. É, portanto, segundo Pinto, uma manifestação de caráter religioso e africana com um século de transmissão de geração em geração. O ritual se estende a dança do Bambaê (ou dança do tambor) acontece na festividade de Nossa Senhora do Rosário em outubro na Vila de Juaba, distrito do Município de Cametá. Contudo, a duração do ritual é cerca de nove noites, onde ocorre a coroação e a descoroação do rei e da rainha. PINTO, Benedita Celeste Moraes. "Bambaê do Rosário, devoção dos homens pretos". In: Manifestações culturais da Vila de Juabá: o mínimo que restou de uma raça, Monografia (Conclusão de Curso Bacharel em História) - UFPA, Campus de Cametá, 1995.

⁹ O Marierrê é uma festividade de origem africana praticada e transmitida em gerações na Vila de Carapajó-Município de Cametá consiste na existência de rei e rainhas, são representadas por duas crianças, vestidas de branco, são coroadas. O ritual Marierrê, segundo Pinto, é semelhante aos do Bambaê do rosário em vila do Juaba. Constitui-se de dois momentos: cerimônia religiosa ou ladainha, sob responsabilidade dos mordomos, (maioria crianças), e a participação na Santa Missa. Mais informações ver: PINTO, Benedita Celeste Moraes. "Escravidão, Fuga e a Memória de Quilombos na região do Tocantins". Revista Proj. História, São Paulo. (22), jun. 2001.

surgem no contexto amazônico como símbolos da identidade e presença negra, e estão inseridas na chamada cultura popular. Segundo Pedro Abib (2004), a cultura popular, especificamente, de matriz africana, possui uma lógica distinta no seu universo, que determina a forma de relaciona-se com o “sagrado”, o “profano”, o “tempo”, “espaço” e os “saberes”, essa lógica foge das categorias de análise provenientes da racionalidade predominante na modernidade.

Uma das características importantes vindas do universo da cultura popular, em qualquer parte do mundo, e que nos remetem a essa lógica diferenciada são as suas formas de transmissão de seu passado através da memória, a oralidade e a ritualidade (ABIB, 2004, p. 60). Embora, a capoeira constitui-se historicamente como uma prática recente no Município de Cametá, isto de acordo com a narrativa de alguns capoeiristas que vivenciaram a prática na década de 80, para ter acesso aos processos de introdução na capoeira no cenário cametaense.

Compreender as experiências iniciais desta prática, assim, compreendendo como os capoeiristas precursores percebiam o sentido da sua formação, é importante para refletir também as ressignificações que a prática da capoeira teve para o meio educacional cametaense. Deste modo, tomou-se como um esforço neste estudo evidenciar também a trajetória histórica e memorial da capoeira em Cametá-PA, de forma a registrar as experiências de formação de coletivos e grupos de capoeira no recorte da década de 1980 – 1990.

Através da coleta de entrevistas identifiquei as primeiras formas de organizações de coletivos de capoeiras, como o Africametá, Angolanos, Zumbi Rei e o Zumbi Boi. Ambos os coletivos tiveram suas ações provisórias, no entanto, a memória deles se faz presente na geração nova de capoeirista. “Geração nova”, refiro-me aos herdeiros desta prática, em sua maioria constituída pelos membros da ASSOCASE. Pois, veremos adiante, que a introdução desta Associação de capoeira na década de 90, neste Município, proporcionou um encontro entre os alunos que foram formados pela geração inicial de capoeiristas e a nova geração de capoeiristas que emergiram com a chegada desta Associação, no caso do coletivo citado e outros grupos.

Atualmente, existem três grupos de capoeira que desenvolvem distintamente as suas ações na zona urbana e nas localidades próximas a cidade de Cametá. Ocupando diferentes espaços da comunidade, como escolas públicas, comunidades em bairros, barracões de igrejas, ginásios, praças públicas. Sendo duas Associações de Capoeira Regional, a Associação de capoeira Senzala (ASSOCASE), a Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira (ABADÁ) e um grupo de capoeira Angola o Malungo Centro de Capoeira Angola.

Conhecendo o terreno da pesquisa: Fontes, métodos e metodologia

O presente trabalho desenvolveu-se na Associação de Capoeira Senzala, no pólo de capoeira regional Escola Arte/ASSOCASE, que possui como responsáveis pelo ensino e organização dos treinos de capoeira os professores de capoeira Renato Léon, nas rodas de capoeira atende pelo nome Léon, a professora e monitora Lourdes Silva, a Naja, o professor Fernando Willer, o Mamute e a Andréia Waldemir, a representante das mães dos alunos/aprendizes. Juntos compõem a diretoria deste pólo, onde realizam e desenvolvem treinos, reuniões, oficinas, batizados e constroem distintos diálogos com a comunidade cametaense, com por exemplo, nas escolas municipais, praças públicas e a universidade.

A imagem (01), registra alguns alunos do pólo Escola Arte/ASSOCASE, sob

IMAGEM 1 – RODA DE CONVERSA APÓS O TREINO



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

orientação do professor Léon, na realização de uma “roda de conversa” após o treino. Trata-se de um dos momentos simbólicos durante a formação dos capoeiristas deste pólo, onde acontece a socialização de saberes pertinentes a prática da capoeira através da oralidade. O formato do círculo, possibilita a troca de olhares entre os seus integrantes, assim como a partilha de experiências e saberes.

Nota-se na imagem, a ausência de movimentação que é própria do jogo, no lugar, apresenta-se uma “roda de conversa”. Inicialmente esta ação pode parecer desconcertante aos olhares daqueles que enxergam no ensino da Capoeira Regional como primordial o exercício de golpes, no entanto, a formação proposta pelos professores deste pólo possibilita que os seus alunos também conheçam as dimensões históricas e culturais presente nesta prática.

Foi o que aconteceu com o aprendiz capoeirista Marcos Vinicius, na imagem (01), em pé explicando a tarefa que foi solicitada pelo seu professor León, na função de pesquisar e apresentar o significado histórico do nome de um dos toques do berimbau. Marcos Vinicius, descreve a seguir através de entrevista sua experiência pela busca de conhecimento e partilhar com os demais membros do pólo Escola Arte/ASSOCASE.

Mandaram eu pesquisar alguns toques de berimbaus pra mim vim explicar aí, eu trouxe o significado do toque de cavalaria, pois antes quando o capoeira não podia jogar porque era crime, o toque do berimbau servia pra isso, pra avisar os capoeiras da polícia, eu aprendi muito porque eu tive que ir pesquisar em livros na casa do professor Léon, fiquei lendo e aprendi muito e tive que falar aqui pra todo mundo no final do treino. Tem muito valor o que professor Léon ensina aqui! Pois, ele ensina muita coisa pra gente não só movimentos do treino, ele ensina como a gente conviver aqui, como devemos nos comportar perto das outras pessoas, já que a gente é uma família, então, tem que um ajudar o outro e respeitar uns aos outros (RODRIGUES, Marcos Vinicius Pantoja. Entrevista com o aluno do pólo Escola Arte - Marcos Vinicius Pantoja Rodrigues - (16 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte/ASSOCASE em 16 jan. 2017).

Diante da experiência relatada pelo aprendiz Marcos Vinicius, a roda de conversa realizada entre os capoeiristas deste pólo, após o treino, tornou-se um espaço democrático para a socialização de conhecimento sobre a historicidade presente na prática da capoeira, assim, não apenas os professores atuam como oradores, mas, os seus alunos também são os responsáveis por trazer e fazer a partilha com o grupo, enriquecendo o aprendizado de forma coletiva. No entanto, deve-se observar que para a concretização da tarefa existiu um fio condutor para que o aprendiz adquirisse as informações necessárias para partilhar com os demais integrantes, na intermediação e orientação do seu professor de capoeira, quando o mesmo solicitou a pesquisa e a exposição sobre o valor histórico do “toque de cavalaria”¹⁰.

Diante desta conjuntura, é necessário ressaltar que existe dentro do processo formativo na capoeira, as chamadas “hierarquias de saberes”, ou ainda “fundamentos tradicionais”, que pertencem aos mais velhos, os mestres, guardiões e responsáveis pela transmissão dos saberes desta prática, na ausência dos mestres, respeita-se a ordem da ancestralidade, aquele (a) que tem mais tempo de experiência, no caso da ASSOCASE, a responsabilidade se amplia aos professores formados¹¹. Para o processo de transmissão das informações o elemento oralidade foi uma ferramenta indispensável na roda de conversa, pois, foi o meio pelo qual o aluno Marcos Vinicius buscou a interação com os demais aprendizes.

Em meio a sua narrativa também se destacam outros elementos atrelados a oralidade como a Memória e a História, mecanismo que possibilitaram a partilha das informações. A memória está no exercício de memorização quando o entrevistado afirma, “*eu aprendi muito*

¹⁰Sobre o significado histórico: A cavalaria é um toque tradicional de aviso lembrando o barulho da cavalaria na época da escravidão. Os mestres costumavam tocar a cavalaria quando pressentiam a aproximação de um estranho no ambiente da capoeira. Hoje em dia o significado nas rodas de capoeira regional, é um toque de aviso, chamando a atenção dos capoeiristas que chegaram estranhos na roda (CAMPOS. 2000, p. 44-66).

¹¹Segundo a Tabela Oficial do Sistema de Graduação da Confederação Brasileira de Capoeira (COB), a partir das cordas amarelas, os capoeiristas da ASSOCASE possuem títulos de professores de capoeira. São destinados a desenvolverem novos pólos de capoeira.

porque eu tive que ir pesquisar em livros na casa do professor Léon, fiquei lendo e tive que falar aqui pra todo mundo no final do treino”, compreende-se que ao expor o conhecimento por meio da oralidade, ele também está exercitando a sua memória ao relembrar o que aprendeu a partir da partilha com o seu coletivo. Considerando que a memória é um processo ativo de seleção de fatos considerados importantes para a história social de um grupo, através do fortalecimento dos vínculos sociais, de afirmação da identidade coletiva (ABIB, 2004, p. 11).

O exercitar da memória através da oralidade proporciona um mecanismo de aprendizado dentro da capoeira, que está inserido na própria lógica de formação dos interlocutores deste trabalho. Deste modo, pesquisar o toque de cavalaria para o aprendiz Marcos Vinicius, foi a forma que o seu professor encontrou para lembrá-lo, que o ensino da capoeira não se constitui apenas em movimentação, mas, é de suma importância que os aprendizes conheçam também as dimensões históricas daquilo que vivenciam coletivamente.

Neste sentido, a oralidade nesta experiência de socialização, tornou-se um portal para conhecer um pouco do passado histórico desta manifestação cultura de matriz africana. A roda de conversa, simbolizou também um dos meios para que o processo inclusivo acontecesse, desde o próprio sentido da construção do círculo, com finalidade de conectar e incluir os seus integrantes. Considera-se que a roda em si, é um espaço coletivo de ações, o local onde se aprende tanto jogando como partilhando diferentes experiências. O círculo demonstra a segurança nas relações entre quem escuta e quem fala. Esse conjunto de elementos e organização presente no ensino da prática da capoeira, faz parte daquilo que Abib (2014), menciona como “pedagogia africana”, na intermediação e aproximação entre mestre e discípulos, influencia os processos de ensino-aprendizagem presentes neste universo.

O sentimento de pertencimento ao pólo da ASSOCASE, também foi perceptível no relato do aprendiz ao identificar o seu coletivo como a sua família *“a gente é uma família, então tem que um ajudar o outro e respeita uns aos outros”*. Segundo mestra Janja, a identificação com o coletivo ou grupo significa se entregar as normas e fundamentos da capoeira, e esta vivência desemboca na formação de uma identidade com a qual a pessoa passa a se apresentar e a ser reconhecida em meio a rodas de capoeira (ARAUJO, 2004, p. 48).

Atualmente o pólo de Capoeira Regional Escola Arte/ASSOCASE está em funcionamento no prédio da Escola Arte-Caá-Mutá Mestre Cupijó, na rua Benjamim Constant. Trata-se de um espaço recreativo desenvolvido pelo Projeto Arte Caá-Mutá¹², tinha como

¹² Foi desenvolvido em 2003 pela Prefeitura Municipal de Cametá/SEMEC, com o objetivo de complementar a carga horária de aula com atividades artísticas e culturais, visando à inclusão social dos alunos por meio do desenvolvimento de um conhecimento crítico, partindo da realidade do alunado (CRUZ, 2005, p. 237).

objetivo complementar a carga horária de aula com atividades culturais (teatro, danças regionais), visando à inclusão dos alunos de instituições públicas. Segundo o professor de capoeira Renato Léon, antes do funcionamento do pólo neste estabelecimento, o mesmo encontrava-se sem atividades, voltando a funcionar em 2014, em virtude da solicitação do espaço pelos capoeiristas, recém-formados, Renato Léon e Lourdes Silva, na tentativa de desenvolver um novo pólo neste estabelecimento, pois, segundo eles, havia encerrado, neste período também, o trabalho anterior com ensino da capoeira, numa instituição de ensino¹³, na zona urbana do Município de Cametá-PA, através do Programa Mais Educação.

Após o término das atividades pelo programa governamental, os professores de capoeira foram dispensados, com o intuito de manter os alunos do programa articulou-se o estabelecimento de um novo pólo (atualmente o pólo de capoeira Escola Arte/ASSOCASE). Uma Carta-Ofício produzida pelos capoeiristas, e que também foi cedida para análise deste estudo, consolidou um acordo com a Secretária de Cultura deste município, sem retorno financeiro, apenas a solicitação do espaço da Escola Arte-Caá-Mutá Mestre Cupijó.

Diante deste contexto de organização, o coletivo de capoeiristas, membros da ASSOCASE iniciam a sua caminhada neste estudo, a partir do encerramento das suas atividades anteriores junto ao Programa Mais Educação, na tentativa de manter o ensino da capoeira e os alunos do programa citado, os mesmos estabeleceram um novo espaço, o pólo Escola Arte. Justamente, para compreender como eram as relações anteriores dos informantes, evidenciamos o que contribuiu e os prejudicou enquanto participantes desta política educacional. Procurando refletir criticamente o funcionamento deste programa no currículo escolar brasileiro, e as suas consequências e contribuição na experiência dos capoeiristas na cidade de Cametá-PA.

Paralelo ao trabalho desenvolvido no espaço da Escola Arte, os capoeiristas continuaram dialogando com outras instituições de ensino, porém, sem vínculos com programas governamentais, mas, por iniciativa própria, neste contexto, optou-se pelo recorte da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Nadir Filgueira Valente, localizada na zona urbana na cidade de Cametá-PA, em vista de que, segundo os capoeiristas, ela ter sido o palco onde ocorreram tensões entre os sujeitos da escola (direção escolar) e os capoeiristas do pólo Escola Arte. As tensões surgiram quando os capoeiristas começaram a reivindicar mais participações, reconhecimento e autonomia nos eventos produzidos pela instituição, a recusa da escola e o desinteresse pelas ações dos informantes, foi um dos pontos para refletir os interesses que se criam no âmbito escolar frente as ações desenvolvidas por grupos de capoeira.

¹³Não divulgaremos o nome da instituição no qual os interlocutores deste estudo estiveram operando pela perspectiva do PME, pois, durante as entrevistas os capoeiristas pediram para não divulgar o nome da escola.

Após, o encerramento das atividades em 2016 nesta instituição, os capoeiristas continuaram o trabalho que estavam desenvolvendo com os alunos desta escola, levando-os para o prédio da Escola Arte-Caá-Mutá-Mestre Cupijó, onde já atuavam com ensino da capoeira. Diante disso, o trabalho procurou evidenciar as distintas experiências de diálogo entre os capoeiristas do pólo Escola Arte/ASSOCASE e o espaço escolar, sejam eles vinculados a programas governamentais ou não. Ao analisar as tensões, articulações e a partilha de saberes que surgem deste diálogo levantaram-se as seguintes problematizações deste estudo.

Como é percebido pelos capoeiristas o acolhimento das suas ações educativas e culturais no espaço escolar, sejam elas vinculados a programas governamentais ou por iniciativas dos próprios agentes culturais? Quais as articulações que surgem por parte dos capoeirista após o termino das atividades com as escolas? Quais elementos educativos culturais estão presentes no ensino da capoeira que contribuem para o espaço escolar? De que modo é refletida a possibilidade de partilha de saberes entre a escola e o coletivo de capoeiristas? Quais as justificativas proferidas pelas escolas e pelos capoeiristas para legitimar o diálogo e a permanência com a atividade culturais e desportivas dentro das instituições de ensino formais?

Justamente para responder questões subjetivas, assim, como os objetivos e as problemáticas que constituem este trabalho, e outras particularidades, como a exemplo, a própria trajetória, memória, e experiência de organização da capoeira em Cametá, busquei auxílio nas narrativas de capoeiristas e simpatizantes que presenciaram e viveram a prática durante a década de 1980 e 1990. Elas instigaram a escrita de uma história que não é uma representação exata do que existiu, mas que se esforça em lembrar e compreender o passado. “Buscando entender o que tais memórias representam para o entrevistado e como elas estão sendo (re) constituídas e internalizadas” (SILVEIRA, 2007, p. 42).

Por isso, o estudo tem como metodologia a História Oral, através da técnica de entrevista, utilizei como recurso tecnológico o gravador de voz, realizando também a transcrição das narrativas. Seguindo os referencias teóricos em Paul Thompson (1992), Alessandro Portelli (1997), Éder Silveira (2007), pois, ambos os autores convergem, no sentido de que não existe neutralidade para o pesquisador desde a escolha pelo tipo de entrevista. Respeitar os princípios éticos e a objetividade no trabalho de campo, e não se apropriar das entrevistas somente como uma técnica de coleta, são primordiais a análise e a interpretação.

Assim, como a disponibilidade de tempo para a entrevista deve ser pensado a preferência e a disponibilidade do entrevistado (PORTELLI, 1997, p. 26-21). Por isso, solicitava com antecedência a entrevista, isso demonstrava o meu interesse e responsabilidade para com os sujeitos e a pesquisa. Trabalhar com a História Oral é sempre um aprendizado, a

arte de ouvir baseia na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversarmos enriquecem a nossa experiência, cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras (THOMPSON, 1992, 17). Coletei narrativas de professores capoeiristas da ASSOCASE, instrutores, aprendizes do pólo Escola Arte, pais dos aprendizes, assim, como as narrativas de antigos capoeiras, e não capoeiristas que presenciaram e vivenciaram a experiência de formação desta manifestação na década de 1980.

Porém, não consegui entrevistas com os responsáveis da instituição E. M. E. F. Profa. Maria Nadir Filgueira Valente que atuaram no ano em que os capoeiristas estavam desenvolvendo as suas ações, justamente, por ter encontrado duas barreiras, quando ocorreu o encerramento das atividades dos capoeirista do pólo Escola/ASSOCASE em dezembro de 2016, ainda não havia iniciado o trabalho de campo desta dissertação, ingressei ao campo de pesquisa a partir de janeiro de 2017. Atentando para as lacunas que resultarem disso, busquei outras possibilidades para entender as percepções da escola com relação às ações dos capoeiristas. Fui até a escola, e deparei-me com o segundo impedimento, a política de alternância municipal, após as eleições, ocorrerem modificações no corpo docente e na direção.

Fui recepcionada pela nova diretora. Perguntei sobre as ações dos capoeiristas, e de que forma poderiam me informar algo a respeito. A diretora informou a situação de mudança dos servidores docentes da escola, e que estava se situando com os processos que ali estavam sendo desenvolvidos. Durante breve conversa que tivemos ela mencionou o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, usado pela coordenação escolar anterior, dizendo que lá poderia ter algo a respeito, entregou-me uma cópia, ressalvado que tive sorte de achá-lo, pois, a nova coordenação já estava com planejamento de fazer novas alterações no documento.

Ao analisar o documento como fonte neste trabalho, constatei que houve o registro da participação dos capoeiristas no ano de 2015 – 2016, e também pode obter outras informações desta instituição com relação à proposta de sua política educacional. O documento tornou-se uma fonte importante para entender que a escola estava registrando as ações dos informantes, e também saber de que forma os agentes educacionais compreendiam as ações e a participação dos capoeiristas da Escola Arte/ASSOCASE em suas atividades. Outro fator que também contribuiu para que a instituição de ensino fosse ouvida, sobretudo, aos resultados desta parceria, foram as entrevistas realizadas com os seus próprios alunos e ex-alunos, aqueles que ainda continuam frequentando o treino no pólo Escola Arte, mesmo após o encerramento.

Essa ligação foi primordial para compreender as contribuições e resultados da capoeira na escola. Durante a entrevista optou-se pela construção de um diálogo com os interlocutores, uma conversa, no qual os capoeiristas entrevistados e não capoeiristas pudessem

narrar suas experiências de formação e diálogos que procuram construir com outros espaços. Não apliquei um questionário, evitei o máximo possível do jogo de perguntas e respostas. Primeiro me apresentei, em seguida o tema da pesquisa, depois iniciava a conversa, perguntando os seus nomes, onde moravam, o que faziam além da capoeira, adentrando na temática com a seguinte pergunta: como iniciou na prática da capoeira?

Como é o trabalho que desenvolvem aqui (no pólo de capoeira) ou fora dele? Pensei neste movimento para quebrar o clima de timidez, as respostas vinham de forma espontânea, quase não precisei interferir em suas narrativas, é claro, salvo alguns casos, em especial, os aprendizes mais crianças e adolescentes, tímidos em suas falas, deixá-los à vontade foi a saída.

A maioria das entrevistas foram realizadas por meio de gravador de voz, e foram realizadas no próprio pólo Escola Arte, outras nas residências de capoeiristas, aqueles se dispuseram a narrar a trajetória e participação na consolidação desta prática na cidade de Cametá, outros ainda por meio do recuso do telefone celular, com ligações, e consentimentos de gravação. Investir nas entrevistas, pois, os sujeitos podem contar as suas experiências e vivências por meio da oralidade reconstituindo sua memória (THOMPSON, 1992, p. 22).

Também usei o diário de campo, embora, o gravador servisse como coletor de narrativas, no entanto, percebi que precisava atentar para as emoções e posturas dos entrevistados. Além das entrevistas e do PPP como fontes também analisei dois projetos elaborados pela Diretoria do pólo Escola Arte, para a iniciação de parcerias com as escolas municipais, sem vínculos governamentais. O “Inclusão Social através da Capoeira” e o “Grande Cidadão”¹⁴, e algumas fichas de relatórios do Programa Mais Educação, trazendo um levantamento do número de instituições municipais que aderiram ao programa com o tema capoeira, no ano de 2014, referente ao ano de atuação dos interlocutores, no entanto, ressalvo que não divulgaremos o nome das instituições no qual os capoeiristas da ASSOCASE estiveram operando por meio deste programa em virtude do pedido de anonimato dos interlocutores.

Tive acesso ao acervo de fotografia do coletivo de capoeirista do Pólo Escola Arte/ASSOCASE disponível na rede social “facebook”¹⁵, concedido pelos informantes. Também fiz meus próprios registros fotográficos durante o trabalho de campo tanto dentro como fora do pólo. Analisei as imagens com auxílio teórico das autoras Ana Mauad (1996) e Maria Borges (2008), pois, refletem a fotografia como uma imagem que possui discurso na

¹⁴ Os projetos de capoeira foram elaborados pela Diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE, após o encerramento das atividades com o Programa Mais Educação. Para iniciativa de parceria com a escola, deverá ser concretizar tanto junto como paralelamente aos eventos culturais e pedagógicos realizados pela instituição de ensino.

¹⁵ Paralelamente aos eventos culturais e pedagógicos realizados pela instituição de ensino.

composição do conhecimento que se quer evidenciar. A fotografia foi a forma que procurei captar e registrar as experienciais educativas e culturais presente no ensino aprendido dos informantes por meio da capoeira, assim, procurei contextualizá-las ao longo deste trabalho.

Elas constituem neste trabalho um testemunho materializado e simbólico das ações educativas presente no ensino da capoeira. A materialidade da fotografia é entendida como documento, onde a pesquisadora pode lançar críticas, interpretações e investigação, é justamente, neste ponto que ela tem mais densidade neste estudo, onde se trabalhou o campo semiótico diante das interpretações que lançamos nos conteúdos contidos nas imagens registradas e também diante das narrativas. Então, junto a metodologia História Oral, utilizei o método observação participante, para o contato direto da pesquisadora com o fenômeno observado, isto é, as atividades e o acompanhamento das ações dos informantes.

O sentido de participante está no fato da pesquisadora ter criado meios para interagir no campo de pesquisa, por exemplo, realizando entrevistas, no contato direto com as memórias e experiências dos informantes. Por isso observação participante, pois, a autora desta dissertação presenciou, observou e refletiu as atividades construídas pelos capoeiristas do pólo Escola Arte/ASSOCASE, no entanto, não participou da formação de treinos, mas, o reconhecimento como capoeirista possibilitou permear seus domínios. Procurei apoio teórico nos estudos etnográficos de Christine Zonzon (2007)¹⁶ e Marcos Antônio Saretta Poglía (2015)¹⁷, pois, ambos os autores possuem como lócus de pesquisa grupos de Capoeira Angola.

Devido a poucas leituras que utilizam o método observação participante em grupos de Capoeira Regional, ressalto a importância desta pesquisa e a justificativa de usar referenciais que investigam grupos de Capoeira Angola. Os estudos contribuíram para o entendimento e aproximação da comunidade, principalmente, pela posição social que os autores ocupam na pesquisa de campo como capoeiristas e pesquisadores, investem no método observação participante para entender as relações do grupo pesquisado. Apreendi que o pesquisador observador enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face à face com os observados realizando uma interpretação subjetiva aos dados (BRANDÃO, 2007, 12).

A observação no pólo Escola Arte aconteceu durante três vezes na semana, nos dias de segunda, terça e quinta-feira pela parte da tarde, correspondem aos horários e dias de treinos,

¹⁶ ZONZON, Christine Nicole. Nas Pequenas e Grandes Rodas da Capoeira e Da Vida: Corpo, experiência e tradição. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 2014.

¹⁷ POGLIA, Marcos Antônio Seretta. Com a Áfricamente Experiência Etnográfica em um grupo de capoeira angola em Porto Alegre. In: LIBERAC, Antônio. SIMPLÍCIO, Franciane. MAGALHÃES, Paulo. ABREU, Sara (Org.) “Capoeira em Múltiplos Olhares: estudos e pesquisa em jogo”. Salvador-BA, Editora UFBA – Coleção UNIAFRO, 2016, p. 99-110.

também os acompanhei em atividades fora do pólo, nas escolas, praças públicas e outros pólos da ASSOCASE. O trabalho construiu vínculos com a antropologia cultural, na etnográfica interpretativista, fazendo uso da categoria “descrição densa” em Clifford Geertz (2012). Trazendo uma análise qualitativa, isso significa, que a pesquisa procurou se aprofundar no mundo dos significados das ações e relações dos interlocutores, “trabalhando com o universo de significados, valores e atitudes, correspondem a um espaço mais profundo das relações, e que não podem ser reduzidos e operacionalizados” (MINAYO, 2001, p. 22).

A pesquisa qualitativa é usada neste trabalho em vista de que, responder questões subjetivas e peculiares perante as ações desenvolvidas pelos informantes, por exemplo, as justificativas para legitimar o diálogo e a permanência com atividades culturais e educativas dentro das escolas, compreender os significados de seus saberes como a oralidade, coletividade, inclusão e memória. Para Geertz (1997), estudar a arte é explorar uma sensibilidade, as bases de tal formação são tão profundas como a própria vida social, no entanto, essa relação não se encontra em um plano material, mas, sim no campo semiótico. Um sistema entrelaçado de signos possíveis de serem interpretáveis. “Ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade” (GEERTZ, 2012, p.10).

No campo semiótico existe um debate entre aqueles que assumem o conceito de forma dialógica, no interpretar dos gestos de outrem, como Geertz (2012), quando menciona os significados que uma simples piscadela pode ter na sua rede significados, considerando o contexto e as relações que o sujeito a utiliza. Existe quem enxergue nela mais um exercício de dialética, tal como John Comaroff (2010), onde o diálogo não se exclui, além da conversa, ela impõe a observação da atividade e a interação (COMAROFF, 2010, p. 13).

Mas, é no campo semiótico que as interpretações deste trabalho são lançadas, sobretudo, ao significado da contribuição cultural e educativa da capoeira para as crianças e jovens da comunidade cametaense, assim, como a partilha de seus saberes com outros espaços da comunidade. Diante disso, “abordagem semiótica da cultura, auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma que podemos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles” (GEERTZ, 2012, p. 17). No entanto, o trabalho de campo nem sempre foi defendido pela antropologia durante os séculos XV, VII e XII, no contexto de colonialismo europeu, uma das primeiras reflexões baseavam-se no evolucionismo.

Considerava a unidade cultural como única, a sociedade do “eu”, como sendo referencial para todas as formas de organizações sociais. Uma visão eurocêntrica e essencialistas de apreender as relações do “outro”, por isso não havia a necessidade da realização do trabalho de campo, pois, os problemas eram os mesmos e por consequência as

soluções também (GUIMARÃES, 1994, p. 30). Atualmente, em estudos de caráter antropológicos, o inseri do pesquisador (a) ao campo de pesquisa, não acontece apenas para construir verdades absolutas e tão pouco buscar algo exótico, mas, conceber como um espaço onde podemos laçamos nossas problematizações (SILVA, 2001, p. 295). Segundo a perspectiva histórica, os historiadores tradicionais positivistas pensavam suas narrativas como essencialistas, voltadas aos grandes acontecimentos históricos políticos e econômicos.

Na década de 70, a crescente industrialização e o aumento populacional, “trouxeram um repensar nas explicações históricas, uma vez que, as tendências culturais e sociais não podiam ser analisadas da mesma maneira que os acontecimentos políticos e econômicos” (BURKE, 1992, p. 32). O repensar de novas abordagens fizeram com que os pesquisadores submergissem ao “submundo” na busca por personagens simples, porém, significativos para compreender as histórias e narrativas ligadas a cultura popular. Com efeito, “a história como uma ciência passou pela crise dos paradigmas tradicionais, comprometendo não apenas o ofício do historiador, mas, também outras áreas do conhecimento” (LE GOFF, 2012, p. 112).

A categoria que interessa nesta abordagem é a “História vista de Baixo”, justamente, por considerar as opiniões das pessoas comuns e suas experiências na mudança social, nos estudos sobre cultura popular (BURKE, 1992, p. 33). As reflexões do autor Dipesh Chakrabarty, pós-colonialista, também contribuem para as reflexões desta pesquisa, sobretudo, a respeito da narrativa histórica da capoeira em Cametá, pois, critica a concepção de história única, opondo-se a visão colonial, procura investir na categoria *Estudos Subalternos*, contrariando a forma de escrever história a partir das conquistas da elite moderna voltando a atenção para os grupos subalternizados da história da Índia (CHAKRABARTY, 2000, p. 13).

Dipesh Chakrabarty (2000), lança crítica a história eurocêntrica e ao nacionalismo indiano, por considerá-los responsáveis por construir uma história única para a Índia. A crítica de Chakrabarty (2000), reivindica a forma de se “escrever história”, propondo uma virada epistemológica nas abordagens historiográficas indianas. Essa perspectiva é bem-vinda ao campo das análises que se tecem neste estudo, pois, consideramos que a capoeira como uma manifestação afro-brasileira teve um trajeto difícil durante o processo de formação do Brasil.

Sendo uma prática que foi marginalizada, perseguida e criminalizada pela elite escravocrata durante os séculos XVI-XIX. No entanto, conseguiu seu reconhecimento como símbolo de identidade, cultura, patrimônio e educação por meio de lutas e reivindicações de seus praticantes. Uma das primeiras abordagens metodológicas que realizei neste estudo, antes de adentrar no campo de pesquisa, foi um levantamento bibliográfico, a princípio de caráter historiográfico, considerando a inserção desta manifestação no contexto de escravidão no

Brasil, até o delinear das suas representações atuais no seu reconhecimento como Patrimônio Histórico Cultura e Imaterial, possuidora de princípios educativos, para refletir os processos de ressignificação da prática diante da historiografia da prática da capoeira. Evidenciando a sua diversidade de experiências e o trajeto das ressignificações ao longo da formação do Brasil.

Deste modo, apresento no I capítulo desta dissertação, intitulado “CAPOEIRA, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO”, uma abordagem histórica, sociais e políticas da capoeira nas regiões da Bahia, Rio de Janeiro, em Belém do Pará, Pernambuco e em São Paulo, por meio dos referências teóricos REIS (2000), PIRES (2004), SALLES (1971) — (2004), LEAL (2008), DIAS (2004), SOARES (2005), OLIVEIRA (2005) — (2015), OZANAM (2013), CUNHA (2011), apontando as relações, articulações construídas pelos capoeiras dos séculos XIX-XX, diante dos embates com as forças policiais, conflitos partidários e a participação da vida lúdica e cultural de cada uma dessas regiões, justamente, por antes de concebê-la como uma prática educativa é dispensável compreender seu trajeto de formação e articulação histórica no Brasil.

Tendo em vista que, com o advento da República, a capoeira passou a ser crime instaurado pelo Código Penal em 1890 devido à associação a capangagem política em algumas das regiões mencionadas, enfatizei as ações dos capoeiras no contexto regional, paralelo ao processo de criminalização da capoeira no Pará, em Belém, a prática mantinha-se impune devido ao vinculado à capangagem, o capoeira a serviço da política partidária, e também pela presença em folguedos populares, em especial, no Pará, o Boi-Bumbá (LEAL, 2008, p. 30).

Referências que encontrei nos estudos de Luiz Augusto Leal (2008), “A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do Boi-bumbá no Pará republicano (1988-1906)”, e no livro “Capoeira, Identidade e Gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil”, em parceria com o autor Josivaldo Pires de Oliveira (2009). Os clássicos estudos de Vicente Salles (1971) -(2004) “O negro no Pará“, “A defesa pessoal do Negro, essas obras evidenciam diferentes ressignificações que a capoeira sofreu em virtude das opressões e discursos que foram impostos aos seus praticantes, apresentando, as estratégias de sobrevivências.

As leituras revelaram os capoeiras do Norte como sujeitos protagonistas de suas próprias ações, valendo-se dos seus conhecimentos como capoeiras para participar da vida política, social e cultural no Pará. Diante da historiografia da capoeira no Pará, procurei construir neste capítulo uma narrativa histórica para a memória da capoeira na cidade de Cametá, por meio da narrativa de alguns capoeiristas que vivenciaram a prática na década de 80, descrevendo as primeiras experiências de organizações de coletivos de capoeiristas.

Ressaltando as relações sociais, educativas e culturais que os capoeiristas desta década tiveram no contato inicial com essa manifestação de matriz africana. Traçando uma linearidade

na narrativa dos entrevistados fazendo uma mediação entre os que vivenciaram de fato a prática, no sentido de organização de grupos, treinos e rodas, e aqueles que ouviram falar a respeito do processo de consolidação da capoeira no Município de Cametá. Para compreender as representações que capoeira de outrora ocupa no imaginário dos capoeiristas atualmente. Pois, ao conhecermos como os capoeiristas precursores entendiam sua formação na década de 80 e 90, podemos refletir o sentido de educação presente na capoeira na cidade Cametá.

Diante da retirada da capoeira do Código Penal Brasileiro, ela obteve o seu reconhecimento como esporte e cultural do Brasil na década de 30, e posteriormente, o tombamento como Patrimônio Imaterial, tomamos como exercício breve no final deste capítulo refletir a relação entre Capoeira e Estado, evidenciando tentativas de controle desta manifestação e as formas de articulações e resistências dos praticantes para contornar o lugar que foi destinado à capoeira na história do Brasil, uma história de racismo e preconceito.

No II Capítulo, “PÓLO “ESCOLA ARTE”: EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA EM UM GRUPO DE CAPOEIRA REGIONAL EM CAMETÁ-PA”, o estudo se detém no estudo de campo, nas ações dos capoeiristas do pólo Escola Arte/ASSOCASE, apresentando os informantes, através de uma escrita etnográfica descrevendo e interpretando a partilha dos saberes destes sujeitos. Foi construído um mapeamento das atividades e ações dos capoeiristas com os espaços da comunidade cametaenses, sejam públicos ou privados. Observando e analisando semioticamente os valores educacionais e culturais construídos por esses sujeitos dentro do pólo de capoeira, que tornam o ensino da capoeira capaz de incluir distintos sujeitos.

O III capítulo “CAPOEIRA NA ESCOLA: CURRÍCULO EUROCÊNTRICO VERSUS SABERES AFRO-BRASILEIRO”, através de leituras que abordam a temática capoeira e educação, atentamos para aberturas, desafios e invisibilidade que os capoeiristas enfrentam no ambiente escolar brasileiro. Para isso dialogamos com referenciais que permitiram refletir a prática pelo viés de educativo e na possibilidade de atuação em espaços escolares. ABIB (2004), CAMPOS (2009), ARAÚJO (2015), FALCÃO (2016), SIMPLICIO (2016), BARCELLOS (2013), SILVA E HEINE (2008), BARBIERI (2003). Autores contribuíram para um aprofundamento sobre o conceito de educação popular presente no processo de ensino-aprendizagem na capoeira. Refletindo sobre a forma no qual seus praticantes adentram no espaço escolar sem que suas dimensões culturais e educativas não sejam desconfiguradas pela estrutura e a lógica do ensino formal ou pensamento moderno.

Embora, Pedro Abib (2004), mencione o distanciamento entre a educação formal e educação popular, também afirma a possibilidade de um caminho possível, capaz de permitir no âmbito da educação formal, a comunicação entre o saber formal (acadêmico) e o saber

popular (ABIB, 2004. p. 156-157). Para Vitor Barcellos (2013), José Falcão (2016) e Francine Simplício (2016), a capoeira não é apenas uma simples ação esportiva no espaço escolar, mas o sentido de educação estar ligado com a proposta de valores culturais. Hellio Campos (2008) — (2009), menciona o primeiro método didático de ensino da capoeira regional, “Trateava-se de atividade de caráter lúdico presente no ensino na capoeira regional, prioriza os significados de educação, a partir da realidade do cotidiano de seus alunos” (CAMPOS, 2009, 227).

Silva e Heine (2008), possibilitaram refletir uma “pedagogia cultural e inclusiva da capoeira” diante das ações desenvolvidas pelos capoeiristas do pólo Escola Arte. “Na roda de capoeira, participam homens e mulheres de todas as origens, idades, credos religiosos, condições econômicas e graus de instrução. Ao som do berimbau, todos são cidadãos do mundo, em busca de qualidade de vida e de justiça social” (SILVA& HIENE, 2008, p. 115).

No campo teórico, enfatizamos o episódio de encerramento das atividades com o ensino da capoeira na escola E. M. E. F. Professora Maria Nadir Valente, para refletir o jogo de interesses que existe entre ambas as partes (espaço escolar) e os (praticantes de capoeira) na realização de parcerias não governamentais e governamentais. Questionam-se as ações e programas educacionais como o Mais Educação, o projeto de Lei de Senado nº 17, de 2014, as leis curriculares, e a Lei 11.645/08, como meios que oferecem a possibilidade do diálogo.

Evidenciando as tensões e articulações que surgem quando se encerram as parcerias nas escolas, pois, é preciso refletir invisibilidade que sobrecarrega as ações dos informantes deste trabalho, assim como aos demais grupos de capoeira que realizam por conta própria a parceria com espaços escolares, ou ainda aqueles que trabalham pelas perspectivas de políticas educacionais ou governamentais. Considerando esses dois contextos de participações, destacamos as ações dos capoeiristas atuantes no pólo Escola Arte/ASSOCASE, quando tiveram contato pela primeira vez com o espaço escolar através do Programa Mais Educação.

Após o encerramento das atividades deste programa houve o término também do ensino da capoeira. Porém, os capoeiristas procuram manter os lanços de pertencimento ao coletivo e o trabalho com o ensino da capoeira continuando suas ações no prédio da Escola Arte-Caá-Mutá Mestre Cupijó, e na construção de diálogo com outras instituições de ensino, sem vínculos governamentais, destacamos o diálogo com o espaço da E. M. E. F. Professora Maria Nadir Valente, na tarefa de analisar as tensões e articulações

1. CAPOEIRA, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar brevemente a trajetória histórica da prática da capoeira, as experiências de formação e articulações de resistência de seus praticantes ao longo da formação da sociedade brasileira. Justamente, por entender que ao analisarmos a capoeira como uma prática dinâmica e pela perspectiva cultural e educativa, neste estudo, é preciso não esquecer também os contextos no qual ela foi desenvolvida no Brasil, principalmente as suas ressignificações, pois, é na historicidade desta manifestação que encontramos a sua ancestralidade e também alguns índios sobre os seus princípios educativos.

Considerando os contextos históricos da Colonização, Monarquia e República, as ressignificações que ela experimentou, o capítulo orienta que os processos educativos ou a transmissão de conhecimento estavam associados aos modos de sobrevivência de seus praticantes, os quais fizeram uso de seus conhecimentos corporais como um recuso para participar da vida cultural, social e política, em Belém do Pará, São Paulo, Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Uma prática que foi criminalizada pela elite escravocrata durante os séculos XVI-XIX. Apenas, no início do século XX, passando a ser concebida como prática cultural.

A capoeira passou por muitas ressignificações até se tornar oficialmente Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, e obter o seu reconhecimento como portadora de educação e o direito de dialogar com outros espaços de ensino formal na rede pública e privada do Brasil (ADINOLFI, 2015, p. 155). Embora, estes reconhecimentos estejam vinculados a fala do Estado, que por sua vez, coloca-se como o doador ou aquele que “concedeu” a capoeira o direito de torna-se patrimônio e portadora de educação. No entanto, esta abordagem inicial procura enfatizar que estas legitimações foram frutos de lutas e articulações sociais promovidas, sobretudo, pela própria participação dos capoeiristas engajados ou não em movimentos negros.

Diante disso, direcionamos para uma análise sobre as ações do Estado envolvendo a capoeira, observando o lugar que foi e, é reservado a capoeira e seus praticantes ao longo da História do Brasil, assim, como as tentativas de controle desta manifestação cultural. Diante da discussão historiográfica da prática da capoeira, também procurei construir no final deste capítulo uma narrativa histórica para a memória da capoeira na cidade de Cametá, no Pará, através da narrativa de alguns capoeiristas que vivenciaram a prática durante a década de 80, descrevendo as primeiras experiências de organizações de coletivos de capoeiristas. Ressaltando as relações sociais, educativas e culturais que os capoeiristas vivenciaram.

1.1 Historiografia da prática da capoeira e suas ressignificações diante dos aspectos históricos e sociais.

A priori a capoeira é compreendida neste trabalho como uma manifestação de resistência cultural afro-brasileira frente aos processos de repressão, perseguição e criminalização vivenciado pelos seus praticantes entre os séculos XIX-XX, que correspondem aos períodos de Colonização, Monarquia e República no Brasil.

Foi compreendida por décadas pela historiografia escravocrata, e ainda é, vista pelo senso comum, como uma prática oriunda do continente África, desenvolvida apenas por negros escravizados nas senzalas, e “aperfeiçoada” como uma arma dentro dos quilombos, daí que surge algumas associações a sua característica de resistência, nesta linha de pensamento a capoeira seria fruto dos quilombos, por exemplo, o Quilombo dos Palmares.

Essa visão muitas das vezes folclórica e carregada de preconceito só vieram a ser questionado no sentido científico quando alguns estudos de caráter historiográficos começam a fazer uma releitura desta percepção, a capoeira começou a ser percebida como uma prática oriunda do contexto escravo e urbano nas vilas e cidades, praticada por africanos e descendentes, pretos escravizados nascidos no Brasil. Entre os defensores desta leitura sobre a origem escrava da capoeira, apontamos o estudo de Carlos Eugênio Líbano Soares (1993), na obra, “A negra Instituição: Os capoeiras no Rio de Janeiro (1850 – 1890)”, por meio de análise documental da segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro, menciona que não houve predominância de uma etnia específica, a capoeira é resultado de informações oriundas de várias regiões da África e que foi inventada pelos descendentes de africanos no Brasil.

Existem outros princípios de origem que também são ressaltados pela historiografia mais recente, Pedro Abib (2004), embora, não trabalhe especificamente sobre a trajetória histórica desta manifestação afro-brasileira no Brasil, apresenta um princípio feminino e ancestral africano, mencionando a semelhança entre a capoeira e o ritual-dança presente nos grupos *bantu*, destaca-se nele a cerimônia *N’ Golo*, que pode ser traduzida como “Dança da Zebra”, ocorre durante o período da *efundula*, isto é, festa de puberdade das moças, quando essas deixam de ser *muficuemas* (meninas), e passam a condição de mulheres.

O ritual ganha contorno de dança e luta a partir do momento em que o rapaz vencedor tem o direito de escolher a esposa, a partir do enfrentamento com outros rapazes. O ritual depende muito também do contexto onde ocorria apresenta características de dança e ritual (ABIB, 2005, p. 93). A capoeira se constituiu no Brasil pelo meio do tráfego negreiro. Foram

inseridos no Brasil colonial como mão-de-obra escrava, nas lavouras de açúcar, nas minas de ouro, cafezais e nos mais diversificados afazeres braçais realizados no campo e na cidade durante os séculos XVI a XIX (MUNANGA, 2016, p. 160). Após trezentos anos de escravidão algumas práticas afrodescendentes resistiram diante de ações repreensivas que a sociedade escravocrata tentou silenciar. A capoeira foi uma delas, passou por uma verdadeira metamorfose de significado e ressignificações, os quais iremos pontuar neste capítulo.

Considerando que essa reflexão permitirá refletir também alguns pontos importantes para a percepção de resistência cultural e educativa diante da narrativa histórica da memória da capoeira em Cametá-PA, onde refletimos na segunda seção deste capítulo. Deste modo, tomemos como partida a percepção do autor Russel-Wood ao considerar as relações de identidade coletiva como uma forma de resistência no contexto do novo mundo.

O transporte para o novo Mundo destruiu unidades familiares, separou as pessoas de um mesmo grupo étnico, destruindo, deste modo, os vínculos que o grupo de parentesco compartilhado fornecia as pessoas que se moviam pelo interior da África, mas não destruiu a consciência de uma identificação com base na etnia. (...). Esta consciência, está na memória coletiva, possibilitou as pessoas de descendência africana manter sua identidade através da etnicidade no Brasil, promovendo um amortecedor contra os cruéis aspectos escravistas (Russel-Wood, 2001, p.26).

É com base nesta reflexão que ressalvo a trajetória da capoeira neste estudo como uma prática em constante dinâmica, e que se constituiu através das experiências e relações sociais e culturais entre seus praticantes ao longo dos séculos XVI-XX Brasil. Entretanto, como vimos, é necessário ressaltar que existem outras experiências e relações construídas fora do Brasil em outros contextos sociais, como mencionei o Ritual-Dança *N'golo*, com outro significado totalmente distinto, do qual se tornou no Brasil, isso deve-se a vários fatores, entre eles, os contextos de resistência a escravidão, a forma de organização dos praticantes de outrora, referente a formação das maltas de capoeira, associação à capangagem política, ou pela associação da prática e seus praticantes aos folguedos regionais. Estas articulações foram tomadas como mecanismos de resistências e formas de participações na vida política e cultural.

Deste modo, entende-se que ao concebê-la como dinâmica e cultural, é preciso não esquecer também os contextos que ela se desenvolveu. Pensando nisso, justificamos, aqui, a importância também de se conhecer a trajetória da memória da capoeira no Município de Cametá, no entanto, para esse momento, buscou-se pontuar algumas fases distintas que essa manifestação e seus praticantes vivenciaram durante a formação do Brasil, tendo como direcionamento cronológico, o período colonial e republicano, ressaltando algumas das suas

caraterísticas regionais no qual a prática esteve presente na Bahia, Rio de Janeiro, no Pará, São Paulo e Pernambuco. Para depois, adentrar na trajetória da capoeira na cidade de Cametá.

Decerto a campanha de perseguição e criminalização aos capoeiras em 1890, desencadeada no Rio de Janeiro, influenciou consideravelmente as ações de repressão e perseguição a figura do capoeira outras regiões do Brasil, em Belém no Pará, Salvador, Recife e São Paulo, conseqüentemente, os praticantes também procuram mecanismo para continuar permeando os âmbitos da rua e outros setores sociais, como ressalta Soares (2002), a presença dos capoeiras nas festividades e cortejos religiosos na Corte durante os séculos XIX-XX.

Os capoeiras como eram chamados, faziam parte integrante da cultura popular de rua do Rio de Janeiro do século passado. Junto com rameiras, prostitutas, vagabundos, estivadores, malandros, boêmios, policias, os capoeiras faziam parte da buliçosa fauna das ruas dos tempos da corte que assustava as camadas medias e também a elite dirigente (SOARES, 2002, p. 9).

Anterior ao processo de criminalização, no Rio de Janeiro, os capoeiras tiveram seus momentos de valorização, nos últimos anos da Monarquia, segundo Soares (1993), os mesmos foram associados ao partido conservador, devido alguns fatores decisivos, e que tiveram forte impacto no imaginário da população negra, entre eles, o autor supracitado, menciona a derrota dos confederados nos Estados Unidos pelo processo de emancipação dos cativos, deixou a elite escravocrata no Brasil sozinha no continente como mantedora do regime escravocrata, o que obrigou o partido conservador, na figura da princesa Isabel a proclamar a Lei do Ventre Livre (1871), e posteriormente a abolição da escravidão em 1888, permitiu que o partido conservador ganhasse um certo prestígio junto à população negra do Rio de Janeiro (SOARES, 1993, 327).

Outro fator para a aproximação foi a participação compulsória na Guerra do Paraguai, simbolizou para homens livres e libertos uma expectativa de prestígio social, e aos escravos fugidos a esperança da alforria, que realmente se efetivou para muitos, e talvez uma nova etapa da política escrava (SOARES, 1993, p. 274). Quando a guerra encerrou duas coisas ficaram visíveis segundo as análises de Soares, a guerra havia mudado a face do exército e a própria sociedade, devido à participação de sujeitos populares que outrora eram repreendidos e marginalizados, agora eram recebidos como heróis de guerra (SOARES, 1993, p. 266).

Mas, a presença de ex-escravos e libertos agindo pelas ruas como autoridades começou a deixar a sociedade inquieta. O afrontamento aos senhores, pode ser entendido como uma forma de impor um novo status que a participação na guerra havia concedido a eles (SOARES, 1993, p. 270). Porém, a elite política já tinha planos para os ex-combatentes que pelas ruas cariocas agiam com a autonomia, que as suas fardas haviam proporcionado. A estratégia era

aproveitar o capoeira como capanga nas eleições de 1872, uma vez que, eles detinham o domínio dos bairros. Segundo Soares (1993), os capoeiras cariocas não foram facilmente manipulados pelos partidos. Fizeram suas escolhas, considerando os seus interesses, por vezes, apoiando monarquistas ou republicanos, e por outras vezes, conservadores ou liberais.

Anterior a aproximação com política conservadora na metade do século XIX, a capoeira, era muito mais do que uma forma de resistência contra senhores violentos. Segundo Soares (1993), o capoeira ocupava a função de acertar diferenças e marcar hierarquias dentro da própria massa escrava. “Consistia na percepção de uma identidade cultural própria, construída com base em códigos africanos de identidade combinados com rivalidades locais produzidas pela experiência da escravidão urbana” (SOARES, 1993, p. 93).

Por meio da capoeira, os escravos e libertos criaram suas próprias comunicações, como fortes indícios que estavam em busca de uma identidade cultural, quando Soares (1993) menciona as primeiras formas de organização de “malta de capoeiras¹⁸”, no Rio de Janeiro, apresentando os *nagoas* e *guaiamus*¹⁹, como marcações, traziam cores específicas nas fitas coloridas, vestimentas, no uso de códigos como o corpo, o assobio, o canto e ocupação do espaço urbano em relação às malta rivais demonstram na análise a busca pela identidade.

Embora, Soares (1993), demonstre essas particularidades, no entanto, é quase impossível sugerir qualquer origem étnica específica da capoeiragem do começo do século XIX em meio aos registros policiais, não existem dúvidas em sua tese de que a identidade africana era um elemento forte, “criada nas condições peculiares da escravidão urbana, mesmo que majoritariamente por africanos (SOARES, 1993, p. 37). Neste contexto, a população negra escravizada superava o número de homens brancos e livres no Brasil, o medo por revoltas e rebeliões era constante, especialmente, nas regiões mais aglomeradas, Rio de Janeiro e na Bahia. O medo pelas revoltas tornou-se também uma vantagem para os negros escravizados.

A esse respeito, na Bahia, João Reis (2002), menciona algumas práticas culturais africanas, embora, não se refere a capoeira, e sim, as celebrações e festas realizadas por negros

¹⁸ “A malta de capoeiras é uma unidade fundamental da atuação dos praticantes da capoeiragem. Formada por três, vinte e até mesmo cem indivíduos, a malta era a forma associativa de resistência mais comum entre escravos e homens livres no Rio de Janeiro da Segunda metade do século XIX. Por volta da década de 1850 a geografia das malta já estava bastante sofisticada para comportar uma elaborada denominação pitoresca, ligada geralmente aos mais importantes marcos de referência da cidade colonial as igrejas que pontilhavam o ambiente urbano” (SOARES, 1993, p. 59).

¹⁹ “Os dados que temos apontam para uma tendência: Nagoa teria relação com africanos e baianos, seguidores da religião orixás, ou pelo menos próximos. Guaiamu seriam uma tradição nativa, “crioula”, natural da terra, ligada aos escravos nascidos no Brasil. E interessante que a única gravura que encontramos onde se colocam, frente a frente. Um “Nagôa” e um “Guaiamu” mostra claramente um negro para aquele e um mulato ou mestiço para este” (SOARES, 1993, p. 70).

no período oitocentista, envolvendo o uso de tambores, eram manifestações festivas temidas pela sociedade escravocrata branca, onde o negro escravizado podia de certo modo, negociar seus momentos festivos. Um dos exemplos desta “negociação”, é registrada por Reis (2002), no artigo “Tambores e temores: A festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX”, quando menciona a rebelião de escravos em Santana, Ilhéus, no final do século XVIII.

Após, realizarem uma longa lista de reivindicações sobre condições de trabalho no engenho, os escravos reivindicavam as seguintes situações, “podemos brincar, folgar, e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos impeçam e nem seja preciso licença” (REIS, 2002, p. 113). Essa relação possibilita entender que os escravos também podiam em determinados momentos contornar a opressão e administrar seu tempo de lazer, não deixa de ser entendido aqui, como uma forma de resistência. Isto permite refletir e associar o sentido de resistência cultural também, na prática da capoeira, onde os praticantes, exerceram e criaram uma certa impunidade, quando participavam das festas escravas do Rio de Janeiro Joanino, fazendo-se presentes e organizando festividades de irmandades (SOARES, 2002, p. 289).

No período oitocentista, na Bahia, as festas promovidas por negros eram qualificadas como um “bárbaro costume”, e deveriam ser exterminadas ou combatidas para evitar que “contaminassem outros setores da população” (REIS, 2002, p. 102). No Rio de Janeiro, à medida que as maltas se multiplicavam, conseqüentemente, ampliavam suas áreas de atuação, e aumentavam-se também os esforços do aparato repressivo para contê-las.

No Pará, em Belém, a prática da capoeira também se fez presente nos períodos monárquico e republicano. Os estudos clássicos de Salles (1971) — (2004), são pioneiros a investigar a cultura do negro no cenário amazônico, mostrando o lado religioso quando afirma que os “senhores davam dias de folga em relação a feriados santos onde realizavam cerimônias para São Benedito” (SALLES, 1971, p. 189). Assim, como no trabalho, mão de obra escrava, mas, a maior contribuição foi no cenário cultural. “O negro escravizado começou a organizar o seu próprio sistema de defesa fazendo uso do seu próprio corpo” (SALLES, 2004, p. 113).

Em 1835, no contexto Cabano, em Belém, segundo Vicente Salles (2004), a cidade poderia estar “infestada” de capoeiras, supõe tal afirmação, mas, ressalva que não alcançou documentações precisas, apenas, teve acesso alguns registros posteriores, como a matéria no jornal “O Publicador Paraense”, de 1849, o qual fazia associações pejorativas com relação à atividade da “prática de peraltas e capoeiras” (SALLES, 2004, p.117). Outro estudo que também é referência na historiografia da prática no Pará, é o estudo de Luiz Augusto Pinheiro Leal (2008), na construção da história social e política do capoeira no Pará, trazendo um recorte

entre 1888 – 1906, contribuiu para percebermos algumas das relações vivenciadas pelos protagonistas nos mais diversos âmbitos sociais, culturais e políticos em Belém do Pará.

Menciona que a capoeira esteve vinculada ao discurso contra “vagabundagem” divulgada pela imprensa jornalística ao longo do século XIX-XX. Ressalta que os discursos poderiam mudar muito de significado, dependendo da conveniência dos detratores.

Em meados dos séculos XIX, após o fim do movimento cabano, houve uma grande escassez de mão-de-obra na região. A solução governista para o problema foi o alistamento compulsório de homens livres considerados “vadios”. Como fundamento político estaria a prevenção de uma nova revolta, que poderia desencadear por indivíduos “ociosos” (LEAL, 2008, p. 22).

É dentro do discurso de repressão à “vagabundagem” e controle no disciplinamento das camadas populares em Belém do Pará que Leal (2008), encontra referência da capoeiragem paraense, mas, não exclusivamente, como veremos adiante, a prática aparece vinculada ao sentido de lazer e na política. É importante ressaltar na leitura neste autor a repressão a “vagabundagem” associada a prática da capoeira, não foi uma ação executada apenas nos primeiros anos da República, porém, desde a primeira metade do século XIX, existiam campanhas desencadeadas pelo aparato policial para conter os capoeiras. Vários exemplos, podem ser encontrados no estudo de Leal (2008), entre eles, trago aqui, uma denúncia realizada pela imprensa, no jornal ilustrativo *A semana Ilustrada* de 1888, trazendo uma série de desenho em forma de charge criticando a ação policial e sua ineficiência a repreensão os capoeiras.

Podemos perceber algumas características raciais sobre os capoeiras representados nesta série. Nos dois primeiros quadros o capoeira estaria agindo sozinho e sendo representado como negros e escravos (pois estavam descalços). Nas cenas seguintes a situação seria diferente. Os capoeiras seriam brancos (possivelmente com alguns sendo de origem portuguesa), e, no terceiro quadro, estariam agindo em grupo. As ocorrências, pelo contrário, são todas urbanas. A representação ilustra tanto os discursos voltados para a capoeira que estamos analisando quanto a condição racial informada em alguns documentos (LEAL, 2008, p. 60).

A citação acima contendo as análises e percepções de Leal (2008), possibilitar confirmar que também houve antes da República, campanhas e perseguições policiais a figura do capoeira na metade do século XIX, e que havia por parte da imprensa uma cobrança das autoridades e da polícia sobre o controle e repressão aos capoeiras. Em relação à prática da capoeira em Pernambuco, temos como diálogo o autor Carlos Bittencourt Marques (2012), onde orienta suas análises sobre o cotidiano dos capoeiras na cidade de Recife entre 1880 a 1911.

Ao mencionar que nas grandes cidades como Rio de Janeiro e Bahia, a capoeira foi fruto das relações escravas no meio urbano, porém, ao considerar as especificidades recifenses, afirma a possibilidade desta manifestação cultural ter surgido daqueles indivíduos da perseguição policial se metiam “nas capoeiras”. Então, “teria sido pelas astúcias empegadas por esses praticantes da capoeira, utilizando, por exemplo, a formação geográfica do Recife para conseguir fugir da *sanha* policial” (MARQUES, 2012, p. 32). Nos estudos de Israel Ozanam (2013), é perceptível a sua abordagem historiográfica referente aos capoeiras recifenses, quando mencionar que havia uma identidade coletiva entre os capoeiras dos finais do século XIX e início do XX, presente nos desfiles de bandas musicais. “A experiência do capoeira ao papel social, muito específico, o de “moleque de frente da música” (OZANAM, 2013, p. 16).

No final do Império, sintonizados com o que ocorria no Rio de Janeiro, em Pernambuco, houve a criação de uma espécie de “Guarda Negra”, composta por homens de cor e também capoeiristas. Os republicanos pernambucanos acusavam o liberal abolicionista José Mariano Carneiro da Cunha²⁰ por criar e organizar a Guarda Negra Pernambucana, no entanto, Ozanam, ressalva que “Guarda Negra” não foi um nome criado para um grupo de “brabos”²¹ reunidos por José Mariano, mas, a associação de libertos na defesa da monarquia organizada no Rio de Janeiro em virtude da Lei do Ventre Livre em setembro de 1888.

“Esperava-se que Mariano e seus correligionários fossem negado qualquer espaço na política do novo regime” (OZANAM, 2013, p. 18). Assim, como o Antigo Regime, os capoeiras deveriam ser banidos do novo governo, como resquícios da monarquia. Se atentamos para o período Monárquico até o processo de independência no Brasil, o sentido de capoeiragem passou por grandes transformações distintas diante da conjuntura do Segundo Reinado.

A população escrava perdera o monopólio da “arte” e tinha de conviver cada vez mais intensamente com uma massa heterogênea de *livres de cor*, imigrantes estrangeiros de todas as partes do império, portugueses, mesmo dentro das maltas. Festas nas ruas também haviam passado por transformações. O domínio das festas religiosas, em que se destacavam as procissões e as novenas católicas, era agora disputado pelas festas cívicas e nacionais, comemorativas datas magnas do império consolidado após o turbulento período das revoltas regenciais (SOARES, 2002, p. 293).

No período monárquico, a vida lúdica e festiva dos capoeiras no Rio, Bahia e Pará não se resumia a participação em festividades religiosas, as práticas como apontamos eram bastante

²⁰ Liberal abolicionista, entorno dele girava a massa popular do Recife, sobretudo das freguesias de São José e do Poço da Panela. Sua participação na política no Império foi decisiva na disputa em torno da participação significativa das pessoas da cidade, em especial, aquelas tidas como pobres e de cor (OZANAM, 2013, p. 32).

²¹ Os praticantes foram associados a terminologias de “valentes”, “capadócios”, as denominações “brabos” e “arruaceiros”, foram terminologias encontradas na literatura e jornais recifenses dos finais dos séculos XIX.

reprimidas, embora, não houvesse ainda uma legislação que respaldasse sua criminalização oficialmente. Por todo, o século XIX, e até o processo de abolição da escravidão em 1888, as tradições de origem africanas mostravam-se resistentes aos mais diversos processos de repreensão e a caçada aos capoeiras num momento em que a própria cidade, a sociedade, e principalmente a capoeira passava por profundas modificações (SOARES, 2002, p. 298).

A cidade de São Paulo foi também cenário de uma escravidão vigorosa que avançou por todo o século XIX, mas, também foi onde aconteceram diversas revoltas promovidas por escravos. Pedro Figueiredo da Cunha (2001), trouxe algumas contribuições importante sobre a presença dos capoeiras na província de São Paulo, durante o contexto de pós-abolição, através de análise de fontes documentais, como jornais, conseguiu identificar distantes funções sociais da capoeira e de seus praticantes apresentando algumas formas de repressão e/ou aproveitamento de sua prática. Segundo Pedro Cunha (2001), menciona que a capoeira, enquanto jogo baseado na demonstração da valentia, foi espaço privilegiado para que escravos ou libertos pudessem alçar uma posição diferenciada entre as camadas sociais mais baixas.

A contribuição que considero importante para as discussões que tercemos neste capítulo presente no trabalho de Pedro Cunha (2001), é a experiência de capoeiras e “valentões” em disputas políticas na década de 1870, mostrando a participação nas decisões políticas e o medo da elite pela participação destes personagens no movimento abolicionista em São Paulo. “De um lado, havia o debate sobre até que ponto os ex-escravos poderiam participar da política, e por outro, crescia o receio de que eles formassem um batalhão, nos moldes da Guarda Negra para defender a Monarquia” (CUNHA, 2001, p. 7). É importante ressaltar que no Pará, também há registro de uma Guarda Negra, nomeada como Guarda Pretoriana, que tinha como um dos chefes o capanga Antônio Marcelino (LEAL, 2008, p. 87).

Segundo Cunha (2011), o movimento abolicionista foi predominado pelo espírito do republicanismo em São Paulo, haviam também nos manifestos “homens de cor” contra a Guarda Negra, essa ação refletiu para este autor que “os negros tinham plena consciência do seu papel no fim da escravidão, não devendo “favores” aos monarquistas. Exemplo disso, Cunha aponta o líder negro de Santos Eugênio Wansuit, descrito por contemporâneos como “acérrimo republicano”. Embora, existisse o combate e a depreciação com relação as atividades culturais realizadas por negros escravizados no período monárquico nas regiões destacadas nesta discussão, os praticantes encontravam também formas de burlar a repreensão.

Segundo Leal e Oliveira (2009), embora, houvesse nesse momento o combate e a repreensão as práticas culturais de origem africana, mas, não havia uma campanha de criminalização oficial. Antes da criminalização da capoeira pelo Código Penal, em 1890, a

prisão e repressão ao capoeira e outros sujeitos “ociosos” estava sujeita ao simples arbítrio policial. O maior exemplo, no Pará, citado por Leal (2008), foram as deportações em 1890 para o Amapá, um mês antes da publicação do Código Penal Brasileiro (LEAL, 2008, p. 155).

Segundo, Leal (2008), a deportação ocorrida no Pará, visava o controle e a ordem social, embora, tenhamos apresentado um pouco das experiências de articulações de resistências da capoeira entre os séculos XIX-XX, não se mencionou ainda quem eram os praticantes de capoeiras, especificamente, no Pará? Nas documentações criminais que registraram a prática, entre o século XIX até 1888, a capoeira aparece como uma atividade ligada a práticas de negros afrodescendentes escravizados. No entanto, estudos como de Leal (2008) e Salles (2004), entre o final do século XIX e início do XX, em Belém do Pará, mencionam que a capoeira também era praticada por outros seguimentos sociais e raciais. “Juntamente com negros e escravos, havia brancos livres, estrangeiros e até membros da alta sociedade participando ativamente do fenômeno da capoeiragem” (LEAL, 2008, p. 18).

Com o advento da República, a capoeira passou a ser considerado crime no Código Penal Republicano em 1890. Salles (2004), menciona que a ordem era limpar os vadios da capital do país, principalmente negros, que no pós-abolição, estavam dispersos pelas ruas. Neste contexto, a imprensa operou com denúncias e propagandas moralistas sobre a figura do capoeira, na República, segundo Leal (2008), os jornais, “A província do Pará”, “O Democrata”, “Diário de Notícias”, deixavam escapar as relações no cotidiano destes personagens, mostrando lugares como as escolas de capoeiragem, ora como uma atividade ligada ao aprender e ao lazer como vínculo com o exército e a marinha.

A idéia de “escola de capoeiragem”, aparentemente um simples jogo retórico, mostrou-se uma realidade através de diversas outras denúncias que eram apresentadas nas páginas jornalísticas. “Escola” significa aqui a relação entre alguém que ensinava e alguém que aprendia a capoeira. Era a oportunidade para a troca de experiência, transmissão de conhecimentos ou simples exercícios realizados em logradouros públicos. Entre os grupos profissionais que pareciam mais se destacar no conhecimento da capoeiragem estavam os marinheiros (LEAL, 2008, p. 72).

A criação e experiência de escolas de capoeiragem permite atentamos para a concepção do seu valor histórico dentro dos princípios educativos desta prática, neste contexto, ela representava uma forma de educação para a sobrevivência dos capoeiras em meios os processos de repressão, onde os capoeiras paraenses criaram seus próprios códigos de comunicação que permitiram a transmissão dos conhecimentos da prática como defesa pessoal e participação em outros âmbitos sociais e culturais no Pará. São citados como locais de escola de capoeiragem, segundo Leal (2008), dentro dos próprios institutos de educação profissional,

“os Arsenais de Guerra da Marinha, eram excelentes espaços de socialização do aprendizado da capoeira, manteve a capoeira viva no Pará por muito tempo” (LEAL, 2008, p. 79).

Outro ponto no discurso jornalístico da primeira década da República no Pará, enfatizado por Leal (2008), são os conflitos políticos envolvendo a participação do capoeira como capanga partidário. A ação envolvendo os capoeiras como capangas e a serviço da política, ficou conhecida na historiografia, segundo Augusto Leal, como a “política da capoeiragem”. Quem eram os capoeiras nos primeiros anos iniciais da República? Segundo Carlos Soares, eram homens, brancos, pretos, pardos, carroceiros, serventes, negociantes, em 1890 ser capoeira era uma possibilidade aberta para um amplo grupo social diferente, de todas as classes, de quaisquer origens (SOARES, 1993, p. 72).

Diante deste contexto, o autor Antônio Liberac Pires (2004), traz uma abordagem também vinculada a percepção de que o capoeira tinha ofício, e além de usar a prática como uma arma contra os opressores, ocupava o papel cultural na sociedade metropolitana do século XIX. Para defender tal argumento o autor Pires (2004), usou em seu trabalho a memória de antigos capoeiras por meio de depoimentos, documentos criminais e a literatura para evidenciar alguns aspectos específicos, como identidade e função dos praticantes na Bahia.

Embora, a existência desse tipo de documentação seja escassa na Bahia, no entanto, as fontes criminais proporcionaram ao autor interpretar o reconhecimento e as formas de organização, dos rituais, e a natureza dos conflitos que haviam nas relações sociais entre os capoeiras na república no recorte de 1890-1930 (PIRES, 2004, p. 41). Para contrapor a posição dos arquivos criminais que classificavam os praticantes como “vadios” e “desocupados”, evidenciou que os capoeiras detinham profissões e não eram vagabundos, a capoeira era usada como “prevenção” (PIRES, 2004, p. 47). Deste modo, por “cultura da capoeiragem” Pires (2004), entende as determinadas práticas e representações sociais que envolveram os capoeiras no período de 1890-1937, como “valentões”, “bambas”, as lideranças de rua que delimitavam territórios da cidade, trabalhando para os chefes políticos, foram meios de estabilidades.

Os capadócios eram como autoridades extra oficias. As relações de capangagem faziam parte do sistema político uma tradição do século XIX, que se manteve, enquanto método político central, até os anos 30 do século passado” (PIRES, 2004, p. 120). Após dois anos da extinção da escravidão no Brasil, com o advento da República, a prática da capoeira passou a ser considerada como um crime no artigo 402, instaurado pelo Código Penal Republicano em 1890. Neste contexto, a sociedade se volta para questão da modernização, isso implicaria conceber uma visão negativa sobre quaisquer valores que não convergissem com os padrões. No Pará, segundo Leal (2008), após o código de repressão em 1890, o governo ordenou uma

grande campanha de perseguição e prisão ao “capoeira/ vagabundo” e ao “capoeira/capanga”, no intuito de disciplinarização do meretrício. Paralelo a repreensão, a capoeira manteve-se impune no Pará pelo vínculo ao folguedo Boi-Bumbá e pela capangagem política.

Neste, o conhecimento da capoeira se tornaria uma questão de sobrevivência, pois os encontros entre Bois rivais eram de extrema violência. Com relação à capangagem, a documentação da época registrava algumas ocorrências semelhantes às que apareceram por ocasião da proclamação da República: capoeiras servindo de cabos eleitorais aos donos do poder (LEAL, 2008, p. 30)

Apesar da campanha de perseguição a capoeira, em Belém do Pará, a figura do capoeira nestes dois cenários destacado por Leal (2008), aos cordões de boi-bumbá e a capangagem política, em ambos, o conhecimento da capoeira tinha uma importância muito grande (LEAL, 2008, p. 152). As reflexões de Leal (2008), possibilitam pensar na diversidade da atuação da capoeira e de seus praticantes no período republicano no Pará. Embora, perseguidos pelo Código Penal, fizeram uso capoeira como um mecanismo de sobrevivência e reinvenção na participação de folguedos, driblando a legislação, operando nos âmbitos da sociedade belenense. No Pará, a capoeira e os seus praticantes assumiam características diversificadas nas duas primeiras décadas da República. Oferecendo informações sobre a prática da capoeira em folguedo como o boi-bumbá, Leal (2008), menciona:

O enredo do boi-bumbá, quase sempre o mesmo, era ensaiado com bastante antecipação por seus brincantes. O ensaio se dava em um terreno apropriado para isso, conhecido por “curral”. As apresentações eram feitas tanto no curral do boi quando em residências particulares (a encenação poderia ser encomendada, geralmente por famílias ricas). Quando a apresentação era realizada fora do curral, todos os integrantes do boi seguiam, devidamente fantasiados, pelas ruas da cidade. Até aqui tudo bem. Acontece que, quando dois grupos de bumbás se encontravam (geralmente oriundos de bairros diferentes) era inevitável a demonstração de força entre eles. Havia inclusive, um breve ritual em que o boi “invasor” pedia licença para passar. Era praxe a negação da permissão e o desafio ao rival. Após os cantos de desafio pertinentes a cada lado, um conflito físico intenso ocorrido entre os respectivos integrantes de cada boi. Era comum, após um destes encontros, que ficassem espalhados pela rua os paramentos das fantasias danificadas. Nos encontros de bumbás, os menos valentes e menos hábeis se davam mal. (LEAL, 2008, p. 178-179).

Podemos refletir diante do episódio descrito acima por Leal (2008), a importância do conhecimento e habilidade do praticante de capoeira para o manuseio do boi-bumbá, um folguedo popular onde os bairros antigos de Belém do século XIX confrontavam-se para demonstrar sua predominância e força, isso é notável quando o autor, ressalta que era comum após o confronto entre bois de distintos bairros se enfrentarem “*ficassem espalhados pela rua*

os paramentos das fantasias danificadas”. Tratava-se de uma experiência lúdica e cultural que envolvia a presença do capoeira, porém, o folguedo não expressava apenas a vida lúdica.

Nas primeiras décadas do Pará republicano, por trás desta relação havia toda uma simbologia que representava a organização e demarcação de território entre os próprios capoeiras. Aqueles envolvidos com o folguedo recebiam o título de amos de bois-bumbá, circulavam dentro dos bairros de Belém. Outro ponto importante, é a ligação habilidosa e destreza que os amos de bois faziam no uso da capoeira, como Pé-de-Bola²² e Antônio Marcelino²³, capoeiras capangas do intendente Antônio Lemos, segundo Leal (2008), “traziam em si o paradoxo da ordem e da desordem em suas atividades de capangas ligados ao poder público, hábeis capoeiras, eram lideranças de grupos de folguedos que existiam na cidade” (LEAL, 2008, p. 182). O vínculo da capoeira aos folguedos de rua não foi uma prática restrita aos paraenses, também no Rio de Janeiro, sob o contexto da República, os capoeiras participavam de festas públicas, acompanhando bandas e festejos religiosos.

Mas, o boi-bumbá no Pará, representou uma característica específica com relação ao restante do país, justamente, pelo fato de não haver outras referências de folguedos. Em Pernambuco, a participação dos capoeiristas em bandas militares mostrou como se constituíam as relações entre eles e outros setores sociais. A participação nas bandas era uma insistência a forma como eram ignorados por diversos setores da sociedade, no momento dos desfiles extrapolariam os limites de sua condição (OZANAM, 2013, p. 179). Josivaldo Pires de Oliveira (2004), menciona alguns aspectos do cotidiano dos capoeiras e a presença feminina convivendo na capoeiragem e nas ruas de Salvador no período Republicano.

No universo da capoeiragem registra-se a presença de mulheres. Seriam Cattú e Chicão mulheres capoeiras? Infelizmente, não é possível tirar determinadas conclusões. Ainda assim, é indicativo de prática de capoeiragem por “simples mulheres” o fato de elas enfrentarem, em luta corporal, homens considerados valentes e desordeiros, como foi o caso do capoeira Pedro Porreta, “vítima” de Chicão, assim como soldados do regime policial, “vítimas” de Cattú, os quais eram preparados para conter a desordem que ocorria nas ruas de Salvador (OLIVEIRA, 2004, p. 85).

Embora, segundo Oliveira (2008), não exista uma documentação que afirme que essas mulheres eram capoeiras, mas, as descrições nos documentos criminais, e as denúncias de jornais apontam as suas ações corporais, assim como a participação no universo das ruas

²² O capoeira teria sido convidado para organizar e dirigir o recém-fundado Boi Pingo-Prata. Além de amo de Boi, Pé-de-Bola comandava o cordão carnavalesco intitulado de “Cruzador Timbira” (LEAL, 2008, p. 183-184).

²³ Antônio Marcelino foi capanga de Antônio Lemos, envolvido com as práticas culturais diversas. Teria sido importado de Pernambuco. Contudo, a melhor contribuição de Antônio Marcelino para a capital paraense foi a sua influência no campo cultural. Trouxe os cordões “carnavalescos pernambucano” (LEA, 2008, p. 185).

violentas em Salvador, fazendo da prática da capoeira como uma arma de defesa nos enfrentamentos de rua seja com capoeiras ou soldados, elas construíram suas próprias formas de resistências por meio da capoeira. Diante deste contexto, grande parte dos praticantes na Salvador, eram negros e mestiços e trabalhavam na região portuária. No entanto, eram chamados de “Vadios e “desordeiros”. Nesse momento, a capoeiragem era vista como uma prática discriminada “coisa de preto”, “vadiagem” e “vagabundagem” (DIAS, 2015, p. 46).

A década de 30, no Brasil, foi um período de muitas mudanças em relação aos discursos que permeavam a sentido de representação da prática e do capoeira. O mais significativo foi em 1937, quando ela é retirada da criminalização, e tornando-se um símbolo de identidade nacional, passando a ser reconhecida como esporte. Na Bahia, a capoeira começa a ser organizar, isto é, como organização em associações, movimentos de angola e regional ou elementos que destacassem posições ou seleções, no uso de uniforme, como vimos, anteriormente na introdução deste trabalho. A capoeira não era mais uma prática de “capadocio das ruas” ou de “desordeiros”, tonou-se um número obrigatório nos festivais esportivos, seus praticantes passaram a esportistas do Brasil (OLIVEIRA, 2004, p. 127).

Inicia-se o processo pela afirmação social para legítima a capoeira enquanto um dos símbolos de identidade nacional. Segundo Dias (2015), entre a década de 30 a 80, a capoeira recebeu múltiplos significados, “esporte nacional”, “folclore”, “ cultura popular”, “ cultura afro-brasileira” (DIAS, 2015, p. 105). Mas, isso se deve alguns aspectos históricos no Brasil.

Um deles foram os resultados do II Congresso Afro-brasileiro que ocorreu especificamente, no ano de 1937, na cidade de Salvador, os intelectuais preocupados com estudos sobre a cultura negra entendiam que a ocasião do processo de legalização da capoeira junto ao processo de “preservação” e “reafricanização” que a Bahia vivenciou provocava uma ocasião profícua para discutir as temáticas negras, pois, embora houvesse o reconhecimento, mas, as práticas permaneciam marginalizadas. A presença de populares no II Congresso permitiu uma socialização entre intelectuais e os agentes culturais. O evento tomou caráter político onde eram denunciadas a forma como a cultura e os praticantes eram tratadas com racismo. Sobre o evento Josivaldo Oliveira (2004), aponta os principais objetivos da realização.

O 2º Congresso Afro-Brasileiro, realizado na capital baiana entre 11 e 20 de janeiro de 1937, tinha como pano de fundo o encontro de estudiosos que estavam de acordo com os propósitos políticos dos organizadores, assíduos defensores da cultura afro-brasileira, [...]. Assim, o espaço da cultura constituiu-se, nesse Congresso, em instrumento de denúncia da forma pela qual a sociedade baiana (e brasileira) tratava o negro e suas práticas culturais. Nesse evento agregaram-se diversos segmentos da cultura afro-brasileira, entre esses a capoeira (OLIVEIRA, 2004, p. 128).

O momento era tratado como retorno as raízes tradicionais e culturais africanas. No entanto, haviam limitações nesse processo, pois, os praticantes de capoeira ainda eram associados a figura dos “capadócios” e “desordeiro” pela classe letrada, pouco referenciavam a questão das origens afrodescendentes e sua importância na construção cultural brasileira. Desta forma, o II Congresso Afro-brasileiro assumiu uma característica política, onde os agentes culturais de várias manifestações reivindicavam o seu reconhecimento. Segundo, Edison Carneiro, o papel pioneiro em expressar na imprensa local a capoeira baiana no ano de 1936.

Os intelectuais que estavam engajados no evento citado não estavam preocupados em legitimar a perspectiva de esporte ou cultural da capoeira. De fato, os estudos produzidos na Bahia, e até mesmo estudos produzidos em outros Estados do Brasil, após este evento tendiam a escrever a capoeira também conjugada aos elementos culturais e resistência, o que possibilitou leituras posteriores a enxergarem nela os seus elementos culturais e educativos tanto é que, a maioria das produções que usei neste trabalho dialogam com alguns estudos clássicos.

A década de 30, no Brasil, foi um período de muitas mudanças em relação aos discursos que permeavam a sentido de representação da prática. Ela ganha sua liberdade, e segue a perspectiva de esporte, e começam as primeiras organizações como às lutas de ringue, os primeiros congressos afro-brasileiros (MAGALHÃES, 2012, 55). Diante dos aspectos históricos de legitimação e sua afirmação social e cultural devem ser entendidas perante as tensões que ocorreram dentro do contexto da década 30, até a representação da capoeira como Patrimônio cultura brasileiro, e posteriormente, o seu reconhecimento como uma prática que possui princípios educativos. Diante destes contextos de legitimações e representações, é preciso atentamos minuciosamente para a ação e a intervenção do Estado ao longo da história.

Na tentativa de controle desta manifestação e de seus praticantes, destacando como mecanismos algumas ações adotadas pelo Estado como medidas de controle desta prática, na realização de políticas públicas e educacionais para tentar “domesticar” a capoeira, também refletimos as articulações e formas de resistências usada pelos praticantes para contornar o lugar que foi destinado à capoeira na história do Brasil, uma história de racismo e preconceito.

Na próxima secção, procuramos refletir esse ponto de intermediação da figura do Estado e a sua relação com a capoeira nesta dissertação, pois, não procuramos adotar uma postura no qual a capoeira e seus praticantes tenham “ganho” algo do Estado, referindo ao reconhecimento de seu caráter esportivo, cultural e educativo, mas, que essas percepções foram alcançadas pelas próprias luta e ações dos praticantes, ou seja, pelos protagonistas desta cultura.

1.2 Refletindo a relação histórica entre Capoeira e Estado

Diante do contexto histórico da prática da capoeira podemos apontar em meio as leituras e autores citados anteriormente as ações e participações em que o aparelho do Estado Brasileiro esteve envolvendo a capoeira e seus praticantes. Carlos Soares (1993), evidencia, que no período entre 1850 e 1890, diversas vezes, a polícia e o Estado tentavam tirar das ruas do Rio de Janeiro as maltas de capoeira por meio dos códigos de posturas municipais, sem conseguir obter sucesso, os capoeiras cariocas souberam criar estratégias para driblar e neutralizar a ação policial, neste momento a prática era considerada um delito ou uma espécie de infração, apenas passando a ser qualificada como crime com advento da República em 1890.

Diante das considerações de Carlos Soares (1993), consegui detectar alguns desses mecanismo utilizado pelos capoeiras, foi justamente, fazer parte da Guarda Nacional e da própria polícia, o que iniciou uma relação paradoxal e próxima entre capoeiras e policiais, outro fator está na participação compulsório dos capoeiras na Guerra do Paraguai (1864-1870), obrigatoriedade era para dar ocupação aos sujeitos ditos “desocupados” e “vadios” que encontravam-se dispersos pelas ruas da Corte, porém, a ação foi inversa, os capoeiras, voltaram para casa como heróis de guerra e continuavam exercer influência nas ruas do Rio de Janeiro.

Marques (2012), buscou evidenciar a construção de estereótipos referente aos praticantes de capoeira, apontando como aconteceram algumas negociações de sociabilidades entre os capoeiras na cidade de Pernambuco e as medidas normativas estabelecidas pelo Estado para acabar com a prática, nos fins do século XIX e início do XX, não apenas a utilização da capoeira contra os agentes da ordem ou para acertar diferenças no cotidiano dos grupos mais pobres da população, segundo as percepções de Marques (2012), c[existia a rede de negociação entre o capoeirista, a polícia e o política, entre o fim do império e as primeiras décadas republicanas na historiografia recifense como capoeiragem.

Neste sentido, a capoeiragem não seria apenas a prática da capoeira enquanto atividade, mas, segundo as percepções de Marques, permeavam por um conceito histórico (MARQUES, 2012, p. 49). A medida que a prática se associava aos diversos âmbitos sociais, políticos e culturais vivenciados no final do século XIX, crescia também as suas áreas de atuações, e pessoas envolvidas, segundo Soares (1993), por meio da capoeira, negros e mestiços buscaram mecanismos de participação política, tanto na dimensão do cotidiano, quanto na abolição ou a mudança de regime político. Mas, também havia um esforço para tentar controlar a população livre e escrava, por meio de códigos de posturas, muitas cidades possuíam, em salvador, Rio de Janeiro, em Belém do Pará e no Recife.

No Pará, os códigos, tinham como intuito disciplinar diversos aspectos do comportamento coletivo, aqueles que não se enquadravam no modelo da *Belle Époque* paraense, no que diz respeito, aos benefícios da borracha proporcionado a cidade de Belém do Pará (LEAL, 2008, p. 33). Estudos anteriores, apontam que a maior predominância no século XIX até 1888, era uma atividade praticada apenas por escravos, no entanto, segundo estudo de Leal (2008) e Carlos Soares (1993), apontam que ela estava sendo praticada por outros grupos.

Seria nesse momento que alguns dos objetos, como facas, navalhas e cacetes passariam a ser associados com os capoeiras. Sabe-se que muitas dessas características foram herdadas ou constituídas a partir do contato entre culturas marginais diversas (como no caso do uso de cacetes e navalhas entre os fadistas portugueses, cuja utilização se estendeu até o Brasil (LEAL, 2008, p. 18).

De fato, a sociedade brasileira e a economia estava também passando por transformações, o processo de abolição da escravidão em 1888, e a intensa introdução de imigrantes estrangeiros no Brasil, no intuito de suprir a necessidade da mão de obra escrava, a política, assim como o cenário social principalmente, a vida do negro recém liberto das amarras da escravidão. “O capitalismo nacional, desse momento histórico não gerou empregos suficientes para absorver a mão-de-obra disponível e a indústria se implantava sob o escudo da desnacionalização” (SALLES, 2004, p. 124). Foi quando surgiram as primeiras teses eugenistas sobre a ação da política de branqueamento no Brasil na metade do século XIX.

No incentivo a imigração dos europeus para resolver dois problemas. O primeiro ligado a falta de mão de obra compulsória, com a abolição da escravatura, e também ao processo racial no Brasil, a vinda de imigrantes (italianos, portugueses), europeus proporcionaria um processo de miscigenação. Esta ideologia ganhou folego com o racismo científico empregado pelo Darwinismo Social, colocava-se na perspectiva de no Brasil, o negro por sua força e quantidade, o país herdaria suas características genéticas e culturais. Sem status de escravo ou de cidadão, os ex-escravos ficaram à mercê de toda a sorte das arbitrariedades, pois, neste momento, as decisões em relação a repressão eram tomadas como base nos códigos de posturas.

A esse respeito a historiografia da escravidão nos aponta um pouco sobre as formas de resistências das culturas afro-brasileira e dos seus praticantes. No cenário do pós-abolição, o negro liberto não teria espaço para suas manifestações. Eles foram inseridos no meio rural, outros ainda permaneceram na cidade ocupando os bairros periféricos buscando novos espaço que permitissem minimizar não só o desenraizamento, como também a condição de exclusão pretendida pelos projetos modernizantes” (WISSENBAACH, 2012, p.60). Manuela da Cunha (2001), ao problematizar o sentido de liberdade adquirido pelo escravo liberto, mostra que

apesar de conseguir sua liberdade, permanecia aprisionado pelas restrições do Estado como os códigos de postura. Recém libertos pela abolição não conseguiam se encaixar no meio social, pois eram excluídos pelos setores que manipulavam a estabilidade econômica, política e social.

Levando em consideração que a restrição não abrangia apenas os setores econômicos e sociais, mas, atingia também as suas manifestações culturais, o Brasil precisava de “formas de sujeição ideológica e formas de coerção política para serem postas em prática” (CUNHA, 2001, p.126). Estado havia garantido a liberdade do negro escravizado através da abolição da escravatura, por outro lado, negava a oportunidade de sobreviver dentro da sociedade, impedindo-o de desfrutar os direitos como homem livre. No entanto, como vimos anteriormente os negros criaram seus próprios artifícios e resistência, por exemplo, no uso da capangagem política, envolvia-se em conflitos políticos que emergiam com advento da República entre conservadores e republicanos como estratégia para permear âmbitos que eram excluídos.

Diante do contexto de pós-abolição, a população liberta vai para a periferia dos centros urbanos, ou ainda se voltam para o meio rural. Salvo o caso da cidade de Salvador-BA, a situação foi inversa. Segundo Josivaldo Oliveira (2004), o deslocamento populacional na cidade de Salvador tomou um efeito peculiar diante das outras periferias. “Na Salvador as mudanças da população concentraram-se no centro da cidade, o que acarretou preocupações por parte das autoridades, resultando a criação de políticas e controle social que objetivam disciplina os costumes, e civilizar a cidade (OLIVEIRA, 2004, p. 11). Diante dos aspectos do processo histórico de legitimação o Estado criou instituições como o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Brasileiro (IPHAN), buscando valorizar esta prática como folclore brasileiro.

Para Simplício (2015), e Dias (2015), e até mesmo o posicionamentos de capoeiras antigos, na Bahia, trazem em meio aos seus argumentos uma certa desconfiança com relação a postura do Estado, no que diz respeito, as tentativas de controle das ações culturais, principalmente, as de matrizes africana, para seu benefício financeiro através de atividades turísticas na Bahia na década de 80. Para Dias (2015), a ação teve um duplo sentido:

A capoeira é eleita enquanto um dos símbolos da identidade brasileira. Porém, isto é, importante ressaltar, não era qualquer capoeira. Foi a capoeira baiana- notadamente a dos mestres Bimba e Patinha, enquanto o resto do Brasil a capoeira não era assistida a essa política de identidade, mas ainda permanecia como uma prática marginalizada. A capoeira praticada por esses dois mestres estavam em processo de remodelagem, passavam por um processo de incorporação de ritos e disciplinas que vão dar contorno a sua formalidade (DIAS, 2015, p. 107).

Se até a década de 30, as capoeiras eram consideradas “vadios” e “desordeiros”, depois passaram a serem reconhecidos como grandes mestres de cultura popular, sendo que prática foi

criminalizada em 1890, e se transformou em um dos maiores símbolos da identidade nacional. (DIAS, 2014, p. 116). Referindo-se ao ano de 1930, Adriana Dias (2015)²⁴, ressalta que em Salvador, a capoeira tinha distintos significados, pois, ainda permeava entre conflito e a brincadeira, mas revelar-se como luta em diversas situações e também como entretenimento da população (DIAS, 2015, p. 46). Neste contexto, o discurso do “mito da democracia racial” começa a ser exaltado (Roberto Da Matta, 1897). Na valorização do discurso de que o Brasil vivia uma verdadeira “democracia racial”, por trás havia tentativas de esconder um país racista e com alto grau de desigualdade social. O mito serviu para amenizar os conflitos sociais e políticos que o Brasil enfrentava em virtude das consequências de seu passado escravocrata.

Para Pedro Abib, o estigma da “descaracterização” vinculado a capoeira regional é considerado equivocado hoje em dia, pois, a figura do mestre Bimba, revela-se como um grande estrategista. “Ele foi responsável, antes de tudo, por uma recriação importante no universo das manifestações afro-brasileiras, materializado pela sua capoeira regional ” (ABIB, 2004, p. 111). No entanto, é inegável que as “tentativas de manipulações políticas criadas pelo Estado Novo. Acabou colaborando para transformar a capoeira em objeto de consumo, via folclorização” (LEAL, 2008, p. 19). Adriana Dias (2015), ressaltar que neste contexto, “não era qualquer capoeira” que estava inserida na política de valorização do Estado Novo.

Mas, sim, a capoeira baiana, onde passava pelo processo de “remodelagem” e incorporação de ritos, surgindo as academias de capoeira, uso de uniformes, carteirinhas e sistemas de classificações. (DIAS, 2015, p. 107). Onde ela estava criando status de esporte e valorizada como tal, pelas iniciativas dos capoeiras que cada vez mais tentavam se afastar do estigma da criminalização, e o Estado, por meio do Governo Vargas estava em pleno favor para dar assistência e reconhecimento a capoeira como símbolo esportivo no Brasil.

Em Salvador, foram criadas as primeiras academias de capoeira, e assim após a organização dos “movimentos da capoeira”, ela foi expandindo por diferentes setores sociais, despertando interesse de jornalistas, artistas transformando esse momento em um verdadeiro atrativo artístico da capital baiana. No começo do século XXI, o Governo Federal, desenvolveu algumas políticas públicas de apoio à preservação e difusão da capoeira que culminou no seu reconhecimento enquanto Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil em 15 de julho de 2008.

A respeito os autores Oliveira e Leal (2009), mencionam que o reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural brasileiro teve pouco espaço na mídia para a divulgação ou

²⁴DIAS, Adriana Abert. Trajetória da capoeira baiana: do mundo das ruas a símbolo da identidade nacional IN: FREITAS, Miranda Joseania (Org) Uma coleção bibliográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-brasileiro da UFBA. Salvador: Editora da UDFRA, 2015. p. 105-117.

debate acerca do peso desta legitimação, uma vez que, os mesmos responsáveis (Estado) que legitimavam o momento com o tombamento desta manifestação, haviam no século anterior, perseguido e criminalizado a prática. Deste modo, os autores, enfatizam que “sequer foi possível conhecer, salvo de modo panorâmico, o percurso da luta dos seus praticantes para atingir o tão aclamado reconhecimento da arte-luta como patrimônio cultural brasileiro” (OLIVEIRA & LEAL, 2008, p. 44).

Outros intelectuais também lançam críticas em direção ao Estado pelo processo de patrimonização um deles é a autora Francine Simplício (2016), alerta os seus leitores sobre o “processo de domesticação” dos aspectos da cultura popular pelas ações públicas, podem esvaziar o sentido de transgressão, insubordinação, subversão e autonomia que essa manifestação incorpora, facilitando, dessa forma, o seu controle (SIMPLICIO, 2016, p. 87). Embora, as legitimações mencionadas, em favor da capoeira, estejam vinculadas a fala do Estado, que por sua vez, coloca-se como o verdadeiro doador ou aquele que “concedeu” a capoeira o direito de torna-se patrimônio e portadora de educação.

Vimos diante da historiografia da prática da capoeira, que as ações envolvendo principalmente os registros oficiais apontam são também resultado de lutas sociais promovidas, sobretudo, pela própria participação dos capoeiristas, que envolvidos nos cenários culturais, sociais e políticos dos séculos XIX-XX, contribuíram com suas formas e articulações de resistências para o reconhecimento desta manifestação que por séculos permaneceu na marginalidade, criminalizada e silenciada. A esse respeito, Francine Simplício (2016)²⁵ enfatiza que por um lado, se hoje há o reconhecimento do Estado para uma crescente valorização da cultura, no entanto, no período populista e autoritarista no Brasil, saberes da cultura popular são tomados como ignorância, ora como saber autêntico, ora como atraso, ora como fonte de emancipação, mas sempre nesse jogo de ambiguidade (SIMPLÍCIO, 2016, p. 89).

A capoeira conseguiu se expandir, caracterizada até mesmo como uma prática globalizada. Com o processo de legalização, após a década de 30, logo cresceu o interesse também por parte dos intelectuais estrangeiros. Atualmente, a capoeira se tornou reconhecida, nacionalmente e internacionalmente como esporte, cultura, herança africana, educação e cidadania ou ainda como instrumento de conscientização, no entanto, não podemos esquecer do seu passado, no qual a capoeira foi criminalizada durante 1890-1937, sendo severamente combatida e reprimida durante a formação da sociedade brasileira.

²⁵SIMPLÍCIO, Franciane. Capoeira e Transmissão de Saberes. In: LIBERAC, Antônio. SIMPLÍCIO, Franciane. MAGALHÃES, Paulo. ABREU, Sara (Org.) “*Capoeira em Múltiplos Olhares: estudos e pesquisa em jogo*”. Salvador-BA, Editora UFBA – Coleção UNIAFRO, 2016, p. 85-97.

Diante dos contextos de políticas governamentais do século XXI, O Art. 216 Legislativo da Constituição Federal, procurou conceitua a capoeira como patrimônio cultural-artístico brasileiro, também temos o Projeto de Lei do Senado nº 17, de 2014, para refletir como ações governamentais tentam controlar esta manifestação cultural, onde encontramos o oficial reconhecimento do caráter educacional da capoeira segundo as suas perceptivas culturais e esportivas, realizando parcerias com os estabelecimentos de ensino formal (SENADO FEDERAL, Projeto de Lei do Senado nº 17, de 2014). O reconhecimento possibilitou um diálogo entre as instituições de ensino formal e os grupos e associações de capoeira no Brasil.

Deste modo, passando a ser entendida também pela perspectiva educacional. Elemento que integra, isto é, contribui no processo de inclusão de diferentes sujeitos culturais e físicos por meio desta prática cultural de Matriz africana. Porém, deve-se lembrar que a capoeira não adquiriu sentido educação apenas como reconhecimento deste projeto de lei, ou passou a ser vista, apenas agora como portadora de princípios educativo, deve-se ressaltar, mediante as discussões historiográfica que realizamos na seção anterior, onde podemos entender que já existiam na capoeira de outrora, princípios educativos, é claro, devido ao contexto histórico de escravidão, repressão e criminalização, os conhecimentos corporais e ancestrais ligados a prática eram voltados para as ações de sobrevivência dos capoeiras.

O diálogo entre a escolar e capoeira, não teve início apenas com o legislativo da Lei do Senado nº 17, de 2014. Mas com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as leis de Diretrizes e Bases Nacional (LDB), já sinalizava de alguma forma uma abordagem para compreender a capoeira como um tema transversal. Com a iniciativa de construir nas escolas brasileira uma perspectiva de multiculturalismo que preze o respeito e a interação entre os distintos sujeitos (CARDOSO. 2015, p. 31). Por isso, optou-se neste capítulo, apontar por meio de referenciais historiográficas as ressignificações e representações que a prática da capoeira passou, justamente, para compreendê-la em diferentes contextos históricos e regionais.

Passando a ser entendida também pela perspectiva educacional. Elemento que integra, isto é, contribui no processo de inclusão de diferentes sujeitos por meio desta prática, e neste ponto, que a pesquisa procura caminhar suas discussões e análises, atentando para a forma como as ações da capoeira e seus praticantes estão sendo intermediada pelas ações políticas educacionais dentro das escolas, e indispensável nesta análise atentar para o lugar que a capoeira teve e possui diante das ações do Estado. Mas, antes apontaremos a seguir, conforme a estrutura deste trabalho, a apresentar também a construção da narrativa sobre a memória da capoeira em Cametá, justamente, para compreender na sua historicidade os seus princípios de educação, sociais e políticos que os capoeiristas cametaense vivenciaram na década de 80.

1.3 “ Os Guardiões da Memória”: A Capoeira em Cametá-PA

Capoeirista não para ele dá um tempo. Vivi um dia após o outro, pois hoje você joga capoeira, mas amanhã você não sabe o que o mundo aguardou pra você. Mas, ninguém vai tirar de mim o que aprendi. A cabeça fica sentida, eu sinto por não jogar, e não posso jogar, pois tenho fraturas e vivo a peso de remédios. O corpo não permiti eu voltar, mas a memória é uma das coisas que guardo comigo e para aqueles que querem saber. Eu toco berimbau e quero voltar. Mas, como eu vou voltar? Se meu corpo não dá conta mais. Antes, eu, o capoeirista que praticava junto com seis alunos ao menos tempo, e hoje em dia não dou conta. Sinto falta do chão! (SANTOS, Benedito de Oliveira. Entrevista com o mestre de obra pública – Benedito de Oliveira Santos – (48 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte/ASSOCASE. 16 de janeiro 2017).

O trecho inicial é uma narrativa do entrevistado Benedito de Oliveira Santos um dos protagonistas que vivenciou o contexto de iniciação da prática da capoeira no cenário cametaense durante as décadas 1986-1993. A citação acima contendo sua narrativa foi escolhido propositalmente para abertura neste tópico, pois, nele concentra-se algumas informações que são importantes a respeito da forma como procurei abordar a memória e experiências dos entrevistados diante da escrita deste trabalho.

Uma delas é a compreensão de que ativos ou não, na prática, o significado de ser capoeirista está muito além disso, está no sentido de reconhecimento e pertencimento ao grupo que ele vivenciou sua experiência por meio da socialização de códigos e aprendizados. Diante da concepção do entrevistado, o capoeirista não consegue parar definitivamente mesmo impossibilitado suas memórias e suas experiências o fazem lembrar da sua identificação, e quando necessárias ele é capaz de fazê-las emergir. Assim, o seu lugar na capoeira atualmente reserva-se a função de guardião da memória da capoeira, transmitir e manter vivo os conhecimentos e experiências sociais vivenciadas ao longo de sua trajetória na capoeira.

Dois elementos aprecem agregados no trecho da sua narrativa que foram fundamentais para apreender as demais oralidades que compõem este trabalho. A memória como um fio condutor dos registros selecionados conforme o interesse de quem narra, possibilitou caminhamos no universo da trajetória e imaginário da capoeira em Cametá. Considerando a memória uma busca pela identificação do passado, aquele que narra não deixar de ser entendida como afirmação de uma *identidade* individual ou coletiva dos sujeitos que anseiam para conta suas experiências e relações passadas (LE GOFF, 2012, p.455).

A memória na capoeira está relacionada diretamente com oralidade, ambos os elementos ocupam um espaço muito importante e específico no universo da capoeira e da cultura popular, seus praticantes tendem a ter essa qualidade de maneira singular, pois, a forma

de registro não é o escrito de suas tradições, elas se mantêm basicamente na capacidade de registrar na memória “ toda a bagagem cultural”, transmitida de geração em geração, no seio do seu grupo social (ABIB, 2004, p. 51). Neste sentido a História Oral, junto a técnica de entrevista, ocupam um papel importante na tentativa de reconstrução de alguns episódios importantes na trajetória da capoeira no município de Cametá, no Pará.

Foi o modo pelo qual buscou-se entender as relações sociais, educacionais e culturais que os capoeiristas tiveram pelo contato inicial com essa manifestação afro-brasileira a partir da década de 80. Procurei trançar uma linearidade nas narrativas fazendo uma mediação entre os que vivenciaram de fato a prática da capoeira no sentido de organização de grupos e coletivos, treinos e rodas, ressaltando suas características e contextos sociais, os quais estavam inseridos na sociedade cametaense, e aqueles que ouviram falar a respeito do processo de consolidação da capoeira, justamente, para entender as representações que capoeira de outrora ocupada também no imaginário e discursos dos “capoeiristas da nova geração” (1998-2017).

Diante da responsabilidade que se pretende aqui, ressalto duas coisas importante, antes de adentrarmos nas memórias e experiências destes personagens. A primeira está relaciona a metodologia, não é a pretensão deste estudo fazer uma história totalizante a partir das narrativas dos capoeiristas entrevistados, e tão pouco provar uma verdade absoluta sobre o que eles vivenciaram (THOMPSON, 1992, p. 38). Pois, entende-se que a memória como propriedade que se propõem a conservar certas informações, segundo Jacques Le Goff, “remete-nos em primeiro um conjunto de funções psíquicas os quais o homem pode atualizar suas informações passadas, ou o que ele representa como passada” (LE GOFF, 2012, p. 405).

Deste modo, sendo uma função do mecanismo humano a memória está sujeita a falhas como: o silenciamento, esquecimento voluntário ou não, e as contradições. Por isso, que não se trata da reconstituição da realidade propriamente dita, entretanto, o que se apresenta nas narrativas a seguir são uma das representações da realidade vivenciadas pelos interlocutores deste trabalho. Primeiro caminho que realizei aqui foi justamente conhecer quem eram os capoeiristas que vivenciaram a prática na década de 1980-1990. Por intermédio da indicação dos próprios capoeirista da ASSOCASE, e outros grupos, que encontrei alguns destes personagens que estavam de passagem pela cidade, outros como mencionei na metodologia apenas consegui entrevista-los meio de ligações telefônicas.

A primeira oralidade que organizei para a cronologia desta narrativa histórica foi destacar a do capoeirista Benedito de Oliveira Santos, e atualmente mestre de obra pública, natural paraense, nascido na cidade de Cametá, onde não reside mais, mora em Belém do Pará, no entanto, sua família materna ainda residi nesta cidade, o guardião memorialista, a escolha

por incitar com sua narrativa deva-se pelas seguintes revelações em sua narrativa, onde o mesmo afirma-se como um dos precursores que trouxe a capoeira para o município de Cametá.

Foi por necessidade, comecei capoeira em 86. Autodefesa mesmo. Aqui em Cametá tinha muito problemas, pois as pessoas que moravam no subúrbio não podiam frequentar certos bairros da cidade, passa em bairros de gente que tinha dinheiro não deixavam você passar porque era pobre. Antigamente não frequentávamos festas em sedes, não porque éramos capoeiras, mas porque a gente era pobre e negro. Chegava na porta mesmo você tendo dinheiro não deixavam, pois, a gente era pobre e negro. Quem iniciou aqui a capoeira foi comigo, eu vim de Belém, como eu viajava muito e aprendi. Meu mestre foi o Jorge, foi morto em outeiro, ele morreu aos 49 anos. Foi um dia a gente foi pra festa de Iemanjá em outeiro, a gente foi fazer uma roda ficamos de nos encontrar na sede do remanso, ficava perto das pedras, e ele chegou cedo, e desceu, e em vez dele ir pra lá onde estávamos, ele foi direito pra praia do amor porque era onde a roda ia acontece. Acho que ele foi ver se já tinha gente por lá, aí um cara assaltou ele de mão armada e atirou nele. Mas, não aprendi capoeira aqui em Cametá não, comecei em Belém, e depois vim pra Cametá. Só que como eu viajava muito passei a conhecer pessoas, e uma dessas foi um amigo meu chamado akê era também capoeira e também praticava o kung fu, entendeu! Aí ele me apresentou um mestre de capoeira, que era amigo dele, era o serpente negra, e ele era preto, preto. Ai ele, me disse: “- Olha quero te ensinar um negócio aí, vê se tu aprende! ”. Ele veio me ensinar a capoeira, e os movimentos eram rápidos, pensei é uma boa né, e fui treinar com ele, eu treinava em praias com ele, era em outeiro e Icoaraci, a gente chegava no local, na praia ou na casa dele na pedreira, aí ele ia me ensinando, eu conseguir aprender um pouco com o meu mestre, todo sistema que é de roda, por exemplo, colocar o berimbau em uma roda, sempre do lado que o sol nasce. Quando uma roda inicia você não abaixa o berimbau no chão, depois que se fecha a roda a roda não se toca mais no berimbau. O berimbau é uma das coisas mais sagrada dentro da roda. Nesses fundamentos muitas pessoas não se lembram, eles passam capoeira mais não passam fundamento daqueles antigos. Sempre os jogadores têm que saudar o berimbau antes do jogo. Essa era umas regras que meu mestre me passou, ele fala que praticar capoeira é uma arte, que só quem gosta mesmo faz. Eu podia tá onde tivesse uma roda de capoeira eu ia ver, é claro, eu primeiro ia ver que roda era essa e de quem eu pra eu participar, pois tinha muita diferença, se você fosse de grupo estranho, e não tivesse parceiro, todos na roda iam querer espancar você. Hoje em dia a gente é convidado a participar antes não, a gente tinha que pedir para entrar na roda, mesmo sendo o capoeirista que fosse tinha que pedir para entrar. Depois, como eu ficava indo e vindo para Cametá, e voltando, achei uns alunos aqui em Cametá pra treinar, nessa época eu estava com 16 anos, aí com 17 anos (SANTOS, Benedito de Oliveira. Entrevista com o mestre de obra pública – Benedito de Oliveira Santos – (48 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte/ASSOCASE. 16 de janeiro 2017).

Seu Benedito de Oliveira, filho de pais cametaenses, durante sua infância e adolescência residiu na Travessa Enéias Martins, no bairro da Marambaia na cidade Cametá. Quando o entrevistei estava apenas de passagem pela cidade. A narrativa que apresento inicialmente nesta seção, pertence a ele, onde demonstra as suas angústias por não poder praticar e ensinar capoeira por problemas de saúde, no entanto, isso não significa que ele não se identifique como capoeirista, uma vez que, suas memórias o fazem lembrar e o tornam o “guardião da memória”. No que diz respeito ao reconhecimento de quem iniciou a capoeira em Cametá, é um assunto muito polêmico entre os próprios capoeiristas cametaense, pois, assumir

tal reponsabilidade traz consigo um duplo peso o reconhecimento como precursor da ancestralidade e também a reverencia dos demais capoeiristas a quem trouxe à prática.

Nas comunidades coletivas há sempre uma figura fundamental, responsável pelos processos educativos envolvendo quem ensina e quem aprender. No universo da capoeira e seus processos de ensino aprendizagem a figura do mestre apresenta-se como mediador e o aprendiz aquele que recebe os ensinamentos, o aprendizado acontece de forma coletiva, um acordo mútuo, ambos exercem um papel fundamental na preservação e transmissão dos saberes que organizam a vida social, os quais pertencem caracterizando assim, a oralidade como forma privilegiada dessa transmissão (ABIB, 2014, p. 80). Deste modo, o respeito ao passado e a quem tem o conhecimento é um dos fundamentos que constituem a formação do capoeiristas.

Deste modo, ao afirmar-se como quem trouxe a capoeira, seu Benedito informa que não aprendeu a capoeira em Cametá, mas foi conhecê-la apenas em Belém em uma das suas diversas viagens como menciona em sua narrativa, por intermédio de um amigo que o apresentou ao homem chamado Jorge, o entrevistado identifica como sendo seu Mestre, o Serpente Negra, foi quem o iniciou na prática da capoeira. No decorrer da sua narrativa ele acaba passando algumas informações importante com relação aos espaços que a capoeira ocupava e participava em Belém durante a década de 80. Apresentando os lugares onde os treinos de capoeira aconteciam junto ao seu Mestre e os demais capoeiristas, citando as regiões praianas como Outeiro e Icoaraci e também espaços na cidade como a Praça da República.

Outro âmbito que merece destaque aqui, são as outras formas de relações que a capoeira e os capoeiristas estabelecem com outros grupos culturais de origem afro-brasileira, por exemplo, a participação de seu grupo ou coletivo de capoeiras na festividade de Iemanjá em Belém na década de 80, quando menciona o episódio de falecimento de seu Mestre Serpente Negra, o entrevistado acaba revelando outros caminhos que a capoeira permeava e socializava suas atividades na capital do Pará. Após, aprender a capoeira, o mesmo menciona que voltou a cidade Cametá, trazendo consigo o que havia aprendido durante a sua formação como capoeiristas, como mencionado na narrativa, identificava a prática não apenas como uma arte marcial, embora, enfatize autodefesa como essencial ao sentido de ter aprendido capoeira.

Mas, demonstra também conhecimentos de fundamentos de roda os quais o entrevistado faz questão de falar em sua narrativa, como por exemplo, a ritualidade que a capoeira possui com relação ao iniciar do jogo e principalmente a postura do capoeira na roda de capoeira em grupos desconhecidos. Aparentemente o estilo de jogo, o qual o seu Benedito se refere em sua experiência possui características com o jogo da Capoeira Regional.

O falecimento do seu mestre, marca um divisor de momentos para o entrevistado, que decidi voltar para Cametá, e começa a organizar um pequeno grupo de alunos para socializar seus conhecimentos da capoeira com outras pessoas. Os motivos que o incentivaram a sua inserção na capoeira, e o que significava para ele, é apontado na sua narrativa como uma forma de resistência e defesa pessoal frente a discriminação social que sofreu durante toda sua adolescência na cidade de Cametá por ser negro e de família humilde.

A sobrevivência no meio social para os jovens cametaense que eram marginalizados socialmente, era difícil, na narrativa do capoeirista Benedito, mesmo diante da tentativa de inserir dentro dos acontecimentos sociais como eventos e festas a discriminação racial e econômica era colocada como impedimentos para permear os âmbitos sociais e culturais.

Podemos apreender um pouco das relações de exclusões que existiam durante a adolescência do capoeirista Benedito na década 80 na cidade de Cametá.

Tudo que eu passei na minha vida aqui em Cametá, eu era muito perseguido. Se eu saísse de casa para a festa ou qualquer outro tipo de lazer a polícia sempre estava perseguindo. Por ser negro, por ser capoeira olhavam pra mim como vagabundo. Só que toda vez que me levam pra delegacia por tentar entra nas festas da elite sempre alguém da alta vinha me tirar, minhas amizades com o Olivaldo dos Prazeres, eu trabalhei pra ele uns 12 anos, ele tinha um maior aparelho de som da cidade, e eu era segurança desse aparelho, era um homem muito importante aqui em Cametá. Também trabalhei um bom tempo no fórum, durante um bom tempo, vigiando chácara para gente que tinha dinheiro aqui em Cametá na época. Como a gente sabia arte marcial e a capoeira a juíza, na época a Doutora Bernadete, chamou a gente no fórum e pediu para trabalhos nas festas como fiscais de segurança. Hoje em dia Cametá mudou muito, naquele tempo o colégio que estudávamos acolhessem a gente para dar aula como hoje fazem. No meu tempo a gente não levava capoeira pra escola, e se a gente comesse algo de capoeira ou movimentações a gente era detido pela direção da escola. Enquanto na praça jogando a gente era apreendido porque a gente tava vagabundando na cidade (SANTOS, Benedito de Oliveira. Entrevista com o mestre de obra pública – Benedito de Oliveira Santos – (48 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte/ASSOCASE. 16 de janeiro 2017).

A narrativa do capoeirista nos revela denúncias sobre de como era tratado em meio a sociedade cametaense de forma excludente, apontando como um dos motivos por ser negro e capoeira, no entanto, cabe evidenciar que a característica “vagabundo” está diretamente associado a questão do universo da capoeira e não ter retorno financeiro ou ocupação. Historicamente, os registros oficiais do século XIX-XX, apontavam pratica da capoeira associado ao mundo das ruas, praticada por sujeitos vadios, desordeiros e capadócios, eram vistos de modo pejorativo, e reprimidos e criminalizados. Para a imprensa no Pará republicano, o capoeira era a “escória” de “vagabundos”, “desordeiros” (LEAL, 2008, p. 96).

A percepção entono da prática como vadiagem também era percebida pelo capoeirista, a situação se agravava justamente pela questão aberta sobre preconceito de cor. Ao mencionar

que toda vez que o prendiam por tentar entrar nas sedes de festas ou outros eventos, quando estava detido sempre *“alguém da alta vinha me tirar, minhas amizades,”* ou ainda, o episódio em que é chamado no fórum e designando ao trabalho de segurança nas festas e eventos em Cametá no Pará, devido seu conhecimento pela sua arte marcial, a capoeira. São episódios como esses que atentamos para os momentos da construção e formas de articulações sociais que a figura do capoeira estava presente na sociedade cametaenses.

Segundo informações do museu histórico de Cametá-PA, Raimundo Penaforte, a década de 80, na cidade Cametá, nem todas as vias públicas eram asfaltadas, as principais ruas ficavam localizadas no centro da cidade, na entrada da cidade, entre elas, as que ficavam perto das praças públicas da cidade (Jardim dos Artistas, Praça dos Notáveis e Praça das Bandeiras), as demais eram consideradas ruas da periféricas. Uma marca interessante na cidade em relação ao seu planejamento é o fato dela está pronta para recebe o que vem de fora, a maior parte das cidades tradicionais e ribeirinhas que tiveram comercio portuário, como no caso de Cametá, mostram-se como regiões fortemente urbanizada áreas portuárias.

Entretanto, a paisagem tona-se diferente após o crescimento populacional e as novas áreas de residências causam contraste com as ruas que ficam perto da orla na década 80, neste momento, a as festas e eventos eram produzidos pela elite política de Cametá, ou mesmo pelas famílias tradicionais, o lugar da cultura negra e pericialmente dos seus sujeitos ficou destinado silenciamento. Diante deste contexto local, temos como referencias Augusto Leal e Cássia Arnoud de Souza (2014)²⁶, buscaram compreender como foi construída a identidade Tocantina pelo olhar da literatura cametaense, da oralidade e memória, em meio as suas discussões observei para as ações das elite cametaense da década de 1985- 2009, que são referenciadas pela literatura como ponto principal enquanto a participação de outros setores eram silenciados

A história do município de Cametá tem sido narrativa de uma elite branca de famílias de tradicionais como Parijós, Mendonça, Peres dentre outras ligadas a economia e a política local (LEAL & ARNOULD, 2014, p. 11). Diante deste contexto social, tornava-se difícil a circulação e mesmo o desenvolvimento da prática em locais públicos, uma vez quem, estes espaços eram destinados também aos lazeres das camadas elitista e tradicionais de cametá. Isso pode ser percebido quando o capoeirista entrevistado, faz uma comparação em relação a autonomia que os capoeiristas possuem hoje nos espaços escolares, e sua atuação na sociedade

²⁶ LEAL, Luiz Augusto Pinheiro; SOUZA, Cássia Cristi Arnoud. **Memória e História cametaense: os olhares sobre a identidade Tocantina**. IV Congresso Sergipano de História & IV Encontro Estadual de História da ANPUH/SE. (21-24), outubro, 2014.

cametaense, quando ele menciona que na sua época se algo acontecesse igual, a repressão a prática aconteceria por meio da expulsão do local, assim como não podiam praticar a capoeira na praça pública porque a polícia pensava que era aglomeração de “vagabundos sem ocupação”.

Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Diante das narrativas de seu Bendito, não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo que está inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não. Mas, essencial a identidade.

O discurso de quem trouxe para Cametá a experiência da capoeira ainda sim é compreendido de uma forma bastante complexa dentro da narrativa dos capoeiristas, diante disso, outro importante protagonista que vivenciou o recorte temporal da memória da capoeira em Cametá apresenta as suas memórias e as narrativas, o capoeirista Hildo Moreira dos Prazeres, ele também encontrou a capoeira fora da cidade, e teve sua formação não em Belém, mas, em Abaetetuba, trazendo algumas informações importante sobre a sua primeira formação.

Foi no ano de 1986 até 1988 eu fiquei em Cametá e me envolvi com a capoeira quem participava comigo nós treino era o Enéias, o Sapo (Moises), e o irmão do Boi (Benedito). Em 1981 eu sair de Cametá e fui pra Abaetetuba chegando lá e comecei a fazer capoeira com o pessoal da Senzala, o nome do Mestre que puxa treino pra gente lá era Xandrico. A gente criou um grupo de capoeira chamado Zumbi Rei, aí em Cametá, nossos treinos costumavam ser lá no aeroporto, eu lembro que a gente limpava área pra treinar e fazíamos nossos treinos lá, só que não fazíamos capoeira fazíamos também outras artes marciais. Eu treino em Cametá um período curto porque logo tive que viajar, mas alguns de lá já conheciam a capoeira um pouco do movimento como Sapo o Benedito. Nós só se reuníamos mesmo pra treinar valendo mesmo tipo treino pesado de correr, se bater, derrubar uns e outros, era uma época boa uma violência de disputa entre amigos (PRAZERES, Hildo Moreira – autônomo. Entrevistado: por meio de ligação de telefone. 26 de janeiro de 2018).

A entrevista realizada com Hildo Moreira dos Prazeres foi por intermédio do uso de telefone, pois, o mesmo não reside em Cametá desde de 1998, quando mudou-se definitivamente para Abaetetuba, uma cidade que fica 555 km do município de Cametá. Durante a sua infância Hildo morou no interior de Cametá, na vila Itanduba. Depois, aos 15 anos veio para a cidade de Cametá junto com seus três irmãos entre eles, o senhor Cid, também capoeirista que vivenciou a capoeira anos posteriores após a partida do seu irmão mais velho. Atualmente, Hildo encontra-se desempregado, mas, realiza o que ele chama de “bicos” para sobreviver, reside com a sua família em Abaetetuba está afastado da capoeira, mas, traz suas memórias detalhes importantes sobre a sua formação na capoeira nos anos iniciais da década de 80.

Em sua narrativa apresenta os anos que esteve em Cametá envolvido com a capoeira 1986-1998, mas, não afirma que não apreendeu por intermédio do seu Benedito mencionando como irmão do Boi (outro personagem que também era capoeirista), o entrevistado Hildo conheceu a capoeira por meio do grupo de capoeira Senzala (ASSOCASE), que já estavam desenvolvendo trabalhos na década 80 em Abaetetuba por meio das ações de Mestre Xandrico.

Ao retorna para Cametá novamente 1986, Hildo Moreira já entendia alguns movimentos da capoeira e junta-se ao capoeirista Benedito, Tavico, Moises (Sapo) e Enéias, onde criam o primeiro coletivo de capoeirista em Cametá com o nome de Zumbi Rei. Informando que os treinos inicialmente eram no antigo aeroporto de Cametá, e que ficava próximo à casa do capoeirista Benedito. Lembrando que tiveram que limpar o lugar, pois, naquele momento não haviam casas nesta direção apenas mato, menciona também que ambos os capoeiristas deste momento não praticavam apenas a capoeira havia também o treino de outras atividades marciais conjugada com a capoeira. Na percepção do entrevistado o ensino era de forma competitiva, mas saudável. Agora, por que entrar no mato para aprender a jogar capoeira? Porque não nas praças ou em outros espaços para socializar a capoeira.

Parece que neste contexto a narrativa do capoeirista Benedito faz sentido, uma vez que, ela não era consideração um elemento apreciativo ou mesmo esportivo, a capoeira estava relacionada a visão de “vagabundos” ou “coisa de negro” não eram aceitáveis para uma sociedade elitizada descendentes de coronéis e fazendeiros que compõem as famílias tradicionais e oligarquias cametaense, reflexos para entender os títulos que Cametá recebeu nas obras de Alberto Mocbel (1988) e Victor Tamer (2012) considerados como saudosistas e guardiões da memória histórica cametaense, trazem como princípio o caráter civilizatório e das elites.

Esses referenciam a cidade de Cametá-Pá como “Terra dos Notáveis” ou “Terras dos Romualdos” e “Cidade- Invicta”, indivíduos que contribuíram para a história dos vencedores e da política cametaense, defensores dos direitos da elite. Em homenagem pelos seus feitos, “Cidade dos Notáveis”, “Terra dos Romualdos” ou ainda a memória da “Cidade- Invicta²⁷” e são lembrados pelos cronistas e memorialistas cametaenses. Nesta visão colonialista, leituras de sujeitos populares, principalmente da cultura negra, não tem espaços dentro das narrativas elitista diante dos acontecimentos processos sociais e políticos.

A capoeira sendo praticada por adolescentes, negros, e filhos de pais pobres não conseguiam permear os domínios sociais destinados a elite suas práticas e ações culturais, até esse momento inicial, os seus treinos e ações eram realizados de forma escondida, pois eram

²⁷ Referente ao posicionamento da vila de Cametá contra o movimento cabano no ano de 1835. A resistência foi liderada por Padre Prudência e alguns membros da elite no impedimento da invasão dos cabanos na vila.

considerados como vagabundo por estarem na prática e deveriam estar à margem das relações sociais. Diante da narrativa do capoeirista Benedito, podemos atentar um pouco sobre os motivos de treino no antigo aeroporto e os significados pela escolha do nome Zumbi Rei.

Aí, eu, o Hildo, o Tavico e Moisés, éramos quatro amigos inseparáveis, e nós passamos a praticar a capoeira. A capoeira era uma arte que era mal vista, a sociedade não gostava. Porque achava que era coisa de vagabundo. A saída mesmo foi achar os lugares escondidos como lá no aeroporto, na praia da aldeia, era onde a gente ficava. Foi no tempo que o Hildo foi pra Belém, aí ficamos em Cametá eu, Moisés e o Tavico. Ai, nos três começamos a praticar direto mais ainda era no local escondido porque a capoeira era discriminada, o local era no antigo campo da aviação, numa área onde tinha só mata, a gente limpamos uma área lá, e praticamos lá dentro do mato. Depois de um tempo eu peguei voltei a Belém de novo, dessa vez, que voltei pra cá novamente, já não estavam nem o Moisés, que é o Sapo que começou a capoeira comigo, e nem o Tavico, pois ele havia ido para Belém estudar universidade. Mas, quem criou o Zumbi foi pela minha geração, éramos os quatro amigos. Como a gente era umas quatro pessoas e não tínhamos como está nos lugares da cidade e a gente vivia escondido pra praticar, a gente entendia que estávamos como escravos fugidos. Como o Zumbi dos Palmares, aí que veio o nome do nosso Grupo Zumbi. Começamos com o ensino de disciplina porque a capoeira não é só jogar existe muita disciplina e caráter da pessoa em jogo, e principalmente o respeito não só pelo mestre, até porque a gente não tinha mestre em Cametá, então, o respeito era pelas pessoas que participavam no treino. Porque hoje em dia as pessoas que praticam uma arte marcial não é uma arte marcial para ter no dia a dia na proteção (SANTOS, Benedito de Oliveira. Entrevista com o mestre de obra pública – Benedito de Oliveira Santos – (48 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte/ASSOCASE. 16 de janeiro 2017).

A narrativa do capoeirista Benedito confirma a formação inicial da primeira organização de capoeirista em um coletivo ou grupo, Zumbi Rei, nela participavam Hildo (irmão do Cid- Da Lua), Tavico (Luís Otavio), Moisés (Sapo), e o capoeirista Benedito (irmão de João Meia Lua), Seu benedito ao enfatizar novamente que a capoeira era compreendida como uma manifestação da cultura afro-brasileira e como esporte, apesar de não está mais na criminalidade pelo código penal e ter seu reconhecimento como esporte nacional.

Em Cametá na percepção da década de 80, os capoeiristas evidenciam em suas narrativas a depreciação que sentiam por praticarem a capoeira. A não aceitabilidade e o preconceito fizeram com que os mesmos procurassem espaços na sociedade que não eram ocupando pela elite, o mato, ou lugares escondidos, como o espaço do antigo aeroporto de Cametá, que dava acesso direto para a entrada na mata, e pequenos igarapés, acontecia a formação na capoeira destes personagens, com isso, não estou afirmando que estes sujeitos fugiam para o mato ou igarapés apenas era uma das possibilidades de realização dos treinos.

O significado do nome do grupo Zumbi Rei, estava diretamente relacionado a perspectiva histórica de resistência de escravos fugitivos para os quilombos, mas, a associação

não era de qualquer quilombo, mais, o um dos mais famosos representantes da resistência negra na escravidão na época do Brasil Colonial o Quilombo dos Palmares. A relação, segundo o capoeirista Benedito era em virtude da perseguição e discriminação da prática da capoeira em Cametá, o fizeram entender que eles também estavam excluídos da sociedade e que a única forma de sobrevivência da prática naquele momento era adentrar no mato do antigo aeroporto.

Neste sentido, a identificação *“a gente entendia que estávamos como escravos fugidos. Como o Zumbi dos Palmares, aí que veio o nome do nosso Grupo Zumbi”*. A associação ao quilombo era justamente pelo anseio da liberdade e vontade de realizar a prática da capoeira, no entanto, realizavam em lugares escondidos, foi o modo inicial que a geração de capoeirista do Grupo Zumbi Rei procurava resistir a sociedade preconceituosa e elitista cametaense. Ao continuar sua narrativa o entrevistado deixa algumas brechas com relação a organização do ensino e abordagem nos treinos realizados por eles, a disciplina é apontada como algo valiosos e regular, não existia mestres ou essa categoria não era adotada pelo coletivo Zumbi Rei.

No entanto, como vimos nas narrativas anteriores, alguns deles tiveram formações anteriores com mestres de capoeira, quando Hildo menciona seu Mestre Xandrico e Benedito fala do Mestre Serpente Negra, mostra que compreendiam o significado entre quem ensina e quem aprende capoeira, o *“respeito não só pelo mestre, até porque a gente não tinha mestre em Cametá, então, o respeito era pelas pessoas que participavam no treino”*. Deste modo, afirmação nos dá a entender que a organização, o respeito e o ensino-aprendizado acontecia entre eles coletivamente na partilha de seus conhecimentos. Outro ponto importante são os motivos do encerramento do grupo Zumbi Rei em Cametá, os fatores são importantes para entender as relações que existiam socialmente em Cametá e participação destes protagonistas.

O fator principal para o fim do grupo deva-se como menciona, sutilmente, o capoeirista Benedito ao fato de que os membros teriam viajado para continuar seus estudos na academia, pois, até o ano de 1986, não haviam universidades na cidade de Cametá, a escolaridade só ia a ter o ensino do Magistério, conhecido anteriormente como o 2ª grau, hoje como o Ensino Médio. A instalação do Campus do universitário do Tocantins (Universidade Federal do Pará/campus de Cametá-UFPA), se efetivou apenas no ano de 1987.

Ao retornar de Belém para Cametá em uma das suas viagens nesse período, seu benedito menciona que não encontra mais dois integrantes do seu grupo o Sapo (Moisés) e o Tavico (Luís Otavio), este último, havia se mudado para Belém para continuar seus estudos. Mas, seu Benedito continua treinando em Cametá e adquiri alguns alunos, em sua maioria crianças de seu bairro na Marambaia para ensinar capoeira, no momento em que ele estava em Belém, também houve por parte dos outros capoeiristas a iniciativa de ensinar algumas crianças

e adolescentes da comunidade. Assim, na iniciando outras formações tendo como organizadores dos treinos a primeira geração de capoeiristas que se denominavam como grupo de capoeira Zumbi Rei. Diante desta nova conjuntura que estava se iniciando nos processos de consolidação da capoeira em Cametá fui atrás dos alunos que foram treinos por esses protagonistas.

Na sua maioria os alunos adquiridos pelos capoeiristas tratavam-se de parentes ou amigos próximos que moram no bairro da Marambaia. Entre os entrevistados trago aqui as narrativas de um dos alunos de Moises, o Sapo, não conseguir entrevista-lo, pois o mesmo não resiste em Cametá, no entanto, o seu aluno Wildison Garcia Cardoso, atualmente capoeirista formado pela ASSOCASE, atuante como professor de capoeira na comunidade da Baixa Verde, e pastor, apresenta-nos um pouco sobre suas experiências de formação, e resalta algumas características sobre a forma de organização nos anos de 1993-1994, que teve por intermédio do Sapo. Explicando que o Sapo retornou para Cametá depois da sua ida à Belém na década de 90.

Minha família é moradora lá de perto do cemitério, lá na Marambaia perto do canto do cemitério, então, naquele momento esse bairro aí, era considerado bairro periférico. Nós fazíamos capoeira na frente do cemitério lá o Sapo de primeiro começou ensinando as crianças a lutarem karatê e boxe, por volta de 80. A molecada ficava reunida na frente do cemitério onde existia um grande campo onde havia uma arena onde jogávamos bola, e o Sapo pegava essas crianças que jogavam bola e ensinava karatê só que chegou um outro mestre e ensinou capoeira pro Sapo. Eu não sei quem foi esse aí. Foi que o Sapo começou a fazer um grupo de capoeira do nada, e também treinava as crianças lá na frente do cemitério. Então, eu acho que Sapo é raiz, foi um dos primeiros alunos desse mestre que aprendeu em Belém, daí ele ensinou o Sapo, ele era bom de cabeça era chamado de Sapo porque ele tinha as pernas grandes e longas. Aí, tinha as pernas muito longas e pegava os movimentos muito rápidos, e pegou as crianças, e eu estava no meio estava na rua com uns 15 anos por aí em 1993, foi quando ele retorna pra cá. O irmão do João Meia Lua o Benedito foi um dos caras que iniciou o jogo da capoeira em Cametá. Porque nessa época eu era muito pequeno e via eles brincando na rua, já morávamos no mesmo bairro lá na Marambaia. O irmão do João Meia Lua, foi quem treinou com o Sapo na mesma época eu acho que eles devem ter quase a mesma idade. As crianças da rua, eles nos treinavam na frente do cemitério e os mais velhos eles treinavam junto atrás da casa do Sapo tinha tipo uma academia ali ao ar livre para eles treinarem. Eu sabia que eles iam treinar separado da gente e não deixava a gente ver os treinos, mas como a gente era sacana a gente ia ver os treinos deles, eles se quebravam muito lá era mais autodefesa. A capoeira pra nós era algo, pra mim era brincadeira tanto é que ele não se importava com outras coisas, o que ele queria era dar ocupação as crianças, eu acho que na mente dele, ele não havia a preocupação de fazer a mídia que se faz hoje na capoeira. Hoje nós necessitamos ir na praça e fazer eventos para divulgar a capoeira. Nessa época, ele não pensava nesse compromisso apenas ensinava a capoeira tipo era como se fosse o nosso futebol de toda a tarde, e toda tardinha tinha capoeira (CARDOSO, Wildison Garcia. Entrevista com o pastor e professor de capoeira da ASSOCASE, no pólo da comunidade da Baixa Verde – Wildison Garcia Cardoso – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte/ASSOCASE. 12 de dezembro de 2017).

Diante da narrativa do capoeirista Wildison, percebemos que a capoeira detinha um espaço na sua realização, o Bairro da Marambaia, ao mencionar o lugar onde treinavam na

década de 90, esse é momento em que a capoeira saí dos esconderijos e entra em alguns espaços na cidade de Cametá, no entanto, ainda na circularidade de bairros periféricos. Encontramos informações importantes a respeito da formação dos primeiros capoeiristas e sobre a entrada da capoeira na comunidade, quando o entrevistado se refere “*o Sapo de primeiro começou ensinando as crianças a lutarem karaté, por volta de 80*”, permite apreender que a capoeira não era a única arte marcial praticada neste momento, tanto na narrativa Wildison, quanto nas evidências do capoeirista Benedito, ambos estavam envolvidos como o karaté, kung ful e boxe.

Outro ponto importante é quando o capoeirista entrevistado se refere a quem ensinou capoeira para o Sapo (Moíeis), menciona que havia sido um Mestre que veio de Belém, porém não sabia o nome, e que Sapo havia treinado ao mesmo tempo que seu Benedito, ou seja, dando brecha para interpretamos que possivelmente seu Benedito tenha ensinado a prática da capoeira ao Sapo. Como vimos anteriormente, na narrativa do capoeirista Benedito, ele menciona que aprendeu capoeira com o mestre em Belém, o Serpente Negra, enquanto Hildo, em sua narrativa menciona que conheceu a prática em Abaetetuba com um Mestre chamado Xandrico da ASSOCASE. O fato é que o entrevistado afirma que “*o irmão do João Meia Lua, o Benedito foi um dos caras que iniciou o jogo da capoeira em Cametá. Porque nessa época eu era muito pequeno e via eles brincando na rua, já morávamos no mesmo bairro lá na Marambaia*”.

Então, Benedito e Sapo chegaram a treinavam juntos, e que ambos os capoeiristas ensinavam para as crianças do bairro da Marambaia. Segundo o capoeiristas Wildison, o treino para os mais velhos era mais rigoroso estava voltado mais para autodefesa, enquanto para a criança e adolescentes no qual ele participava, era menos pesado, realizavam com as crianças da comunidade no campo ao lado do cemitério era um momento de lazer ou brincadeira. No entendimento do capoeirista entrevistado, o Sapo com sua ação de ensino da prática da capoeira era dar ocupação para as crianças que não tinha outras alternativas esportivas ou culturais.

Para o entrevistado não era uma questão de “mídia”, como hoje os praticantes de capoeira têm vinculado o seu trabalho, não havia a preocupação como se faz hoje, dando exemplo, de como ver a capoeira, no qual os capoeiristas precisam divulgar a capoeira em eventos. Diante disso, na década de 90 os treinos não aconteciam escondido no mato, e sim, na casa e no quintal dos capoeirista em campos de futebol, mas, ainda sim, eram lugares da periferia e reservados. Outro capoeirista que participou do processo de ensino aprendizado realizado por alguns membros do grupo Zumbi Rei, e que buscou-se trazer as suas memórias e experiência, foram as narrativas do irmão de Hildo, o Helles Cid Moreira, conhecido como Cid.

Neste contexto, era um dos adolescentes e crianças que moravam no bairro da Marambaia que havia conhecido a capoeira inicialmente pelo seu irmão Hildo, após a partida

deste para Abaetetuba, o mesmo continuou sua formação junto ao capoeirista Sapo. A sua narrativa a seguir, apresenta algumas informações importantes em relação ao instrumentos musicais utilizados nos treinos e a presença de outras artes marcais compondo a prática.

Eu nasci aqui em Cametá em 1977, no Itanduba, e com 18 dias de vida meu pai sofreu um acidente. O meu irmão mais velho na época ele tinha 15 anos, o Hildo foi pra Abaetetuba morar com meus tios. Na época meu irmão deveria tá com seus 17 anos por aí, e eu estava com 10 anos ou 11 anos quando ele voltou pra Cametá já sabendo dá alguns passos de capoeira, e aqui ele conheceu, na verdade, já conhecia o Enéias, Benedito e o Roberto. Ele veio meio afoito porque na época, a capoeira tava no auge como uma luta, e quem sabia dá um passo já sabia muita coisa. Eu era novo quando ele começou a passar alguns movimentos, não tinha atabaque, aliás nós tínhamos um berimbau que meu irmão fez com o bambu e cuia de balde do tacacá, não é o Jamaru. Aí, eu experimentei aquilo, ele me ensinou só que depois de um tempo meu irmão foi embora, e fiquei com a aquela vontade de continuar, e foi que um dia eu fui pra pista no aeroporto e vi um cara fazendo um movimento, e eu fui me chegando e me chegando, e vi um deles fazendo apoio e rolando no chão, e foi que conheci o Sapo. O Sapo era o cara que treinava o Kung Fu e comecei também. Fui pedir pra minha mãe velha lá, e ela deixou eu treinar, geralmente o treino era umas três horas da madrugada, eu fique fazendo Kung Fu durante um bom tempo. Aí, fiquei pensando na forma que o Sapo fazia com os golpes no Kong Fu, e perguntei pra ele que é isso aí? Que você dá tipo umas pernadas, e ele me disse, isso é capoeira. Aí eu achei a capoeira de novo, só que o Sapo foi embora da cidade, o seu Benedito irmão do João Meia Lua e que também era amigo do meu irmão eles treinam juntos a capoeira. Mas, eu não treinava junto com eles (PRAZERES, Helles Cid Moreira. Entrevista com o Funcionário público – Helles Cid Moreira Prazeres – (40 anos). Entrevistado: no Campus Universitário do Tocantins/UFPA, Cametá-PA. 26 de janeiro de 2018).

Helles Cid Moreira Prazeres conhecido atualmente pelo nome Cid, nome de batismo na capoeira é Da Lua, cametaense, reside no bairro do Trigueiro, mas, durante sua infância e adolescência morava também no bairro da Marambaia, é funcionário público foi entrevistado, e ao narrar sua trajetória de formação no ensino da capoeira em Cametá, Cid menciona que seu treinamento inicial havia acontecido por intermédio do seu irmão Hildo, quando este voltou de Abaetetuba, porém sua formação continuou junto aos ensinamentos de Sapo e as demais crianças e adolescentes da Marambaia que treinavam ao lado do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, pois, lá havia um campo de futebol, um lugar propício para treinar.

Duas coisas aprecem de suma importância em sua narrativa, embora, ressaltadas nas narrativas anteriores, porém, acrescenta-se um detalhe que as outras não conseguiram evidenciar para entendermos a construção da capoeira em Cametá, diz respeito, ao treino entre a prática da capoeira e outras artes marciais, afirmando que não havia uma separação entre os treinos, o que havia era a realização dos movimentos da capoeira com características de outras artes marcais, isso fica perceptível quando o entrevistado faz a seguinte pergunta para o Sapo, *“perguntei pra ele que isso aí? Que você dá tipo umas pernadas e ele me disse isso, isso é*

capoeira. Aí eu achei a capoeira de novo”. O capoeirista percebia que a capoeira estava ali, junto aos elementos do Kong Fu, e que poderia continuar na prática da capoeira.

Outra característica interessante está relacionado aos instrumentos musicais utilizados por eles, no qual, não havia ainda uma estrutura de organização de orquestra de instrumentos, tal como hoje existe em grupos de capoeira, mas, havia o conhecimento sobre o berimbau ou pelo menos como se fazia um, segundo a descrição apresentada pelo entrevistado, tratava-se de uma construção regional quando menciona que a verga do berimbau era de bambu e a cabaça feita de cuia de tacacá, mostrando a relação da necessidade do capoeirista ser artesão e produzir seus próprios instrumentos com recursos na sua própria localidade.

Pela narrativa do entrevistado conseguir perceber também que na década de 90, a capoeira já ganha seu espaço como uma perspectiva de esporte, justamente, quando o Cid menciona que seu irmão havia chegado “afoito” no sentido de entusiasmado com a capoeira, porque ela estava no seu auge, no entanto, não quer dizer, que era aceitável em outros espaços da cidade de Cametá. A narrativa do capoeirista Benedito, informa sobre algumas características da formação de seus alunos, mencionando que na sua volta para Belém, outras formações de capoeiras surgiam em Cametá, o que ele afirma ser “a nova geração de capoeirista”.

Eu não tinha corda quando iniciei e nem depois de ensinar pra os alunos, na minha época não existia corda. Eu me lembro que quando eu treinava em Belém já existia a Senzala. Tinha um primo lá, que tinha um grupo lá na sacramenta que era Senzala, fui lá que conheci o Basean, ele fazia parte deles. Foi que contei pra ele como estava sendo realizada a capoeira em Cametá. Como ele tinha um pessoal dele aqui e que gostava da capoeira ele veio pra cá. Mas, antes disso ele não sabia disso. Nesse período, surgiu o AGENFRA, que acolheu eles, a minha base que eu tinha deixado aqui em Cametá, como eu voltei pra Belém para morar, e os outros também foram, o Moises (Sapo), Hildo e o Tavico todos foram embora. Então, a capoeira meio que deu uma parada aqui, até que surgiu o AGENFRA em Cametá, até meu irmão que hoje é falecido fazia parte do AGENFRA, o Cid também, mas, eu não fiz parte não era mais minha geração. Quando o grupo Africametá estava se consolidando em parceria com o AGENFRA, eu já estava para Belém. Quem tava na frente era meu irmão e o Basean junto ao AGENFRA. Só que como Basean surgiu já formado na capoeira surgindo pra ser contramestre ou alguma coisa assim, eu não era formado, eu nunca dei corda pra ninguém porque eu sempre disse que corda não segurava calça de capoeira (SANTOS, Benedito de Oliveira. Entrevista com o mestre de obra pública – Benedito de Oliveira Santos – (48 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte. 16 de janeiro 2017).

A narrativa do capoeirista Benedito mostra que no seu tempo não existia um sistema de classificação como corda ou cordéis, e que nem usava com seus alunos, e também nunca se sentiu menos importante que outros capoeirista que posteriormente usavam, tanto é que, ao mencionar “*eu nunca dei corda pra ninguém porque eu sempre disse que corda não segurava calça de capoeira*”, expressando a fala em tom de ironia. O momento em que menciona a sua

partida para Belém, assim, com os demais membros que faziam parte do grupo Zumbi Rei, deixa a sua base em Cametá está se referindo aos seus alunos que deram continuidade na prática da capoeira, esse deslocamento representa uma transição na trajetória da capoeira em Cametá.

Entre os capoeiras que praticam no interior da mata, atrás do antigo aeroporto na década de 80, para surgimento de ações de capoeiristas dentro de alguns espaços da sociedade cametaense, os quais foram acolhidos pelo órgão do AGENFRA, (Grupo Agente Fraterna), tratava-se de uma associação de pessoas comunitária, é atualmente chama-se instituto IMAZON. Nesse momento, na década de 90, também chega em Cametá a ASSOCASE (Associação de Capoeira Senzala), por intermédio do contramestre Basean.

Segundo o capoeirista Benedito, havia informado ao contramestre Basean que existia aqui pessoas que estavam praticando capoeira. Anterior ao estabelecimento da capoeira junto ao AGENFRA, é importante ressaltar que a capoeira estava sendo praticada pelos capoeiristas, embora, com pouca visibilidade, eram os discípulos da “primeira geração de capoeirista”, “a base” ainda estava ativa na cidade Cametá, porém, de forma dispersa e sendo praticada nas ruas. Como afirma o relato do capoeirista João Meia Lua membro do ASSOCASE.

Quando foi década de 90, já tá fora do mato e mais dentro da cidade, e aí a capoeira já tá sendo prática pelo Cid, Zé Luís, o Sapo e o Paulo toda tropa da Marambaia, mas tipo sem uniforme ainda, cada treinava por si. Na época eu tava com 12 anos de idade. Depois da prática se realizada lá na rua mesmo da Marambaia, e que a capoeira e esse pessoal aí vai para o AGENFRA, o agente fraterno, era uma associação que trabalhavam com jovens, lá tinha teatro, reciclagem e capoeira. Só que eu nessa época eu não participava com meus irmãos no AGENFRA, eu não fazia capoeira, eles me convidavam, o Zé Luís me convidava sempre pra jogar, mas na época não importava com ela eu falava mal da capoeira. Nesse tempo também o Mestre Paulino, já treinava com meu irmão o Zé Luís. Pra mim iniciar foi que um dia eu tava passando na praça, e vi uma roda de capoeira na praça e já tinha uniforme na década de 95, e o Basean já estava em Cametá, todos uniformizados, e meu irmão estava fazendo capoeira e fiquei olhando ele o Zé Luís, e comecei a treinar com ele no final de 1995, mas eu não falo que comecei em 1995 porque foi apenas em 1996 que eu tive certeza que eu queria treinar (SANTOS, João Batista de Oliveira. Entrevista com o Professor de Capoeira regional no pólo/ASSOCASE Coronel Raimundo Leão – João Batista de Oliveira Santos – (37 anos). Entrevistado: no pólo Coronel Raimundo Leão. 22 de jan. 2017).

João Meia Lua é o nome de batismo na capoeira de João Batista de Oliveira, filho de pais cametaenses e antigos moradores do bairro da Marambaia, é o irmão dos capoeiristas Benedito e do falecido Zé Luís (o Boi), se inseriu na capoeira depois dos dois como menciona em sua narrativa que foi em 1995, quando presenciou uma roda de capoeira na praça de Cametá, neste, momento a capoeira estava com algumas características diferentes das concebidas até

agora, principalmente, nos seus aspectos de organização como uniformes, fundamentos, a seguir com forme linearidade das narrativas vamos entender os motivos dessas transformações.

Ao narrar a observação de sua infância, o capoeirista João Meia Lua relata que os praticantes estavam passando pela transição entre mato e a ocupação de outros espaços da comunidade, cita os nomes (Cid, Zé Luís, o Sapo e o Paulo) que deram continuação ao ensino e prática da capoeira após o encerramento da primeira geração. Apresentando também o acolhimento que alguns dos alunos/discípulos tiveram com relação ao Grupo comunitário AGENFRA, aproximação do seu irmão (Boi) e Cid, esta aproximação deva-se ao sentido de que tenham enxergado a possibilidade de ter um espaço para atuação da prática da capoeira, uma vez que, o Grupo AGENFRA oferecia apoio ao desenvolvimento das artes culturais cametaenses, acabou adotando a capoeira em seu espaço.

Os interesses por parte do grupo AGENFRA para receberem e apoiarem a capoeira desenvolvida por esses capoeiristas, uma vez que, em seu passado seus praticantes a faziam no mato pelo fato de sofrerem discriminação. Para aprender os motivos deste acolhimento tive que me dirigir até o atual Instituto IMAZON, localizado na estrada da curimã para conversar com os antigos coordenadores do AGENFRA. Chegando no Instituto fui recebida pelo seu Antônio José Pinto, conhecido como seu Zé, hoje é o atual coordenador do Instituto onde funcionava o AGENFRA. O espaço possui uma área consideravelmente extensa, porém, afastada do centro da cidade. A entrevista a seguir, realizei com Antônio José Pinto, o qual coordenava o AGENFRA na época em que os capoeiristas foram acolhidos por ele.

Seu Zé chegou em Cametá no ano de 1987, veio de Tucuruí, após trabalhar na construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, chega em Cametá e envolvendo-se com um grupo missionário para desenvolver atividades ligas à igreja. Apresentando na sua narrativa abaixo momento do acolhimento aos capoeiristas, os motivos e a formação neste instituto.

Nós começamos a criar departamentos e coordenações para assuntos culturais, quando percebemos o grupo estava dividido, aquilo foi uma decadência para o AGENFRA, duas lideranças, bem dizer, acabou! Quando vimos o grupo estava dividido. A gente muito pra baixo com essa situação do grupo procuramos Penaforte e colocamos a nossa angústia para ele. Ele me disse: “ - Seu Antônio porque vocês não optam pela capoeira! ”. Mas, eu fiquei com aquilo sabe, nem sabia o que era. E foi que ele me explicou que a capoeira há muito tempo passou em Cametá, mas não ficou, é uma boa oportunidade pra vocês focarem em cima disso. Foi que nós fomos atrás de algumas pessoas e que se tornaram membros do grupo e que hoje um é falecido, o finado Boi (Zé Luís), se empolgou, e veio depois, o Basean o treinador de Belém e eles vinham pra cá treinar, foi rápido que criamos o grupo de capoeira Africametá, esse grupo tinha camisa e tudo faziam apresentações. O interessante pra nós era trazer capoeira pra Cametá como o próprio Mestre falou “ela passou”, e nós resgatamos a capoeira. Não tive contato com os primeiros capoeiras só tive mesmo o conhecimento da capoeira a

partir do momento em que começamos a tê-la em nosso espaço de acolhimento. Eu acho que isso foi muito tempo atrás porque eu só conheci já o finado Zé Luís (Boi), um rapaz muito dedicado ao projeto e arte. Na realidade eles começaram a treinar lá na colhida São José na Casa de Apoio do Hospital Regional Marilac, foi lá que começaram os treinos antes da gente ter esse espaço aqui, (AGENFRA). Aí chegou outras lideranças, no tempo em que a irmã Maria foi embora, digo lideranças religiosas achavam que o treino ali ia criar problema para o salão, então, fomos pra praças e ruas (PINTO, Antônio José. Entrevista com o atual coordenador do Instituto IMAZON – Antônio José Pinto. Entrevistado: na sua residência. 10 de jan. 2018).

O acolhimento da capoeira e seus praticantes em 1996, na participação do Grupo AGENFRA, segundo o entrevistado, tenha sido pelo fato de que esta associação estava passando por um processo de decadências em suas atividades culturais em virtude de brigas internas que levaram a separação na coordenação. Os coordenadores desanimados em busca de uma solução procuram o cametaense Raimundo Penaforte de Sena, conhecido como Mestre Penaforte (1924-2002), artista cametaense e professor de história, dedicou-se ao ensino da mecânica, pintura, desenho, canto de música em sua escola “Belas Arte”. Chegou a ser conhecido como “Aleijadinho cametaense”, segundo informações do museu histórico de Cametá, por seus trabalhos em detalhes de madeira, um homem influente na área da cultura.

Deste modo, os organizadores do AGENFRA procuram essa figura para auxiliá-los na promoção de suas atividades, e ele indicou a capoeira, pois, segundo o entrevistado, “a capoeira há muito tempo passou em Cametá, mas não ficou”, entretanto, quando entrei em contato com alguns capoeiristas que eram alunos da primeira geração de capoeiristas, suas narrativas demonstraram que a prática não havia “passado” ou acabado, mas estava sendo praticada dispersamente pelo bairro da Marambaia. Para dar motivação ao grupo AGENFRA os organizadores foram atrás destes personagens entre eles citados pelo entrevistado estavam o Cid (Da Lua) e o Zé Luís (Boi), pois, havia a intenção de trazer capoeira pra Cametá.

No sentido de acolhimento destes capoeiristas, seu Zé, afirma que antes dos treinos acontecerem na atual sede do IMAZON (antigo AGENFRA), os capoeiristas começaram treinando na “*colhida São José na Casa de apoio do Hospital Regional Marilac*”, localizada no bairro central, no entanto, a capoeira não ficou muito tempo nesta casa de acolhimento, justamente, por influência religiosa, que alegavam que a capoeira prejudicaria o piso do salão, causando a retirada do grupo, que novamente voltam as ruas. Porém, a situação não demorou muito, logo a associação conseguiu em parceria pela Secretaria de Cultura um novo espaço onde hoje é o Instituto e antigamente funcionava o AGENFRA, assim os capoeiristas com demais grupos culturais passaram a realizar suas atividades neste espaço.

De acordo com a narrativa de Cid, podemos apreender como foi a inserção dos capoeiristas dentro do grupo AGENFRA, e como aconteceu a consolidação do segundo coletivo de capoeira em Cametá, e os processos de identificação e socialização com outros espaços.

Depois eu conhecer o grupo AGENFRA quando eu tinha mais ou menos meus 17 anos, lá tinha seu Zé e Dona Clara que eram os coordenadores. A gente aceito de fazer a capoeira lá, e na época o Boi (falecido), a gente era do mesmo tempo no AGENFRA, hoje em dia se tivesse vivo quase teríamos a mesma idade. Então, o Boi tinha uma raiz que também aprendeu com o irmão, então nós fazíamos umas pernadas aqui e lá no AGENFRA. Na época a gente não sabia muita música a única música nós sabíamos era aquela do Olodum, aí, a gente tocava um berimbau muito pouco, eu sabia o que tinha aprendido com meu irmão, nós tocávamos um regional e uma angola, mas não sabia distingue os toques, e nem sabia do histórico da capoeira. A gente na verdade só jogava capoeira, e começamos a fazer a apresentação, a primeira foi na comunidade da Matinha, e fazíamos muito movimentos básicos como meia lua, aú, armada, queixada e outras. Mas, não tinha a capoeira com estilo como hoje em dia que tem corda, cordel e monte de doutrinas. Lembro que na época nós arrumamos umas calças de farinha, feita por nós, seu Zé e Dona Clara arrumaram pra gente o material e nós fizemos a nossa calça, e a gente treinava lá no AGENFRA capoeira com a molecada. Era uma capoeira primitiva não tinha todo o domínios e rituais que a capoeira tem hoje em dia ou pelo menos não ensinaram a capoeira de fundamentos. Isso só chegou pra gente quando o Senzala chegou aqui com o Basean, foi uma vez a gente foi pra praça e chegando lá uma pessoa que eu não me recordo falou que tinha chego um cara aí, e que jogava capoeira e que era bom. Aí, eu falei, legal bora marcar uma roda pra gente conhecer. Marcamos lá no AGENFRA na estrada que vai para o Curimã. Mas, a gente não tinha muito controle sobre a capoeira, aí eu me lembro que veio Basean e o Marx. Quando eles chegaram na roda fizeram um movimento e deram um solto um mortal na parede e aquilo me deixou muito sem graça. Pois, eu tinha a capoeira primitiva e eles tinha a capoeira estilizada tudo com corda e roupa, saltos e tal. E fiquei muito bobo com vontade de larga tudo, aí foi que Basean me chamou e disso bora fazer uns treinos aqui. Eu era muito orgulhoso, e disse que não, mas eu não sabia muita coisa da capoeira tudo que tinha aprendido com meu irmão e com o Sapo. Mas, começamos a jogar e treinar com Basean, aí eu já dominava a capoeira com alguns movimentos, mas ele me passou muitas instruções sobre berimbau e o atabaque. Ele veio morar pra cá e eu virei uma espécie de aluno do Basean, mas ao mesmo tempo em que eu era aluno dele eu era parceiro dele. Mas, a gente vestia em Cametá a camisa do Africametá. Ele fazia parte do grupo Associação de capoeira Senzala em Belém o pólo dele se chamava África, ele e o Marx. Quando chegou à aqui e participou conosco na capoeira e montou o Africametá lá no AGENFRA, e começamos a fazer apresentações, ele dava aula num turno e eu dava aula no outro. E foi que o Paulino foi pra lá e começou a treinar, o Machador, o Claudio, Catarina (PRAZERES, Helles Cid Moreira. Entrevista com o Funcionário público – Helles Cid Moreira Prazeres – (40 anos). Entrevistado: no Campus Universitário do Tocantins/UFGA, Cametá-PA. 26 de janeiro de 2018).

Aceitando o convite do grupo AGENFRA, os capoeiristas começaram a treinar a capoeira no espaço desta associação, um detalhe interessante na narrativa do entrevistado é a respeito dos conhecimentos da prática e como aplicavam no ensino, considerando-a como uma capoeira “primitiva”, em comparação a sua forma de organização e conhecimentos que se tem hoje, o que ele denominada como sendo estilizada, no uso de identificação, mencionando

durante sua narrativa que ensinavam era mais os movimentos, em vista de que, não detinham conhecimentos profundos a respeito do uso dos instrumentos e nem da historicidade da capoeira, os treinos eram voltados mais a sequencias de exercícios, mas, havia o uso de uniforme que confeccionado artesanalmente pelos próprio coletivo de capoeiristas.

Todavia, a capoeira estava começando a se socializar com outros espaços da sociedade, quando ele menciona que faziam apresentações nos bairros da cidade como na Matinha, e também rodas de capoeira na praça públicas da cidade. Ao decorrer da sua narrativa podemos entender como surgiu as novas características que a capoeira praticada em Cametá recebia por meio da entrada de um novo participante ao Grupo do AGENFRA, o contramestre Basean.

Trazia consigo novos elementos para a capoeira, apontados pelos entrevistados como fundamentos e historicidade sobre a capoeira, conhecimento de musicalidade e ritualidade na roda, além desses elementos, trazia consigo a ASSOCASE, e seu processo de consolidação no município de Cametá. Ao narra o episódio que conheceu o contramestre Basean e outro capoeirista identificado pelo Cid como Marx, ao convidá-los para uma roda percebe uma diferença em relação a capoeira praticada por ele, e que aprendeu com os capoeiristas da primeira geração Zumbi Rei, como sendo para ele “a capoeira primitiva” em relação a capoeira que eles estavam entrando em contato pela primeira, denominada como “capoeira estilizada”.

Pois, a capoeira apresentava novas característica como o sistema de graduação feito por cordéis ou cordas, e instrumentos. Após, conhecê-lo o capoeirista decidi aceitar a proposta do contramestre para a realização de treinos junto ao AGENGRA. O processo de entrada do contramestre Basean, que no momento era professor da ASSOCASE junto aos capoeiristas possibilitou a criação do segundo coletivo de capoeira em Cametá, o Africametá, recebendo esse nome, segundo a narrativa do Cid, devido ao Basean ter tido um pólo que se chamava África em Belém do Pará, e o como ele puxa o treino veio a proposta do nome do grupo Africametá como sendo também um pólo da ASSOCASE, no espaço da AGENFRA.

Esse era o entendimento por parte dos capoeiristas no momento que atuavam no espaço comunitário, por parte dos coordenadores do AGENFRA, o Africametá era um grupo de capoeira do AGENFRA, posteriormente, veremos nas narrativas que essa situação foi um dos motivos para desvinculação dos capoeiristas deste grupo comunitário. A partir desse momento a capoeira começa a se afirmar como vertente regional, o que os capoeiristas denominavam como “capoeira organizada” era a forma como ela se apresentava com novos elementos que ainda não estavam presentes ou não eram percebidos pelos capoeiristas como como podemos mostrar na narrativa de Wildison Garcia, também participante na capoeira no AGENFRA.

Quando o Basean chega aqui em Cametá, aí, eu fui ver uma outra capoeira não aquele que nós estávamos aprendendo na beira do campo com shorts jeans e sem uniforme. O único fundamento que me lembro era a roda naquele tempo riscava com o pé o desenho da roda, e nós ficávamos entorno do círculo e nos batendo palmas e cantando entorno dessa roda. A capoeira organizada mesmo só veio com Basean aí sim, com uso de uniforme fundamentos de roda (CARDOSO, Wildison Garcia. Entrevista com o pastor e professor de capoeira da ASSOCASE, no pólo da comunidade da Baixa Verde – Wildison Garcia Cardoso – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte/ASSOCASE. 12 de dezembro de 2017).

A narrativa a seguir é de Catarina da Silva, atualmente é professora formada pela Universidade Federal do Pará, em língua portuguesa, participava dos treinos de capoeira realizados no AGENFRA, não é mais praticante de capoeira desde que a capoeira se desvinculou deste grupo comunitário. Sua narrativa é rica em detalhes, sobretudo, no sentido de demonstrar como era a prática da capoeira e a organização dos capoeiristas antes da chegada do contramestre Basean, e as mudanças que aconteceram após a entrada dele.

Iniciei capoeira no Africametá no AGENFRA, quem iniciou eram o Cid e o rapaz que hoje é falecido e não sei o nome dele, mas a gente chamava ele de Boi na capoeira, foram eles dois que iniciaram a capoeira no AGENFRA. O grupo de capoeira não tinha nome era apresentada a capoeira era apresentada como o Grupo de capoeira do AGENFRA. Eles dois puxando o treino, eles eram nossos professores de capoeira, mas eles não tinham formação completa, eles tinham conhecido a capoeira apreendido com outros capoeiras. E nós fazíamos nessa época capoeira apenas como um grupo de dança folclórico, e nós começamos bem simples mesmo, a roupa era branca e não tinha corda. Eu me lembro direitinho que era uma calça branca. Eu me lembro que eram quatro mulheres eram eu, a Keli, a Bete e a Roseni. Essas meninas nenhum mais moram mais aqui. Quando a gente começou na capoeira a gente levava tudo na brincadeira, nós íamos pra lá brincar, mas a socialização lá entre os jovens era aprender juntos as coisas. Com chegada do Basean, apresentaram ele para nós 1996. O Basean não veio sozinho ele veio com um amigo o Max eram amigos de capoeira do Senzala de Belém. Então, começamos a treinar, ele chegou logo marcando horário das aulas de capoeira. O treino era pesado, tipo assim, começava uma e meia da tarde terminava lá para as cinco e seis horas, ninguém reclamava nada e com o Cid a gente reclamava que era pesado. Porque tipo assim, Cid e o Boi não tinham exatamente a postura de um professor de capoeira não que eles não fossem e tiveram esse reconhecimento, só que eles não tinham uma longa experiência na capoeira tanto que eles vieram aprender muitas das coisas junto com a gente através do Basean. Quando o Basean ficou com a gente como professor de capoeira, mas não me recordo se ele já era contramestre, mas professor eu posso afirmar, ele tinha muitos anos na prática e conhecia os fundamentos da capoeira. Ele tinha postura de professor com experiência ele dominava a turma. Já o Cid ainda não tinha isso porque ele não tinha tanto conhecimento (SILVA, Catarina. Entrevista com a Professora de Língua Portuguesa – Catarina da Silva – (38 anos). Entrevistada: em sua residência, no Bairro da Baixa Verde. 10 de janeiro de 2018).

Revelando na sua narrativa que anterior a chegada do Basean, quem eram os responsáveis por organizar os treinos eram os capoeiristas Cid e o Boi (Zé Luís) irmão de João Meia Lua, mencionando que até então, o grupo de pessoas que se reuniam no AGENFRA não haviam decidido em colocar um nome no grupo, e que quando se apresentavam pela cidade

levavam consigo o título de “grupo de capoeira do AGENFRA”, ao comparar aos treinos entre os dois professores de capoeira iniciais e a entrada do Contramestre Basean, possibilita atentamos, que a capoeira era direcionada para uma espécie de “apresentação folclórica”, pois, considera que o que eles sabiam até então, era muito pouco, no sentido, de musicalidade e fundamentos, apenas a movimentação dos exercícios.

Evidencia-se aqui uma das heranças deixadas pela primeira geração de capoeiristas, uma vez que, a condição física era de extrema importância para os capoeiristas precursores. Ao retomar suas memórias a entrevistada menciona com detalhes a roupa (calça branca e camisa branca), que usam durante o treino, e também traz informações interessantes a respeito da presença feminina na capoeira. O que diferenciava o treino do Basean para o treino dos capoeiristas Cid e Boi, sendo estes últimos, os alunos da primeira formação de capoeiristas, eram os elementos novos que acrescentava as atividades de exercício, por exemplo a ritualização de jogo e a musicalidade, e principalmente a experiência na formação, pois o contramestre Basean já havia ministrado um pólo de capoeira em Belém, mas, isso não quer dizer que não havia o reconhecimento dos alunos do AGENFRA, como mencionado Catarina, sobre a visão de respeito ao Cid e o Zé Luís, até por eles que deram continuidade a prática da capoeira.

O primeiro batizado foi realizado pelo capoeirista Africametá, com a liderança o de Basean no Centro de Cultura, este ainda estava em funcionamento na década de 1996, segundo relato da entrevistada, segundo a narrativa da professora Catariana, a se seguir, houve toda uma mobilização e agilidade nos treinos para que capoeiristas pegassem suas primeiras graduações.

Ao continuar sua narrativa, Catarina menciona sobre o primeiro Batizado do grupo Africametá, ressaltando que antes da chegada do Basean, não sabiam da existência desta cerimônia, desconheciam o sistema de classificação de graduação por meio de cordas ou cordéis, porém, a partir do momento em que Basean chega assumindo como parte dos capoeiristas do AGENFRA promove o primeiro Batizado com troca de cordas. A seguir Catarina nos conta um pouco sobre a sua experiência no primeiro Batizado.

Nosso primeiro batizado e troca de corda foi realizado pelo Basean, e nós ficamos duas e três semanas treinando pesado mesmo para trocar de corda e olha que antes nós nem sabíamos que tínhamos cordas e batizado foi nesse batizado que eu recebi meu apelido de Sereia. Esse primeiro batizado foi realizado lá no Centro de Cultura, lá ainda funcionava e tinham apresentações além da capoeira. Nós recebíamos a corda aquele de lâ, eu lembro que eu recebi a corda branca, mas tinham outras cores para outras graduações. Os que estavam iniciando foi branca, alguns meninos que sabiam um pouquinho mais eles recebiam outras cores, mas eu nem sei como tá isso hoje, eu só sei que tinha a branca, a verde, azul e amarela. Mas, o nosso primeiro Batizado mesmo foi com todo mundo com corda branca a cinza. Basean seguia a ordem do Senzala de onde ele é (SILVA, Catarina. Entrevista com a Professora de Língua

Portuguesa – Catarina da Silva – (38 anos). Entrevistada: em sua residência, no Bairro da Baixa Verde. 10 de janeiro de 2018).

A organização da estrutural do batizado permite entender um pouco dos códigos que estavam sendo inseridos dentro capoeira, assim, como estabelecimento da capoeira regional. A percepção de “capoeira organizada” ou “estilizada” denominada pelos entrevistados é assumida a partir do momento que o Senzala chega em Cametá. A imagem a seguir pertence a Catarina, onde mostra o I Batizado dos capoeiristas quando ainda estavam ligados a comunidade do AGENFRA, a imagem 2, foi cedida para análise deste estudo, nela representa-se a entrada dos códigos e ritos de iniciação da capoeira regional na cidade de Cametá.

Observa-se na imagem a presença de berimbaus, capoeiristas uniformizados, e exibição das cordas, os quais receberam durante a primeira cerimônia de Batismo. Segundo Catarina, encontram-se no registro o Boi (Zé Luís), Machador, Cláudio, Kelly, Basean e Catarina), capoeiristas que tiveram a formação no espaço do AGENFRA. Cabe destaca que,

IMAGEM 2 - I BATIZADO DO GRUPO AFRICAMETÁ



Imagem 2: Foto do encerramento do I Batizado do Grupo Africametá em no Centro de Cultura, em 1996.

Fonte: Acervo particular da professora Catarina Silva.

embora o Batizado tenha sido realizado por este coletivo, no entanto, eles estavam usando a camisa da Senzala, e estavam ocupando os espaços desta comunidade. Segundo Catarina, o uso da camisa da ASSOCASE, foi porque, “*precisou colocar um nome do que Basean era, porque ele era regido pelo grupo de Belém, então pra ele nós batizar com as*

cordas que eram do Senzala, o Africametá teve que colocar a camisa do Senzala”. Deste modo, o Senzala firmava suas raízes por meio dos capoeiristas do Africametá.

Tendo como intermédio o contramestre Basean, em relação ao I Batizados, que também foi ouvido, e trouxe o seu olhar em relação a sua experiência de formação para com os capoeiristas do AGENFRA, a sua narrativa permitir apreende o quando ele contribuiu para a organização da capoeira na cidade de Cametá, entretanto, reconhece que antes da sua chegada, já haviam formações de capoeiristas atuando nos espaços da comunidade cametaenses.

Quando cheguei aqui em Cametá em termos da prática da capoeira como hoje ela é tipo não existia, o que tinha era uma capoeira tipo o pessoal reunia um grupo de pessoas, por exemplo, o AGENFRA, lá faziam capoeira, só que sem noção de algumas coisas como regras e fundamentos que fazemos hoje no jogo da regional. Por exemplo, eles não tinham muita noção dos toques principais dos berimbaus e como se jogava a capoeira. A organização da capoeira aqui em Cametá só veio acontecer quando eu comecei a fazer treinos no AGENFRA, que já foi mostrar como funcionava as trocas de cordas a função de mestre e contras mestres na capoeira, e também a noção de grupo de capoeira. Eu me recorde de algumas coisas, eles não usavam o Atabaque, eles usavam o curimbó pra bater e tinham os pandeiros, os alunos que já estavam lá eles facilitavam o ensino da capoeira, pois já sabiam alguns movimentos. No início a intenção era caminhar junto com o AGENFRA, só que a minha participação era totalmente voltada para o lado cultural e esportivo e eu estava lá pra soma com o trabalho deles. Nós tivemos que sair de lá porque houve um problema com a administração do AGENFRA, houve uma briga judicial entre o seu Zé o organizador de lá e a direção, nós tivemos que sair de lá, e foi então que montei um trabalho novo no Tiro de Guerra, logo após que encerrou os trabalhos lá no AGENFRA devido os horários e a administração. Passamos um tempo no Tiro de Guerra e eu precisei sair da cidade e retornar pra Belém, e eu tive que me ausentar, mas na minha ausência ficaram outros alunos que fizeram parte no AGENFRA como o Paulino e o Machado e outros por aqui ficaram por aqui tocando a capoeira. Assim, os laços da Senzala foram se ramificando e outros foram para outros grupos de capoeira, e outros ficaram na Senzala, após esses alunos, eu passei por outros grupos, por exemplo, no ABADA Capoeira, os Angolanos, esses grupos que eram independentes do Associação de Capoeira Senzala (SILVA, Josian Marivaldo. Entrevista com o Contramestre de capoeira do ASSOCASE – Josian Marivaldo Leão da Silva – (42 anos). Entrevistado: em sua residência, no Bairro Novo, 20 dezembro de 2017).

Contramestre Basean, Josian Marivaldo Leão da Silva, nasceu e cresceu na periferia de Belém, no bairro da Sacramenta, conheceu a capoeira ainda na sua infância por meio da associação de capoeira ASSOCASE. Quando chegou em Cametá se envolveu com alguns capoeirista que aqui já praticavam, segundo ele, com pouco conhecimento de jogo e fundamentos da capoeira, mas, havia a organização de pequenos coletivos. Se assume como principal responsável pela organização da capoeira na vertente regional, o primeiro a iniciar o trabalho por meio da ASSOCASE neste município, ao apresentar os sistemas de graduações através do batismo na capoeira regional e fundamentos que compõem o jogo da capoeira.

Um ponto interessante em sua narrativa é quando deparasse com algumas características locais em relação aos instrumentos utilizados pelos capoeiristas cametaenses ao menciona que se recordava de algumas coisas, *“eles não usavam o Atabaque, eles usavam curimbó pra bater e tinham os pandeiros”*, mostrando a formas de organização dos capoeiristas anteriormente a sua chegada, no uso de instrumentos de percussão regionais, o curimbó é um instrumento de origem indígena semelhando ao Atabaque na capoeira, no entanto, seu uso é característicos no uso de folguedos populares do Estado do Pará, foi considerado como Patrimônio Histórico e Cultural Brasileiro, em 2014, então, sua participação na composição dos instrumentos dos capoeiristas cametaenses era uma forma bastante singular e regional.

Após os treinos realizados no AGENFRA que cominaram com a realização do Batizado dos capoeiristas do Africametá por meio da ASSOCASE, a associação AGENFRA começou a passar por outras turbulências, no caso divisões internadas entre os coordenadores, esse fato contribuiu para alguns capoeiristas deixassem o espaço, no caso, o entrevistado conhecido atende pelo nome nas rodas de capoeira como Basean afirma na sua narrativa a iniciativa de mudança de local de ensino da capoeira, estabelecendo um novo trabalho no espaço do TG (Tiro de Guerra), neste momento também acontece o assassinato de um dos integrantes do Africametá, no caso o falecimento do capoeirista Boi, o que ocasionou o surgimento de um outro grupo liderado pelo seu irmão João Meia Lua e outros capoeiristas que os seguiram, assim como a saída de Cid, este por sua vez, foi montar um trabalho fora do espaço da AGENFRA, no espaço da comunidade da Igreja São João Batista próximo a orla da cidade.

O dispensar dos capoeiristas na comunidade cametaenses desencadeou o surgimento e formação de outros grupos e coletivos de capoeira na vertente regional, como o Zumbi-Boi e os Angolanos. Estes coletivos tiveram suas atuações passageiras no cenário cametaense, mas, de certo modo deram continuidade a prática da capoeira. Na narrativa a seguir, o capoeirista João Batista de Oliveira Santos, com o nome de batismo na capoeira de João Meia Lua, narra os acontecimentos que sucederam a partir da desvinculação do espaço da AGENFRA.

Capoeira na minha vida ela começa com Benedito lá em casa na Marambaia. Eles faziam lá no aeroporto na pista era tudo mata grande. Depois a prática começa se realizada lá na rua mesmo da Marambaia pelo Cid e meu irmão Zé Luís (Boi), que a capoeira vai para o espaço da AGENFRA. Só que eu nessa época eu não participava com meus irmãos no AGENFRA, eu vim fazer parte da capoeira no final do Africametá, e que vi uma roda de capoeira na praça e já tinha uniforme na década de 95, e o Basean já estava em Cametá, todos uniformizados, e meu irmão estava fazendo capoeira e fiquei olhando eles, e decidir também treinar no final de 1995. Passei o ano todo treinando e quando foi 1997 em 14 de abril, meu irmão faleceu nós montamos um outro grupo de capoeira homenageando ele é o Zumbi-boi, nossa sede ficava onde é hoje a delegacia na praça isso 1998 quem participava era o finado Railson e o Del, na verdade começou com esses poucos no quintal do Del, aí que a gente passou os treinos para a sede na antiga DEMUT. O Associação de capoeira Senzala existia nessa época em Cametá, só que estava na camisa do Africametá era uma vertente da senzala, pois quando Basean veio para Cametá e assumiu o trabalho lá. Mas, houve com um tempo uma separação dos capoeirista lá do AGENFRA, aí cada um seguiu um rumo, e nesse momento que a agente ficou em 1997 e passou para 1998 treinando no Zumbi-Boi. Aí, também o Basean saiu do Africametá e montou um novo trabalho, assim aconteceu com o Cid, ele também abriu um trabalho lá comunidade do São João, e digo assim, cada um deles, até nos que formamos o Zumbi levou alguns seguidores lá. Quando foi final de 1999 eu fui embora para Tucuruí, eu pratiquei lá com o grupo abadá, mas não me entreguei apenas pra não ficar parado. Mas, eu retornei em 2001 para Cametá, mas sem treinar a capoeira. Quando 2005 retornei com esse pensamento com esse pensamento que eu ia voltar, e reaprender o que era capoeira, até porque eu tinha que me adaptar no novo estilo que tava sendo proposto nesse momento. Mas, reaprender é um negócio complicado começar tudo de novo, mas é claro, eu já sabia

a capoeira o que eu tinha que aprender era só os fundamentos, eu não sabia da história da capoeira e como ela podia ajudar as crianças da nossa cidade, antes era apenas dar golpes (SANTOS, João Batista de Oliveira. Entrevista com o Professor de Capoeira regional no pólo/ASSOCASE Coronel Raimundo Leão – João Batista de Oliveira Santos – (37 anos). Entrevistado: no pólo Coronel Raimundo Leão. 22 de jan. 2017).

Sua narrativa traz algumas informações importante em relação a formação de outros grupos de capoeira, embora, não tenha participando desde o início com capoeiristas na associação AGENFRA, os quais foram acolhidos por este espaço, João Meia Lua, capoeirista cametaense, menciona que apenas participou na formação final do Africametá, ao narrar sua trajetória na capoeira, refere-se também a saída de alguns integrantes e o falecimento do seu irmão Zé Luís (o Boi), destacando os motivos que influenciaram o fim do grupo de capoeira Africametá, entretanto, suas memórias, carregam o princípio da prática em Cametá, praticadas no interior da mata, próximo ao antigo aeroporto, pelos capoeiristas da “primeira geração”.

Com estes dois acontecimentos, os capoeiristas do AGENFRA se dispersaram e formaram outros grupos menores, momento em que surgiram segundo as narrativas do entrevistado os Angolanos e Zumbi-Boi. Com relação a formação do grupo Zumbi-Boi, o capoeirista João Meia Lua, informa que este coletivo surgiu após o falecimento do seu irmão Boi, descolaram-se para fazer um novo trabalho. O interessante aqui, é a relação ao nome “Zumbi”, embora, o entrevistado não tenha se referido a primeira formação de capoeiristas, todavia, podemos interpretar que sendo irmão de uma das lideranças da primeira geração, que formava o Zumbi- Rei, algo tenha influenciado na escolha do nome, deste modo, pode-se associar que ainda estava neles muitas das características e heranças com relação a formação na pratica da capoeira, por exemplo, o fato de não adotarem o uso de uniformes para o treino.

Mesmo diante da apresentação “da capoeira estilizada” ou como mencionam os entrevistados “a capoeira organizada” ainda existia muitos vínculos da capoeira praticada na década de 80, anterior a entrada da ASSOCASE. Mas, o grupo Zumbi-Boi não durou muito tempo, a perspectiva de disputa, a violência e a competição entre os próprios integrantes ocasionou a saída de alguns dos integrantes, por exemplo, do próprio entrevistado o qual posteriormente viajou para Tucuruí retornando apenas em 2001 para cidade de Cametá.

Voltando a pratica-la apenas em 2005. Cabe mencionar que quem estava desenvolvendo trabalho neste momento com a capoeira era o Mestre Paulino Dias, um dos responsáveis pelas ações da ASSOCASE no Baixo Tocantins. Neste momento, ainda não atendia pelo título de mestre de capoeira. Diferente da realidade que o capoeirista João Meia Lua vivenciou a capoeira anos posteriores, na sua narrativa o próprio entrevistado consegue perceber que ao voltar para a capoeira no ano de 2005, algo estava distinta em relação ao ensino

e a proposta da capoeira que ele havia conhecido até então, sobretudo, no sentido para quer fazer capoeira ou para quem fazer capoeira, isso é perceptível quando ele menciona a necessidade de “*reaprender a capoeira*”, não no sentido de jogo, mas, conhecer os fundamentos da prática, afirmando, “*tinha que me adaptar no novo estilo que tava sendo propostos*”.

Os anos em que o capoeirista João Meia Lua não esteve em Cametá, de acordo com a sua narrativa surgiram também outros grupos e coletivos de capoeiristas, por exemplo, os Angolanos, pouco tempo de duração, mas, suas ações movimentaram a capoeira na cidade. A narrativa a seguir é do contramestre Basean, diz respeito, quando assumiu o Grupo Angolanos após a sua saída do Africametá, nos informa o funcionamento e o surgimento do grupo.

Os Angolanos surgiu depois do Africametá, a raiz dele vem de Castanhal pelo Mestre Falcão, logo na chegada do ABADÁ Capoeira em Belém, era um estilo novo de jogo na Regional, e que nós não conhecíamos, e então, bateu a curiosidade de aprender esse estilo e falei para o Mestre Walcyr que eu ia me afastar do grupo Senzala por um tempo e ingressei no grupo ABADA Capoeira, aí o Angolanos surgiu pelo convite desse rapaz de Castanhal, e iniciamos um trabalho grande aqui só que com o tempo o trabalho não vingou, quem participava na época era o próprio Fernando que era conhecido na época como Mangueirão e agora é mamute e o Bolha eram alguns dos meninos que participavam (SILVA, Josian Marivaldo. Entrevista com o Contramestre de capoeira do ASSOCASE – Josian Marivaldo Leão da Silva – (42 anos). Entrevistado: em sua residência, no Bairro Novo, 20 dezembro de 2017).

O grupo de capoeira angolanos foi assumido em Cametá pelo contramestre Basean após a sua saída do AGENFRA, este quando retornou para Belém, afirmar ter conhecido um estilo novo de capoeira regional e estava interessado em aprender, pediu licença ao seu mestre da ASSOCASE para iniciar um trabalho desvinculado da ASSOCASE, e continuar com as ações de ensino em Cametá, no entanto, ele não informa em sua narrativa os motivos para ter encerrado com grupo, no entanto, conseguiu relato de alguns alunos que participação deste coletivo, o Mangueirão que é Fernando Willer, que agora atende pelo nome na capoeira como Mamute, quando aluno participou anteriormente das ações do Africametá como capoeirista.

Eu encontro o grupo de capoeira Africametá em 1996. Uma capoeira organizada, uma capoeira com uniforme, com berimbau já com atabaque e pandeiro. E comecei a participar. Desde daí eu me mantenho na capoeira, tive altos e baixos com a saída do Basean do Senzala e passa para o grupo de capoeira Angolano. E nesta mudança de grupo, eu também mudei com ele. O grupo não deu certo, perdeu as forças aqui, e o Basean voltou para Belém. Depois disso, eu fui embora para Belém e Tucuruí. Em 2004 eu retorno novamente, depois de ter ido tentar o Handebol, e vejo capoeira em Cametá só que não participo, quem tava organizando a capoeira aqui era o mestre Paulino e o João e outros aí, quando em 2010, o mestre Paulino, aluno de mestre Walcyr, passa lá na porta de casa, perguntou se eu tava morando em Cametá, eu disse que eu estava. Disse “*hei, bora jogar uma capoeira lá no ginásio*”, e lá eu contei minha história pra ele. Eu aceitei o convite e fui até a academia Top Teen. Chegando lá encontrei o professor Léon e a monitora Naja, que hoje em dia, ele é meu professor e

ela e minha monitora. Fui com eles para o Pólo Escola Arte e se afastamos da academia Top Teen, por alguns motivos que não aceitamos pela fala de conversa entre o mestre Paulino e a gente. E como já tinha o pólo Escola Arte do professor Leon e da monitora Naja passei a vim treinar com eles, e com a agente a Andreia levando a capoeira com a gente, e começamos a fazer uma união muito grande (CARVALHO, Fernando Willer Costa. Entrevista com o Professor de Educação Física e capoeirista e integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE – Fernando Willer Costa Carvalho – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 29 de março de 2017).

Fernando conhecido no tempo do Africametá e angolanos pelo nome de batismo Mangueirão, foi um dos discípulos do contramestre Basean, e atualmente é membro da ASSOCASE, atende atualmente pelo nome de Mamute, atuante no pólo Escola Arte, é um dos interlocutores deste estudo, no qual trouxe suas contribuições sobre as ações de expansão dos pólos nas comunidades escolares, segundo o entrevistado, já estavam sendo realizadas por mestre Paulino Dias com parte da política de expansão da ASSOCASE. Na narrativa acima informa como ocorreu o encontro com demais capoeiristas do pólo Escola Arte.

Em Cametá existiu a iniciativa de um projeto de inclusão social na perspectiva de educação, no qual Mestre Paulino dia desenvolveu junto aos seus discípulos graduados, entre eles o entrevistado encontrava-se também envolvido, na posposta de levar a capoeira para todos os bairros, esta ação faz parte da política de expansão iniciada pela ASSOCASE. Atualmente, possui sua sede regional, no Bairro da Pedreira em Belém do Pará, anteriormente, localizava-se no Bairro da Sacramenta, sob a organização de José Walcyr Silva, o Mestre Walcyr. Segundo os relatos dos capoeiristas (professor Léon, contramestre Basean, e Mamute), trata-se de uma associação que possui diversos pólos em todos os Estados do Brasil.

O termo “pólo” é adoto pelos próprios integrantes desta associação de capoeira, se referem para designarem os núcleos que sua sede possui, por exemplo, o pólo de capoeira Escola Arte/ASSOCASE. Segundo o Contramestre Basean, a ASSOCASE “*foi fundada em 1978, e hoje em dia tem na frente o Mestre Walcyr*”, e teve a frente outros mestres de capoeira, a seguir, ele evidencia algumas informações a respeito da ancestralidade na ASSOCASE.

Raiz da Associação de Capoeira Senzala, vem ser mestre Mundico, depois vem mestre Pula Pula, depois vem mestre Naldo e depois que vem o mestre Walcyr, essa foi a formação da Senzala no Pará e continua agora na frente com mestre o Walcyr (SILVA, Josian Marivaldo. Entrevista com o Contramestre de capoeira do ASSOCASE– (42 anos). Entrevistado: em sua residência, no Bairro Novo, 20 dezembro de 2017).

Na cidade de Cametá, está associação de capoeira regional se constitui com um dos maiores grupos que atuam neste Município. Os pólos de capoeira regional são estabelecidos em barracões comunitários, nas periferias ou nas regiões mais centrais da cidade, buscam o diálogo

diretamente com a comunidade. Ao continuar sua narrativa o contramestre Basean revela alguns pontos importante sobre a atuação desta associação na cidade e localidades próxima a cidade.

Senzala se desenvolveu bastante e hoje em dia tá ramificando outros galhos aqui mesmo perto da cidade de Cametá, já montamos pólos por aqui, e em Mocajuba, na Vila do Carmo, no Juaba, e então, assim, com o tempo a Senzala vai estar por todo o Baixo Tocantins. Mas, são trabalhos temporários, pois logo se encerram, quando tem problemas financeiros pra sustentar o trabalho ou a gente tem que procurar, mas a gente continua tentando manter firme o trabalho com a capoeira. Mas, a Associação está também em outros estados e cidades como Macapá, e Curitiba, Rio de Janeiro, Manaus e outros lugares (SILVA, Josian Marivaldo. Entrevista com o Contramestre de capoeira do ASSOCASE – Josian Marivaldo Leão da Silva – (42 anos). Entrevistado: em sua residência, no Bairro Novo, 20 dezembro de 2017).

Outro ponto importante, na narrativa do contramestre Basean é o fato do trabalho iniciado com parcerias nas escolas e comunidades sempre tem pouca duração, não cobram mensalidade e as dispensas também são fatores que influenciam para o encerramento das atividades com a capoeira em vilas e localidades próximas a cidade de Cametá. Mas, a sua expansão local, não deixa de ser um fator importante, e que vem crescendo em virtude das ações de ensino dos capoeiristas desta associação. Podemos aponta como pólos de capoeira a Escola Arte, onde desenvolveu-se a pesquisa, no bairro da Baixa Verde: E. M. E. F. Elísia Malvina Muniz, no bairro Central: na Escola Arte, no bairro São Benedito no Colégio E. M. E. F. Coronel Raimundo Leão, no bairro Novo na E. M. E. F. Ester Bandeira, e uma atuação passageira no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, no Bairro Central.

A maior parte deste pólos encontra-se sem atividade, outros tiveram duração passageira, ou correm risco de encerramento, como principal causador apontado pelo capoeirista é a alternância da política local, que gera uma certa instabilidade sobre a firmação da capoeira dentro dos espaços escolares. Porém, os motivos para criação de tantos pólos, sobretudo, em espaços escolares, está relacionado com a história e política de formação dos capoeiristas da ASSOCASE e também ao dos seus integrantes não terem um espaço próprio, na cidade de Cametá. Para entendermos essa conjuntura, é necessário apresentar aqui, mesmo que brevemente algumas características sobre a formação destes capoeiristas, mas, alerto que as informações trazidas sobre a atuação dos capoeiristas da ASSOCASE nas escolas deste Município e em outros espaços foram realizadas a partir de relatos orais dos seus integrantes.

A presença da capoeira dentro do espaço escolar cametaense tem crescido, através das ações do Mestre Paulino, em conjunto com seus discípulos, professores graduados que buscam o estabelecimento de pólos tanto nas escolas como nas comunidades dos bairros. Cabe nesse sentido fazer as seguintes perguntas. Por que é importante para os capoeiristas da ASSOCASE,

o processo de expansão e abertura de pólos, especificamente, em escolas? Por meio de entrevista o contramestre Basean, atuante como capoeirista nesta cidade, nos revela alguns detalhes sobre estas perguntas, ao narrar sua experiência dentro da política de expansão na década de 80, em Belém, quando ainda era professor de capoeira graduado.

Tudo começou quando o grupo Senzala começou a expandir, e meu Mestre (Walcyr) me autorizou a montar um trabalho com a capoeira, os alunos teriam que montar seus próprios pólos de capoeira, só que com sua identidade. Foi que eu montei o África em Belém, tipo não deixando de ser Senzala era tipo um trabalho paralelo as ações do nosso grupo. Foi quando eu montei o África lá na comunidade da Igreja São Sebastião lá na Sacramenta (SILVA, Josian Marivaldo. Entrevista com o Contramestre de capoeira do ASSOCASE – Josian Marivaldo Leão da Silva – (42 anos). Entrevistado: em sua residência, no Bairro Novo, 20 dezembro de 2017).

Uma das características da política de formação dos capoeiristas desta associação é direcionada aos capoeiristas graduados e formados, cabe a tarefa de iniciação de trabalho próprios com o ensino da capoeira, na partilhar seus conhecimentos apreendidos durante a formação com outras pessoas e espaços, exercendo a categoria que eles assumem, *professores de capoeira*. A narrativa do contramestre possibilita entender que a política de expansão não iniciou em Cametá, mas, Mestre Walcyr, anteriormente, já autorizava a abertura de pólos de capoeira na capital do Pará. Não foi diferente atuação de mestre Paulino Dias na cidade de Cametá, este sendo também membro desta associação de capoeira. Junto aos seus discípulos capoeiristas graduados ou formados destinam-se a responsabilidade de ministrar trabalhos, não desvinculados das ações culturais e políticas desta associação de capoeira o do mestre.

Mas, usando suas características próprias que diferenciam para cada professor de capoeira, como por exemplo, o pólo de capoeira Escola Arte, onde os professores de capoeira priorizam um ensino voltado para inclusão com jovens autismo e outras dificuldades cognitivas, é uma característica que tem como princípio a coletividade. A opção dos capoeiristas procurarem dialogar com o espaço escolar, evidencia os interesses da ASSOCASE.

O objetivo é expandir a capoeira, de querer levar a capoeira e as coisas boas que ela proporciona pra vida das pessoas. Mas, expandir da melhor forma possível porque muitos professores de capoeira pregam violência e não sabem proceder com artes marciais, então, como professores da Senzala nós temos que ter todo esse cuidado porque não está só na luta em sim, mas, no repassar os fundamentos e a noção de respeito para com outros. Dá aula de capoeira não é fazer as crianças se baterem, é ensinar o fundamento é a parte cultural e esportiva, isso a escola não ensina, nós evitamos o máximo possível da violência (SILVA, Josian Marivaldo. Entrevista com o Contramestre de capoeira do ASSOCASE – Josian Marivaldo Leão da Silva – (42 anos). Entrevistado: em sua residência, no Bairro Novo, 20 dezembro de 2017).

Dentro da narrativa podemos destacar algumas características-chaves sobre o processo de ensino educativo e a política de expansão realizada pelos professores de capoeira desta associação, além de ensinar arte marcial, existem outros elementos “ *os fundamentos e a noção de respeito para com outros, [...] ensinar o fundamento é a parte cultural e esportiva*”, no qual o entrevistado considera que aprender capoeira não é apenas um movimento, mas, o sentido de educação ligado com a proposta de valores culturais, como o respeito, paciência, e coletividade, pautados no que o entrevistado afirma serem fundamentos, e aquilo que os praticantes de capoeira, sejam regionais ou angoleiros, denominam como códigos e símbolos presentes nas rodas de capoeira e na vivência, quando partilham gestualidade, ensino aprendido, e que se manifestam em maior ou menor intensidade apenas para seus praticantes (ABIB, 2004).

A ocupação dos espaços escolares pelos capoeiristas da ASSOCASE, não deixa de ser entendida aqui, como uma busca pelo reconhecimento da capoeira como um espaço que exprime saberes educativos e culturais. No entanto, a criação de pólos de capoeira e o diálogo com os espaços escolares também está relacionada ao fato de que eles não possuem uma sede própria para suas atividades, como afirma a seguir o contramestre Basean.

Faz falta a nossa sede aqui em Cametá, a gente tem terreno e tudo pra fazer só que até então, não conseguimos desenvolver nossa sede, pois precisamos de parceria com a secretaria de cultura. Mas, sozinhos é muito complicado porque não cobramos mensalidades de nossos alunos (SILVA, Josian Marivaldo. Entrevista com o Contramestre de capoeira do ASSOCASE – Josian Marivaldo Leão da Silva – (42 anos). Entrevistado: em sua residência, no Bairro Novo, 20 dezembro de 2017).

Aparecem outros elementos importantes para apreendermos sobre o processo de expansão da capoeira em Cametá, o fato de não possuírem uma sede própria também é um fator determinante que levam os capoeiristas a dialogarem com diversos espaços da comunidade cametaenses, ao fazerem isso iniciam suas parcerias com órgãos públicos na tentativa prosseguir com as atividades com o ensino da capoeira, então, o valor material para participação destes sujeitos na escola também tem peso na narrativa deste sujeitos.

2. O PÓLO “ESCOLA ARTE”: EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA EM UM GRUPO DE CAPOEIRA REGIONAL EM CAMETÁ-PA

Antes de adentrarmos no universo dos informantes deste trabalho, temos a finalidade de mostrar quem são os sujeitos participantes do pólo de capoeira Escola Arte/ASSOCASE. Pois, até o momento apenas havia referido ao grupo de capoeira como um coletivo em geral, apontado algumas de suas lideranças. Buscou-se apresentar os agentes culturais como sujeitos históricos e sociais, que fazem, convivem e ocupam seu lugar dentro de uma sociedade.

Esse movimento permite que conhecemos a formação educacional e cultural dos capoeiristas/informantes. Destacando as diversidades que compõem os capoeiristas do pólo Escola Arte, as histórias e os diferentes contextos (familiar, escolar e trabalho), os quais operam dentro e fora da prática capoeira, revelando suas outras identidades.

2.1 O pólo de Capoeira Regional Escola Arte/ASSOCASE

FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA ARTE-CAÁ-MUTÁ-MESTRE CUPIJÓ



A Escola Arte-Caá Mutá Mestre Cupijó está localizada na região central, como mostra o Mapa na figura (2), situada na Rua Benjamin Constant, onde consta o triângulo vermelho nesta imagem, frente ao SENAI (Centro Integrado de Formação Profissional), próximo ao Estádio do Parte do Bacurau e Praça Jardim dos Artistas.

O prédio da Escola Arte-Caá-Mutá Mestre Cupijó é conhecido pela comunidade cametaense popularmente como “Escola Arte”, por isso, em determinados momentos desta escrita faço uso desta terminologia. O prédio recebeu este nome em homenagem ao músico cametaense, Joaquim Maria Dias de

Castro, conhecido como Mestre Cupijó, em agradecimento pela sua contribuição artística e cultural cametaense na musicalidade regional. Embora, a terminologia “escola” apareça

associada ao prédio, mas os objetivos e justificativas, assim como a própria organização de ensino para qual foi designada diferencia-se de outras instituições de ensino formal da rede pública e privada deste município. Tratando-se de um espaço recreativo com o objetivo de complementar a carga horária de aula com atividades artísticas e culturais fora das instituições de ensino públicas, tendo como principal meta à inclusão social dos alunos por meio de atividades artísticas, como teatro, danças regionais, ligadas a cultura cametaense, possibilitando o desenvolvimento crítico, a partir da realidade do próprio alunado (MENDES, 2005, p. 237).

Deste modo, a fim de compreender os motivos e a forma como aconteceu a aproximação dos capoeiristas da ASSOCASE para com esse espaço, é necessário antes contextualizar de forma breve a abordagem diferenciada que foi oferecida por este estabelecimento de ensino a comunidade cametaense. Para contextualizá-los tomou-se como apoio o trabalho de Odete Mendes (2005), abordando o perfil da Política Municipal de Educação de Cametá/Pá, na gestão 2001 a 2004, evidenciando os princípios e projetos que constituem a política educacional chamada “Escola Caá-Mutá — Escola Cidadã”, resultou da I Conferência Municipal de Educação, realizada em 2001, no Município de Cametá-PA (MENDES, 2005, p. 219). Entre os projetos implantados através desta política educacional, apontado pela autora, interessa aqui, destaca a proposta da Escola Arte-Caá-Mutá Mestre Cupijó, desenvolvida pela Secretaria de Educação e outros segmentos sociais.

A criação da política Escola Caá- Mutá, Escola Cidadã é na perspectiva de Odete Mendes (2005), uma proposta educacional que inverteu a história das políticas educacionais e sociais que se assistiram ao longo das administrações públicas do Município de Cametá-PA. Montando a valorização da cidadania popular contrapondo-se à lógica do capital.

A Política Municipal de Educação do Governo Popular procurou construir teoricamente um caminho inverso, tomando como base a necessidade de inclusão dos excluídos ao acesso do conhecimento formal, dentre eles os trabalhadores da região do campo e ribeirinha, além de outras metas expressas no documento que formalizou a Política de Educação Municipal através de projetos de atendimento que constituem as ações da Escola Caá-Mutá, Escola Cidadã (MENDES, 2005, p. 219).

Se contrapõe à história das políticas educacionais deste município pelo fato de construir mecanismos de participação de grupos populares. O que interessa para contextualizar as percepções ideologias e princípios de formação da Escola Arte presente na abordagem desta autora e conhecer os princípios educacionais que constituem a Escola Caá-Mutá — Escola cidadã, pois eles também foram as bases para a construção ideológica do projeto Escola Arte Caá-Mutá Mestre Cupijó. Deste modo, a autora supracitada cita os princípios desta política

educacional “1- Escola para todos – Princípio da inclusão dos excluídos; 2- A construção social do currículo a partir da adoção do Projeto Político Pedagógico; 3- Gestão democrática e participativa, 4- Valorização dos profissionais da educação” (MENDES, 2005, p. 210).

Os princípios direcionavam segundo Mendes (2005), para uma política educacional democrática e participativa da comunidade cametaense. Todavia, ela evidencia que algumas propostas não tiveram uma consolidação em suas metas, devido a realidade concreta das unidades educacionais, isto é, na prática as alternâncias de cargos na direção dos projetos trouxeram algumas consequências. “Verifica-se que na prática, os cargos de direção de escola remetem para a organização burocrática e hierarquia, a falta de critério claro e transparente para a indicação desses cargos na política do governo popular” (MENDES, 2005, p. 238).

A contradição na proposta da política educacional representou para a autora supracitada um contraponto aos propósitos apresentados pela política democrática do governo popular. No caso da Escola Arte, não apenas alternância dos diretores e responsáveis prejudicou a continuação das atividades artísticas e culturais, mas, a falta de financiamento e o abandono do prédio acabaram incapacitando por um determinado tempo o funcionamento deste espaço. Antes do estabelecimento do pólo de capoeira pelos capoeiristas da ASSOCASE, o local encontrava-se sem atividades, segundo o relato do professor León, podemos nos situar:

A Escola Arte ficou durante um bom tempo em estado de abandono pelas políticas públicas locais, a falta de verba para a conservação deste espaço, o encerramento de atividades culturais que tinham aqui, e pelo jogo político de ficar na troca de gestão aqui no município (GARCIA, Renato León Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato León Martins Garcia — (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

Entre os fatores apontados pelo capoeirista León, podemos encontrar na perspectiva de Mendes (2005), quando o entrevistado menciona que os motivos e as dificuldades estão relacionados com a política de alternância na direção dos espaços escolares, e o abandono do prédio, pois, há muito tempo não passa por reformas significativas, mesmo com estrutura precária, encontra-se em funcionamento, por intermédio das ação dos capoeiristas, e outros grupos que lá realizam suas atividades culturais, tendo em vista que, não contam com a participação financeira Secretaria de Cultura, somente concederam o espaço físico.

Deste modo, a criação da Escola Arte teve como objetivo contribuir com a formação integral do educando por meio da valorização dos dotes artísticos, valorizando a cultura local cametaense (Ibid., 2005, p. 230). Um projeto para atender uma das prerrogativas da Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, na ampliação da carga horária “visando à inclusão social dos

alunos por meio do desenvolvimento crítico, partindo da realidade do alunado em prol de uma escola cidadã, priorizando à educação popular (MENDES, 2005, p. 236- 237). Porém, após alguns anos de funcionamento, o prédio foi abandonado devido o encerramento das atividades pela falta de manutenção do espaço e a alternância de gestões governamentais.

Diante dos discursos e ações dos interlocutores, percebi que eles também se justificavam pela proposta de promover a cidadania com ensino da capoeira, essa percepção muito se parece com os princípios no qual o projeto Escola Arte foi desenvolvido, veremos mais adiante nas análises que se tecem esse estudo, o quando o envolvimento com este espaço, tenha influenciado do discurso de inclusão e cidadania nas ações do capoeiristas. Observa-se essa relação quando atentarmos para diante a justificativa que os capoeiristas elaboram no Projeto de Capoeira “Grande Cidadão” com a finalidade de “resgatar”, *“meninos e meninas, que sejam crianças e adolescentes expostos aos riscos sociais”* entre os benéficos *“o bem-estar físico e mental e os desenvolvimentos da cidadania”* (GRANDE CIDADÃO- PROJETO DE CAPOEIRA- ASSOCASE- Diretoria do pólo de Capoeira regional Escola Arte, 2016, p. 6).

Diante disso, o que não se pode deixar escapar aqui, é que a política pedagógica apresentada pela Escola Arte, por meio da política educacional Escola Caá-Mutá, Escola Cidadã, trata-se de uma perspectiva desenvolvida por ações políticas vinculadas a gestões governamentais, ou seja, suas ações fazem parte de um contexto maior. O discurso de “resgatar” sujeitos em situação de risco ou dar a eles ocupações, está vinculado a uma das facetas que o Estado se apropria da cultura e de seus praticantes apenas como dispositivos, para justificar o seu papel de provedor de uma educação multicultural e diversificada. “Vivemos em uma sociedade onde um Estado de democracia não é o lugar de criar por consenso as normas da vida coletiva, mas, apenas é o lugar de obedecê-las” (BRANDÃO, 2006, p. 10).

Se refletirmos historicamente o sentido de cidadania no Brasil com base na perspectiva de José Murilo de Carvalho (2004), quando o mesmo aborda a gênese da “cidadania” no Brasil. Segundo Carvalho (2004), o que os brasileiros sempre tiveram foi o protecionismo do estado de alguns direitos, foi uma espécie de “estadania” provinda de uma cultura estatista e nunca uma cidadania completa. Mas, se compreendermos a cidadania como um pleno exercício de direitos, assim, podemos traduzi-la nas lutas e conquistas dos sujeitos frente ao Estado.

A ligação entre essa abordagem e as ações dos capoeiristas interlocutores deste trabalho é o sentido de inclusão que eles realizaram e vinculam ao discurso de “resgatar” sujeitos, e por sua vez, está presente também na idealização da proposta Político Pedagógica da Escola Arte Caá-Mutá Mestre Cupijó essa convergência entre ambos discursos, possibilita refletir também o processo de esportivização da capoeira pelo Estado, na década de 30. Segundo

Dias (2015), o esporte era entendido como um instrumento de “domesticação” e “moralização” do corpo, através do exercício, um meio de preparação para o mundo do trabalho. Esse discurso vinculado é uma tentativa de desvincular da lógica do mundo da rua, os protagonistas possam colaborar para com aparelho social, era necessário para o Estado, vincular formas e estratégias para associar a capoeira ao lado esportivo, assim iniciando as pessoas ao mundo do trabalho.

Pois, qualquer movimento ou formato de educação que não gere lucro ou investimento é visto como uma prática de “ociosos” sem fins lucrativos. Diante da breve contextualização histórica da prática realizada anteriormente, vimos que a ela esteve também associada a vivência e ao cotidiano das ruas, em Salvador, no Rio de Janeiro, Pernambuco, e no Pará, foi capaz de produzir sujeitos históricos, políticos e culturais através dos coletivos, como as maltas de capoeira no século XIX-XX, assim, como esses sujeitos fizeram uso do conhecimento da capoeira para driblar os sistemas de repressão, participando de os folguedos ou pela associação a capangagem, não ficaram à mercê do sistema opressor (LEAL, 2008, p. 75).

Assim, como ressaltamos as tentativas de apropriação do Estado sob o discurso da capoeira como um símbolo esportivo, mas, os praticantes aproveitaram o momento como artifício para obterem sua legitimação como cultura, identidade, sair do código penal e organiza-se. Os capoeiristas também criam suas próprias estratégias para resistir as adversidades e repreensões. Não é diferente, com relação ao desempenho dos capoeiristas membros do pólo Escola Arte/ ASSOCASE, é claro, não extrapolando os campos históricos, mas, a forma como lidam com o diálogo com o espaço escolar, e com os demais espaços, tendo como discurso e prática a inclusão social no ensino da capoeira em prol de uma educação cidadã, são estratégias para permanecerem ocupando seus espaços de atuação.

O processo de inclusão realizado pelos capoeirista no pólo Escola Arte direcionam para duas abordagens, a primeira é o acolhimento de jovens da periferia da comunidade cametaense, sujeitos socialmente vulneráveis, a segunda e a inclusão de crianças e jovens autistas e com outras dificuldades cognitivas em suas ações. E o que diferencia o sentido de inclusão na capoeira de outros processos inclusivos, está nos elementos que possibilita a participação como a oralidade, memória corporal, coletividade, presente na capoeira, considerando que os professores deste pólo não possuem formação específica para com os alunos autistas, no entanto, usam destes elementos e de suas experiências na capoeira para a realização do processo de inclusão com distintos sujeitos sociais.

Atualmente, o prédio Escola Arte, tornou-se para a comunidade um dos palcos principais onde são realizadas atividades com o ensino da capoeira, na responsabilidade dos professores Renato León (León) e Lourdes Silva (Naja), buscam desenvolver nele ações

culturais e educativas ligadas a prática da capoeira. Após o abandono das políticas locais que o ocasionou o encerramento das primeiras atividades que não se desenvolveu como pretendia a política educacional Escola Caá-Mutá, Escola Cidadã. O espaço físico começa a ganhar mobilidade e visibilidade quando alguns capoeiristas da ASSOCASE. Neste contexto, é necessário ressaltar que a ASSOCASE, já mantinha diálogos com os outros espaços da cidade, desde a década de 90, mas, ainda estava iniciando seu trabalho nesta cidade.

A política de expansão na cidade de Cametá, se consistiu na criação de um projeto com o lema a inclusão de sujeitos marginalizados (crianças e jovens em vulnerabilidade social). Segundo a narrativa do capoeirista Fernando Willer, a política de expansão tinha como meta estabelecer parcerias também com espaços escolares.

A capoeira se organiza quando mestre Paulino traz a senzala com uma nova roupa agora já com trabalhos em comunidades escolares e projetos sociais envolvendo crianças pra gente tirar elas da marginalidade (CARVALHO, Fernando Willer Costa. Entrevista com o Professor de Educação Física e capoeirista e integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE – Fernando Willer Costa Carvalho – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 29 de março de 2017).

Entre os fatores que incentivou essa campanha está a proposta de restituição a comunidade, no ato de “resgatar” jovens da criminalidade e contribuir socialmente para sociedade. Na entrevista com o capoeirista João Meia Lua, integrante desta associação, responsável pelo pólo em funcionamento na instituição de ensino E. M. E. F. Coronel Raimundo Leão, na cidade de Cametá, podemos apreender um pouco mais sobre o sentido de criar pólos e os processos formativos para se tornar capoeiristas na ASSOCASE.

Como a gente trabalha forte com a capoeira pela uma perspectiva educacional a gente tem essa metodologia, aí foi que todo mundo que pega graduação de professor tem que assumir um trabalho e desenvolver, mas desenvolver não é só passar roda ou treino, temos também os eventos, oficinas e campeonatos para serem realizados (SANTOS, João Batista de Oliveira. Entrevista com o Professor de Capoeira regional no pólo/ASSOCASE Coronel Raimundo Leão – João Batista de Oliveira Santos – (37 anos). Entrevistado: no pólo Coronel Raimundo Leão. 22 de jan. 2017).

Faz parte da formação dos capoeiristas graduados iniciar trabalho a partilha de seus conhecimentos apreendidos durante a formação. Graduação de professores dentro da capoeira regional na ASSOCASE não está relacionada a títulos acadêmicos, mas, com formação vivenciada no ensino e prática da capoeira regional, a formação que se consolida através da relação entre Mestre e discípulo. Assim, todos os capoeiristas e alunos membros da ASSOCASE, que atuam na cidade de Cametá-PA, especificamente, os que possuem graduação

de capoeira ou formados (correspondem a partir das cordas amarelas), tem títulos de professores de capoeira, são destinados a proverem trabalhos independentes, não desvinculado da ASSOCASE e nem do seu Mestre, mas, com suas próprias características. Essa forma de organização realizada por esses capoeiristas nos espaços cametaenses não deixa de ser entendida como uma busca pelo reconhecimento da capoeira como um espaço que exprime saberes educativos e valores culturais, e o diálogo, especialmente, nas escolas legitima a concepção de que a capoeira também é um espaço onde acontece processos formativos.

Segundo o contramestre Basean da ASSOCASE, afirma que ver dois motivos em relação a postura dos capoeiristas estabelecerem parcerias com o espaço escolar.

Porque eu penso que seja por dois motivos, primeiro porquê e a onde a gente encontra mais as massas das crianças e temos maior contato e outro porque outros órgãos não cedem espaços com facilidade, por exemplo, aqui no próprio barracão da comunidade da Igreja aqui do Bairro Novo, a gente tem dificuldade de montar um trabalho lá porque é capoeira e eles tem um certo preconceito porque acha que capoeira é macumba, então eles não cedem o espaço esse mesmo preconceito há também em outros lugares e a gente tenta conseguir um apoio e nas escolas a gente consegue dialogar por um determinado tempo. Certa forma eu acho que as escolas devem ter essa obrigação de apoiar o lado cultural que a gente mostra e tem na capoeira, e por isso que nós procuramos mais as escolas (SILVA, Josian Marivaldo. Entrevista com o Contramestre de capoeira do ASSOCASE – Josian Marivaldo Leão da Silva – (42 anos). Entrevistado: em sua residência, no Bairro Novo, 20 dezembro de 2017).

Na narrativa do Contramestre da ASSOCASE encontramos alguns pontos pertinentes para pensarmos a respeito das justificativas que levam os capoeiristas desta associação a estabelecer parcerias com os espaços escolares cametaenses, além, do valor material (o físico), o primeiro está relacionado com a localização do público alvo, as crianças e jovens da comunidade concentram nos espaços escolares, e o segundo é o preconceito por parte de algumas comunidades de igrejas estabelecidas em bairros cametaense que não percebem nesta manifestação as suas características educativas, culturais e esportivas.

O relato evidência que apesar da investida dos capoeiristas de socializar com a comunidade cametaense eles ainda encontram barreiras como o preconceito, diante dos elementos como musicalidade, ludicidade e cosmologia africana que se fazem presente no ensino da capoeira. Porém, isso não os impede de prosseguir seu trabalho e o diálogo, continuam no diálogo e trabalhos, e a forma que encontram para resistirem perante ao preconceito. Outro fator extremamente importante que encontramos nesta narrativa é fato das escolas serem concebidas pelos capoeiristas como espaços mais propícios para estabelecer pólos de capoeira, justamente, por considerar um ambiente que gera saberes e conhecimentos.

Deste modo, levando-os a refletir o porquê não partilhar também os seus conhecimentos e saberes com os estudantes das escolas. O que também favorece essa comunicação é que as escolas cametaenses abrem seus espaços para iniciativas culturais com a participação da comunidade, essa abertura, é entendida pelo entrevistado como uma obrigação que as escolas devem estender ao acolhimento também das atividades desenvolvidas através do ensino da capoeira, justamente, por se identificarem também como agentes culturais que detêm os conhecimentos e saberes desta manifestação da cultura popular. No entanto, a parceria é passageira, segundo o contramestre, “*a gente consegue dialogar por um determinado tempo*”, esse tempo é determinado até quando dure a parceria vinculado a algum programa governamental, ou quando os capoeiristas atuam por si, ganham autonomia e começam a intervir nas relações.

A pergunta que nos direciona neste momento, é como os capoeiristas da ASSOCASE chegaram no espaço da Escola Arte Caá-Mutá Mestre Cupijó? O primeiro trabalho realizado pelos interlocutores deste estudo se deu através da política do Programa Mais Educação, após o término do programa enxergaram a possibilidade de continuar seu trabalho com ensino da capoeira no espaço da Escola Arte. Deste modo, consideramos importante o relato do professor de capoeira León, concedida por meio da entrevista, onde narra a forma como aconteceu a negociação do grupo ASSOCASE e o estabelecimento do polo na Escola Arte.

Terminou o trabalho no projeto Mais Educação na (eu não vou falar o nome da escola e nem da diretora porque a gente ainda pretende voltar a trabalhar no Mais Educação) o projeto estava indo bem e os alunos queriam continuar, o pai de uma aluna nossa, o seu Edmilson queria que sua filha Eloisa continuasse participando, e ele gostou da capoeira, e não queria que terminasse naquele momento e que continuasse as aulas, aí ele foi na Secretária de Cultura e conversou lá e me levou lá e levamos um ofício. A secretária assinou e a gente conseguiu espaço pra dar continuidade do projeto Mais Educação nas escolas, e agora a situação é que o espaço físico na Escola Arte durante muito tempo ficou abandonada, mas nesse início do ano nos tivemos uma boa notícia que a Escola Arte vai ficar sob coordenação minha, e do professor de dança o Toca, e dos meninos do hip-hop. Ganhamos um espaço e ganhamos parcerias também com a própria diretora que entrou para coordenar, ela vai nos ajudar, e questão também de alguns políticos que já vieram procurar a gente para dar essa força. E por incrível que pareça vieram procurar a gente (GARCIA, Renato León Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato León Martins Garcia — (22 anos). Entrevista no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

O destaque principal na narrativa do capoeirista León, é consolidação de um acordo entre a Secretaria de Cultura e Desporto/Cametá-PA (SECULTD) e a diretoria que compõe o pólo de capoeira Escola Arte, inicialmente apenas composta pelos professores Renato León e Lourdes da Silva. A narrativa também nos revela um pouco sobre a forma ocorreu o diálogo para estabelecimento das atividades, como por exemplo, eventos, oficinas e batizados, promovidos pelos informantes/capoeiristas. Atualmente, o trabalho tem recebido alguns

setores políticos, como afirma o relato acima, isso de certa forma é encarado pelos capoeiristas como uma surpresa em relação a procura que o pólo da Escola Arte teve nesses últimos anos.

A procura deve ser analisada a luz do contexto da realidade da política local cametaense. Deste modo, a entrevista acima, foi realizada no 16 de janeiro de 2017, os capoeiristas deste pólo estavam passando por um momento de instabilidade e angústia em relação a permanência de suas atividades nesse espaço. Por interferência da política local, em consequências ao processo de alternância de Governo Municipal, pela troca na direção do estabelecimento Escola Arte Caámutá Mestre Cupijó.

Outro ponto, é o fato que podemos apreender dos propósitos que levaram os informantes a consolidar um pólo no espaço da Escola Arte, era dar continuação ao trabalho realizado nos moldes do Programa Mais Educação. Porém, esse não foi o único motivo. Houve também o reconhecimento de suas ações educativas e culturais pelos pais das crianças que frequentavam a escola anterior. Ao ponto do pai de uma das alunas, a Eloysa (cascavel), agisse com solidariedade pela continuação das atividades dos professores de capoeira Léon e Naja. Segundo a narrativa do seu Edmilson, o pai da aluna Eloysa, batizada de Cobra Cascavel.

Não dava para acabar com uma coisa que estava bonita, a Eloysa tinha acabado de passar de ano, e estava indo muito bem na capoeira participou em eventos, aí ela ganhou até troféus e medalhas, eu entendi que a capoeira pra ela tava dando resultado, pois ela gosta e faz bem né. Além disso, a capoeira, e ela estando aqui não atrapalha em nada, e até bom porque ela não fica trancada em casa, ela tá junto com as outras crianças, então, foi muito bom mesmo pra ela (SANTOS, Edmilson - Pai da Cascavel) - Autônomo - entrevistado no pólo Escola Arte, 24 de fevereiro de 2017).

A importância das ações deste grupo de capoeira para com seus alunos, é evidenciado também no processo de consolidação dentro do espaço Escola Arte, quando vemos o envolvimento do pai (Edmilson) de uma das alunas (Eloisa), reconhecendo a responsabilidade e a importância das ações que o ensino da capoeira proporciona para formação de sua filha, uma formação adquirida e construídos na convivência e, na prática com os demais capoeiristas que compõem o pólo de capoeira Escola Arte. Os reconhecimentos fizeram esse pai ajudar o coletivo que não tinham onde continuar com suas atividades. A atitude deste pai também é reconhecida pelos capoeiristas, na narrativa do monitor Fernando Willer (Mamute), a importância também da família dos alunos para consolidar o trabalho na Escola Arte.

Conseguimos um espaço aqui através do pai da aluna Eloysa que é a cascavel, o pai dela nos ajudou muito nesse espaço aqui, e o que a gente utiliza aqui é só o espaço da escola arte. Mas, foi a secretária do município que cedeu o espaço, mas não temos o apoio financeiro, mas o espaço eles sedem pra gente trabalhar (CARVALHO, Fernando Willer Costa. Entrevista com o Professor de Educação Física e capoeirista

e integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE – Fernando Willer Costa Carvalho – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 29 de março de 2017).

A ação construída para a consolidação do pólo neste espaço, assim como o incentivo as atividades com a capoeira não foi apenas articuladas pelos capoeiristas, mas, foi construída com a participação dos pais dos alunos que frequentam os treinos neste pólo. Mostra que os responsáveis das crianças depositam confiança no trabalho, que ainda estava em processo de consolidação. Inicialmente pelos dois professores de capoeira no espaço Escola Arte, onde atuam desde 2014, e ainda continuam realizando atividades educativas e culturais.

Algumas situações observadas durante a pesquisa de campo, colocam em confronto a perspectiva inicial proposta pelos capoeiristas deste pólo, quando uma das lideranças do pólo menciona “*dar continuidade das atividades do Programa Mais Educação*”, isto é, seguir com o modelo e a proposta deste programa governamental. Conseguir perceber em suas ações um afastamento deste modelo de ensino, uma vez que, não dispuseram de assistência durante os três últimos anos que desenvolveram atividades ligadas ao ensino da capoeira neste estabelecimento. Mesmo com o trabalho firmado no espaço da Escola Arte, a instabilidade política Municipal, levou-os a reafirmar uma espécie de contrato/parceria com a SECULTD.

O ocorrido induziu os informantes organizarem-se politicamente, apresentando para a nova direção Municipal argumentos necessários para continuar desenvolvendo suas atividades de ensino no espaço da Escola Arte, entre os argumentos que conseguir analisar no relato do professor Léon, foi a assimilação do discurso da política pedagógica da Escola Arte.

A proposta que nos falaram lá na Secretaria de Educação era tirar todo mundo e deixar o espaço (Escola Arte), é deixar sem ninguém outra vez, só que nós fomos lá, é colocamos nosso ponto de vista, dizendo que não fazia sentido. Pra que tirar? Um trabalho que já está firmado, e abandonar de novo? Ficar exposto esse lugar para o pessoal vim usar droga aqui dentro e terminar de levar o que tem aí dentro. Entendeu! Então, bora continuar o nosso trabalho com as crianças e a nossa capoeira e tentar tirar essas pessoas do mal caminho (GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon Martins Garcia — (22 anos). Entrevista no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

No relato, observamos os interesses da nova direção do estabelecimento Escola Arte para com as ações dos capoeiristas deste pólo, sobretudo, a aflição do capoeirista diante da instabilidade de continuar atuando dentro deste estabelecimento, o que provocou uma organização política destes sujeitos, no sentido de mostrarem-se como um coletivo e agentes culturais, os quais possuem suas próprias intensões políticas e educacionais, reivindicando o reconhecimento de suas ações educativas, culturais e esportivas perante os setores políticos.

O questionamento do capoeiristas frente a proposta da atual gestão não deixa se de ser entendido como um desabafo sobre o modo como os órgãos governamentais vêm fazendo descaso de suas ações na comunidade cametaense. Um dos diversos desafios deste pólo está relacionado com o não reconhecimento do termo e significado da palavra trabalho exercido nas ações diante da prática e o ensino da capoeira, justamente, porque não possuem finalidades lucrativas. Perante a sociedade o trabalho que não gera lucros nem sempre é visto com bons olhos ou concebido como uma forma de trabalho. Diante disso, resalto um episódio em especial no qual o professor Léon relatou durante a entrevista, durante a conversa que teve com um professor de Educação Física atuante da rede municipal desta cidade.

O entrevistado pediu sigilo ao nome do professor, mas, permitiu que transcrevesse e analisasse a conversa que teve com ele, nesta narrativa podemos perceber sobre o discurso de marginalidade, preconceito e não entendimento da lógica de ensino e trabalho existente na prática da capoeira e por aqueles que trabalham sem títulos ou rotulações acadêmicas.

Querendo ou não a capoeira ainda é uma prática muito marginalizada, mas pra quem vive pra quem sabe das nossas lutas diárias dentro dessa prática sabe que a capoeira está muito além do que as pessoas pensam. Ontem eu tava conversando com um professor de educação física ele falou tanta coisa, que eu fiquei triste, porém, não serviu pra desanimar meu trabalho aqui na Escola Arte, até porque eu sei o meu papel com capoeirista em Cametá. O cara tem um trabalho muito bonito na escola ele tem educação física, eu falei como era a nossa realidade e nosso trabalho aqui, ele disse que nós estávamos errados que capoeira era macumba coisa de malandro, que a gente empatava as crianças de irem estudar, aí eu peguei falei pra ele tu não sabes da nossa realidade e o nossos objetivos aqui. Pior de tudo e que ele falou assim pra mim “Eu tô estudando, eu tô na faculdade eu sei o que é isso”, aí eu perguntei pra ele a quanto tempo tu tá na universidade ele disse “tô a três anos na faculdade”, eu disse pra “Tu sabe quantos anos eu tô na capoeira eu vou fazer onze anos na capoeira e essa é a minha faculdade”. Eu tô a onze anos dentro da capoeira sobrevivendo, estudando e vivenciando a cada dia dentro dela, e tó eu acho que nunca jogou capoeira. E muito triste a gente ter trabalho como a gente tem aqui e ver esse tipo de pensamento das pessoas (GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon Martins Garcia — (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

Diante deste episódio, narrado e vivenciado pelo professor de capoeira Léon, umas lideranças do pólo de Capoeira Escola Arte, notamos que existem também discursos marginalizantes, pessimista e preconceituosos, sobretudo, com relação ao não reconhecimento do significado de trabalho e a condição de educadores e agentes culturais por aqueles que colaboram através do ensino da capoeira para meio educacional e cultural cametaense.

Não apenas divulgando a capoeira, mas na vivência, na responsabilidade de promover uma educação que não gere lucro financeiro, mas que os ensine a pensar na diversidade de experiências socioeducativas, os quais são construídos coletivamente, e proporcionados aos

praticantes por meio desta está manifestação da cultura afro-brasileira. Outra observação muito importante neste episódio, e que não poderia passar despercebido nesta análise, pois, é o que estamos discutindo também ao longo deste estudo, diz respeito, aos processos de legitimam das ações dos capoeiristas deste pólo no espaço escolar, diante deste episódio narrado, refleti que com título acadêmico como profissional de Educação Física, o professor da Rede Municipal além de marginalizar e atacar as ações dos capoeiristas, questionando as ações do capoeirista Renato Léon como educador, chamando sua atenção, assim, essa função não lhe diz respeito, pois, não tem títulos acadêmicos no sentido de que “empatava as crianças de irem estudar”, como se a capoeira e o que se aprende nela não se constituíssem em princípios educativos.

Por outro lado, a resposta a ignorância vem à tona, não de um pessoal qualquer, mas de alguém que vivência a prática da capoeira, e possui experiência no ensino, ao afirmar, “*Tu sabes quantos anos eu tô na capoeira? Eu vou fazer onze anos na capoeira e essa é a minha faculdade*”, neste sentindo, afirmando e também legitimando como um agente educador e cultural, no qual a capoeira, a roda, a vivencia e o ensino nela proporcionam o reconhecimento mediante aos seus membros como aquele que detém conhecimentos e saberes pautado na cultura popular, e isso é o que legítima suas ações educativas. A perspectiva preconceituosa evidenciada pelo acadêmico de educação física associando a capoeira a terminologia pejorativa, *macumba*, mostra uma realidade, que muitas vezes, é vivenciada por esses sujeitos.

Ações depreciativas com essas não os tornam sujeitos com sentimentos de vitimismo, pelo contrário, como menciona o capoeirista Léon, “pra quem vive, pra quem sabe das nossas lutas diárias dentro dessa prática sabe que a capoeira está muito além do que as pessoas pensam”, está, justamente, no “papel com capoeirista em Cametá”, que é a ação de divulgar a cultura afro-brasileira, ensinar, ocupar e movimentar a prática da capoeira nos espaços em que ela ainda não é entendida na sua lógica de ensino e funcionamento. Com efeito, a percepção negativa de suas ações deva-se a própria concepção e significado de trabalho, como mencionado anteriormente, e também podemos ver novamente no episódio narrado pelo professor Renato Léon, pois, este tipo de pensamento está engrenado pela lógica do sistema capitalista, no qual se reconhecer apenas como resultados materiais (SOUSA JR, 2010, p. 139).

Porém, na lógica da capoeira o sentindo do trabalho, assim como o ensino é diferente, em especial, para aqueles grupos ou associações de capoeira que não possuem valores mercadológicos, isto é, não se tem na prática o sustento financeiro dos integrantes, ou ainda, no uso de sua prática para fins lucrativos. Para manter o funcionamento das atividades, eles criam artifícios para se mover dentro desta lógica comercial, por exemplo, os interlocutores realizam bingos, oficinas, a cobrança para participação de outros capoeiristas em seus eventos, apesar,

de não pagarem aluguel no espaço da Escola Arte, existem também despesas do próprio coletivo como na manutenção dos instrumentos musicais e roupas (uniformes) para o treino, e principalmente gastos com as graduações, todos esses gastos diretamente ou indiretamente fazem parte das despesas para a formação como capoeiristas.

A atuação e atividades realizadas pelos capoeiristas do pólo Escola Arte na sociedade cametaense trata-se de um diálogo que não tem remuneração, e por não ter, às vezes suas ações com ensino da capoeira não são compreendidas. As ações podem ser entendidas como perda de tempo, uma “vadiagem”, no sentido, pejorativo dos discursos que essa manifestação vivenciou durante os séculos XIX-XX. No que diz respeito a historiografia, Augusto Leal (2008), mencionam que no Pará republicano, a ordem era limpar os “vadios” capital, principalmente negros que após-abolição estavam dispersos sem ocupação, a imprensa jornalística, também colaborou para o discurso de vadiagem sobre a prática com denúncias na tentativa de disciplinarização do meretrício.

O sentido de vadiagem estava estritamente relacionado com mundo da rua, o lugar onde atuavam os capoeiras de outrora, o lugar onde a prática da vadiagem era percebida como algo negativo. Por isso, talvez, como resquício de uma visão pejorativa sobre o significado de vadiagem e da própria prática e ensino da capoeira. Interessa aqui, é compreender as ressignificações que os praticantes realizam diante destes discursos pejorativos sobre o sentido de vadiagem ligado a capoeira, onde adotam uma postura do sentido de vadiagem atrelado ao próprio sentido de jogo roda e na vivência da prática, tornando aquilo que o opressor apontava como algo negativo em algo positivo. Como veremos adiante, os capoeiristas do pólo de capoeira Escola Arte não se intimidam a respeito de rotulações, pelo contrário, movimentam-se, interagem e cria possibilidades de diálogos com outros espaços como forma de reconhecimento de suas ações culturais e educativas, assim legitimando a sua importância.

A ocupação do espaço físico da Escola Arte Caá-Mutá Mestre Cupijó com sede das atividades culturais e educativas ligadas ao ensino da capoeira não foi estabelecida inicialmente apenas por meio de diálogo informal entre os interessados. Através de uma carta-ofício, gentilmente, cedida para análise desta pesquisa, encontram-se a formalização e o pedido para realização de atividades com a capoeira no espaço da Escola Arte Caá-Mutá Mestre Cupijó. Portando o n.º 01/14 datado no dia 15 de dezembro de 2014, encaminhado à Secretaria Municipal de Cultura Turismo e Desporto, recebido e assinado pela Secretaria de Cultura e Turismo, em nome de Anne Jacquelline Souza de Chagas, no dia 15 de dezembro de 2014.

Nela encontram-se o objetivo, a justificativa e os horários para a realização das atividades com a capoeira no espaço físico da Escola Arte por alguns membros da ASSOCASE.

Tendo em vista que nosso grupo de capoeira senzala pretende realizar aulas de capoeira e promover eventos na escola arte sendo que o Centro de Cultura se encontra impróprio de realizar tais atividades, solicitamos-lhe a especial fineza de autorizar as aulas nessa instituição de ensino para que possamos fazer uma inclusão social com a comunidade cametaense. Horário das aulas nas quartas-feiras as 08:10:00 e 16:00 as 18:00, e os sábados as 08:00 as 11:00” (OFICIO Nº 01/14- Produzido pela Diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE, 15 de dezembro de 2014.)

Na Carta Ofício, os capoeiristas identificam-se como “nosso grupo de capoeira”, e não como uma Associação de capoeira, pode ser entendido como o sentido de coletividade que carregam como um grupo que já estavam juntos desde o encerramento de suas atividades anterior, através do Programa Mais Educação. A oficialização do pedido de espaço para a Secretaria de Cultura (SECULTD) partiu da iniciativa do professor de capoeira Renato Léon e da monitora Naja, tendo em vista que ambos os professores de capoeira em 2014, eram recém-formados e graduados pelo ASSOCASE. Aptos a ministrarem treinos de capoeira.

Na carta-ofício, além solicitarem o espaço físico havia a necessidade da realização de eventos como batismo e oficinas. Outras coisas são também ressaltadas diante das justificativas do pedido de solicitação do estabelecimento da Escola Arte, primeiro é que, ao mesmo tempo que pediam o espaço, eles acabavam por denunciar e comunicar as autoridades públicas, as condições precárias de funcionamento da sede do Centro de Cultura de Cametá, não podia abrigá-los, por encontrasse em situação de risco, sua estrutura estava imprópria (desabando). Por outro lado, temos a apresentação dos objetivos pretendidos pelos capoeiristas com ensino da capoeira promover uma inclusão social com a comunidade.

Ao atentarmos para forma como esses agentes negociaram sua consolidação não apenas por meio do diálogo, mas, também oficializando essa permissão por meio da Carta-Ofício, consideramos como sujeitos articulados politicamente com suas causas. No documento há o registro da organização dos treinos, no entanto, ao decorrer da vivência os horários e dias também mudaram, geralmente acontecido de segunda a quinta-feira, a partir das 16 horas, e o termino por volta das 19 horas, podendo ocorrer prolongamento durante a realização de eventos.

A Escola Arte Caá-Mutá Mestre Cupijó tornou-se novamente um espaço recreativo dentro da comunidade cametaense, no qual acolhe atividades como a capoeira, assim como outros grupos e coletivos que usam o espaço físico desta escola para atividades físicas e performáticas, como o grupo dos meninos do Hip-Hop, e as aulas de ginástica realizadas pelo professor Toca. Todas essas atividades são desenvolvidas em momentos e horários paralelos, pois, o espaço físico dispõe apenas de único salão, no entanto, cada grupo responsável pelo horário tem como obrigação deixá-lo organizado e limpo para que possa dar lugar a outros.

IMAGEM 3 - A ESCOLA ARTE-CAÁ-MUTÁ MESTRE CUIPIJÓ



Fonte: CARDOSO, Darcielly, acervo de pesquisa, 2017.

A imagem 3 representa à vista da principal da entrada do pólo de Capoeira Regional Escola Arte estabelecido no espaço do prédio Escola Arte, optou-se por essa imagem no intuito de mostrar uma vista panorâmica da entrada e o tamanho do espaço que os capoeiristas dispõem para suas atividades. Do lado direito da imagem encontram-se as únicas entradas de ar da sala de treino, a janela e a porta de entrada.

É neste salão que acontecem a maior parte da formação e treinos, assim como a partilhada entre os diferentes sujeitos que frequentam este pólo. As salas que compõe o fundo deste estabelecimento, seguindo o corredor, é onde se encontra a cozinha, sem funcionamento, ao lado direito da imagem, observa-se uma sala destina a coordenação, mas, ela não tem atendimento algum, pois, não há presença física dos responsáveis pelo prédio deste estabelecimento, a sala é usada pela Diretoria do pólo de capoeira Escola Arte, apenas em reuniões ou pautas sobre eventos.

O espaço físico deste estabelecimento dispõe de um único salão com pouca iluminação, não possui bebedouros, apenas água da torneira, sendo isto, os alunos trazem água para beber durante o treino, assim, como alguns materiais de limpeza. Os treinos são realizados no salão, no entanto, os interlocutores deste estudo como veremos adiante procuram dialogar com outros espaços. As descrições neste trabalho, sobre os treinos, eventos, cotidianos, oficinais, produzidos pelos capoeiristas do pólo Escola Arte se referem aos dias que estive realizando o trabalho de campo durante três meses iniciando a pesquisa em janeiro de 2017.

Diante disso, trago o cotidiano dos informantes, seguindo as minhas anotações contidas no diário de campo. Precisamente às 16 horas da tarde, no dia 21 de fevereiro de 2017, os primeiros a chegarem no estabelecimento da Escola Arte, são as crianças menores, todas uniformizadas como a camisas brancas da ASSOCASE e calças branca, e chinelos. Algumas acompanhadas pelos seus pais, logo as deixam, outras chegam acompanhadas com parceiros de treinos alunos. Todas as crianças e adolescentes logo juntam-se na frente do portão deste estabelecimento formando um pequeno aglomerado, à espera do iniciar das atividades, o

estabelecimento ainda se encontra fechado, geralmente isso acontece quase sempre, pois, a chave é sempre guardada no final dos treinos pelo professor Léon ou por outro membro da Diretoria. Junto delas haviam bolsas entreabertas, instrumentos musicais, como pandeiros e o agogô, e nas mãos trazem alguns berimbaus. O portão de acesso ao estabelecimento ainda se encontrava fechado, os alunos parecem angustiados pela espera, alguns preferiam se alongar, ali mesmo e outros organizaram para tocar alguns instrumentos que estavam com eles.

Toda uma movimentação foi criada neste momento em frente ao prédio da Escola Arte. Não demora muito, no lugar da angústia por não estarem dentro do pólo, as risadas começam a surgir e surge uma agitação entre os aprendizes, em virtude da chegada do professor de capoeira Léon, trazendo consigo a chave do portão, e no simples gesto, erguendo a chave em direção aos seus alunos, que aguardam no portão, soava para os mesmos como um “não precisam se preocupar porque hoje vai ter vadiagem!”.

IMAGEM 4 - ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Após a entrada de todos no estabelecimento, iniciaram-se os alongamentos, a organização do espaço, passam pano chão, pois, do dia anterior, quando chove, o telhado tem goteiras, sempre tem um pouco de água da chuva pelo chão, os capoeiristas deste pólo se revezam entre si, para passar pano e organizar o espaço antes de seguir com o treino do dia, no caso, da imagem 4 registra esta ação por um dos aprendizes do pólo.



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

Neste sentido, percebe-se a importância da realização das tarefas menores. Outras experiências de ensino educativo, principalmente aqueles pautados em valores ocidentais, onde as tarefas e realizações menores como limpar, organizar e participar de elementos construtivos pequenos não possuem tanta importância para o processo formativo ou desenvolvimento das crianças, a maioria dos alunos, em espaços escolares deparam-se com o lugar limpo e arrumado não percebem o esforço antes para a realização do trabalho prosseguir.

Na capoeira as atividades e afazeres por menores são importantes para a construção educativa e social dos aprendizes, pois, incentiva-os no respeito entre seus pares e principalmente a valorização no ensino aprendido que é oferecido a eles. Neste dia, quem orientou o treino foi o professor Léon e o capoeirista Mamute, no entanto, quando o professor

Léon não tem disponibilidade, quem assume são os outros membros da Diretoria, Fernando Willer (o Mamute) e Lurdes Silva (a Naja). Geralmente o treino começa por movimentações, no entanto, não é uma regra estabelecida, às vezes, o roteiro das aulas segue diferenciado iniciando pela, iniciando na musicalidade. Diante das ações iniciais dos capoeiristas o estabelecimento é tomado pela sonoridade que emana dos (berimbaus, pandeiros, agogôs e atabaque), e que se junta as vozes dos capoeirista por meio do canto.

Logo surgem as palmas para acompanhar o ritmo musical, a palma é uma das características da capoeira regional. Além de demarcar o ritmo, ela atua como processo formativo na coordenação motora das crianças. Deste modo, a harmonia e as relações construídas neste espaço começam a gerar vida ao cenário que compõe a Escola Arte. A energia criada pelos capoeiristas através da musicalidade parece transcender a sala de treino, ela ecoa para as ruas, sendo projetadas pelo único “janelão” que serve como entrada de ar.

Porém, durante os dias da pesquisa de campo observei a importância daquela janela, ela não funciona apenas como uma possibilidade de entrada de ar, no entanto, é ela também é abertura para entre os que estão dentro do salão e os sujeitos que olham curiosos quando passam em frente ao pólo de capoeira, sobretudo, a comunidade juvenil, atraídos pela curiosidade de conhecer o treino. A maioria dos jovens e crianças que se aproximavam do pólo, por vezes tímidas, para conhecer pela primeira vez o trabalho dos capoeiristas, se debruçavam sobre o “janelão” do salão, para observar as atividades. O atrativo e curiosidade girava em relação aos elementos que se apresentam durante o treino por meio dos cantos e toques de berimbaus, junto ao misto de movimentos acrobáticos, fazem com que os observadores de certa forma também partilhem as atividades que estavam acontecendo durante o treino.

Os jovens motivados pela curiosidade, e pelo som que ressoa como uma espécie de “chamada”, fez deles observadores

IMAGEM 5 - ADOLESCENTES OBSERVANDO OS TREINOS NO PÓLO ESCOLA ARTE/ASSOCASE



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

constantes do treino. Nesse sentido, Clifford Geertz, compreender a cultura como um sistema genuinamente semiótico, o trabalho do pesquisador é compreender e observar as teias de significados que são entrelaçadas entre os próprios sujeitos (GEERTZ, 2012, p. 4).

Um outro ponto importante que destacamos nesta apresentação é relação a falta de infraestrutura do prédio que pertence à Prefeitura Municipal o descaso pelo estabelecimento acaba por dificultar as ações e atividades dentro deste espaço. O estabelecimento passou por muito tempo sem receber manutenções, atualmente o lugar encontra-se em processo de sucateamento. Todavia, o sucateamento que a Escola Arte vem enfrentando não é recente, desde que as atividades foram encerradas pelo programa educacional Escola Caá-Mutá, Escola Cidadã, uma vez, que as atividades não concluíram como deveria ser na prática.

O fato é que este estabelecimento não passou por reformas na sua estrutura física, isso prejudica os capoeiristas em suas atividades, sobretudo, como evidência a imagem 6, quantidade de mato e áreas que poderiam ser utilizadas pelo coletivo de capoeiristas, assim como por outros grupos que vivenciam suas atividades neste espaço de ensino. O abandono do espaço pelas políticas locais, comprometem as atividades desenvolvidas pelos informantes, a proliferação e o incômodo dos mosquitos que são atraídos pelo mato que existe neste espaço, e que pode comprometer a saúde destes sujeitos que atuam neste espaço, assim como a falta de materiais de limpeza e bebedouro.

IMAGEM 6 - SUCATEAMENTO DA ESCOLA ARTE



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

No entanto, durante as observações no trabalho de campo, percebi que os únicos responsáveis pela manutenção do local eram os próprios ocupantes dele. Tiram dias para fazer a limpeza e manutenção do espaço, o mesmo acontece com o material de limpeza, geralmente, é comprado pelos protagonistas que atuam neste estabelecimento, onde procuram sempre se mobilizar para manter esse espaço, que possui grande importância social para a comunidade.

Antes de adentrarmos no universo dos sujeitos/informantes deste trabalho, temos a finalidade de mostrar quem são os sujeitos participantes do pólo de capoeira Escola Arte/ASSOCASE. Destacando as diversidades que compõem os capoeiristas do pólo Escola Arte, as histórias e os diferentes contextos (familiar, escolar e trabalho), os quais operam dentro e fora da prática capoeira, revelando suas outras identidades.

2.2 Quem são os capoeiristas do pólo “Escola Arte/ASSOCASE”?

IMAGEM 7- CAPOEIRISTAS DO PÓLO DE CAPOEIRA REGIONAL ESCOLA ARTE/ASSOCASE



Fonte: Acervo fotográfico do pólo Escola Arte/ASSOCASE, na rede social facebook. Disponível em: www.facebook.com/pg/Capoeira-Senzala-CametaPA-prof-Leon-e-Monitora-Naja-1070290286422756/photos/?ref=page_internal

Por que tornar os capoeiristas que compõem o pólo Escola Arte em sujeitos/informantes nesse trabalho? Justamente, pelo público que frequenta as aulas de capoeira, crianças, adolescentes, adultos, meninos e meninas, com idades diversificadas. Principalmente pela forma como os integrantes deste coletivo executam sua cidadania cultural através da prática e o ensino da capoeira. Deste modo, coloca-se a pesquisar o outro, tomando-o como sujeito do projeto que constroem, implica assumir que os informantes deste trabalho se expressam sobre o mundo a partir de seus horizontes sociais, de onde advêm suas experiências, expectativas, desejos. É compreendendo essas pequenas particulares que se compreende o sentido de educação presente no processo de ensino da capoeira praticada por estes sujeitos.

Deste modo, considera-se na construção desse trabalho, as percepções de ordem subjetiva dos sujeitos/capoeiristas de suma relevância para evidenciar o lugar de onde esses professores/capoeiristas, instrutores, alunos/aprendizes de capoeira falam e ofereceram dados para a construção deste trabalho. Os dados levantados e apresentados neste estudo têm como base as observações realizadas durante o período da pesquisa de campo, no uso do diário de campo, entretanto, algumas compreensões mais íntimas e familiares, apenas consegui através da História Oral, uso da técnica de entrevista, neste caso, a ênfase oral, talvez, foi imprescindível para o contato da família (THOMPSON, 1998, p. 27).

Mas, quem são os interlocutores deste trabalho? Quem é a diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE? A maioria são filhos de pais cametaenses, que encontraram na capoeira uma possibilidade profissional, não remunerada, como agentes culturais que exercessem grande influência no meio educacional e esportivo cametaense.

Um dos principais responsáveis pela organização inicial do pólo de capoeira Escola Arte, atuante com o ensino da capoeira na cidade de Cametá-PA, o professor de capoeira Renato Léon (imagem 8). Assume o papel de educador, pois, seu reconhecimento advém do próprio título que recebeu de sua

IMAGEM 8 - PROFESSOR DE CAPOEIRA LÉON - MEMBRO DA DIRETORIA DO PÓLO ESCOLA ARTE



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

formação como professor de capoeira pela ASSOCASE, e também é assim, identificado por

seus alunos/aprendizes de capoeira. Por razões de compreensão, preciso ressaltar que algumas terminologias expressas e construídas no convívio entre os capoeiristas deste pólo possuem sentidos distintos da racionalidade ocidental, sobretudo no sentido de “educar” e ser “professor”, pois, vinculam-se a essas denominações ao processo de experiência que vivenciam diariamente na capoeira e as ressignificam na sua própria realidade de ensino.

Segundo Tedla e Maiga apud Abib (2004), nas práticas culturais africanas e afrodescendentes o termo educar-se tem um sentido mais amplo e referem-se ao como tornar-se pessoa, o que traduzem como aprender a própria vida (ABIB. 2004, p.132). Ao reconhecermos a função educativa da capoeira como “uma espécie de pedagogia articulada às identidades no contexto societário”, segundo a perspectiva de Rosângela Araújo (2015), os capoeiristas percebem o papel da capoeira no seu sentido educativo ao:

a) dizerem/perceberem educadores, organizam-se em torno de outros modelos “societais” (identitários) não hegemônicos; b) adotam, enquanto dimensões pedagógicas, a ancestralidade, a organização coletiva e a solidariedade, de modo a instituir e fortalecer o sentimento de pertença ao grupo com o qual se quer crescer; c) apontam para a inoperância do modelo oficial de ensino (redes públicas e particulares), que estigmatiza, silencia, distorce e se mantém apático a práticas excludentes e discriminatórias, fortalecendo, entre outros, o racismo, o sexismo e a homofobia; d) desenvolvem ações formativas baseadas nos debates sobre as representações, não apenas como prática cultural, mas como prática política (ARAÚJO, 2015, p. 03).

Deste modo, não podemos nos deixar guiar pelas terminologias da racionalidade ocidental, embora, a capoeira regional tenha passado pelo processo de esportividade e escolarização, é uma manifestação da cultura afro-brasileira, e como tal possui sua própria lógica de ensino e as formas de conceber as relações entre seus membros, sejam alunos/aprendizes e professores/capoeiristas ainda sim, são produtores de saberes e conhecimentos. Ao conhecermos um pouco sobre a sua história de vida e iniciação deste professor de capoeira, podemos atentar para os motivos dele trabalhar o sentido de inclusão.

Eu tenho 10 anos sendo capoeirista. Comecei no ano de 2005/2006 não tô muito lembrado. Mas, eu iniciei através de um (eu sempre gostei de esporte), naquela época eu tive influência de um parente meu (primo), para entrar no grupo de escoteiro, foi lá que conheci a capoeira que era do grupo ABADÁ. Lá eu fui praticando, fui gostando. Eu vejo a capoeira no sentido de libertação. Infelizmente, quando antes de eu treinar eu tava me envolvendo com o mundo criminalizado e a capoeira me libertou, veio trazer isso para mim. Hoje eu sou apaixonado pela capoeira me apaixonei pela cultura afro brasileira, pela cultura da minha cidade. Então, a capoeira tem um poder de transformação, poder de ampliar nossa visão culturalmente e socialmente (GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira membro do pólo Escola Arte/ASSOCASE - Renato Léon Martins Garcia - (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

A sua própria trajetória e iniciação na capoeira revela o sentido de trabalhar inclusão na prática, pois, ela representou na vida dele, uma forma de “libertação” e de “resgate” do mundo da criminalidade, por isso, a importância de mostrar a capoeira como uma estratégia socioeducativa, porque ele apreendeu e vivenciou essa possibilidade que o ensino da capoeira proporcionou como estilo de vida. Tornando-o sujeito dedicado à sua profissão no meio da capoeiragem cametaense. Atualmente o capoeirista encontra-se desempregado, a capoeira (trabalho na Escola Arte) não existe a cobranças de mensalidades dos aprendizes, é um trabalho voltado para a comunidade. Além de capoeirista, o informante é graduando em Teatro pela Universidade Federal do Pará, Campus do Tocantins/Cametá, divide seu tempo entre estudar e ensinar a prática da capoeira, ele também se articula para conseguir empregos provisórios.

Embora, o coletivo de capoeiristas do pólo Escola Arte/ASSOCASE não tenha uma renda ou uma espécie de financiamento, as suas lideranças junto aos seus alunos mobilizam-se para desenvolverem atividades, uma dessas formas é revelada pelo professor León, e nos permiti compreender algumas características sobre a organização financeira deste pólo.

A questão é que não é mensalidade. Todo grupo tem suas graduações a nossa são 12 graduações e cada uma delas são pagas. Então, o que os alunos pagam é a graduação deles entendeu. Peço pra eles cinco reais por semana ou por mês como eles puderem, e esse cinco reais eu vou descontando na graduação porque a graduação é um pouquinho mais cara. E essa graduação não é eu que faço esse valor. Porque eu também tenho que pagar, o mestre lá em Belém (GARCIA, Renato León Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato León Martins Garcia — (22 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

Apesar de não parecer terem grandes os gastos financeiros com o ensino da capoeira, isso aos olhos do senso comum, entretanto, existe sim, um custo financeiro com a própria formação e como outros elementos, por exemplo, com a manutenção dos instrumentos, o uso deles durante os treinos e nas rodas acaba desgastando o material, em sua maioria, é artesanal, a formação dos capoeiristas da ASSOCASE, sejam eles professores, instrutores, monitores e alunos, também tem custo, principalmente para a cerimônia de batizado, momento onde acontece a troca de graduação, onde o praticante tem acesso a uma nova graduação, realizam a troca de cordéis, recebendo uma nova corda diferente da anterior, na ASSOCASE as graduações

são as mesmas apresentadas pelo Sistema de Confederação Brasileira de Capoeira²⁸, a figura abaixo (3), representa o sistema de graduação que os informantes adotam durante sua formação.

FIGURA 3 - CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CAPOEIRA-
SISTEMA OFICIAL DE GRADUAÇÃO

Graduação infantil: 3 a 14 anos			Graduação padrão: acima de 15 anos		
1º.	Iniciante	S/ corda ou cordão	1º.	Iniciante	S/ corda ou cordão
2º.	Batizado	Verde/cinza claro	2º.	Batizado	Verde
3º.	Graduado	Amarelo/cinza claro	3º.	Graduado	Amarelo
4º.	Adaptado	Azul/cinza claro	4º.	Adaptado	Azul
5º.	Intermediário	Verde/amarelo/cinza claro	5º.	Intermediário	Verde/Amarelo
6º.	Avançado	Verde/azul/cinza claro	6º.	Avançado	Verde/Azul
7º.	Estagiário	Amarelo/azul/cinza claro	7º.	Estagiário	Amarelo/Azul

Graduação oficial	Estágio	Corda/Cordão	Idade mínima	Tempo de capoeira
Formado	8º.	Verde/amarelo/azul	18 anos	5 anos
Monitor	9º.	Branco e Verde	20 anos	7 anos
Instrutor	10º.	Branco e Amarelo	25 anos	12 anos
Contramestre	11º.	Branco e Azul	30 anos	17 anos
Mestre	12º.	Branco	35 anos	22 anos

Fonte: Tabela Oficial do Sistema de Graduação. Disponível www.capoeirado brasil.com.br. Acesso: 20/02/2018.

A figura (3), representa o sistema de graduação, tem como base a idade de cada capoeirista e o tempo na vivência e prática da capoeira regional, no entanto, existem algumas ressalvas, que apontamos aqui, por exemplo, o primeiro batizado consta na tabela sem troca de corda ou sem recebimento, porém, na formação da ASSOCASE, os alunos/aprendizes iniciantes que tem seu primeiro batismo recebem a corda cinza, ou “corda crua”, após, o segundo batizado, recebem a verde que tem como significado (aluno/aprendiz), amarela (capoeirista formado graduado/ corresponde o título de aluno graduado, professor de capoeira regional), a cerimônia acontece duas vezes no ano. Diante do contexto de batismo ou outros eventos os capoeiristas da ASSOCASE aproveitam esses momentos, que geralmente, abertos ao público para arrecadar fundos financeiros, justamente, porque as dispensas são grandes, segundo o relato do capoeirista Mamute podemos apreender tal situação e algumas parcerias.

É muito complicado principalmente quando fazemos nossos eventos. Hoje em dia a gente já tem, o professor Renato Léon e a monitora naja e Andréia, enfim a diretoria

²⁸ A confederação Brasileira de Capoeira é uma entidade nacional de administração desportiva. Foi fundada em 23 de outubro de 1992, e é hoje a única a ser reconhecida pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Disponível www.capoeirado brasil.com.br/confederacao.htm . Acesso: 20/02/2018.

da Escola Arte passa muita dificuldade, pois a gente não tem apoio financeiro, nós não cobramos mensalidade de nenhum dos alunos, e conseguimos um espaço aqui, a Secretaria Municipal cedeu o espaço, mas não temos o apoio financeiro deles. A gente está tentando fechar uma parceria com eles, o professor Renato León vai ter uma conversa com eles pra montar uma parceria pra eles poderem ajudar a gente na questão de patrocínio para uniforme das crianças que a gente tem essa dificuldade. Sabe que nossas crianças são da periferia, os pais não tem condição de comprar o uniforme. E a gente, eu e o professor Renato León estamos todos desempregados mais não deixamos a peteca cair. Estamos aqui pelos alunos e pela arte fazer e ensinar capoeira e organizando eventos. Se caso não der a gente vai por aí pedir patrocínio em loja procura caminho, graças a Deus tem pessoas que são de bom coração e que sempre ajudaram a gente. E estamos nessa luta! (CARVALHO, Fernando Willer Costa. Entrevista com o Professor de Educação Física e capoeirista e integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE – Fernando Willer Costa Carvalho – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 29 de março de 2017).

Em sua narrativa o capoeirista Mamute, revela algumas informações importantes a respeito do trabalho que realizam na Escola Arte e as dificuldades que a Diretoria do pólo de enfrenta para dar continuação ao ensino da capoeira, uma vez que, suas atividades de ensino são voltadas para as crianças e jovens da periferia, assim, não existe um retorno financeiro, mas, existem despesas durante a formação dos alunos, e como o mesmo ressaltou as lideranças encontram-se desempregadas, procuram “*fechar parceria*” com alguns órgãos públicos, por exemplo, citado pelo entrevistado a Secretaria de Cultura, fazendo parcerias para conseguir pelos menos o espaço para a realização dos treinos e patrocínio para o uniforme dos alunos.

Ensinar capoeira na Escola Arte é algo que eles fazem pelos alunos, “*pela arte de fazer e ensinar capoeira*”. Durante a pesquisa de campo não vi a ajuda por parte dos órgãos públicos, neste sentido, o espaço físico foi o que realmente aconteceu na prática, mas, as ações dos informantes no estabelecimento não deixa de ser uma das formas encontradas pelos

FIGURA 9 - VENDA DE DOCE E ARTESANATO



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

capoeiristas desta associação para permanecer atuantes com o ensino na cidade de Cametá. Na imagem 9, apreendemos um pouco das formas de organizações, como a venda de doces e artesanatos realizada no evento do capoeirista João Meia Lua, II Festival do Soverte, com a participação de outros pólos de capoeira, inclusive, neste evento, o coletivo de capoeiristas do professor León e

da monitora Naja estava presente e participando desta ação, não como organizadores mais como

parte da ASSOCASE, onde também podemos ver a família do capoeirista João Meia Lua, de camisa branca, sua irmã, e filha, ajudando na arrecadação de fins lucrativos.

Essas são algumas das formas e iniciativas em que os capoeiristas desta associação se articulam na arrecadação de verbas. Retornando a apresentação das lideranças deste pólo de capoeira, junto aos demais a figura feminina também se faz presente na composição, pela representatividade da monitora Lourdes da Silva, atende pelo nome de batismo na capoeira como Naja, é uma das referências como figura feminina na capoeira regional no município de Cametá-PA, ela participa no pólo com atividades de ensino com a capoeira.

Apesar, de ter o título de monitora, ela possui o reconhecimento perante seus aprendizes como professora de capoeira, possuindo autonomia para conduzir o trabalho e o treino mesmo sem ou com a presença do professor Léon. Todavia, a sua ausência nesses últimos meses de minha atuação dentro do campo, suas ações dentro do pólo Escola Arte tenham se voltando mais para as intermediações durante as reuniões e conversas com os alunos.

Ela também tem o papel de cuidadora e zeladora pela formação das poucas meninas que frequentam, é uma figura importante para a permanência das alunas, justamente, porque maioria dos aprendizes são do sexo masculino. Para fortalecer os laços entre as mulheres deste coletivo, os “apelidos” e nomes que elas recebem durante o batizado, carrega uma simbologia de solidariedade, considerando que o “apelido” é uma das características da ASSOCASE, e os nomes de batismo são decididos em grupo, levando em consideração duas coisas importantes: as características de jogo dos alunos (lento, rápido, pesado, malino), ou ainda, a sua trajetória de capoeira, e a aceitação de quem receber, sobre o processo de nome de batismo:

Tem que ter muito cuidado quando a gente coloca o nome de batismo dos alunos principalmente das crianças, porque a gente sabe que uma coisa que ficar marcado na vida do capoeirista, e o capoeira se faz com esse nome, então, a gente busca sempre olhar com muito cuidado na escolha pra não ficar uma coisa feia, não fazemos isso aqui no grupo (GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon Martins Garcia — (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

Os nomes de batismo são muito importantes para esses capoeiristas, sobretudo, porque constroem sobre eles uma simbologia no qual possam ser reconhecidos pelas suas habilidades, e também, no caso, especial, das meninas capoeiristas serve como símbolo de união e empoderamento, uma vez que, por influência da professora Naja, todas as alunas do pólo foram “batizadas” com nomes de cobras, por exemplo, Cobra coral, Jiboia e Cascavel. Uma forma de referência a ancestralidade, isto é, referência a quem ensina, e também uma forma que elas encontraram para se identificar na relação de gênero dentro deste pólo. Como mulheres

capoeiristas que possuem reconhecimento e espaço neste pólo, sendo reconhecidas dentro do seu próprio coletivo como “as filhas da cobra Naja”, uma relação que se constrói com base em uma identidade coletiva no qual a figura da mulher na capoeira também se faz presente.

Embora, a representação da figura feminina esteja presente e atuante neste pólo, no entanto, historicamente tem se construído a ideia de que a capoeira ainda é uma atividade predominante masculinizada, deste modo, a figura de uma mulher na capoeira exercendo a função como educadora traz segurança e admiração por essas meninas. Com respeito à participação feminina nas rodas de capoeira regional em Cametá, a mulher ainda é minoria nesta prática, no entanto, cada vez mais, esta ganhando autonomia na organização e criação de pólos de capoeira, não é uma realidade coordenada apenas por homens²⁹. Mas, as mulheres se fazem parte deste processo de expansão e reconhecimento da capoeira promovida pela ASSOCASE, que as legitimam como possuidora de valores educativos e culturais.

No pólo Escola Arte, mesmo diante das funções diferentes desempenhadas entre os capoeiristas, a mulher também tem papel central na iniciativa pela cobrança de disciplina, respeito para com os alunos. A professora Naja enfatiza principalmente em momentos de socialização com o grupo de temas como gênero, a presença da mulher na capoeira, geralmente isso ocorre no final dos treinos, quando existe o momento de diálogo com os demais alunos.

São temas abordados com frequência pela capoeirista, uma vez que seus alunos/aprendizes passam pelo processo de transição da infância para a adolescência. O respeito dos alunos por essa professora é imenso. Uma das formas que os aprendizes procuram demonstrar é ação de pedir “benção”, é um ato que acontece geralmente quando a professora aparece nos treinos, o gesto é realizado, até mesmo pelos alunos mais amadurecidos. Infelizmente, não obtive entrevistas com a monitora Naja, os motivos citados na parte metodológica desta pesquisa, foram fatores que dificultaram a realização, deste modo, ficando ausente aqui, a sua iniciação na capoeira e outras informações de sua trajetória.

Porém, a capoeirista Naja, não é a única mulher que compõem a diretoria do pólo de capoeira regional Escola Arte/ASSOCASE, existe também a presença de uma mãe, que é a representante dos pais, e mãe de uma das alunas, a Cobra Coral, e apesar de não praticar capoeira, recebeu batismo, devido a sua dedicação para com as ações deste coletivo de capoeiristas. Participando de algumas tomadas de decisões e mediações no grupo.

²⁹ É importante ressaltar sobre a atuação das mulheres capoeiristas regionais neste município. Além da capoeirista e monitora Lourdes Silva, a Naja, que atua no pólo Escola Arte, ensinando capoeira junto ao professor Léon. Também existem outras mulheres capoeiristas regionais da ASSOCASE que coordenam sozinhas pólos de capoeira, no caso, do pólo “Noêmia Martins”, no Bairro Novo, estabelecido na E. M. E. F. Profa. Noêmia Martins, sob responsabilidade de Hellem Teles – batismo na capoeira como Maquina Mara – ASSOCASE.

A participação de Andreia Waldemir, na imagem (10), junto à diretoria deste pólo, refletiu diretamente na participação e diálogo com os pais dos alunos, a sua experiência de presenciar e ter voz para tomadas nas reuniões, permitiu essa mãe conhecer diariamente as dificuldades que o grupo de capoeira vivência para desenvolver o ensino e formação educacional e cultural dos seus filhos.

Deste modo, considera-se importante a sua participação no grupo, justamente, por ela atua como uma intermediadora das relações entre pais dos alunos desse pólo e os professores de capoeira, e assim, assumindo-se como membro deste coletivo. Responsabilidades dela está também em conseguir patrocínio para os eventos organizados

IMAGEM 10 - INTEGRANTE DA DIRETÓRIA DO PÓLO ESCOLA ARTE



Fonte: Acervo particular de Andreia, 2017.

por este pólo de capoeira, não mede esforços para realização de suas tarefas, acompanhando os treinos e eventos promovidos por esse grupo de capoeira. Podemos perceber os motivos que a levaram a se aproximar deste coletivo, diante da sua narrativa a seguir, a preocupação com os seus dois filhos, sobretudo, no sentido da educação que ela deseja para os mesmos, e também a possibilidade de ajudar os professores de capoeira deste pólo.

Eu sempre gostei de deixar meus filhos a vontade e incentiva no esporte, começam primeiro na luta Muay Thai lá na academia do mestre Paulinho, a antiga top teen, e depois se encantaram pela capoeira, primeiro meu filho mais velho, e por convite da professora Naja minha filha (coral), começou a frequentar os treinos aqui na Escola Arte, mas eu entrei mesmo para acompanhar meus filhos, só que acabei me envolvendo mais na organização das reuniões porque eu via né a dificuldades dos professores sozinhos sem apoio dos outros pais, e o trabalho que eles tem com essas crianças, então comecei a ajudar, e foi que me chamaram para participar desta diretoria e aceitei (WALDEMIR, Andreia. Entrevista com a senhora Andreia Waldemir, Integrante da Diretoria do polo Escola Arte. Entrevistada: no pólo Escola Arte/ASSOCASE, 20 de maio de 2017).

Esse reconhecimento pela participação desta mãe contribuiu para estimular mais a presença dos pais e mães dos alunos diante das atividades realizadas pelos professores de capoeiristas, no entanto, a participação deles ainda é pouco nas reuniões. A coletividade é marcante nas ações e relações desenvolvidas neste pólo. O laço de amizade é visto por eles como significado de família, pois, ambos os integrantes se importam com suas decisões e sempre podem contar um com outro. O último integrante a ser inserido na diretoria do pólo de capoeira Escola Arte, no ano de 2016, o professor de Educação Física Fernando Willer Costa

IMAGEM 11 - INTEGRANTE DA DIRETÓRIA DO PÓLO ESCOLA ARTE/ASSOCASE



Fonte: CARDOSO, Darcilly. Acervo da pesquisa, 2017

de Carvalho (11), membro também da ASSOCASE, nascido em Cametá, filho de pais cametaenses.

Diante da narrativa histórica da capoeira em Cametá, construída no capítulo anterior, podemos acompanhar um pouco sobre a sua trajetória na capoeira. Destacando nela, que o seu encontro com a capoeira teve início em Cametá, no Pará, ainda na década 90, quando grupos de capoeira começavam a se organizar (no estilo regional). A seguir, podemos

acompanhar um pouco sobre a sua trajetória na capoeira. “Nas voltas que o mundo dar”, o capoeirista retornou de Belém no ano de 2014, e começou a frequentar a academia Top Teen do Mestre Paulino Dias, localizada neste período, no Ginásio Municipal Poliesportivo, é neste lugar que o entrevistado afirmar de se deparado pela primeira vez com o trabalho dos professores de capoeira Renato Léon e a monitora Naja. O capoeirista descreve o encontro.

Venho muito bem recebido, pois, eu tive a felicidade de que o mestre Paulino nunca ter esquecido também de mim, e toda minha história dentro da capoeira. E, já me conhecia como Mamute, e muitos anos venho jogando desde quando a gente praticamente aqui em Cametá, e o professor Renato lá dentro da academia top teen, ficou impressionado, ele nunca tinha visto alguém tão antigo na capoeira com mestre Paulino na capoeira, e ele me convidou para visitar o pólo da Escola Arte. Chegando aqui, ele me apresenta para os alunos deles, e eu vejo que ele tem um trabalho excelente, trabalhando com autistas, é um trabalho perfeito que ele desenvolve mesmo sem formação ainda na área educacional, não desmerecendo porque a capoeira educa também junto, mas um trabalho perfeito, no qual ele conseguiu desenvolver a coordenação motora, e que as crianças tocassem e cantassem principalmente essas pessoas que era limitada. Aí ele conseguiu fazer esse trabalho e sou recebido como um filho pra eles, apesar de ser mais velho (CARVALHO, Fernando Willer Costa. Entrevista com o Professor de Educação Física e capoeirista e integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE – Fernando Willer Costa Carvalho – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 29 de março de 2017).

Aceitou o convite para participar e conhecer o projeto de ensino da capoeira desenvolvido no pólo da Escola Arte, Mamute destaca a importância do trabalho de inclusão de pessoas com necessidades especiais, mencionando os alunos/aprendizes autistas, reconhecendo a importância do trabalho desenvolvido pelos professores, mencionando os

resultados como a agilidade na coordenação motora, sabendo que os formadores deste pólo não possuem atendimento especializado ou formações acadêmicas para trabalhar com crianças autistas, mostra-se surpreso ao deparasse com os resultados positivos, quando afirmar que *“mesmo sem formação ainda na área educacional, não desmerecendo porque a capoeira educa também junto”*, percebendo a importância da atuação desses sujeitos frente as adversidades para realizar seu trabalho com diferentes sujeitos da comunidade cametaense.

Tendo em vista que, este pólo de capoeira é o único nesta cidade que realiza trabalho com inclusão de crianças e jovens portadores de autismo e com outras dificuldades cognitivas. Ao continuar sua narrativa o capoeirista Fernando, o Mamute, nos deixa brecha para compreender o porquê de ter aceito a parceria e a aproximação com pólo Escola Arte.

Minha mãe e a Dona Vanda- minha mãe trabalhava com crianças especiais ela sempre me incentivou com a capoeira. Foi a responsável pela educação que eu tenho hoje em dia veio da minha casa e da capoeira (CARVALHO, Fernando Willer Costa. Entrevista com o Professor de Educação Física e capoeirista e integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE – Fernando Willer Costa Carvalho – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 29 de março de 2017).

A inspiração para ter aceitado tal vínculo, talvez, tenha vindo do seu próprio âmbito familiar, por influência de sua mãe que muito tempo trabalhou com Educação Especial na rede pública de ensino desta cidade. Entre as funções e contribuição deste capoeirista para o processo de inclusão social dentro do pólo Escola Arte, está também na sua própria formação como professor licenciado em Educação Física, usando também dos seus conhecimentos acadêmicos para auxiliar nos resultados positivos as crianças e jovens com autismo no treino da capoeira.

E importante que a gente possa trabalhar na inclusão social porque muitas pessoas pensam, a própria pessoas da família pensam que as pessoas especiais não servem para nada, eles ficar na casa só. Quando a gente convida essas pessoas pra fazer e participar da capoeira na escola arte, eu como educador fisco formando, eu consigo fazer a avaliação deles, tanto na parte motora, a gente trabalha com a cabeça deles pra que eles percebem que ele não são diferente quem é diferente somos nós. Então a gente acolhe eles de coração e mantem as atividades diferenciadas pela coordenação a parte do equilíbrio e a música, trabalho coordenativos de palmas, até responder couro eles conseguem responder, não a fala toda mais uma boa parte conseguem. A gente fica feliz de conseguir isso no trabalho com eles, porque muita gente não ajuda capoeira e crítica, mas é muito fácil criticar, mas eu queria que viessem conhecer o trabalho que a gente faz, quem tá de fora é fácil falar. No curso de educação física a gente também faz trabalho de inclusão eu consigo driblar essas dificuldades, o Renato e eu dividimos o trabalho para trabalhar também a parte motora deles. O trabalho do professor Léon e da monitora Naja é um excelente trabalho não tenho o que me queixar deles. Eu vim só pra somar com ele e estamos juntos desenvolvendo este trabalho (CARVALHO, Fernando Willer Costa. Entrevista com o Professor de Educação Física e capoeirista e integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE – Fernando Willer Costa Carvalho – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 29 de março de 2017).

Sua narrativa revela sua contribuição como profissional de Educação Física e a importância da sua graduação para o desenvolvimento das crianças e jovens autistas, mas, ressalva que no seu entender existe uma divisão na realização do trabalho para estimular a coordenação motora dos alunos neste espaço, principalmente dos aprendizes autistas, o reconhecimento de distintas formações educacionais, uma que é exercida pelo professor de capoeira Renato León, baseando-se na formação que ele teve como capoeirista na ASSOCASE, coloca em prática o ensino através da sua vivência e experiência, fazendo uso da movimentação do corpo, e de outros elementos que pertencem à lógica do ensino desta prática, como a ludicidade e a memória corporal, por outro lado, temos as ações de um professor de Educação Física, capoeirista, no entanto, sua contribuição advém também de uma formação acadêmica.

Ambos os distintos saberes, conseguem conviver dentro deste pólo, mas são facilmente distinguidos pelos próprios agentes culturais, tendo em vista que, objetivo do entrevistado é o desenvolvimento dos alunos autistas, e a valorização da cultura afro-brasileira. Diante desses saberes distintos pode-se recorrer as reflexões de Simplício (2016), quando ressalva que as primeiras formas de organização de conhecimento como educação se fizeram a partir dos códigos científicos, o saber científico, saberes que foram desenvolvidos em âmbitos acadêmicos nas escolas, receberam status de superioridade, diferentemente daqueles saberes produzidos ao longo da vida, por exemplo, a cultura popular, não teve tal reconhecimento, em virtude dos processos econômicos e ordem das classes sociais (SIMPLÍCIO, 2016, p. 86).

Atualmente há uma tentativa de reconstruir essa abordagem pelo viés dos saberes da cultura popular, no entanto, dentro de grupos culturais, a discussão ainda permanece em um conflito intenso entre o moderno e o tradicional, ou ainda, quem tem o conhecimento para atuar como educador nessas relações. O entrevistado destaca as diferenças e formas de atuações de ambos os profissionais de ensino em seu enunciado, não deixa de afirmar os resultados positivos alcançados no desenvolvimento dos alunos, em virtude do ensino da capoeira, sobretudo, porque ela também se constitui como uma possibilidade de educação.

Em relação à última vez que esteve acompanhando as ações deste pólo, no início do ano de 2016, quando retornei para a realização do trabalho de campo desta dissertação percebi algumas alterações metodológicas de ensino aplicado neste pólo, Talvez, essa modificação tenha sido influenciada pela presença deste professor de educação física, que contribuiu para a passagem de uma educação voltada para valores culturais para uma educação de caráter mais esportivo, no qual os capoeiristas vinculam sua percepção para uma educação corporal baseada na gestualidade, mas, ligada ao bem-estar do corpo e a saúde psíquica de seus alunos.

Priorizando uma concepção de cidadania por meio do âmbito cultural. No entanto, deve-se ressaltar, que antes da inclusão das ações do professor de educação física, os capoeiristas e professores Léon e Naja já desenvolviam projetos de inclusão com crianças em seus dois pólos de capoeira, no antigo pólo Nadir Valente e na Escola Arte. O interessante em compreender diante deste jogo de dualidades entre distintos saberes, é que ambos os membros não apenas usam sua identidade como capoeiristas, mesmo diante das dificuldades conseguem dialogar com outras funções e identidades que assumem perante a sociedade cametaense. Pois, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2005, p. 13).

Os informantes conseguem transitar em meio a sociedade com outras identidades, no entanto, a afirmação que os mesmos querem é o reconhecimento da sua identificação como capoeiristas profissionais, educadores. Porém, as ações não estão vinculadas apenas aos membros da diretoria do pólo, esse reconhecimento pela ação educacional e formativa na capoeira é também vivenciada pelos aprendizes, os quais também possuem outras funções e identidades dentro da sociedade cametaense. Entendendo-se nesta abordagem que as identidades culturais são movidas por mudanças, encontros e desencontros vivenciadas pelos sujeitos. Stuart Hall, afirma que não é possível termos apenas uma “identidade”, mas que somos compostos por uma identificação, passível de mudança e transformação (HALL, 2006).

Por isso, torna-se difícil em falar de uma “identidade” unificada dentro deste coletivo, uma vez que seja, uma categoria eventualmente negociada. Os alunos/aprendizes que frequentam o pólo de capoeira Escola Arte/ASSOCASE somam um total de 30 participantes ativos, onde participam meninos e meninas com idades que variam de oito anos há vinte e quatro anos, os aprendizes pertencem a bairros periféricos da cidade de Cametá.

Todos registrados em escolas da rede de ensino pública no município de Cametá, salvo aqueles que já concluíram o Ensino Médio. Possuem participação ativa nos eventos e nas atividades realizadas por este coletivo, incluindo também nesse quadro participativo as crianças e jovens portadores de autismo, elas somam um total de nove alunos todos do sexo masculino.

Em vista do número de aprendizes que frequentam este espaço não poderíamos apresentar especificidade de cada um, embora, não seja a intenção de concebê-los como um grupo homogêneo, pois, não caberia com tantas peculiaridades e características distintas apontadas diante da construção deste estudo. No entanto, procurei destacar (na imagem 12), respectivamente da esquerda para direita, encontra-se Montanha no Gunga, no Médio está o Sombra, o terceiro agachado é GTA, e a Cobra Coral entre às duas meninas agachadas.

São alguns representantes dos alunos deste pólo, procurei trazer suas narrativas e experiências neste trabalho, considerando o papel que essas crianças e jovens ocupam e

IMAGEM 12 - ALUNOS DO PÓLO ESCOLA ARTE/ASSOCASE



Fonte: Acervo fotográfico do pólo de capoeira regional Escola Arte/ASSOCASE, na rede social facebook. Disponível em: www.facebook.com/pg/Capoeira-Senzala-CametaPA-prof-Leon-e-Monitora-Naja-1070290286422756/photos/?ref=page_internal

realizam dentro e fora dele do pólo Escola Arte. Entre eles o aluno, o Luís Benedito da Cruz Laredo (18 anos), é cametaense, atende pelo nome de batismo na capoeira como Sombra, possui graduação na corda amarela. As funções realizadas pelos aprendizes estão relacionadas ao fato do seu amadurecimento, o qual ajuda a consolidar os treinos, possuindo os conhecimentos de toques de berimbaus,

dominar os golpes próprios da lógica de jogo da capoeira regional, e principalmente saber cantar e tocar outros instrumentos (agogô, reco-reco, atabaque).

Assim, o seu papel é auxiliar os demais membros junto as orientações do professor Léon e a monitora Naja no treino, ou mesmo na ausência e na presença dos professores de capoeira. A seguir, podemos apreender segundo a sua narrativa a sua participação no pólo Escola Arte e as responsabilidades que o pertencem. A seguir a narrativa do capoeirista Sombra.

Desde quando eu era cinza, aí passou o cinza e depois eu peguei a verde, aí peguei a amarela. Eu mantenho o treino e o jogo quando o professor Léon chega eu falo: “olha professor tá aqui! O senhor quer assumir o treino? ”, geralmente ele fica nos observando e ajudando nas dúvidas, mas ele deixa nós assumir porque é uma prova. Ai depois, eu sou assim eu analiso a pessoa e vejo o problema que ela tem, foi o que eu fiz o professor Léon, eu vi que ele tava tendo dificuldade porque só ele sabia tocar berimbau sofria com o dedo doendo. Aí, eu aprendi e fiquei do lado dele (LAREDO, Luís Benedito da Cruz. Entrevista com o aluno do pólo Escola Arte/ASSOCASE Sombra — (18 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 25 de janeiro de 2017).

Diante do relato do capoeirista aprendiz Sombra, podemos apreender que existe uma certa autonomia dos alunos mais graduados em orientar os treinos para os menos experientes, no entanto, essa orientação é permitida pelos próprios professores, mas o respeito para com o professor Léon e os demais integrantes que assumem a responsabilidade de ensinar nesse espaço é sempre colocado em primeiro lugar. A construção do conhecimento na capoeira está sempre permeada por um intenso respeito recíproco e parceria, pois, o conceito de “irmandade” prevalece durante todo ritual da capoeira, desde o treinamento até mesmo antes e após o jogo

de capoeira. “Apesar dessa prática ser associada diversas vezes a competição e ao atletismo, o que nega o objetivo natural que é “jogar com” e não contra o outro” (SILVA, 2016, p. 80).

Outro aluno em processo de formação no polo de capoeira regional Escola Arte, é o aprendiz Marcos Vinicius Pantoja Rodrigues (15 anos de idade), atende pelo nome na capoeira como Montanha, estudante do ensino fundamental, e iniciou a capoeira no antigo pólo de capoeira Nadir Valente, é um dos alunos que continuou a frequentar no polo Escola Arte após o encerramento das atividades com a capoeira nesta escola. Sua participação no processo de ensino aprendizagem e na relação com o grupo é relatada por ele como:

Tenho que pegar instrumentos, e as vezes os tocadores cansam e dá calo aí eu vou e ajudo nos instrumentos e na palma. Eu ajeito os instrumentos envergo os berimbaus tipo uns vinte minutos antes da roda o professor me chama junto de outros pra organizar a bateria toda para a hora da roda, isso é muito importante porque a roda pra ela ser boa vai depender dessa nossa ajuda (RODRIGUES, Marcos Vinicius Pantoja. Entrevista com o aluno do pólo Escola Arte - Marcos Vinicius Pantoja Rodrigues - (16 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte/ASSOCASE em 16 jan. 2017).

A participação deste aluno mais experiente, assim, como de outros que frequentam o pólo, atuando também nos processos de organização dos instrumentos e preparativos que antecedem o treino ou eventos promovidos pelo coletivo, tal ação aponta em direção a refletirmos a construção de seu ensino, o seu sentido de educação não é concebido de forma isolada apenas pelos professores de capoeira, os alunos também participam e ajudam a construir o aprendizado neste espaço é uma construção educativa pautada na coletividade do grupo.

Existe por atrás das ações maiores (a roda, o jogo), uma estrutura que precisa ser realizada pelos capoeiristas ainda em formação, o trabalho de organização dos instrumentos que antecede o momento de treino ou a roda é muito importante, pois, é onde ocorre os processos formativos, onde eles tiram suas dúvidas com relação à formação da bateria, acrescenta-se a responsabilidade de ajustar os instrumentos e a preparação do local para que durante o treino ou a roda sejam realizados de forma que não haja contratempos.

Outro que se destaca na Escola Arte é o aprendiz Douglas (16 anos), autista, foi um dos primeiros alunos a iniciar na capoeira no antigo polo de capoeira Nadir Valente, atualmente, sua graduação é a corda verde, que significa aluno iniciante no pólo Escola Arte. Estuda atualmente na E. M. E. F. Profa. Maria Nadir Filgueira Valente. A participação desse jovem é significativa para o coletivo, assim, como os demais alunos autistas, são os responsáveis por muitas transformações sobre as ideias e concepção sobre o ensino da capoeira. Este pólo não é constituído apenas pelos meninos, alunas/aprendizes também se fazem presentes neste espaço.

As capoeiristas ocupam e atuam neste cenário junto a formação com os demais alunos. Porém, como mencionei ainda constituem a minoria dentro deste coletivo, mas a presença delas é importante para estabelecer as relações de empoderamento feminino na capoeira. Entre as alunas trouxe como uma das representantes a aprendiz Isabelly Maria Cardoso de Souza, que atende pelo nome de batismo na capoeira como Cobra Coral, é moradora da Travessa João Augusto, no Bairro São Benedito. Em sua narrativa a seguir, menciona que iniciou em 2015, no pólo Escola Arte, em virtude de frequentar treinos de Umathay na academia Top Teen.

Eu treinava Umathay com mestre Paulino, aí depois de uma graduação que estava tendo lá da academia a gente foi pra um almoço na casa da professora Naja, aí tinha um treino na Nadir, e aí eu fui pra lá. Aí no sábado eu vim aqui na escola arte, e de lá só foi pra frente. Foi a primeira vez que eu vi a capoeira (SOUZA, Isabelly Maria Cardoso. Entrevista com aluna do pólo Escola Arte, Cobra Coral, (10 anos). Entrevistada no seu pólo, 17 de maio de 2017).

O contato com a capoeira para a aprendiz veio por intermédio de uma outra prática esportiva, citando o Umathay, essa ligação tornou-se importante neste trabalho, pois, ao longo da conversa pode perceber a sua intenção de participar no grupo de capoeira e a forma como a sua mãe Andreia Waldemir também participante do pólo como membro da diretoria, enxergam na capoeira a possibilidade de uma educação promovida por meio desta manifestação cultural.

Minha mãe sempre me motivou na capoeira, ela fala que eu posso crescer dentro dela me tornando uma cidadã de bem porque a gente aprende um monte coisa aqui dentro a gente a prende a se respeitar, aí ela falou que tinha que ir. Até porque eu gosto também Isabelly Maria Cardoso Souza — ASSOCASE — Cobra Coral, aluna do polo de capoeira Escola Arte — entrevistado em 17 de maio de 2017).

A expectativa de Andreia, a mãe da aluna Isabelly, sobre o sentido de educação promovido pelo ensino da capoeira no polo da Escola Arte é concebido como uma educação que permite sua filha tornar-se uma “*cidadã de bem*”, no sentido que, ela não desenvolva características que possam levá-la para um caminho da marginalidade social, deste modo, a capoeira foi uma das alternativas encontrada pela mãe da Cobra Coral para afastar essa possibilidade. Esse entendimento permitiu compreender que esta mãe não foi buscar apoio em projetos desenvolvidos por instituições ou comunidades, mas, a ação de colocar sua filha em contato direto com ações e atividades desenvolvida por um grupo cultural em Cametá, justamente, para apresentar para sua filha outras possibilidades de aprendizados e conhecimentos, os quais ela vivencia junto ao coletivo de capoeiristas do pólo Escola Arte.

Atualmente, há muitos trabalhos de capoeira regional, e também de capoeira angola atrelados a projetos ou escolas, embora, em alguns casos ocorram conflitos e tensões entre as

relações entre os grupos de capoeira e a escola, no entanto, não deixa de ser uma possibilidade de olhar para uma abordagem diferenciada de educação dentro do espaço escolar. Diante da preocupação por parte da mãe da capoeirista aprendiz Cobra Coral, fiquei curiosa de apreender o que os demais pais dos alunos pensavam com relação à vivência e a participação de seus filhos no processo de aprendizagem na capoeira dentro da Escola Arte, e até mesmo quando alguns deles ainda participavam no antigo pólo de capoeira Nadir Valente. Diante do relato do aprendiz Sombra podemos traçar um breve perfil na percepção de algumas famílias.

A minha família me apoia. Meu próprio padrasto fala que depois que eu comecei a treinar na capoeira eu tipo parado de ir pra rua e parei de responder para pai e mãe. Depois que eu conheci o professor Léon, eu considero ele não como um professor, mas parte da minha família. Eu considero ele. Porque eu sei que tudo que ele fala não é em vão porque ele já passou por isso, é porque ele não quer que a gente passe por isso também. Ai, sempre vou na casa dele e pergunto, ele sempre me responde e conversa como um amigo como se eu fosse um irmão dele dando conselho. Porque quando eu não treinava eu só vivia na rua. Eu só ia de manhã pra aula chegava em casa e nem comia em casa só chega de noite. Aí depois eu comecei a treinar eu percebi que a capoeira mudou o meu rumo porque eu não encontrava mais tempo para tá na rua, eu vivia todo dia na rua jogando bolo e todo dia eu brigava na rua, e depois eu virei capoeira e o professor me ajudou muito porque eu escutava ele (LAREDO, Luís Benedito da Cruz. Entrevista com o aluno do pólo Escola Arte/ASSOCASE — Sombra — (18 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 25 de janeiro de 2017).

Diante da narrativa do capoeirista Sombra, podemos entender o poder que a capoeira tem na vida destas crianças, proporcionando mudanças de comportamentos e uma visão crítica de mundo, no qual, os seus professores atuam como agentes transformadores na vida dos seus alunos. Para José Falcão (2016), a capoeira não pode ser concebida como uma “ilha” social, pois, ela está articulada as dimensões culturais, políticas e econômicas da vida em sociedade, a capoeira só pode ser entendida em suas relações com outras dimensões da vida social a partir da realidade concreta de seus sujeitos (FALCÃO, 2016, p. 46).

Uma característica importante ressaltada na narrativa destes alunos é a percepção com relação ao discurso de “salvação da marginalidade”, não apenas, apreço em sua narrativa, mas, também, encontramos nas falas da Andreia Waldemir, de sua filha Cobra-Coral, assim, como nas observações dos professores Mamute e Renato Léon. Então, isso, permitiu apreender que o significado de educação e ação cultural promovido pelos interlocutores deste estudo através da capoeira possibilidade de integração entre seus distintos sujeitos. A inclusão é um caminho pelo qual nossos informantes/capoeiristas procuram caminhar na trilha do seu sentido de educação.

Uma vez conhecidos algumas das lideranças e alunos/aprendizes que atuam no polo de capoeira regional Escola Arte, isto é, os informantes/capoeiristas deste estudo, agora restamos fazer uma perguntar onde atuam os capoeiristas do polo da Escola Arte? O que fazem da

arte da capoeira? Quais as relações que constituem o processo de ensino da prática da capoeira, e legitimam o discurso desses profissionais de capoeira como educadores e a aptos a dialogar e partilhar saberes e conhecimentos com a escola e outros espaços da comunidade. Compreende-se a necessidade de entender os saberes que estão presentes nas ações e relações dos capoeiristas. Mostrando a capoeira em movimento constante, capaz de se recriar e reinventar para permanecer sempre construtora e detentora de saberes culturais e princípios educativos.

2.3 Mapeamento dos espaços de atuação dos informantes

Um das características importante dos capoeirista que atuam no pólo Escola Arte/ASSOCASE e o diálogo que estabelecem com a comunidade cametaense, não apenas, como os ambientes escolares, a uma necessidade por parte deles de dar o retorno a sociedade sobre seus conhecimentos, ou ainda, de se mostrarem como os agentes culturais que promovem sociabilidade ao divulgar as suas ações e atividades em diversos âmbitos da comunidade.

Deste modo, os interlocutores deste estudo não dialogam apenas com os muros da Escola Arte, ultrapassam os espaços deste estabelecimento e permeiam o seu diálogo com a comunidade cametaense. Procuramos mapear alguns lugares e ações realizadas pelos capoeiristas durante o período que estive os acompanhando na pesquisa de campo. Para direcionarmos esta discussão trago a seguinte pergunta, qual o valor da socialização dos capoeiristas na partilha de seus saberes com diferentes espaços da comunidade cametaenses?

A resposta desta pergunta está relacionando coma própria formação de ser capoeirista no ASSOCASE, no pólo de capoeira Escola Arte, durante as narrativas dos interlocutores podemos acompanhar as suas percepções no sentido de “*ocupa os espaços*”, “*mostrar a capoeira que a gente faz*”, “*divulgar a capoeira*”, “*montar uma parceria*” e “*levar a capoeira*”, essas foram algumas das intensões e falas que mais aparecem na escrita deste trabalho, não foi à-toa, devido à necessidade de socialização ou ainda oferecer movimento a capoeira que os interlocutores transformam em resistência para continuar na prática e no ensino da capoeira.

Geertz (1997), mencionar que os indivíduos criam suas condições culturais estabelecendo também os seus significados com elas. Sendo assim, entende-se que os saberes que vão se tecendo em meio as práticas realizadas pelos capoeiristas do pólo Escola Arte em seu cotidiano vão sendo também partilhadas, não apenas como meras apresentações, mas, a ação é a forma como os interlocutores deste trabalho buscam divulgar seu trabalho e se fazer presente dentro da sociedade cametaense. Uma das primeiras atividades que acompanhei juntos

aos capoeiristas foi durante a organização e realização do evento: **II Batizado de Capoeira do pólo Escola Arte/ASSOCASE**, realizado no dia 13 de novembro de 2016, sob a organização dos professores responsáveis pelo pólo, todos os membros participaram com divisão de tarefas.

Esteve presente em duas reuniões, iniciadas com um mês de antecedência ao evento programado, nelas pode observar como funcionava a organização dos membros para o batizado. Primeiro momento da reunião houve a divisão de tarefa entre os quatro integrantes da diretoria deste pólo, entre as pautas, pode-se apontar como importantes para a realização do evento: a busca por patrocínio para as despesas do evento (uniforme para crianças que não tivessem condições de obtê-los, materiais para ter os cordéis e a alimentação durante o evento), a segunda pauta era com relação ao espaço para a realização do batismo, tendo vista que, o batismo realizado por eles se estendeu também para outros pólos de capoeira em Cametá, e com a participação de capoeirista que possuem pólos da ASSOCASE em Belém, então, a diretoria alegava que o espaço no prédio Escola Arte era pequeno para a recepção de tantos convidados.

Quando a reunião se encerrou os coordenadores do pólo haviam decidido pela iniciativa de um diálogo com a Universidade Federal/ Campus Universitário do Tocantins, em Cametá, no Pará, a intermediação foi realizada pelo professor Renato Léon, este sendo acadêmico do curso de graduação em Teatro, e na época, a Universidade encontrava-se ocupada pelo “Movimento Ocupar e Resistir”, tendo como liderança os próprios acadêmicos e diversos cursos mobilizaram para a paralisação nacional, contra as ações da PEC 241, as ações de ocupações aconteceram também em diversas Universidades Federais brasileiras. Neste período, o professor Renato pediu as lideranças do movimento que os recebessem na Universidade para realização do Batismo, uma vez que, algumas salas e o auditório estavam disponíveis. O pedido foi concedido e os capoeiristas do pólo Escola Arte realizaram a cerimônia nesta intuição.

O diálogo foi acontecido com a possibilidade de que os capoeiristas realizassem uma oficina de capoeira para os acadêmicos que estavam no movimento de ocupação na universidade, segundo o professor Léon, o acordo foi estabelecido, e houve a realização do II Batizado do pólo de Capoeira Escola Arte/ASSOCASE nos espaços da universidade. Embora, tenham conseguido o apoio no espaço, no entanto, a tentativa de particionamento não foi possível, porém, articularam-se a tempo com bingos e rifas. O significado da cerimônia de batismo para os capoeiristas do pólo Escola Arte, é um ritual simbólico de graduação, onde acontecem as trocas de cordas, isso significa que os capoeiristas mudam suas graduações. Uma ritualização iniciada com mestre Bimba, é uma das características da Capoeira Regional. Segundo Frederico Abreu, ao referir-se ao batizado da capoeira regional, cita que na intimidade da academia de Mestre Bimba, que ele assim dizia: “você hoje vai entrar no aço” (ABREU, 1995, p. 55).

Era a forma que o mestre avisava aos novos capoeiristas que iniciariam ao ritual do batizado, um momento de grande importância, pois, se tratava de jogar capoeira pela primeira vez na roda. Segundo Hellio Campos, para o ritual do jogo da cerimonia era escolhido um formado ou um aluno mais velho da Academia de Mestre Bimba que estivesse presente no momento do batizado, na “qualidade de padrinho”, este por sua vez, seria o responsável para analisar aos movimentos do aluno que estava em processo de batismo.

Neste contexto, de tradições ou ritualização na formação regional, como base no historiador Eric Hobsbawm (2008), sobre as tradições inventadas, enrede-se como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras táticas ou abertamente aceitas de natureza ritual ou simbólica” (HOBSEBWM, 2008, p. 9). A tradição inventada é usada num sentido amplo, mas nunca definido, podem ser tradições: realmente inventadas; as construídas e as formalmente institucionalizadas. (Ibid., 2008, p. 9).

Neste sentido, para os capoeiristas simboliza o momento em que todo o seu esforço ao longo das suas ações dentro do grupo ou coletivo, e a sua vivencia na prática da capoeira proporcionaram a passagem para a próxima corda, significa que ao ser aceito para o batismo, o capoeirista também se percebe e passa a ser visto com outras responsabilidades que antes não eram assumidas. Responsabilidades, por exemplo, como aqueles que recebem graduação a partida da corda amarela, possuem o título de alunos graduados, professores de capoeira, como o capoeirista do pólo Escola Arte, na imagem 13, tendo como “padrinho” de batismo o professor Léon, os alunos podem desenvolver trabalhos com ensino da capoeira.

IMAGEM 13 - II BATIZADO DO PÓLO ESCOLA ARTE/ASSOCASE



Fonte: Acervo fotográfico. Disponível em: www.facebook.com/pg/Capoeira-Senzala-CametaPA-prof-Leon-e-Monitora-Naja-1070290286422756/photos/?ref=page_internal

O que chama atenção na imagem 13, é a forma da negociação do espaço para realizar a cerimônia de batizado, é a presença dos capoeirista nesta instituição. Considerando que para a realização do evento, a participação e identidade do professor Léon como acadêmico também contribuiu consideravelmente para a oportunidade dos interlocutores terem acesso a este espaço de saber, utilizando-se de uma das suas identidades para movimentar a capoeira, embora, a motivação seja consciente ou não, isto é, pelo fato do evento não ter sido realizado no pólo

Escola Arte, por outro lado, a proposta das lideranças de dar movimento a capoeira, levando-a para fora do pólo e ocupando distintos espaços de representações de saberes.

A proposta deu-se pela contrapartida de que os capoeiristas teriam que realizar uma oficina para os universitários ocupantes, a ação tinha como finalidade a possibilidade de diálogo de formações diferentes, mas, o fato é que houve pouquíssima participação dos ocupantes da universidade. O professor Léon, conta-nos um pouco sobre sua experiência.

Teve essa proposta aí, pra gente levar a capoeira como uma oficina lá dentro depois do batizado. Só que quando chegamos lá, conversamos com rapaz que era uma das frentes da ocupação, e a ideia que oficina ia ser para as pessoas que estavam ocupando lá dentro, e eu não precisaria levar alunos nenhum daqui da Escola Arte, depois do Batismo, só que quando eu chego pouca participação ninguém, ninguém o jeito foi chamar os meninos e fazer as oficinas lá, aí nós aproveitamos e realizamos a oficina (GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon Martins Garcia — (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

Mesmo sem a participação dos envolvidos na oficina os capoeiristas deram continuação na realização, que aconteceu na quinta-feira, no dia 10 de novembro de 2016, os professores de capoeira do pólo Escola Arte chegaram ao local e não tiveram resposta da participação dos ocupantes, em seguida, observei que havia um certo silêncio, perguntei a um dos ocupantes se iriam participar como resposta disseram que sim, depois, os alunos do pólo Escola Arte chegaram ao local da realização da oficina, dirigiram-se todos para um das salas disponíveis e os capoeiristas começaram a realiza as atividades que estavam programadas.

A princípio uma roda de conversa, como mostra a imagem 14, parecida com aquelas que são realizadas no pólo Escola Arte, é claro, só o lugar era diferente, mas, o círculo se fez presente, assim, os informantes sentados no chão envolta dele. Foram selecionados para a palestra três temas para serem partilhados, com as seguintes pautas: vivência na Capoeira Regional, Capoeira como esporte na disciplina de Educação Física e História da Capoeira.

Entre os ministrantes por meio da oralidade, estavam os professores de capoeira: Renato León, o professor de Educação Física e capoeirista Fernando Willer (Mamute) e Robson da Silva, membros da ASSOCASE. Antes de pontuar as especificidades abordadas pelos capoeiristas palestrantes é necessário contextualizar a roda de conversa na abertura da oficina, começamos analisando a imagem (14), notamos que os alunos estão devidamente uniformizados, característica importante no processo de identificação do grupo, no sentido de pertencimento ao coletivo, no caso, como integrantes da ASSOCASE. Considera-se, que o uniforme não é apenas para a padronização do coletivo, vai além deste senso comum.

IMAGEM 14 - OFICINA DE CAPOEIRA- RODA DE CONVERSA NA UFPA



Fonte: CARDOSO, Darcielly. Acervo da pesquisa, 2017

Está ligado aos processos de reconhecimento entre os indivíduos que nele se identificam como grupo na partilha e produção de seus códigos e valores culturais construídos coletivamente. Na imagem (14), todos os aprendizes/alunos aparecem sentados formando um círculo fechado com acesso apenas aos capoeiristas ministrantes, e atrás deles podemos observar os instrumentos que compõe a orquestra da bateria, onde se

encontram os instrumentos musicais, a forma como os palestrantes estão posicionados referente ao círculo (formado pelos alunos), e aos instrumentos, possibilita refletir que a roda de conversa organizasse no formato da roda de jogo, isso é interessante, pois, permite perceber que existem outras relações para se apreender ensinamentos da capoeira. O formato do círculo demonstra o respeito aos processos de ensino e a ritualização da roda, mesmo quando ela é partilhada sem movimentos físicos, mas, é o momento que acontecem a partilha de saberes, surgindo um dos elementos fundamentais para os processos de transmissão, a oralidade, é o fio que conduz a vivência das memórias e experiências e outras relações entre o coletivo.

Os olhares atentos daqueles que estão compondo a roda de conversa buscam a interação com os outros que estão narrando suas experiências de formação, outros sentidos entram no jogo diante da roda de conversa, entre os que se comunicam por meio da linguagem do universo da capoeira. A posição em destaque dos três capoeiristas palestrantes, em relação aos demais que estão sentados formando o círculo, revela o sentido do respeito a quem possui conhecimento, respeito aos sujeitos que são responsáveis pela formação do grupo, e não no sentido de celebrar a diferença de quem tem menos ou maior domínio de conhecimento.

Na capoeira todos os saberes têm funções importantes, até o mais simples, todos são considerados como fundamental para os processos de socialização, pois, existe nos informantes uma relação que prioriza a coletividade entre os sujeitos, ou seja, todos têm a possibilidade de partilhar experiências e produzir conhecimentos a partir da vivência. O primeiro que ministrou a oficina foi o capoeirista Mamute, notei em sua oralidade o sentido de exaltar a importância da perspectiva esportiva da capoeira, assim, como os seus benéficos para ensino aprendizado e o seu processo de inclusão, para isso, ele menciona a Educação Física como uma possível

intermediadora das ações dos capoeiristas no espaço escolar, mas, também ressaltou que independente da formação acadêmica, deve-se priorizar os conhecimentos advindos de quem tem experiência na prática e na vivência da capoeira. Mostrando aos alunos que por meio da Educação Física ele consegue fazer avaliações tanto na parte motora como na parte sensibilidade com as crianças e jovens portadores de autismo.

Mas, é na prática da capoeira, e em seus processos formativos como coordenativos, citando a gestualidade das palmas, até o próprio responder das músicas em “couro” trazem estímulos ao desenvolvimento e formação cognitiva. Seu discurso pareceu um pouco deslocado do sentido de saber fazer na autonomia dos praticantes dentro dos espaços escolares, sendo ela apresentada pelo capoeirista, através da mediação do educador físico, no entanto, compreende-se que tal concepção seja pela sua formação como educador físico.

O segundo palestrante foi o professor de capoeira Léon, sua fala direcionou-se para a historicidade da capoeira, enfatizando seu caráter de luta e resistência de negros escravizados como mecanismos para a sobrevivência da prática. Relembrando em sua fala que a capoeira também foi criminalizada, possuidora de valor muito significativo para formação dos capoeiristas, é reconhecida como Patrimônio Histórico Cultural Brasileiro. A fala do terceiro palestrante, o capoeirista Robson, direcionou-se para as memórias e experiências ao longo da sua formação de 23 anos na prática da Capoeira Regional, destacando que a sua experiência pode ser definida em uma simples e importante palavra **a disciplina**, com a regularidade nos treinos e responsabilidade para assumir os trabalhos com pólos de capoeira.

Também falou sobre o preconceito com relação à prática, lembrando que quando aluno não teve apoio da família, enquanto a geração que estava escutando sua fala estava com a permissão dos pais, e também comentou sobre a importância da formação e do batismo, segundo ele, são os “pilares” para se tornar capoeirista na ASSOCASE. Cada fala na oficina foi pensada de um modo que os palestrantes contemplassem quem estava assistindo a roda de conversa para os alunos o aprendizado foi intenso, pois, as informações vieram de capoeiristas da ASSOCASE, as experiências narradas pelos palestrantes naquele momento significam a abrangência que a capoeira possui no processo de transmissão de seus saberes.

Após o encerramento da roda de conversa a oficina continuou para formação de movimentação, os professores Léon e o monitor Mamute, juntos ministraram e organizaram a sequência de treino. Primeiro a orientação ao alongamento antes do treino, ficou na responsabilidade do professor Fernando Willer que assumia essa ação fazendo uso da oralidade para explicar a importância do processo de alongamento para os alunos antes do treino.

Após, os alongamentos quem assumiu a responsabilidade da movimentação de exercícios foi o professor Léon. O trabalho em conjunto como evidência a imagem (15), acontece a formação enquanto o professor Léon passa os treinos aos alunos, o capoeirista

IMAGEM 15 - OFICINA DE CAPOEIRA



Fonte: CARDOSO, Darcielly. Acervo da pesquisa, 2017

Mamute, utiliza-se de seus conhecimentos para acompanhar a postura e os cuidados dos alunos durante os movimentos. As atividades foram realizadas individualmente (gingas, negativas, meia lua de compasso, e queijadas, também houve a realização de bananeiras e aús, movimentos caraterísticos da Capoeira Regional.

A oficina que os capoeiristas ministraram teve como objetivo o fortalecimento das ações do pólo Escola Arte, e conseguir o espaço da

Universidade. Existe uma dinâmica nas ações dos capoeiristas que não se delimitam apenas na sala de treino no espaço da Escola Arte, ou na quadra das instituições de ensino formal, mas, existe uma especificidade dos capoeiristas que está na forma como eles promovem a movimentação desta manifestação cultural na cidade de Cametá, no sentido de “levar a capoeira” aos espaços públicos, mostrando-a e divulgando seus praticantes como sujeitos que compõem o cenário cultural, esportivo e educativo nos diversos âmbitos da comunidade.

Considerando a historicidade da prática em Cametá, nas narrativas dos capoeirista que a vivenciaram na década 80, a percepção de conquistar seu espaço não podia acontecer, o preconceito tanto racial de seus praticantes quanto da prática como uma manifestação afro-brasileira eram alguns dos elementos que os impediam de permear espaços da comunidade, como isso não estou dizendo que atualmente não existe mais preconceito ou alguma forma de discriminação, mas, que eles criam seus próprios mecanismos para adentrar nos espaços sociais.

Como mencionando neste trabalho, especificamente na historicidade da capoeira, o entendida pelos seus praticantes como uma busca pelo seu próprio espaço, durante os séculos XIX-XX, vimos aqui, que a “capangagem política”, no Pará, a ação dos capoeiras como “capadócios” em S\salvador, associados ao cotidiano das ruas. Na participação das relações socioculturais como os folguedos populares, no Pará, o Boi Bumbá, a participação dos capoeiristas na frente das bandas militares e civis em Pernambuco, ambas as relações e ações

estabelecidas pelos capoeiras tinham em comum a demarcação de territórios e a participação na vida social, política, e cultural de cada uma dessas regiões.

Os praticantes de capoeira do pólo Escola Arte/ASSOCASE, com duas atividades fora do pólo estão em busca de reconhecimento de suas ações culturais e esportivas, para isso, é indispensável seu reconhecimento perante a sociedade, por isso, se fazem presentes nela por meio de apresentações, treinos ou rodas de capoeira, enxergam nesta contrapartida a possibilidade de divulgação de suas atividades, porém, não é apenas isso, a socialização de seus saberes com a comunidade é fundamental, os informantes procuraram dialogar além das escolas, com as praças públicas da cidade, justamente, por acreditarem que é a onde existe um público maior para o reconhecimento das suas ações culturais no cenário cametaense.

Então, as praças representam a possibilidade de acesso dos capoeiristas para uma realidade fora do seu âmbito normal de treino e construção de relações com diferentes sujeitos. Essa movimentação é fomentada pelos capoeiristas no ato de “*marcarem rodas de capoeira*”, no intuito de socializar saberes entre seus membros com outros pólos de capoeira e grupos de capoeira pelas ruas de Cametá, ou melhor, pelas praças públicas desta cidade. É o momento no qual eles socializam seus conhecimentos, onde as relações são tecidas por meio da vivência e

IMAGEM 16 - RODA DE CAPOEIRA NA PRAÇA DO TITIO



Fonte: Acervo fotográfico. Disponível em: www.facebook.com/pg/Capoeira-Senzala-CametaPA-prof-Leon-e-Monitora-Naja-1070290286422756/photos/?ref=page_internal, 2017.

prática no jogo da capoeira regional.

Para muitos parece ser apenas uma apresentação passageira, no entanto, revela-se também como um campo de disputa entre saberes produzidos pelos diferentes sujeitos que compõem a roda. A imagem (16), mostra uma roda de capoeira que acontece com regularidade nos dias de domingo durante a feira do artesanato, na praça Raimundo Perez, popularmente conhecida pelos cametaenses como a “praça do Titio”.

A roda de capoeira neste registro foi promovida pelos capoeiristas do pólo Escola Arte, onde seus alunos compõem alguns espaços da bateria musical, atenção em especial, a participação da professora Naja, a única mulher no berimbau, segurando o Gunga, conduzindo a roda, ela mostra que a mulher também ocupa um lugar central nas relações que se tecem nas ruas, onde seu reconhecimento

do saber fazer na capoeira é revelado por meio da sua experiência. As rodas de capoeira nas praças públicas possuem um significado importante para os praticantes no sentido de lazer, mais também é a onde se aprende, onde o aprendizado se estabelece por meio da gestualidade do corpo e códigos culturais que emanam dos praticantes que compõem a roda.

Assim, a ato de levar a prática para os espaços da comunidade é uma necessidade de que os capoeiristas do pólo Escola Arte priorizam para mostrar que eles estão presentes e fazem parte. A identidade como coletivo é fundamental, a partir do momento em que eles se deslocam da sua zona de conforto e levam consigo seus aprendizados e saberes aprendidos no pólo da Escola Arte para os espaços da comunidade, eles encontram seus próprios modos de sobrevivência de sua arte e sua própria representatividade. Mostrando a sociedade que a rua também é o lugar onde acontece o aprender, e o ato de formar sujeitos e participativos.

Na imagem (17), a roda foi realizada na praça São João Batista, em frente à igreja, foi realizada somente pelos alunos e professores do pólo Escola Arte, não teve participação de outros capoeiristas, justamente, pela necessidade dos professores perceberem que os seus alunos também precisam partilhar suas experiências fora do pólo. Aqui encontra-se um dos sentidos de educação que os capoeiristas deste

IMAGEM 17- RODA NA PRAÇA SÃO JOÃO BATISTA



Fonte: Acervo fotográfico. Disponível em: www.facebook.com/pg/Capoeira-Senzala-CametaPA-prof-Leon-e-Monitora-Naja-1070290286422756/photos/?ref=page_internal, 2016.

pólo promovem ao movimentar a prática da capoeira não está no ato de aprisionar seus alunos, mas, preparara-los para as relações que possam aparecer fora do pólo, capoeira é uma preparação para conhecer a vida, as praças públicas é o momento em que os informantes colocam em prática toda a vivência e o aprendizado que construíram coletivamente.

A socialização deste conhecimento é abordado em momentos especiais, por exemplo, a roda que realizaram durante a semana da Consciência Negra, na Praça da Cultura, fazendo uma apresentação de capoeira, justamente, por conceberem-se como mediadores do conhecimento desta manifestação e a percepção de que representam a identidade negra na sociedade cametanese. O 20 de Novembro foi celebrado em uma das praças mais movimentadas da cidade. Na imagem (18), no registro desta ação, podemos refletir como os

capoeiristas partilham seus saberes com o público. Ao observamos e analisando a própria configuração que os interloutores organizaram a roda, em vez de desenhar um círculo fechado como geramente acontece nos treinos ou rodas no pólo.

Observa-se que existe uma abertura na roda, especificamente atrás, essa abertura tem um significado, ela é o portal que os capoeiristas possibilitaram o público a participar por meio da observação, assim, conhecendo as relações que nela estão sendo construídas, mostrando, a participação de todos, e até mesmo daqueles que em sua volta estão.

Deste modo, os seus capoeiristas lançam o convite aos observadores a conhecê-la, e

FIGURA 18 - RODA NA PRAÇA DA CULTURA DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA



Fonte: Acervo fotográfico. Disponível em: www.facebook.com/pg/Capoeira-Senzala-CametaPA-prof-Leon-e-Monitora-Naja-1070290286422756/photos/?ref=page_internal, 2017

ao permitirem estabelecer a comunicação com quem os observa, promovem a partilha das suas ações e atividades culturais, o público, por sua vez, é seduzido pelos elementos culturais que se apresentam em forma da musicalidade, linguagem corporal e ritualidade.

Observa-se a ênfase dos capoeiristas do pólo Escola Arte na característica de apresentação cultural, embora, articulem na construção de seu ensino um aprendizado ligado a educação popular ressaltando a oralidade, coletividade e memória, porém, a sua

perspectiva tende para o processo de apresentação artística.

Não vejo as suas ações aqui como uma descaracterização sobre o discurso de “ancentralidade” ou de “tradição” da capoeira, até porque nos estudos de Eric Hobsbawm (2008), essas concepções são criadas para legitimar as ações de um determinado grupo, a circularidade e movimentação que os capoeiristas concedem a prática é o mecanismo que eles encontraram para a sobrevivência e divulgação dos seus modos de se fazer capoeira.

Ao dialogar com a comunidade é o modo também como ocupam espaços, entretanto, não podemos esquecer que existe o caráter artístico que está associado a prática da capoeira no momento em que realizam suas apresentações em espaços públicos, deste modo, não posso deixar de evidenciar os significados do sentido de apresentar-se, sendo este um dos meios pelo qual os informantes conseguem seduzir os seus observadores com a finalidade mostrar a importância da capoeira para a comunidade. Quem observa uma roda de capoeira, o próprio

jogo da capoeira entre participantes pela primeira vez é difícil de captar de imediato os ensinamentos e as leituras de quem é cada um e quem são todos que compõem a roda, essas relações são construídas entre os seus praticantes com códigos que permitem os mesmos a produzirem seus saberes dentro e fora da roda. Não como sujeitos passivos ao processo educacional, mas, evidenciando a comunidade que também são agentes culturais e educadores que possuem organização social e política nas suas ações como a prática da capoeira.

Uma observação importante trazida na imagem (18) é a relação à forma como conduzem os treinos na rua, os espaços públicos não são apenas vistos como momentos para a apresentação, mas, também é onde acontecem os treinos, pois, os mesmos saberes que são socializados na sala de treino também são socializados na vivência fora do pólo de capoeira. Os lugares públicos como praças também podem ser espaços onde a sua formação acontece.

Não é apenas uma percepção de apresentação de uma roda de capoeira que os interlocutores promovem com a comunidade, é a forma de ocupação dos espaços seus modos de afirmação e resistência das lutas diárias para a formação. Tornando a capoeira não apenas um movimento de jogo, mas, a possibilidade de produzir conhecimentos e saberes em todos os

IMAGEM 19 - TREINO NA PRAÇA DA MATINHA



Fonte: Acervo fotográfico. Disponível em: www.facebook.com/pg/Capoeira-Senzala-CametaPA-prof-Leon-e-Monitora-Naja-20161070290286422756/photos/?ref=page_internal, 2017

espaços da comunidade. Na imagem (19), a organização do treino aconteceu no final de semana, existe um esforço de conciliação entre movimento e musicalidade na realização dos movimentos, esse método proporciona aos capoeiristas uma melhora sobre a linguagem do corpo.

o na realização dos exercícios. Segundo o professor Léon é uma forma mais dinâmica de apresentar a capoeira para os alunos e para a comunidade.

É interessante, ressaltar que a organização das aulas/treinos nos espaços da comunidade acontecem com sucesso, pois, existe todo um processo de organização anterior realizado pelos capoeiristas, que faz parte dos processos formativos que são vivenciados pelos capoeiristas no pólo Escola Arte. Pode-se apresentar, uma sequência desta organização, que acontece uma reunião no pólo com antecedência com a participação de todos os membros, onde selecionam os instrumentos para a realização dos treinos, estabelecem uma divisão de tarefa para dividir as responsabilidades que o treino e a roda necessita quando realizadas em outros

espaços, entre as responsabilidades estão os modos de perceber quem vai ficar nos instrumentos, segurando a musicalidade, quem iria jogar, ou mesmo quem são os responsáveis por organizar o espaço onde ocorrerá a roda ou treino, todas as decisões são tomadas coletivamente.

Os professores de capoeira deste pólo direcionam as funções conforme a disponibilidade e o amadurecimento de cada integrante do coletivo, essa organização é preciso tendo em vista que quando vão a comunidade não estão levando apenas o nome do seu grupo, mas, a representação do que eles entendem como formação. Ao fazer esse movimento de saída do pólo para os espaços da comunidade é um momento que exige maturidade nas relações entre os integrantes, pois, eles estão levando para fora da sua zona de conforto seus saberes que nem sempre são aceitos por parte de outros coletivos que os observam, mas, diante de suas gingas e ações coletivas usam a capoeira como uma forma de sedução, construindo suas resistências perante os processos de exclusão social, deste modo, não se tratando apenas de um momento de lazer, o deslocar do pólo é o momento que acontecem também a formação.

O sentido de movimentação realizado pelos protagonistas deste estudo não é uma capoeira fixa, como em academias, que fica apenas em seu recinto e se conformam em suas experiências, mas, é uma capoeira que busca espaço e permite-se experimentar o sentido de educação que se tecem junto ao público. Essa movimentação da prática exercida pelos informantes deste estudo é entendida aqui, como o modo que buscaram por seus territórios, ocupar espaços dentro da sociedade cametaense como um coletivo organizado, pois, usam seus projetos para iniciação de parceiras com os espaços escolares, e também que se identificam com uma proposta de educação pautada em valores da cultura popular. Na tarefa de dar movimento a prática da capoeira, não apenas no sentido do jogo, mostrando que essa manifestação está presente, assim como eles nos mais diversos contextos sociais, culturais e educativos.

Após conhecermos os espaços de atuações na comunidade dos informantes caminhamos em direção para conhecer as relações que são tecidas como âmbitos escolares, destacando distintos momentos no qual este coletivo de capoeiristas estiveram envolvidos durante o processo da pesquisa de campo, buscamos apontar as articulares e tensões que emergiam entre a capoeira e o espaço escolar.

3. CAPOEIRA NA ESCOLA: CURRÍCULO EUROCÊNTRICO VERSUS SABERES AFRO-BRASILEIRO

Quando contextualizamos historicamente a prática da capoeira no primeiro Capítulo desta dissertação visualizamos o trajeto da capoeira e o seu diálogo com o Estado ao longo da formação da sociedade brasileira, apresentando suas ressignificações frente aos processos silenciadores e opressores do século XIX-XX. Agora resta refletir como a capoeira chega nas escolas brasileiras? Que tipos de capoeira chega para escola?

Que escola essa que recebe a capoeira? Essas inquietações levantadas são respondidas neste Capítulo, considerando uma conjuntura abrangente por meio de referências teóricas, no entanto, colocou-se como um esforço para contemplar o contexto local, isto é, entender como essa manifestação cultural adentra no ambiente escolar cametaense, por meio de vínculos com políticas educacionais ou mesmo por iniciativa dos próprios protagonistas deste trabalho. Partilhando o que Geertz, denomina em seu livro de “Saber Local”, buscando interpretação social de algumas percepções que partem do global para entender o local.

[...] a antropologia sempre teve um sentido muito aguçado de que aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo. Para um etnógrafo, remexendo na maquinaria de ideias passadas, as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e seus invólucros. Pode-se, é claro, obscurecer esta realidade com o véu de uma retórica ecumênica, ou embaçá-la [...]. Mas não podemos fazer com que simplesmente desapareça. (GEERTZ, 1997, p. 11).

Ao fazemos esse movimento de compreender o global (abrangente), isto é, como a capoeira está sendo desenvolvida nos espaços escolares brasileiros, entretanto, sem desconsiderar particularidades e especificidades locais. Decerto, é a partir da década de 80, sobre o contexto de abertura política, a escola e o Mistério Público de Educação pressionados pelos movimentos sociais e políticos começam a inserir no currículo brasileiro algumas temáticas da cultura afro-brasileira, e outras, indígena, gênero, inclusões sociais, etc. Na possibilidade de construir uma educação voltada para a diversidade cultural baseada no respeito e na inclusão de distintos membros que compõem a sociedade brasileira (SILVA, 2013, p. 66).

A emergência de movimentos indenitários em escala local seria, segundo Hall, uma das facetas da pós-modernidade, negociando e colocando limites aos projetos de homogeneização encampados pela globalização (HALL, 1997). Não tão obstante, consideramos a capoeira como uma abordagem de movimento organizado, antes o jogo

realizava-se apenas em lugares fechados uma prática escondida (1890-1937), após a legalização, passou atuar em espaços abertos, e dialogando cada vez mais com o ambiente escolar, no entanto, essas percepções direcionam para dois pontos importantes que propomos esclarecer neste momento. A capoeira como parte do movimento cultural negro engajado politicamente passa a consolidar reivindicações de seus espaços perante a sociedade.

Stuart Hall (1997), autor dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, afirma que a pós-modernidade possui entre seus desdobramentos mais importantes o estabelecimento da centralidade da cultura nos processos econômicos e políticos e na própria epistemologia da contemporaneidade. A emergência de movimentos indenitários em escala local seria, segundo Hall, uma das facetas da pós-modernidade, negociando e colocando limites aos projetos de homogeneização encampados pela globalização (HALL, 1997, p. 87).

Desta forma, grupos culturais que por muito tempo permaneceram silenciados e aparentemente homogêneos as culturas dominantes passam a reivindicar seus espaços dentro da sociedade, a capoeira, embora associada como uma prática, no entanto, não podemos dissociá-la da conjuntura de um movimento da cultura negra, e como tal, possui suas características. O segundo ponto reflete em direção ao processo de ruptura na forma tradicional, especificamente em relação aos espaços que ela vem gradativamente ocupando dentro da sociedade brasileira. Anteriormente, tratava-se de uma prática que foi criminalizada pelo Código Penal de 1890, após a sua legalização na década de 30, houve uma participação em outros âmbitos sociais e político, por exemplo, em estudos culturais.

3.1 Jogos e Interesse: Aberturas no currículo escolar brasileiro para o ensino da Capoeira e seus desdobramentos

No Pará, em Belém-PA, as rodas de capoeira são realizadas em academias de capoeira, nas casas culturais, em praças públicas, como a exemplo à Praça da República. Na cidade de Cametá, diante das observações durante a pesquisa de campo, as rodas de capoeira regional são realizadas como vimos anteriormente em praças públicas, nas escolas, uma peculiaridade, é os treinos realizados em espaços públicos, é uma particularidade do pólo “Escola Arte”.

É observável o crescente espaço que a capoeira tem ocupado e conquistando no Brasil, e em muitos outros países do mundo nas últimas décadas. No Brasil, este movimento de ocupação tem incluído as escolas como palco privilegiado da atuação de mestres de capoeira, professores de capoeira, grupos e associações, com a possibilidade de desenvolver trabalhos educativos. A ruptura é em relação ocupação dos espaços pelos praticantes, agora não apenas

ocupam os espaços públicos, mas dialogam com espaços de ensino formal. A esse respeito, Nestor Garcia Canclini (2013), evidencia as contradições entre o tradicional e o moderno que convivem entre conflitos e tensões, mas, que conseguem coexistirem sem deixar suas marcas tradicionais ao fazer isso problematiza o sentido da pós-modernidade no interesse de compreender as estratégias de entrada e saída dos agentes culturais no processo modernizante.

Compreende-se que o processo de ocupação e conquistas de novos espaços pela capoeira e seus praticantes são estratégias que buscam para partilhar saberes e conhecimentos, em virtude, das novas engrenagens da modernização, diante disso, os agentes criam estratégias para continuar produzindo seus saberes e resistindo diante das armadilhas da modernidade. Representando um movimento do qual Canclini chama de “entrada e saída da modernidade”, sem perder suas características indenitárias. Nesse sentido, Canclini³⁰ (2013), aponta dois processos que, segundo ele, possibilitaram a desarticulação cultural na América Latina, são eles: o descolecionamento e a desterritorialização. Nesta análise, o descolecionamento dá sentido, sobretudo, ao fim da produção de bens culturais colecionáveis resultando na quebra de divisões entre cultura elitista, popular e massiva (CANCLINI, 2013, p. 153).

Pensamos que a capoeira passa a partilhar experiências e vivências culturais e sociais com outros espaços que também são produtores de conhecimentos distintos dos seus. Segundo a perspectiva de Canclini (2013), permite que um bem cultural seja reproduzido e disponibilizado mais facilmente para a população. O adentrar desta prática nas escolas de ensino no Brasil, tem sido fomentada por políticas educacionais voltadas para a ampliação da jornada escolar e a mudança do currículo, associadas a discursos ao favorecimento de Educação Integral³¹. O diálogo entre a escola e a capoeira foi reconhecido oficialmente com base em projeto de Lei Federal de SENADO nº. 17, 2014. Art. 1º, no qual reconhece o caráter educacional e formativo da atividade de capoeira em suas manifestações culturais e esportivas.

Art. 2º Os estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, poderão celebrar parcerias com associações ou outras entidades que representem e congreguem mestres e demais profissionais de capoeira, nos termos desta Lei. § 1º O ensino da capoeira deverá ser integrado à proposta pedagógica da escola de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. § 2º No exercício

³⁰ CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2013;

³¹ Conforme o Decreto nº 7.083/2010, os princípios da Educação Integral são traduzidos pela compreensão do direito de aprender como inerente ao direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária e como condição para desenvolvimento de uma sociedade republicana e democrática. A Educação Integral está presente na legislação educacional brasileira e pode ser apreendida na Constituição Federal, nos artigos 205, 206 e 227; no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 9089/1990); na Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/1996), no Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.179/01) e no Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Básico e de Valorização do Magistério (Lei nº 11.494/2007). (MANUAL OPERACIONAL DE EDUCAÇÃO INTEGRAL. 2004, p. 4).

de sua atividade, o profissional de capoeira será acompanhado por docentes de educação física vinculados à instituição, que se responsabilizarão pela adequação das atividades aos conteúdos curriculares. § 3º Para o exercício da atividade prevista nesta Lei, além do vínculo com a entidade com a qual seja celebrada a parceria, não se exigirá do profissional de capoeira a filiação a conselhos profissionais ou a federações ou confederações esportivas. Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 17, 2014).

O Projeto de Lei do Senado nº 17, de 2014, embora, instável deve suas alterações constantes, é uma possibilidade de exercitamos uma reflexão sobre as tentativas de reconhecimento do caráter educacional da capoeira, apresentando-a com uma manifestação cultural e esportiva, permitindo um diálogo fértil entre o ensino dos níveis fundamental, médio, públicos e privados. Reconhecendo em meio aos seus objetivos que a capoeira já atuava em outros âmbitos sociais desenvolvendo ações educativas, anterior a esse reconhecimento oficializado. Como podemos apreender essa visão diante dos objetivos que compõem a Lei de Senado nº 17, 2014, “criar condições para que a capoeira, que já é ensinada em todo o Brasil, possa se expandir pelos estabelecimentos de ensino, com a devida supervisão dos professores de educação física. No encontro do conhecimentos acadêmicos com os mestres da cultura popular” (PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 17, 2014).

No sentido de fortalecer as escolas brasileiras com os conteúdos populares, na justificativa de que motivar crianças através dos aspectos lúdicos que existem nos processos formativos e educativos da capoeira. Porém, ao concebê-la no registro como uma manifestação cultural e esportiva esquecem de concebê-la em sua perspectiva principal, a historicidade que emerge desta manifestação atrelada a dois elementos que fazem parte da sua trajetória como prática, suas características de resistência e símbolo de identidade da cultura negra.

Essa legislação promove e encaminha para as escolas brasileiras uma manifestação cultural que dá ênfase as suas perspectivas esportivas e lúdicas, novamente, como venho mencionando ao logo deste estudo, algumas das propostas educacionais e legislativas não levam em consideração o significado de coletividade entre os grupos ou mesmo a historicidade que essa prática possui na sua trajetória de resistência. Outro ponto importante para refletir aqui é a colocação do acompanhamento das ações do profissional de capoeira, por sua vez, acompanhado de um docente de educação física da instituição de ensino que estabelece a parceria com esses agentes culturais, juntos se responsabilizarão pela adequação das atividades.

No entanto, não se aplica a realidade de outros grupos e coletivos, como no caso, dos capoeiristas da ASSOCASE que operam no pólo Escola Arte, como vimos anteriormente, a partir da iniciativa destes capoeiristas na iniciação de trabalhos com ensino da capoeira em

escola municipais da rede pública. Atuação dos informantes deste trabalho na E. M. E. F Profa. Maria Nadir Valente, teve um monitoramento superficial pela gestão escolar, e não houve a parceria com o professor de educação física, a apesar da proposta de viabilidade de parceria.

A minha ideia era monta uma parceria com a escola, com o apoio da coordenação pedagógica e da diretoria dos próprios professores. Principalmente do professor de educação física. Só que não foi muito bem o que aconteceu(GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon Martins Garcia — (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

Como vimos a atuação dos interlocutores no antigo pólo de capoeira Nadir Valente foi uma ação desvinculada do professor de educação física, mas houve a participação dos agentes culturais em determinas contextos de atividades realizadas com e sem a parceria da escola. Diante deste diálogo, entre a escola e a capoeiristas, isto é, grupos de capoeiristas ou associações promovidas pelo Projeto de Lei do SENADO nº 17, de 2014, possibilita a entrada da capoeira nas escolas da rede pública e privada no Brasil pelo véis esportivo, cultural, mas, não as especificidades com que esse diálogo está sendo construído por coletivos de capoeiristas, deste modo, de que modo essa legislação poderia garantir a participação desses sujeitos que adentram nas instituições de ensino formal por suas próprias decisões? Ações que poderiam promover a visibilidade destes agentes no espaço escolar acabam por invisibilizar.

Porque as experiências são tomadas de formas totalizantes sem apreender a realidade local. Neste contexto das ações governamentais que possibilitassem as escolas brasileiras exercerem práticas pedagógicas interculturais e multiculturais junto ao diálogo com as comunidades populares e tradicionais, a abertura no currículo da educação brasileira começou agregar discussões entorno das relações étnico-raciais, essas ações afirmativas começam a ser refletidas no contexto escolar com a criação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é admitida a Lei nº 10.639, em janeiro de 2003, alterando a Lei nº 9.394/96 – (LDB).

O Plano Nacional das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais, traduz está legislação como desdobramentos das políticas educacionais e são sua base importante para realização³². Existe um anseio de trazer a escola para as discussões sobre pluralidade cultural por meio das iniciativas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as leis de Diretrizes e Bases Nacional (LDB), um esforço para que se evidencie “o diferente” ou ainda “o outro”, embora, essa percepção seja adotada pelas escolas evidenciando o diferente

³² BRASIL, Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Brasília: SECAD; SEPPPIR, junho, 2009.

por não ser igual a maioria, muitas vezes passa despercebido e acaba reproduzido discursos distorcidos da realidade cultural. Nilma Lino, ao analisar os desafios e práticas, na regulamentação do Estado, menciona a Lei 10.639 como política educacional vem percorrendo um caminho tenso e complexo nas escolas brasileiras.

Menciona que é possível perceber o seu potencial indutor e realizador de programas e ações direcionados à sustentação de políticas culturais e reforço às questões raciais em uma perspectiva mais ampla e também inclusiva. Gomes (2013), a escola e os processos educacionais estão cada vez mais refletindo seu posicionamento político em relação à cultura negra. A escola revela-se como um espaço de representações de identidades e culturas, no entanto, a discussão promovida por ela, segundo as percepções desta autora, acaba por restringindo apenas as diferenças e pluralidade no currículo. Alertando que a responsabilidade dos sistemas de ensino das escolas (MEC), dos gestores e educadores na educação voltadas para as relações étnico-raciais, a concretização dessa política ainda carece de enraizamento. “A sua efetivação depende da mobilização da sociedade civil a fim de que o direito à diversidade seja garantido nas escolas, nos currículos, nos projetos político-pedagógicos” (GOMES, 2013, p. 8).

Ou seja, é interesse da escola e da comunidade que se façam presentes discussões entorno da diversidade cultural. Pois, foram criadas com políticas de ação afirmativa voltadas para a valorização da identidade, da memória e das culturas negras, reivindicadas pela luta de movimentos negros. Segundo Abib (2004), na maioria parte dos casos, a cultura popular só entra nos programas educacionais como atividades ligadas a datas especiais, como a consciência negra, as festas folclóricas, se limita a uma abordagem superficial de seus elementos que não se constituindo enquanto um saber legitimado e valorizado pela cultura escolar (ABIB, 2004, p. 157).

A escola brasileira percebe a cultura negra, em especial, a capoeira, como exótico, de forma tematizada como uma apresentação passageira ou cumprimentos de carga horária (BARCELLOS, 2013, P. 2). Com isso, não estou dizendo que o folclore seja algo negativo, também é uma abordagem educativa cultural, ou relativizar sua participação dentro do espaço escolar, porém, procuro enfatizar que a capoeira possui elementos que devem ser percebidos ou pelos menos apreendidos na sua própria forma de perceber seu próprio sentido de educação. Essa assimilação perante ao diálogo entre educação e cultura nos espaços escolares têm denunciado o caráter padronizador, homogeneizador e monocultura da educação, especialmente, presente no que se denomina como cultura escolar e cultura da escola (CANDAU, 2008, p. 14). “Sentimos que a escola está em crise porque percebemos que ela está cada vez mais desenraizada da sociedade [...]” (Ibid., 2008, p. 16).

Tratando-se de experiência de curto prazo, não se trata de um diálogo com movimentos sociais, mas, uma ação passageira das atividades e práticas negras. Segundo Candau (2008), “as questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, sob o risco de que a escola cada vez se distancie mais dos universos simbólicos das inquietudes das crianças e jovens de hoje” (CANDAU, 2008, p.16).

A escola acaba percebendo o sentido de cultura sem tensões e conflitos, no caso, a capoeira, a ênfase na ação esportiva e lúdica, acaba ofuscando outras questões, como o preconceito, gênero, a memória, essas abordagens são silenciadas pela escola. É neste sentido, que a escola e a educação vêm enfrentando para consolidar uma educação pautada nas relações interculturais. Para Santana (2009), a educação tem mostrado um distanciamento entre o debate instituído sobre a inclusão étnico-cultural e a prática dos professores.

Apesar das mudanças nas diretrizes de bases e na criação da lei 11. 645/2008, que alterou a legislação 10.639 de 2003, incorporando a história e cultura dos povos indígenas. Elas tenham trazido contribuições para o ensino pautado no multiculturalismo e também nas relações interculturais, no entanto, não basta que se tenha boa vontade conjunta da escola e a comunidade que proponha a uma ação construtiva é imprescindível que se tenha interesse das mudanças educacionais, sociais e políticas (SANTANA, 2009, p.58).

As novas reformas políticas na educação traziam consigo preceitos de uma educação diversificada, enunciando o desafio de se constituir em parceria com os sistemas de ensino independente dos níveis e modalidades uma “Educação para as Relações Etnicorraciais”. Neste sentido, observamos que os PCNs e a lei 11645/2008 vem sendo considerada pelos movimentos sociais principalmente pelos movimentos negros e indígenas “um instrumento insuficiente para orientação de uma nova prática educacional” (SANTANA, 2009, p.56). Pois, procuram homogeneizar, garantir uma igualdade social que ofusca as desigualdades sociais e culturais dos indivíduos na sociedade ocasionando uma discrepância com o seu próprio objetivo.

Não podemos negar que elas também sinalizavam uma abordagem para compreender a capoeira como um tema transversal. Diante destas colocações acredito que a história da cultura afro-brasileira, assim como a indígena não pode ser consideradas apenas como um tópico curricular estão vinculadas a vida cultural de grupos culturais e étnicos que a constituíram. E a não compreensão disso, torna a mediação da capoeira no espaço escolar construída não de forma harmoniosa, apresenta tensões nos diálogos estabelecidos com as intuições de ensino, os quais evidenciamos aqui alguns, através das experiências de alguns capoeiristas da ASSOCASE nos espaços escolares cametaenses.

A presença desta manifestação no espaço escolar cametaense tem crescido a partir de 2008, quando a ASSOCASE começa a dialogar com as instituições de ensino formal, através das ações do Mestre Paulino Dias, um dos responsáveis pelas atuações desta associação em Cametá-PA. Em conjunto com seus discípulos capoeiristas formados buscaram expandir a prática em diversos bairros e localidades próximas a cidade, por meio de projetos sociais com o discurso de “resgatar jovens da comunidade em situação de risco através da capoeira” (CRUZ, 2015, p. 19). Estabelecendo pólos em parceria com as escolas municipais.

Em estudos monográficos sobre a organização da ASSOCASE em Cametá-PA, como CRUZ (2015), XAVIER (2015), CARDOSO (2016), observam uma intensificação da atuação destes capoeiristas nas escolas públicas cametaense. Embora, as leituras não apontem os motivos pela escolha de espaços escolares, no entanto, os dados destas pesquisas reconstroem a percepção de crescimento de pólos nos espaços das escolas. O diálogo entre a capoeira e o ambiente escolar cametaense, recebeu impulso também nos anos de 2010 a 2015, período de atuação do Programa Mais Educação (PME)³³ nas escolas públicas do municipal de Cametá.

Isso foi possível com base nas narrativas concedidas por alguns capoeiristas da ASSOCASE, que atuaram neste programa educacional nas escolas urbanas da rede municipal. A atuação da ASSOCASE, e a sua articulação próxima ao ambiente escolar teve dois motivos relevantes, refletidos anteriormente, o primeiro ao fato de que os capoeiristas não dispõem de um espaço físico próprio e recorrem aos espaços disponíveis na comunidade. Outro fator está relacionado a política de expansão da capoeira como parte da formação deles. Feito essas considerações, agora é preciso evidenciar alguns pontos importantes na atuação destes capoeiristas por meio deste programa com relação a outras escolas brasileiras.

A capoeira no seu caráter esportivo e cultural no ambiente escolar cametaense não iniciou com o programa citado. Anterior, a ASSOCASE vinha estabelecendo parcerias temporárias com as escolas cametaenses por meio da política de expansão de sua prática, realizada pelos capoeiristas desta associação. Todavia, não se exclui a observação de que o envolvimento destes capoeiristas com o Programa Mais Educação (PME), tenha de certo modo, intensificado ainda mais o diálogo com os espaços escolares. Refletindo por uma conjuntura mais abrangente, o Programa Mais Educação é uma construção de ações em políticas públicas

³³ O programa Mais Educação foi instituído pela Portaria Interministerial n.º 17/2007 e integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral. É coordenado pela Secretária de Educação Básica (SEB/MEC), em parceria com Secretarias Estaduais e/ou Municipais de Educação. Sua operação é feita por meio do programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), e pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Disponível em <http://educacaointegral.mec.gov.br/maiseducacao>

educacionais e sociais, como objetivo diminuição as desigualdades educacionais, e a valorização da diversidade cultural nas escolas brasileiras.

Por meio da educação integral, reconhece as múltiplas dimensões do ser humano e a peculiaridade do desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens (MANUAL OPERACIONAL DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO. 2004). No caderno do PME, “Passo a Passo”³⁴, o perfil das escolas, a prioridade no atendimento das escolas que estiverem com o baixo IDEB, em territórios marcados por situações de vulnerabilidade social. No entanto, existe uma distinção com relação à abordagem metodológica e atividades que programa oferece para as escolas urbanas e do campo. Segue a tabela representativa desta situação.

TABELA 1 - CRITÉRIOS DA ESCOLA PARA ADESÃO AO PROGRAM MAIS EDUCAÇÃO

SELEÇÃO DAS UNIDADES ESCOLARES URBANAS EM 2014:	SELEÇÃO DAS UNIDADES ESCOLARES DO CAMPO EM 2014:
Escolas contempladas com PDDE/Educação Integral nos anos anteriores;	Municípios com 15% ou mais da população “não alfabetizados”;
Escolas estaduais, municipais e/ou distrital que foram contempladas com o PDE/Escola e que possuam o IDEB abaixo ou igual a 3,5 nos anos iniciais e/ou finais, IDEB anos iniciais < 4.6 e IDEB anos finais < 3.9, totalizando 23.833 novas escolas;	Municípios que apresentam 25% ou mais de pobreza rural; Municípios com 30% da população “rural”;
Escolas localizadas em todos os municípios do País;	Municípios com assentamento de 100 famílias ou mais;
Escolas com índices igual ou superior a 50% de estudantes participantes do Programa Bolsa Família.	Municípios com escolas quilombolas e indígenas.

Fonte: Tabela construída com base nas informações no manual operacional de educação integral do Programa Mais Educação, ano 2004. Disponível: <http://educacaointegral.mec.gov.br/maiseducação>

Diante desta tabela constam os perfis das escolas que podem aderir ao PME em 2014, possuem alunos como níveis de IDEB baixo, alunos que tem auxílio do governo com bolsas, as metas direcionam para a tentativa de diminuir a desigualdade educacional e a valorização da diversidade cultural brasileira. O manual do programa separação as abordagens metodológicas e atividades realizadas entre as escolas da zona urbana e do campo. A seguir tabelas com base nas informações contidas no manual destacando os Macrocampos de atividades, elas têm suas bases nas ciências humanas, ciências e saúde, linguagem, matemática, leitura e produção de textos e obrigatório a orientação pedagógica.

³⁴ Caderno destinado as escolas da rede pública que aderiram ao Programa Mais Educação, constando as orientações e o funcionamento do programa que as instituições de ensino pública do Brasil devem seguir. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECADI. Programa Mais Educação Passo a Passo. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=8168&Itemid

TABELA 2 - MACROCAMPUS DE ATIVIDADES DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

MACROCAMPUS DE ATIVIDADES DESTINADAS A ESCOLAS URBANAS:	MACROCAMPUS DE ATIVIDADES DESTINADAS A ESCOLAS URBANAS:
COMUNICAÇÃO, USO DE MÍDIAS E CULTURA DIGITAL E TECNOLÓGICA (Ambiente de Redes Sociais, Fotografia, Histórias em Quadrinhos, Jornal Escolar, Rádio Escolar, Vídeo, Robótica Educacional, Tecnologias Educacionais).	AGROECOLOGIA (Canteiros Sustentáveis, COM-VIDA – Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida, Cuidado com Animais, Uso Eficiente de Água e Energia).
CULTURA, ARTES E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL (Artesanato Popular, Canto Coral, Capoeira, Cineclube, Danças, Desenho, Educação Patrimonial, Escultura/Cerâmica, Grafite, Hip-Hop, Iniciação Musical por meio da Flauta Doce, Leitura e Produção Textual, Leitura: Organização de Clubes de Leitura, Mosaico, Percussão, Pintura, Práticas Circenses, sala Temática para o Estudo de Línguas Estrangeira, Teatro).	INICIAÇÃO CIENTÍFICA (proteção dos mananciais hídricos, conservação do solo, impacto das mudanças climáticas, flora e fauna nativas, uso e aproveitamento racional da água, energia limpa, etc., a fim de que ciência e tecnologia se constituam como dispositivos de reconhecimento e recreação).
EDUCAÇÃO AMBIENTAL, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (Horta Escolar e/ou Comunitária, Jardinagem Escolar, Economia Solidária e Criativa)	EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS Arte audiovisual e corporal, Arte corporal e som, Arte corporal e jogos, Arte gráfica e literatura, Arte gráfica e mídias.
ESPORTE E LAZER (Atletismo, Basquete de Rua, Basquete, Esporte da Escola/Atletismo e Múltiplas Vivências Esportivas (basquete, futebol, futsal, handebol, voleibol e xadrez), Futebol, Futsal, Ginástica Rítmica, Handebol, Judô, Karatê, Natação, Recreação e Lazer/Brinquedoteca, Tae-kwon-do, Tênis de Campo, Tênis de Mesa, Voleibol, Vôlei).	CULTURA, ARTES E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL (Brinquedos e Artesanato Regional, Canto Coral, Capoeira, Cineclube, Contos, Danças, Desenho, Escultura/Cerâmica, Etnojogos, Literatura de Cordel, Música, Pintura, Práticas Circenses, Teatro).
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: Educação em Direitos Humanos	ESPORTE E LAZER (Atletismo; Basquete; Futebol; Futsal; Handebol; Tênis de Mesa; Voleibol; Xadrez Tradicional; Esporte na Escola/Atletismo e Múltiplas Vivências Esportivas,
PROMOÇÃO DA SAÚDE (Promoção da Saúde e Prevenção de Doenças e Agravos à Saúde)	MEMÓRIA E HISTÓRIA DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS (Brinquedos e Artesanato Regional; Canto Coral; Capoeira; Cineclube; Contos; Danças; Desenho; Escultura/Cerâmica; Etnojogos; Literatura de Cordel; Mosaico; Percussão; Pintura; Teatro).

Fonte: Tabela construída com base nas informações no manual operacional de educação integral do Programa Mais Educação, ano 2004. Disponível: <http://educaçãointegral.mec.gov.br/maiseducação>

De acordo com o manual de macrocampos de atividades ofertadas pelo Programa Mais Educação, as escolas urbanas podiam selecionar apenas quatro atividades, dentre os seis macrocampos oferecido. Com base na análise destas duas tabelas o programa nas escolas municipais cametaenses, seguem a proposta da escola urbana, justamente, pelas condições de baixo índice de desenvolvimento educacional IDEB, 3.9, no ano de 2014. A cidade também está inserida das comunidades ribeirinhas e quilombolas. As orientações na implantação do PME para as escolas urbanas buscam promover uma educação voltada para os alunos que apresentam defasagem, da 1ª fase do ensino fundamental (4º e/ou 5º anos), onde existe maior saída de estudantes. Estudantes dos finais da 2ª fase do ensino fundamental (8º e/ou 9º anos),

onde existe um alto índice de abandono após a conclusão do curso; Estudantes detectados índices de evasão e/ou repetência, alunos beneficiados do Programa Bolsa Família (MANUAL OPERACIONAL DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO. 2004).

Diante do cronograma das atividades, as escolas cametaenses, segundo informações coletadas com base em três relatórios de acompanhamento pedagógico e financeiro do Programa Mais Educação, ano 2014, as escolas da rede pública e Municipal³⁵, desenvolveram com maior predominância de atividades com leitura textual, aulas de dança regionais, agricultura com ênfase na jardinagem e botânica, vôlei e a capoeira. Outras atividades apresentadas na tabela 3, oferecida pelo programa, cabe apontar o peso que a escolha do macrocampos *Cultura, Artes e Educação Patrimonial*, onde constam a Capoeira, nas escolas do município de Cametá. Para fazer esse levantamento, fui a Secretaria de Educação, no departamento do PME, atualmente é o “Novo Programa Mais Educação”, conseguir obter uma listagem onde constavam o número das escolas municipais cadastradas no ano de 2014.

TABELA 3- REGISTRO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS QUE ADERIRAM AO PME EM 2014

NÚMERO DE ESCOLAS MUNICIPAIS DO ESTADO DO PARÁ QUE ADERIRAM	868
NÚMERO DE ESCOLAS MUNICIPAIS QUE OPTARAM PELO MACROCAMPO CULTURA, ARTES E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ESTADO (PA):	221
NÚMERO DE ESCOLAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ	343
NÚMEROS DE ESCOLAS MUNICIPAIS (PRIVADAS E PÚBLICAS)	381
NÚMERO DE ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE CAMETÁ QUE ADERIRAM AO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO	76
NÚMERO DE ESCOLAS MUNICIPAIS QUE OPTARAM PELO MACROCAMPO CULTURA, ARTES E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PA	22
TOTAL DE ESCOLAS MUNICIPAIS QUE OPTARAM PELA ATIVIDADE CAPOEIRA NA ZONA URBANA DE CAMETÁ-PA:	5

Fonte: SEMED- Secretaria Municipal de Educação de Cametá- Despertamento do Programa Mais Educação. Acesso a plataforma SIMEC-Sistema Integrado de Monitoramento do Ministério da Educação, em 2018.

Na tabela acima, construída com base nas informações repassadas pela Secretária de Educação de Cametá (SEMED), vemos que 2014, 868 escolas municipais do Estado do Pará aderiram ao Programa Mais Educação, delas cerca de 221 optaram pelo macrocampo *Cultura, Artes e Educação Patrimonial*, onde está inserida modalidade capoeira. Na perspectiva local,

³⁵ Apesar de respeitar o silêncio dos informantes do pólo de capoeira Escola Arte com relação ao nome da escola que desenvolveram suas atividades por meio do Programa Mais Educação no ano de 2014, no entanto, procurei trazer algumas informações sobre as atividades que o programa ofertou para as escolas cametaenses, com base em três relatórios de acompanhamento pedagógico e de financiamento de escolas da rede pública municipal: E M E F Professora Maria Nadir Filgueira Valente, E M E F Professora Raimunda da Silva Barros e a E M E F Professora Nazaré Peres, localizadas na cidade de Cametá e tiveram com o programa no ao 2014.

existe um total de 381 escolas em funcionamento (incluindo escolas públicas e privadas e das vilas e comunidades próximas), no Município de Cametá, apenas 76 escolas da rede pública municipal aderiram ao PME, no ano de 2014. Um número baixo considerando o número de escolas municipais que estão em funcionamento representada na tabela 3.

Das 76 escolas que aderiram ao programa 22 instituições de ensino fundamental do município de Cametá indicaram o macrocampo *Cultura, Artes e Educação Patrimonial*, levando em consideração o número das escolas municipais de cametá que aderiram ao programa e as seis opções que existem no macrocampo representados na tabela 2. Tratou-se de um número expressivo. Especificamente na cidade de Cametá, na zona urbana, apenas 5 instituições municipais aderiram ao macrocampos onde a capoeira se encaixa nas atividades.

Mas, o que estaria estimulando essas escolas municipais aderiam ao macrocampo específico? Mesmo que uma resposta determinante só seja possível por meio de um levantamento quantitativo para identificar as razões reveladas entre os coordenadores de um grande número de escolas para a escolha da atividade “capoeira”, um verdadeiro “serviço de garimpagem” nos relatórios de todas as escolas municipais, no entanto, é possível compreender algumas conjecturas. Como mostrei na tabela 2, o macrocampo *Cultura, Artes e Educação Patrimonial* inclui uma abundância de atividades diversificadas como Patrimonial, Flauta Doce, Artesanato, Banda, Canto Coral, Capoeira, Cineclube, Danças, Grafite, Coletivo de Cordas, Escultura Hip-Hop, Leitura e Produção Textual, Mosaico, Percussão, Pintura, Práticas e Teatro.

O que motivou as escolas municipais da cidade de Cametá a optarem pela parceria com a capoeira? Apesar de não ter uma resposta definitiva, pode-se refletir que essa ocupa um papel associado ao universo da “cultura afro-brasileira” ou da “cultura negra”, eleger a capoeira pode apontar como detentora de saberes e conhecimentos da cultura popular, e reconhecimento de que seus praticantes já vinham dialogando com a comunidade escolar cametaense anteriormente. Com efeito, a ação deste programa na comunidade proporcionou uma ação conjunta e passageira entre o ensino da capoeira e as atividades da disciplina de Educação Física. Na narrativa do professor de capoeira Léon, a seguir, podemos compreender um pouco sobre o funcionamento das ações da escola para com a prática da capoeira em 2014:

Uns três anos atrás, eu trabalhei no Programa Mais Educação com a capoeira (não vou falar o nome da escola e nem o nome da diretora na época), mas, eram atividades em parceria com o professor educação física, eu era um dos monitores, tinham outras atividades lá também, junto da capoeira acho que era de produção de texto, era uma professora lá que dava aulas pro alunos. O que a gente eu e a Naja fazemos lá foram oficinas de movimentação e musicalidade, muito mesmo, era o treino que a garotada gostava, nosso treino era só no final de semana, e a gente ensinava crianças das séries diferentes, não tinham uma seleção, era menino e menina, a gente sempre tinha apoio,

tipo quando precisávamos do espaço, lá sim a direção da escola estava bem presente, cobravam até relatório. Às vezes, usava as salas de aula, quando passava aulas de vídeos, mas, a gente sempre procurava manter o foco, até porque a supervisora sempre fala seguir o programa. A gente ficou um ano lá que foi o tempo do contrato com o Mais Educação, depois saímos de lá (GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon Martins — (22 anos). Entrevista: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

Ao apresentar sua experiência como monitor/professor de capoeira no Programa Mais Educação, junto a professor Naja, logo avisa, que não vai mencionar o nome da instituição na qual esteve atuando através do Programa Mais Educação. Em conversa não registrada com este professor de capoeira conseguir compreender os motivos para não permitir a divulgação do nome da escola, porque ainda pretende voltar a trabalhar novamente nas escolas pela perspectiva deste programa. Essa postura levou-me a questionar até que ponto os desdobramentos desta política educacional contribuiu para o diálogo dos informantes.

Diante da narrativa do capoeirista da ASSOCASE, compreendemos que a ação deste programa educacional, na comunidade escolar cametaense proporcionou uma ação conjunta entre o ensino da capoeira intermediado pelos capoeiristas como monitores da escola junto a disciplina Educação Física com o acompanhamento pedagógico obrigatório pelo docente.

Apenas no final de semana, os interesses do programa estão presentes ao promover uma educação integral do educando, e a comunicação com a gentes da comunidade. As turmas que participavam das oficinas eram compostas por diferentes estudantes de séries e gênero. Entre as atividades realizadas por ambos os monitores estava em destaque a perspectiva de movimentação e musicalidade, pois, segundo professor Léon eram os pontos que a tendência do programa priorizava para o ensino da capoeira.

Neste sentido, o planejamento das atividades com ensino da capoeira já detinham um caminho predeterminado, quando menciona *“até porque a supervisora sempre fala seguir o programa”*. Dando a entender que as ações e o ensino com o monitores de capoeira não aconteciam de forma espontânea, estavam sendo determinadas pela política do programa. Ao comparar com a perspectiva do manual do programa encontrei a contextualização da capoeira, *“incentivo ao desenvolvimento cultural, social, afetivo e emocional de crianças e adolescentes, enfatizando os seus aspectos físicos, éticos, estéticos e sociais, a origem e evolução da capoeira, seu histórico, fundamentos, rituais, músicas, cânticos, instrumentos, jogo e roda e seus mestres”* (MANUAL OPERACIONAL DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO, 2004, p. 25).

Mostrando-se como uma perspectiva superficial que atrela a trajetória histórica da capoeira a categoria evolucionista, ao considerar isso, a caba por desconsiderar toda uma diversidade de experiência social, cultural e política no qual a capoeira e seus praticantes

vivenciaram ao longo dos séculos XIX-XX. Se atentarmos a cada ênfase destacada na proposta do programa, por meio da citação acima, a capoeira aparece associada aos elementos lúdicos (música, cânticos, jogo e roda) e a perspectiva de esporte (aspectos físicos, éticos, estéticos).

Todavia, não estou afirmando que as características lúdicas e esportivas não sejam importantes para a formação e lógica do ensino aprendizado da manifestação afro-brasileira, mas, concebê-los com predominantes e mais importantes, é continua desenvolvendo uma educação que não é voltada para as relações culturais, de identidades e políticas, silenciando essas abordagens que o diálogo com a capoeira pode proporcionar no espaço escolar.

Outro ponto que considero importante para entender as diversas experiências dos informantes no contexto escolar, na narrativa do capoeira Léon, é quando ele lembra como a escola no qual trabalhou através do PME o recebeu em comparação ao acolhimento que seu coletivo teve na escola EMEF Profa. Maria Nadir Valente, “*a gente sempre tinha apoio, tipo quando precisávamos do espaço, lá sim, a direção da escola estava bem presente, cobravam até relatório*”, é preciso ressaltar que durante o desempenho desses professores de capoeira ao vínculo com o programa foi uma ação apenas realizada por eles não envolveu os seus alunos.

Diferente do que aconteceu no antigo pólo Nadir Valente, onde os professores de capoeira desenvolveram suas atividades juntos as crianças e jovens da escola, e demais alunos do pólo da Escola Arte. É preciso atentar um pouco mais as teias semióticas por trás da atenção redobrada que o capoeirista afirma ter recebido por parte da escola que adotou a política do PME. Com outras atividades relacionadas ao macrocampo *Cultura, Arte e Educação Patrimonial*, uma delas, é que o programa se tratava de uma ação que tem financiamento.

As escolas que aderiram tem à disposição um valor para gastos com materiais, atividades e pagamento dos monitores, por meio do PDDE- Educação Integral (Programa de Dinheiro Direto na Escola Educação Integral), é claro, que existe toda uma burocracia para prestação de contas dos recursos recebidos, e as ações desenvolvidas na escola para isso, a instituição elege um conselho, onde há escolha de um representante, podendo ser um dos agentes pedagógicos da escola que se responsabiliza pelo monitoramento das atividades e ações dos monitores, este por sua vez, realizam relatórios. (MANUAL OPERACIONAL DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO, 2004, p. 31).

O não cumprimento das atividades selecionadas ou não prestação de conta ao PDDE- Educação Integral, causa a eliminação da escola das ações promovidas pelo programa. Deste modo, embora, o acompanhamento demonstrasse que a escola estava se importando com as ações dos capoeiristas, como de fato estavam, mas, existem outros significados por trás desta atenção aos monitores do programa. A capoeira entra nas engrenagens do sistema capitalista como uma

prática para o trabalho. Porém, ela na sua própria dinâmica cultural e resignificativa não se deixa prender possui sua própria lógica de ensino onde se constitui sua própria forma de resistência, como estratégias para sua sobrevivência (ABIB, 2004, p. 27).

Isto é, sua forma rebelde, atua no sentido de não se encaixar nas relações metódicas de um planejamento de ensino formal, pois, ela possui suas próprias formas de comunica-se com seus praticantes criando estratégias para driblar o que é imposto a sua racionalidade, um exemplo, disso é o episódio abaixo lembrado pelo professor Léon, falando de sua experiência.

A capoeira começou a tomar uma dimensão muito grande na questão de alunos, e vários alunos, e inclusive alunos de outras oficinas que tinha na mais educação entram na capoeira, a diretora porque os outros professores ficaram quase se alunos as oficinas deles, e eles iam com a diretora, ela tentava leva os meninos, mesmo eles não querendo ir, e de certa forma, ela queria levar por força eles, não aceitei, todos os professores inclusive a diretora me olhavam de uma forma que não me agradava aquele jeito. Só essas questões dos alunos, mas creio que não era preconceito mesmo isso (GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon Martins Garcia — (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

Ao mencionar à proporção que a capoeira tomou em relação às outras atividades realizadas pelo programa e a revolta por parte dos outros professores monitores e oficineiros demonstra a dinâmica de seus elementos culturais como agregadores de comunicação que não precisa necessariamente de uma única linguagem para permitir acessibilidade e acolhimento de distintos sujeitos. Mas, por motivos de preenchimento de turma a direção ou monitoramento pedagógico do programa acabou tentando equilibrar a participação dos alunos nas atividades, tendo em vista que, consta no manual, as turmas devem ter um certo limite exceto para as atividades de Orientação de Estudos e Leitura, que terão turmas formadas por 15 estudantes. (MANUAL OPERACIONAL DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO, 2004, p. 31).

A ação narrada pelos professores em relação aos outros monitores docentes junto a direção da escola para organizar as turmas e retirar o excesso de alunos que estavam na oficina de capoeira nos permiti refletir o significado da escola no jogo pelo poder do currículo. Que currículo esse que está sintonizado a política do capital promove a educação e formação dos sujeitos nele inserido? No campo educacional, a discussão sobre currículo vem se intensificado ao longo das reformas políticas curriculares o que possibilitou a entrada da cultura afro-brasileira, indígena, gênero, inclusão social e cultural entre outras cada vez mais ganhando visibilidade no ambiente escolar e nas discussões acadêmicas ao longo de século XX e XIX.

O currículo tem sido um campo conflituoso, cuja organização está estritamente vinculada às estruturas de poder e de dominação presentes não só no espaço educacional

escolarizado, mas em toda a sociedade (SILVA, 2013, p. 66). Os embates, embora com diferentes objetivos evidenciam uma educação engajada no mundo de produção capitalista. Neste contexto, Teresa Carmem Gabriel (2008), menciona que a escola é um espaço político de ações que estabelece negociações por meio da produção e distribuição de conhecimento cujo sentido e direção estão sempre em disputas” (GABRIEL, 2008, 240).

Quando o professor Léon ao demonstrar ter percebido as disputas por alunos que estavam em maioria nas atividades da capoeira, menciona que outros monitores junto a coordenação pedagógica tentavam a todo custo reorganizar e redistribuir os alunos com as outras atividades que estavam sendo desenvolvidas pelo Programa Mais Educação, mas tentavam fazer isso contra vontade dos alunos, pois, segundo o entrevistado os alunos não queriam deixar as aulas de capoeira. Tal situação refletiu também o modo como o monitor de capoeira sentia-se tratado não de forma preconceituosa, segundo o mesmo, no entanto, percebiam que a capoeira ocupava espaço nas relações de poder dentro espaço escolar.

Porém, isso faz refletir o que faz a capoeira e praticantes diante destes jogos de interesses pelo conhecimento e currículo da escola na perspectiva da política do Programa Mais Educação? Como venho mencionando ao longo deste estudo a capoeira não se encaixar em modelos pré-moldados ou ações metódicas que as escolas de ensino formal nasceram, mas, isso não quer dizer que ela não possua sua própria lógica de ensino aprendizado. A capoeira é colocada no cenário do currículo brasileiro produzido pelas políticas educacionais criadas pelo Estado, esse induz uma educação voltada as relações ao capitalismo como armadilhas que existem nos processos relacionais que esse diálogo traz como consequência por meio de ações governamentais. A capoeira como uma manifestação cultural de resistência em sua trajetória histórica também possui seus próprios mecanismos de resistência e sobrevivência para permear os âmbitos dos quais tentam concebê-la como uma abordagem estática e sem autonomia.

As características como musicalidade, princípios de igualdade, coletividade, ludicidade, movimentos acrobáticos são tomados como formas de sedução usadas pelos praticantes para se mantem em diálogo com o espaço escolar, usam o discurso artístico e benefícios físicos para organizarem-se como resistentes e conseguir adentrar no espaço escolar e mostrar outros elementos como a memória, oralidade, a coletividade e a ritualização de jogo, deste modo, partilhando suas experiências e expandindo o seu ensino com a capoeira, pois, a necessidade de ocupar espaço é importante para os capoeiristas da ASSOCASE, assim, como a perspectiva de retorno a comunidade, por isso, estabelecem acordos com o espaços escolares.

Isso é possível apreender diante das experiências dos capoeiristas nas escolas cametaenses. Outro informante que colaborou significativamente para entender essas relações,

foram as memórias do capoeirista João Meia Lua, membro da ASSOCASE, sobre a sua experiência no espaço escolar através do Programa Mais Educação. Responsável atualmente pelo pólo de capoeira na E. M. E. F Coronel Raimundo Leão, não possui mais vínculos com esta política educacional. Em sua narrativa a seguir, conseguimos apreender um pouco sobre os mecanismos que a capoeira possui e que ele usou para não ficar apenas na movimentação (sequências de exercícios físicos) ao fazer isso também informa com as coisas aconteceram na escola supracitada a partir do Programa Mais Educação no ano de 2014.

Olha a escola me recebeu como capoeirista no sistema do Mais Educação, foi lá na Nazaré Peres, eu acho que foi se não me engano em 2014, fiquei lá no Mais Educação, mas antes eu trabalhei no Osório também, só que lá eu não fiquei muito tempo por tinha outro monitor que queria a capoeira, aí eu fiquei só na Nazaré Peres mesmo. Eu tava junto com o programa, tinha supervisora eu procurava sempre trabalhar direitinho, a supervisora que era tipo uma diretora acompanhava lá os treinos, ela queria ver movimento a molecada toda jogando, não vou dizer o nome dela. Só que eu, já viu né, sou conhecido por falar muito com meus alunos porque acho que capoeira não é só jogo tem que ter fundamento. Não dá pra chegar e mandar o menino fazer golpe do nada, até porque eu não ensino ninguém a bater ninguém. Então, tem que falar dos fundamentos do porquê do tal movimento ou golpe, tem que ter história dos mestres para eles conhecerem, mas o treino era assim lá só no final de semana. Aí acabou o Mais Educação, sair de lá, e agora a gente tá aqui. Quase que a gente não consegue aqui, eu já tinha falado com o antigo diretor, mas, aí mudou a gestão de todas as escolas mudam a gestão, é difícil de continuar o mesmo trabalho na escola. Foi o novo diretor agora que perguntou como era o projeto que a gente queria fazer aqui, ele pediu algo escrito e eu de um ofício com os objetivos e justificativas do nosso trabalho nessa escola. De vez enquanto ele vem dá uma olhada no que a gente tá desenvolvendo aqui. Aqui como eu gosto de falar eu não ganho, só espaço físico aqui. Porque eu vou ter um retorno muito maior com eles não estejam na rua usando droga com envolvido em confusão (SANTOS, João Batista de Oliveira. Entrevista com o Professor de Capoeira regional no pólo/ASSOCASE Coronel Raimundo Leão – João Batista de Oliveira Santos – (37 anos). Entrevista: no pólo Coronel, 22 de jan. 2017).

Ao narrar sua experiência na escola E. M. E. F Professora Nazaré Peres vinculada ao Programa Mais Educação, o capoeirista João Meia Lua menciona que seus treinos de capoeira também se realizavam no final de semana com a supervisão pedagógica que monitorava suas ações e atividades dentro da escola. Ele se refere a monitoria e a objetividade que deveria ter em suas atividades, quando afirma *“tinha supervisora eu procurava sempre trabalhar direitinho, a supervisora que era tipo uma diretora acompanhava lá os treinos, ela queria ver movimento a molecada toda jogando”*. A forma como o capoeirista confirma a supervisão e o silenciamento da identidade da mesma, dá margem para compreendemos que o acompanhamento das ações que estavam sendo desenvolvidas junto aos alunos desta instituição era bem rigorosas enquanto as aulas de capoeira. Todavia, para saber se as atividades realmente

estavam surtindo efeito, a objetividade que supervisão pedagógica exigia do monitor estava, justamente, em ver os alunos da escola com domínio de movimentação no jogo.

Mas, um ponto importante para entendermos as relações e representações que a escola tece sobre a prática da capoeira, essa percepção ainda é mais intensa porque trata-se da Capoeira Regional, e como vimos mediante as discussões historiográficas a acusação de ser a vertente que descaracterizou a ritualista da cosmologia africana da capoeira ou ainda promoveu o “embranquecimento da prática” ao adotar a perspectiva de esporte. Essa visão não é mais difundida nas leituras recentes, a Capoeira Regional também é uma manifestação da cultura afro-brasileira. Por isso, também traz suas próprias formas e lógicas de ensino aprendizagem.

É possível perceber ao próprio exemplo do capoeirista João Meia Lua quando responde maliciosamente, no sentido de perspicácia, mostrando uns dos mecanismos que a capoeira tem para apresentar a escola suas outras concepções e formas de ensino além do caráter esportivo. *“Só que eu, já viu né, sou conhecido por falar muito com meus alunos porque acho que capoeira não é só jogo tem que ter fundamento. Não dá pra chegar e mandar o menino fazer golpe do nada, até porque eu não ensino ninguém a bater ninguém”*. Retirar da capoeira seus outros elementos de ensino como os próprios fundamentos e a historicidade a torna uma cultura estática sem movimentos, e até um paradoxo, uma vez que, o senso comum enxerga.

Mas, o que o capoeirista nos possibilita refletir é que as suas ações eram monitoradas, e o resultado era imprescindível, no entanto, esse resultado era por meio do domínio do corpo e do jogo da capoeira, no entanto, ele entende a necessidade de outros elementos para formação dentro da capoeira, sabendo disso, não se deixa influenciar pela perspectiva e revela a sua forma de resistência apresentando a parte que muitas vezes não é interessante para a escola, mas, é essencial para formação do capoeiristas. Abordagem e o pensamento do entrevistado não deixa de ser entendido aqui como um mecanismo de resistência as formas que as políticas educacionais e a própria escola tentam controlar a capoeira e seus praticantes.

Após contar sua experiência no Programa Mais Educação ele também possibilita apreendermos as suas afinidades na escola atual onde ministra o pólo de capoeira E. M. E. F Coronel Raimundo Leão, na zona urbana de Cametá, onde apresenta, instabilidade de seu trabalho junto a escola frente as alternâncias de políticas municipais, mencionando, que quase não consegue o espaço atuam em virtude da alteração da direção anterior, e quando terminou o trabalho no PME, foi a escola Coronel, onde já haviam outra direção, por sinal acolheu seu coletivo de capoeirista. Mediante a sua narrativa encontramos também a forma como a instituição de ensino atual o recebeu sem vínculos com programa, embora, não exista retorno

financeiro para ambas as partes, como destaca o entrevistado, mas houve o acompanhamento da direção escolar com relação as atividades, e o reconhecimento de suas ações.

Embora, afirme o capoeirista que não vai ter retorno financeira, mas, continua no trabalho porque entende que seu trabalho com ensino da capoeira pode contribuir com a comunidade principalmente no processo de “resgatar” jovens e crianças socialmente vulneráveis, não muito distante da mesma proposta dos capoeiristas da Escola Arte, isso me fez refletir que essa característica de salvação social é um discurso bastante vinculado a ASSOCASE em cameté. Continuando a sua narrativa ele chega no ponto onde explica o que aconteceu com relação a sua saída da escola anterior onde trabalhava como monitor no PME.

A saída lá da escola Nazaré Peres, foi que depois que terminou projeto Mais Educação, a diretora chegou e me falou: “Olha o projeto educação vai até o final do primeiro semestre”, avisando né, que foi até o final do semestre passado, só que a diretora me deixou ficar na escola, eu não parei continuei na escola que estava trabalho pelo Mais Educação, mesmo sem retorno financeiro. Fiquei lá trabalhando com a capoeira, só veio uns impasses lá eu lembro que era a semana da pátria e começou a ter ensaio de banda lá, aí como a escola é pequena e faziam no mesmo hora, não deu pra conciliar as duas atividades, até conversei com a diretora pra ver se dava pra arrumar o horário, mas, ela disse que a escola estava atarefada com a marcha do dia se Setembro e que era pra eu esperar, mas, eu não podia ficar parado com as crianças, você sabe que capoeira que tá sempre treinando, foi que sair de lá, eu peguei e vim pra cá pra coronel com alguns alunos de lá, estamos até hoje aqui! Me falam que vem de novo o projeto do Mais Educação, aí que vem pra escola, eu estou aguardando aí. Eu sei que não vou ter um retorno aqui porque eu sei que não vão me pagar, mas vou ter um outro retorno (SANTOS, João Batista de Oliveira. Entrevista com o Professor de Capoeira regional no pólo/ASSOCASE Coronel Raimundo Leão – João Batista de Oliveira Santos – (37 anos). Entrevistado: no pólo Coronel Raimundo Leão. 22 de jan. 2017).

A narrativa apresentada pelo capoeirista e educador físico João Meia Lua expõe que havia a possibilidade de continuar atuando na escola mesmo após o encerramento das atividades do Programa Mais Educação, mas, o convite não veio da escola, mas, sim, da própria iniciativa do seu coletivo de capoeiristas. Conseguimos perceber um pouco sobre como mudou os interesses da escola quando estava recebendo o capoeirista pelo programa e a sua tentativa de continuar as atividades sem vínculo com o programa. O espaço e horário que antes a capoeira tinha, deu lugar as incertezas da realização das atividades em virtude de outras atividades que escola estava desenvolvendo, embora, o mesmo tenha conversado com coordenação essa alegava que no momento a escola estava ocupando com outras atividades. Essa relação nos permite ver como acontecem os interesses e às relações da presença da capoeira nas escolas cametaenses.

Realidade que os capoeiristas da ASSOCASE, enfrentaram e ainda vão se deparar novamente, pois, como afirma o entrevistado o interesse em voltar ao programa é notoriamente

grande. No entanto, deve-se levar em consideração que muitos dos capoeiristas desta associação, inclusive a maioria que entrevistei são pessoas que se encontram desempregadas e a capoeira não é seu meio financeiro. Associa-se a mecanismo como esses é uma possibilidade de remuneração aos praticantes. Ainda sobre a percepção de como a escola os recebe sem vínculos com programa ou políticas educacionais, apontamos as memórias do capoeirista Mamute:

Sempre nos convidam, mas para participar com projetos junto da escola nunca chegam até nós. Se a gente não for conversar com a escola tipo falar em montar uma parceria juntar com as crianças, as vezes dá certo. Agora deles querem vim procurar a agente de querer levar um projeto pra dentro da escola é muito difícil mesmo, mas, fácil é virem convidar pra gente se apresentar. Mas, ainda tem escolas de Cametá um fechamento para a capoeira. Ainda tem o preconceito na capoeira, achando que é uma arte marcial que vai machucar, alguns acreditam que sejam parte de macumba, muitos falam isso e tem essas dificuldades. Muita gente ainda critica capoeira. Teve mães viram as costas na minha cara dizendo que capoeira era macumba, mas é porque eles não conhecem a história da capoeira, mas uma coisa eu posso te dizer, eu nunca vou desistir. Eu sei que ninguém é eterno nessa vida eu posso partir, mas eu vou deixar um discípulo pra continuar essa história, se não for meus mais a o Renato ou da professora naja (CARVALHO, Fernando Willer Costa. Entrevista com o Professor de Educação Física e capoeirista e integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE – Fernando Willer Costa Carvalho – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 29 de março de 2017).

Sua narrativa demonstra muitos pontos interessantes inclusive denúncias com relação a preconceito e discriminação com a prática da capoeira, mas, também conseguir perceber nelas o que capoeirista entende pelos jogos de interesses por parte da escola em tê-los, ao mencionar que na maioria das vezes quem leva a capoeira na perspectiva de projeto e não como uma apresentação são eles, no entanto, a escola não quer ter a responsabilidade, e geralmente os convidam apenas para apresentações. Essa é uma das formas de entrada muito usada pelos informantes, no entanto, também não deve ser compreendida sem os devidos contextos e intensões, porque os capoeiristas também possuem seus próprios interesses no dialogar com espaço escolar de forma não passageira, ao aceitaram o convite das escolas para a apresentação.

É importante ressaltar que embora a capoeira tenha acesso ao espaço escolar por políticas educacionais isso não ausenta seus praticantes de sofrerem preconceitos por parte dos membros que compõem a comunidade escolar, ou uma insatisfação com relação a presença desta manifestação nele. Foi o que aconteceu com a experiência do capoeirista Mamute quando menciona o episódio com uma mãe de um dos seus alunos/aprendizes no PME, perguntei se ele havia comunicado algo a direção escolar, mas, não, no seu entendimento a resposta a ignorância deveria ser respondida com base no esforço do seu trabalho com ensino da capoeira, principalmente na intencionalidade de deixar para seus alunos um legado que levaram para a

vida. Entre o trabalho comunitário a busca pelo apoio financeiro ou ainda por espaços na comunidade o mais importante na percepção do capoeirista é a continuação de suas ações.

Percebem a função da capoeira que vai além de ensinar artes marciais, mas educar o aluno, um posicionamento que contribui para a “formação humanizada”. Outra narrativa que trouxe para entendermos as relações políticas dentro das escolas cametaense com o diálogo com capoeira é o olhar do Contramestre Basean (ASSOCASE), embora, não tenha participado da política do Programa Mais Educação, justamente, porque tinha seu trabalho com capoeira firmando naquele momento em outros espaços, no entanto, em sua narrativa aparece o descontentamento em relação a instabilidade dos capoeiristas nas escolas públicas devido o processo de alternância na política Municipal gerando problemas com consolidação.

Essa mudança de política afeta bastante porque se um que entra ajuda é bom, mas na maioria das vezes já temos trabalhos bem estabilizados e quando vemos é acabado por essa mudança de governo. Esse programa do Mais Educação que viria para ajudar acabou que não veio mais, aí a gente fica dependendo dessa ajuda e não tem segurança e nunca tivemos. E alguns colégios não querem assumir a responsabilidade e a dificuldade é todo dia. Hoje em dia tem mais professores que se qualificam no mundo da capoeira pra poder segurar essas problemáticas que nós temos por aqui com as escolas (SILVA, Josian Marivaldo. Entrevista com o Contramestre de capoeira do ASSOCASE – Josian Marivaldo Leão da Silva – (42 anos). Entrevistado: em sua residência, no Bairro Novo, 20 dezembro de 2017).

Diante da narrativa do contramestre observamos a forma como mesmo crítica à política de alternância na gestão municipal, no entanto, mediante ela possibilitar refletirmos que a Política do Programa Mais Educação diante desta instabilidade local poderia ser uma das possibilidades que os capoeiristas enxergam nele para escapar do processo de instabilidade política, como uma forma de tentar permanecer dentro dos espaços escolares. Porém, o mesmo compreende que mesmo *diante* desta políticas ou qualquer outra forma que possa inseri-los dentro do espaço escola, os capoeiristas nunca tiveram estabilidade no diálogo, quando menciona “*a gente fica dependendo dessa ajuda e não tem segurança e nunca tivemos*” confirmando que mesmo mediante a políticas os capoeiristas tem dificuldades de agir com autonomia e segurança no ambiente escolar não apenas promover uma ação passageira.

Sem parceria com políticas educacionais a entrada da capoeira na escola é possível, no entanto, é um processo que reque muita habilidade não apenas com a capoeira, mas, saber lidar com questões políticas. Uma delas é apresentada pelo contramestre Basean, sobre a qualificação dos capoeiristas para adentrarem no espaço escolar. Diante desta realidade vem crescendo o número de profissionais de educação física que se descolam para capoeira, no sentido de apreendê-la, o movimento parece também surgir de contramão, pois, os capoeiristas também

procuram estudar e obter títulos acadêmicos que possam respaldar seus trabalhos dentro dos espaços escolares. Essa última especificidade tem si tornado uma realidade entre os capoeiristas do ASSOCASE, por exemplo, alguns dos entrevistados como o capoeirista Mamute Fernando Willer é graduando em Educação Física, o professor João Meia Lua e Professor Renato Léon também estão no curso de Educação Física, esse último também faz faculdade de Teatro.

Diante das experiências dos capoeiristas pelas ações legislativas concedidas através de políticas governamentais entendidas aqui como possíveis abertura no currículo brasileiro para a discussão da capoeira no espaço escolar, como citei o Projeto de Lei do SENADO nº 17, de 2014, políticas educacionais, a exemplo o Programa Mais Educação, assim como Leis e Diretrizes Bases Curriculares Nacionais, na aplicação da Lei 11. 645/2008, que alterou a legislação 10.639 de 2003. Não há como negar o esforço para melhoria que algumas destas políticas realizaram e favorecendo a busca por uma educação pautada na diversidade cultural.

No entanto, essas ações governamentais não respaldam os capoeiristas como observamos mediante os episódios vivenciados pelo mesmos no espaço escolar cametaense, as legislações não foram feitas para empoderar os capoeiristas, entre eles os mestres, contramestres, aprendizes, e entre outras categorias que pertencem a sua lógica de formação. Essas ações legislativas que envolvem diretamente ou indiretamente a presença da capoeira no espaço escolar é entendida como uma proposta que acaba ofuscando as atividades e ações promovidas por esses protagonistas.

Não é exclusivamente culpa das instituições de ensino, considerando as reflexões promovidas neste tópico, o ato de invisibilizar as ações envolvendo o ensino da capoeira proposto por grupos ou coletivos de capoeira que operam por conta própria na escola. O Estado é um dos maiores responsáveis pelo processo de invisibilização das ações de capoeiristas ou grupos dentro das instituições de ensino formal, justamente, ao mesmo tempo em que elas abrem possibilidades desta manifestação adentrarem na comunidade escolar, por meio das políticas educacionais como um tema transversal, ligado a perspectiva de esporte e cultura, ou ainda, em momentos recreativos, ou seja, como uma ação passageira.

Não leva consideração os laços e as relações que se constroem entre quem ensina e quem aprende na prática da capoeira, ou mesmo o significado de grupo ou coletivo que se forma a partir dos valores culturais que essa manifestação revela aos seus praticantes através do vivenciar, todo dia apresentando algo novo para ser compartilhado e apreendido coletivamente não se trata de um ensino pronto e acabado como as instituições de ensino formal, trata-se de uma formação continua de aprendizado. O que se tem é na verdade a ausência de legislações ou

projetos que respaldem a presença do capoeira formado na vivência da prática operando no ambiente escolar com autonomia de seus próprios mecanismos de ensino aprendizagem.

A capoeira como uma manifestação educativa e sua participação no ambiente escolar, não consolidou por meio destas políticas educacional apresentadas e refletias aqui, anterior a esses processos, em 1928, Coelho Neto publicou seu artigo “Nosso Jogo”, já apresentava a proposta da presença da capoeira nos espaços escolares militares e na marinha realçando as qualidades capoeira como ginástica. Segundo Soares (1993), suas contribuições representam um ponto alto da versão que defende a transição da capoeira “esporte nacional”. Para isso era preciso apagar seu passado de crimes e violência” (SOARES, 1993, p. 21). Outro exemplo de consolidação foi a como disciplina de Educação Física da Universidade Federal da Bahia, a partir de 1978, dentro da universidade, especificamente, na década de 70.

Mas, já existiam indícios entre o diálogo com a escola, como aponta Hélio Campos (2009), entre os anos de 1970 e 1976, período em que atuou como professor de Educação Física, em Salvador. Abordou a capoeira pelo viés da Capoeira Regional. Hélio Campos (2009), afirma ter utilizado “como ponto central do ensino/aprendizagem, a sequência de Ensino de Mestre Bimba, porém adaptada ao nível escolar, dividindo-a em partes para melhor assimilação e compreensão dos alunos (CAMPOS, 2009, p.82). Ao falar sobre o legado de Mestre Bimba, expõe a criação do primeiro método didático, a sequência de Bimba. “Tratava-se de atividade de caráter lúdico presente no ensino da Capoeira Regional, que prioriza os significados de educação, a partir da realidade do cotidiano de seus alunos” (CAMPOS, 2009, 227).

Diante da historiografia, e o processo de esportivização, percebe-se que não foi qualquer capoeira que conseguiu iniciar uma abertura de diálogo com espaço escolar, foi a precisamente a vertente regional, associada ao caráter esportivo e educativo. Diante de algumas argumentações levantadas no início deste tópico, vejo que chegamos agora ao ponto máximo sobre a presença da capoeira no espaço escolar cametaense, Silva e Heine (2008) nos ajudam a refletir ao fazerem a seguinte indagação: “capoeira na escola ou capoeira da escola?” (SILVA & HEINE, 2008, p. 42). Segundo Silva & Heine (2008), quando a capoeira se apresenta como um elemento desvinculado das ações da escola, trata-se de uma capoeira na escola, ou seja, seus conteúdos seriam próprios não ocorreria nenhum tipo de interação efetiva com a instituição, porém, a participação com atuação e o envolvimento dos próprios alunos da escola.

Por outro lado, a capoeira da escola insinua um processo de interação com os demais conteúdos escolares ou vinculação a algum projeto desenvolvido na escola (SILVA & HEINE, 2008, 43). Enfatizo que atuação dos capoeiristas do pólo Escola Arte/ASSOCASE nos espaços escolares é um projeto que não é da escola, é uma capoeira para a escola e comunidade, no

exercício de diálogo e parcerias, no entanto, essa parceria parte da iniciativa dos próprios capoeiristas para com a comunidade escolar cametaense, no intuito de ampliar na região a prática e partilhar valorização de saberes culturais afro-brasileiro.

Agora compreende-se a necessidade de entender quais são esses saberes que emanam das ações dos interlocutores deste trabalho, os capoeiristas do pólo Escola Arte, os quais se identificam com elementos educativos presente na capoeira que podem contribuir para a educação no espaço escolar. O próxima secção procura apresentar os modos de sociabilidade pelo qual os capoeiristas produzem e partilham seus saberes e conhecimentos entre si.

3.2 A capoeira pode contribui para Educação? Um estudo de caso

Considerando que existe um processo de ensino aprendizagem que envolve o corpo, a sensibilidade e a confiança e principalmente o respeito, não podemos nos esquecer de perguntar que educação e essa desenvolvida pelos capoeiristas do pólo Escola Arte? Como se aprende? O que é ensinado? O que se aprende?

O pólo de capoeira Escola Arte é a onde acontecem as vivencias culturais e sociais que se realizam por meio da memória corporal, no exercício da coletividade, na ritualização de jogo da capoeira regional, assim como no respeito e na disciplina das atividades e na próprias relações que se constroem entre seus membros, possibilitando a partilha no cotidiano do ensino. Agora, veremos na prática esse processo de ensino aprendido.

Após a entrada dos alunos no pólo de capoeira Escola Arte antes da iniciação das atividades primeiro ocorre uma organização da sala, uma certa divisão de tarefas é direcionada aos alunos, a limpeza da sala e organização dos instrumentos. Geralmente os alunos revesam entre si a obrigação de arrumarem o espaço no qual vão treinar, tal abordagem é refletida pelos professores de capoeira do pólo como uma forma de fazerem seus alunos enxergarem o valor que o espaço possui o cuidado com a formação que deve ser construída em um ambiente saudável, e construtivo para isso a higiene e o cuidado do espaço são essenciais.

Não existe um sequencia pré-determina na forma como os treinos acontecem, às vezes, iniciam por movimentação outras vezes por musicalidades, ou ainda sobre conversas sobre a formação. O ensino aprendido dos capoeiristas do pólo Escola Arte é sempre uma surpresa para quem observa e para quem participa, essa é uma das caraterísticas do ensino desta manifestação afro-brasileira, pois, apresentar seu caráter dinâmico e resignificativa podendo

IMAGEM 20- AULA DE MUSICALIDADE NO PÓLO ESCOLA ARTE



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

estimular a criatividade e as ações de seus praticantes sempre apresentando algo novo a ser partilhado coletivamente.

O ensino ar lugar para o aprendizado com instrumentos que compõem a musicalidade é um ponto chave no ensino dos capoeiristas, justamente, por revela alguns dos saberes e conhecimentos produzidos por estes alunos, na imagem (20), o professor Léon parece orientando os seus alunos sobre os toques de cada instrumento, esse aprendizado reúne diversos elementos que são próprios do universo

da capoeira como a **oralidade** no momento em que socializar os conhecimentos com os alunos e também onde concentra-se a atenção dos mesmo para encaixarem o ritmo da musicalidade.

Nesse momento a uma doação e entrega entre quem ensina e quem aprende é observável. Interessante ressaltar que processo de ensino com os instrumentos não acontecem individualmente, mas, coletivamente entre seus membros. Outro ponto interessante na abordagem é que a movimentação de exercícios e ensino da musicalidade acontecem juntos, não havendo uma separação entre o momento oportuno ou não, entretanto, existem momentos específicos para a movimentação de exercícios próprios da lógica

IMAGEM 21- ORIENTAÇÃO DE TOQUES NO BERIMBAU



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017

do ensino da capoeira regional, na imagem a seguir, é um exemplo, destas situações, pois, o professor Léon assumi várias funções quando se encontra sozinho passando os treinos e as atividades no pólo Escola Arte. No entanto, ele também conta com a ajuda dos próprios alunos para a realização de algumas tarefas para a orientação dos alunos novos.

As aulas de movimentação dos exercícios são mais frequentes que o ensino da musicalidade, é uma atenção da própria característica da capoeira regional, encontra-se nisso, um outro elemento que agrega as crianças e auxilia os alunos portadores de autismo, pois, entra em ação a **linguagem corporal** e a **gestualidade do corpo** (movimentos de defesa e ataque apreendidos no treino simbolizam no jogo o interesse mútuo e a reciprocidade entre os

praticantes), a movimentação é um detalhe importante no ensino da capoeira, pois, permite seus integrantes concebam seu corpo como um espaço de comunicação e resistência, ao movimentar-se a comunicação é gerada como mostra a imagem (22), no qual os alunos atentam a comunicação que foi atendida no corpo, neste momento, a observação ao movimento é primordial, os alunos que se encontram no fundo da sala representam esse o olhar atento até chega à sua vez de realizarem.

A intermediação do professor de capoeira para o exercício de movimentação também acontece por meio de uma mediação que não ocorre apenas através da linguagem do

corpo, mas, a oralidade permeia todo o processo de ensino, sendo usado não apenas para falar sobre historicidade nas rodas de conversa, mas, para orientar os fundamentos que os exercícios precisam para serem utilizados no jogo da roda, corrigir as ações erradas ou que não são permitidas no momento jogo, constituem também como códigos de posturas.

Assim, apreendemos que o ensino da capoeira também possui suas próprias regras e códigos que são revelados aos seus praticantes intensamente, na imagem (23), tentei captar essa ação em que a responsabilidade do aluno e do professor são geradas também a partir do diálogo. Os **movimentos sequenciais** na regional refletem diretamente na função da coordenação motora dos alunos. O professor

Renato Léon sempre acompanha os movimentos dos seus alunos e seus desenvolvimentos físicos. Repetir os movimentos na capoeira regional é uma característica desta vertente, pois, proporciona aos alunos a firmeza e segurança que os golpes podem ter.

É neste momento que se apresenta outro elemento que torna capoeira uma manifestação que integrar e o possui resistência não apenas na historicidade, mas, que precisa do saber, a **memória corporal**, consiste no aprender a movimentação dos exercícios. Mas, não se engane, existem outras teias de significados para os praticantes, sobretudo, no sentido de

IMAGEM 22 - TREINO DE MOVIMENTAÇÕES



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

IMAGEM 23 - ORIENTAÇÃO INDIVIDUAL SOBRE POSTURA DE MOVIMENTAÇÃO



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

filosofia de vida dentro da prática da capoeira, onde encontra-se a resistência do corpo para diariamente continuar nas com as suas atividades culturais.

Ela também está presente como um elemento que possibilita seus praticantes a desenvolverem suas ações independentes do auxílio dos professores de capoeira, pois permite autonomia e responsabilidade nas relações de ensino aprendizagem do pólo. Deste modo, não se trata apenas de movimentação física, mas, é a forma pelo qual os capoeiristas deste pólo usam os elementos formativos da capoeira como ferramentas para apreender com a agilidade e destreza o que o capoeirista deve ter no jogo da vida real e na prática desta manifestação.

Os exercícios ritmados (onde envolvem a musicalidade junto aos movimentos de golpes), ajudam a desenvolver a função psicomotora das crianças e adolescentes que frequentam o pólo de capoeira. Com o domínio dessa “destreza”, o capoeirista passa a adquirir liberdade em relação à regularidade do ritmo, num processo que vai de uma sincronia sistemática e coletiva para uma temporalidade própria e criativa de cada aluno, alimentada por uma audição mais afinada da música (ZONZON, 2014, p 124).

A musicalidade, os movimentos do jogo, a memória corporal e sua linguagem própria, assim como a oralidade são alguns dos processos que auxiliam a formação dos capoeiristas, uma formação baseada nos elementos da cultura popular. Todos eles aparecem no momento do jogo, na roda esses saberes podem ser aprendidos, e no “pé do berimbau” que se inicia o princípio da comunicação com os códigos culturais, que durante os treinos foram exercitados, podemos observar pela imagem (24), a orientação continua com professor Léon, pois, ele mostra as ações de como coordenar a roda de capoeira, seus alunos estão na formação da bateria, e a resposta

IMAGEM 24 - RODA DE TREINO



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

das palmas da mão realizam-se em movimentos rítmicos que reforçam a energia da roda.

Outros elementos também foram observados na construção coletiva de ensino proposto pelos capoeiristas do pólo de capoeira Escola Arte, mesmo diante das funções diferentes que são desempenhadas pelos integrantes, a mulher também tem papel central nesse processo. Sobre tudo, porque parte delas a iniciativa pela cobrança de disciplina, respeito para a inclusão de distintos sujeitos em suas ações durante a formação. A intermediadora destas

conversas e ações é a professor Naja. Ela entra com o discurso e ações, por exemplo, contribuindo para os treinos das meninas, em que elas ocupem os espaços do coletivo que também a pertencem, iniciativas que são feitas através das rodas de conversas realizadas pelos praticantes, onde incluem tanto meninas quando meninos em suas decisões.

A iniciativa de dialogar é devida atenção dos professores em relação ao processo de transição que seus alunos vêm passando, pois, os acompanham desde a infância e na fase adolescência, momento que esses discursos requerem mais atenção, sobretudo, no sentido respeito ao corpo, sexualidade e empoderamento feminino. Geralmente essa conversa acontecem nos finais de treinos, quando existe o momento de diálogo com os demais alunos. São temas abordados com frequência pela capoeirista durante as suas aulas.

Todavia, a responsabilidade feminina em conduzir os trabalhos e ajudar no ensino da capoeira no polo Escola Arte não é apenas responsabilidade da monitora Naja, algumas de suas alunas mais experientes, que frequentam com assiduidade o treino no pólo, como a aluna Eloysa, (cobra cascavel), filha do seu Edmilson, possui responsabilidade também para conduzir rodas e treinos. Como mostra registro na imagem (25). Temos os alunos do pólo de capoeira junto ao professor Léon, conduzem a orquestra de instrumentos (três berimbaus- Gunga, Médio e o Viola, e dois pandeiros).

Observação para única mulher presente na composição da bateria musical. Se atentarmos, ela não está compondo a roda, mas, sim, ocupando um dos lugares mais privilegiados entre os capoeiristas que é fazer parte da formação da bateria da roda de capoeira, seja no estilo

regional ou angoleiro, o lugar de comando da roda de capoeira são os berimbaus, são considerados elementos sagrados para formação e para roda, possuem representatividade como símbolo de poder e conhecimento, e quem o detém tem como responsabilidade de conduzir o ritmo e o axé da roda. A presença da mulher no Berimbau representa um significado muito importante mostrar que ela também possui conhecimentos e saberes que permitem o seu permear nas diversas relações da formação construídas pelos capoeiristas no pólo Escola Arte.

IMAGEM 25 - RODA DE TREINO NO PÓLO ESCOLA ARTE



Fonte: Acervo fotográfico. Disponível em: www.facebook.com/pg/Capoeira-Senzala-CametaPA-prof-Leon-e-Monitora-Naja-20161070290286422756/photos/?ref=page_internal, 2016.

Em grupos de capoeira angola o berimbau, especificamente, o Gunga, o berimbau que conduz os outros instrumentos e a própria roda não é dado as crianças ou aprendizes em iniciação, apenas, no processo de treino, no momento da roda de jogo, entende-se que a responsabilidade de quem conduzir uma roda deve ser direcionada apenas ao mestre de capoeira, ou aqueles que já possuem experiência na formação, pois o Berimbau representa ritualidade e ancestralidade. No pólo de capoeira da Escola Arte, todos os seus componentes têm acesso ao berimbau e os demais instrumentos, no entanto, o estímulo a figura feminina na bateria também é incentivado por todos os professores de capoeira do pólo, pois, o crescimento deve ser coletivo sem descriminalização das diferenças ou gêneros.

Todavia, a referência das meninas iniciantes na capoeira regionais, é a professora de capoeira Naja. Esta professora torna-se o centro de inspiração para que as meninas continuem no ensino da capoeira. A **responsabilidade** e a **coletividade** são elementos que também são produzidos pelos capoeiristas deste pólo, mas, é necessário ressaltar que o sentido de educador (a) promovido por ambos professores de capoeira neste pólo não está associado as questões escolares, está referindo ao ensino e aprendizagem de uma abordagem de educação cultural e esportiva, voltada para formação da cidadania fazendo com que seus aprendizes compreendam pela diferença o respeitar, a ter disciplina na movimentação dos exercícios para isso o elemento da coletividade é muito intenso nas relações que se constituem dentro do pólo Escola Arte.

“A capoeira que se propõe ser inclusiva deve ser cuidadosa em seus métodos e em suas bases pedagógicas. Deve promover a reflexão e o exercício dos valores que são apreendidos coletivamente” (SILVA&HEINE. 2008, p.117). A coletividade é um dos elementos primordiais para o processo de inclusão e integração de sujeitos na prática da capoeira. Segundo Pedro Abib (2004), os processos de transmissão de saberes presentes no universo da cultura popular, têm como base para sua efetivação, a vivência em comunidade ou grupo característica que permite que os princípios como a memória, a oralidade, coletividade, possam ser enfatizados de maneira a garantir a formação dos sujeitos (ABIB, 2004, p. 155).

No pólo Escola Arte a coletividade representa um dos principais alicerces para o exercício de inclusão que realizam com as crianças autistas inserindo-as em suas atividades

IMAGEM 26 - OS ALUNOS MAIS VELHOS CONDUZIDO OS TREINOS



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

educativas, esse processo não realizado apenas pelos professores como trata-se de um saber que também é partilhado entre os seus alunos, eles também tomam a frente as ações de ensino quando há necessidade, na imagem (26) representa um momento em que eu estou referindo, no caso, haviam muitos alunos novos que estavam iniciando na capoeira e o professor Léon estava atuando sozinho, então, a iniciativa do aluno André para auxiliar a formação para os alunos novos representados na imagem sem uniforme do grupo.

Apresenta-se aqui, um aprendizado que, ao mesmo tempo quem ensina e aquele que aprende, e aquele que aprende torna-se quem ensina, uma circularidade e linearidade distinta

FIGURA 27 - TREINO DE MOVIMENTAÇÃO



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

das relações da sala de aula, que geralmente, e intermediada apenas pelo professor como único que possui saberes a serem partilhados. As relações de socializações são feitas de modo espontâneo no ato do ensino é que se aprende os códigos de formação. No registro (27) temos duas situações interessantes a orientação do treino pelo professor Léon aos alunos mais novos, e a autonomia de um aluno na iniciativa de continuar o trabalho da movimentação, o

momento em ele convida a aluna nova para aprender os movimentos, ele está, na verdade convidando-a para conhecer o seu universo e suas experiências na capoeira.

A ação de chamá-la, e segurando as suas mãos, significou que ele também está agindo coletivamente para que o trabalho não pare. Enquanto isso, o professor também orienta os outros alunos que possuem mais dificuldade. Essa relação que se constroem dentro do pólo é uma divisão de tarefas que são estabelecidas entre o coletivo não é apenas uma ordem dada pelo professor, mas, a ação do aluno é resultado da formação que os capoeiristas desenvolvem juntos e cotidianamente nas atividades com ensino da capoeira neste pólo. Os saberes produzidos pelos capoeiristas sob a orientação dos professores também aparecem na ausência dos orientadores

também são construídas pelos alunos do pólo Escola Arte ao conduzirem os treinos.

IMAGEM 28 - TREINO REALIZADO PELOS MAIS ALUNOS MAIS VELHOS



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

Na imagem (28), foi registrada no dia em que os professores não estavam presentes no treino, por motivos diversos com outras reponsabilidades que possuem além do pólo Escola Arte. Quando cheguei ao pólo me deparei com a presença apenas dos alunos e perguntei se o professor estava atrasado, foi que um dos alunos, o Marcos Vinício, respondeu que o professor não estaria no treino, mas, que poderia acompanha-los em suas as atividades.

Na imagem (29), temos este momento em que o treino desenvolvido pelos alunos, os quais conciliaram os exercícios e a musicalidade, e no reversamento das funções que estavam acontecendo neste espaço. Um outro aspecto importante sobre a musicalidade na capoeira é a sua difusão pautada na oralidade que tem, nas cantigas, um mecanismo importante no desenvolver fisiológico de falar, bem como

IMAGEM 29 - RODA DE CONVERSA SOBRE VIVÊNCIA NA CAPOEIRA



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

transmissão de saberes e da cultura para outra geração, letras das cantigas que carregam consigo os ditos populares e traduzem posturas de jogo (SILVA, 2016, p. 79).

Observa-se a autonomia dos alunos nos instrumentos e no processo de ensino as crianças menores deste pólo. Neste dia em especial, ao observá-los em suas ações de autonomia de treino conseguir percebe que o ensino desenvolvido pelos professores de capoeira deste pólo, não tinha como resultado a relação de dependência entre professor e aluno, mas, um ensino voltado para que seus alunos tivessem autonomia na realizam de suas atividades, e isso aconteceu neste dia, em que os observei sem a interferência dos professores de capoeira.

A mediação entre quem a prende e quem ensina é suma importância nos processos que a capoeira revela aos seus integrantes. Outro Integrante que assumi as responsabilidades em relação a formação dos alunos no pólo de capoeira Escola Arte é o capoeiristas Mamute, atentei as suas contribuições de formação no dia em que o capoeirista professor Léon não esteve à frente das aulas. A roda de treino foi interrompido por ele para falar sobre a historicidade da capoeira, como o mesmo encontrava-se em tratamento de saúde no momento em que estava na pesquisa de campo, não podia passar treino e nem fazer movimentações, mas, a sua contribuição vinha por meio da oralidade, segundo ele, é importante mostrar aos alunos que a capoeira em Cameté também possui sua ancestralidade e vivências anteriores.

3.3 Capoeira, educação e narrativas: A experiência dos capoeiristas do pólo Escola Arte/ASSOCASE na E. M. E. F. Profa. Nadir Filgueira Valente

Além das atividades com o ensino da capoeira realizados no pólo os interlocutores procuram dialogar com outros espaços da sociedade cametaense, a esse respeito, realizou-se neste estudo um recorte sobre as atuações dos mesmos nos espaços escolares, deste modo, direcionamos para o diálogo construído com a escola E. M. E. F Professora Maria Nadir Filgueira Valente, localizada na Travessa Dom Pedro, bairro da Matinha, na zona urbana de Cametá-PA. Justamente, porque ela tornou-se um pólo de capoeira (extra) durante um ano, das atividades que estavam acontecendo paralelamente ao pólo da Escola Arte/ASSOCASE.

Identificada mediante as narrativas dos capoeiristas como “antigo pólo de capoeira Nadir Valente”, deste modo, aviso que em determinados momento da escrita menciono a escola desta forma. O antigo pólo Nadir Valente funcionou durante o período de um ano (2015-2016), quando teve suas atividades com o ensino da capoeira encerrada pelos próprios capoeiristas. Devido as tensões que surgiram a respeito da participação do coletivo em determinadas atividades realizadas pela instituição de ensino. Tensões e articulações e resultados que apresento ao decorrer desta última secção.

O pólo de capoeira que foi estabelecido nesta instituição de ensino foi criado pela iniciativa da diretoria do pólo Escola Arte, neste momento, composta apenas por dois professores de capoeira, Léon e Naja, membros da ASSOCASE, “*abriram um novo trabalho*”, paralelo as ações que estavam desenvolvidas no espaço da Escola Arte. Em conversas durante a entrevista o professor Léon mencionou que seu coletivo de capoeiristas já havia realizado atividades anteriores ao processo de consolidação do pólo nesta instituição. Mencionando que houve o convite de uma professora da disciplina de geografia desta instituição, se dirigiu ao pólo Escola Arte para convidá-los para uma apresentação.

Após, apresentação da roda de capoeira nesta instituição, os capoeiristas sentiram-se motivados para iniciar um novo pólo, mas, o convite refletiu diretamente sobre o que buscamos contextualizar e refletir neste capítulo sobre as formas como a capoeira adentra o espaço escolar e suas contribuições e tensões. No entanto, como ressaltou-se na secção anterior a comunidade escolar ainda percebe o sentido de cultura sem tensões e conflitos, esse viés causa uma impossibilidade de compreender os valores e marcas da colonização como o racismo e o preconceito nessa abordagem as culturas são silenciadas pela escola.

A cultura é tomada como folclorização, a cultura negra seria estática. Essa abordagem reforça o discurso de opressor. “Ao fazemos tal avaliação nos afastaríamos das práticas educativas, ao tentamos destacar essa cultura no interior da escola ou no discurso pedagógico, ainda a colocamos no lugar de exótica e do folclore” (GOMES, 2003, p. 77).

Diante do episódio de convite para a apresentação do coletivo, duas coisas podem ser interpretáveis, a primeira que por meio do convite, os capoeiristas viram a possibilidade de uma abertura para dialogar com a escola, especificamente, com os alunos da escola. Mostrando o trabalho que desenvolvem com ensino da capoeira na Escola Arte, isto é, promovendo visibilidade em suas ações e reconhecimento como educadores. Porém, ao aceitar o convite eles acabam investido no caráter de apresentação artística ou esportiva da capoeira, na tentativa de participar nos espaços escolares, contribuindo com perspectiva da capoeira folclórica.

Com isto, não estou anulando o caráter educativo construído entre esses sujeitos por meio da vivência nesta prática, apenas estou analisando como ocorre as negociações com os espaços escolares e as suas consequências. O estabelecimento dos capoeiristas nesta escola foi consolidado não apenas por diálogo com a direção escolar, mas, também teve como base o projeto “Inclusão Social através da Capoeira”, elaborado e apresentado pelos capoeiristas a direção escolar. O projeto citado tem como objetivo a iniciação de diversas atividades incluindo oficinas ligadas ao ensino da capoeira para a parceria com as escolas cametaenses.

Nele consta a proposta, os objetivos e justificativa em prol do desenvolvimento dos alunos em uma perspectiva cultural, inclusiva e educacional por meio da vivência na capoeira. O projeto foi construído após o término das atividades dos capoeiristas no Programa Mais Educação. Porém, a base da elaboração deste documento seguiu a perspectiva deste programa. Embora, os capoeiristas não tivessem mais vínculo com ele, quando o apresentaram na instituição Nadir Valente. Constando nele a forma de parceria e o diálogo com esse espaço escolar: “as atividades decorridas da prática da capoeira devem ser concretizadas tanto paralelamente as atividades culturais realizadas pela escola como junto à escola, assim, possibilitando o desenvolvimento educacional, corporal e cultural do aluno (PROJETO INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA CAPOEIRA, 2015, p. 2-4).

O *Inclusão social através da Capoeira*, foi elaborado no ano de 2015, pela diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE, no ano de 2015, constando nele o direcionamento de apresentar a capoeira no ambiente escolar na sua visão multifacetada Na tabela (1), podemos refletir as concepções de ensino e aprendizado que foram colocadas em práticas na experiência no antigo pólo de capoeira Nadir Valente e as ações que ficaram apenas no projeto. Todos os trechos apresentados a seguir foram tirados do documento citado.

TABELA 4 - CAPOEIRA E SUA IMPORTÂNCIA PEDAGÓGICA

Capoeira Cultura	Apresentando nas oficinas as suas concepções de Patrimônio Histórico Brasileiro em 2008. Seus aspectos culturais se fazem presente através da música, ritmo canto, instrumento, expressão corporal e criatividade de movimento.
Capoeira Música	Não existe prática da capoeira sem musicalidade, ela está persente em todas as manifestações. Sendo assim, o trabalho de ritmo e musicalidade é fundamental para o pleno desenvolvimento da arte.
Capoeira Esporte	Como modalidade esportiva terá caráter competitivo apenas para competições.
Capoeira Luta	Representa a sua origem e sobrevivência, como instrumento de defesa pessoal genuinamente brasileiro.
Capoeira Educação	Que proporcione a inclusão de diferentes sujeitos da sociedade e da escola, meninos, meninas de todas as idades, a educação apresenta-se como um elemento importantíssimo para formação do capoeira, no desenvolvimento físico, cultural e no comportamento social. Na educação especial, a capoeira encontra um campo frutífero no desenvolvimento com portadores de necessidades especiais
Capoeira Lazer	Como uma prática não formal, através das “rodas” espontâneas realizadas na praças, colégios, universidades, festas de largo, etc. ela atua como uma ferramenta de libertação do stress e confraternização entre os integrantes.
Capoeira Filosofia De Vida	Um engajamento de corpo e alma, criando desta forma uma filosofia própria de vida, tendo a capoeira como elemento simbólico, e até, mesmo usando-a para a sua sobrevivência.

Fonte: PROJETO INCLUSÃO SOCIAL ATRAVES DA CAPOEIRA- Associação de capoeira Senzala-Diretoria do pólo de capoeira Escola Arte. 2015, p. 5-6).

Na prática foram realizadas algumas dessas percepções através das ações dos capoeiristas, por exemplo, a oficina de movimentação e musicalidade, durante a minha participação acompanhei a execução de algumas destas propostas com o ensino da capoeira neste espaço escolar. As imagens a seguir representam alguns momentos importantes e registrados durante a realização da Oficina na quadra da escola E. M. E. F Profa. Maria Nadir Filgueira Valente, no dia 26 de março de 2016, no treino anterior, o professor Léon, havia avisado para os alunos da instituição que participavam do treino, que no sábado seguinte realizaria uma roda e oficinas de musicalidade no espaço da quadra desta instituição.

A oficina aconteceu por volta das 17 hs, ao longo da oficina foi possível apreender o processo de inclusão das crianças com autismo desta instituição de ensino. A oficina de movimentação e musicalidade realizada neste dia, teve a participação e o auxílio de uma das aprendizas, a capoeirista Eloysa (Cobra Cascavel), percebesse neste contexto, a presença da mulher nas ações do coletivo, e também a responsabilidade que os alunos mais amadurecidos recebem dentro da formação da capoeira. Neste momento, ela estava ocupando duas

identificações em um único espaço, estava como aprendiz de capoeira regional do pólo Escola Arte/ASSOCASE e também como aluna da escola. Cobra Cascavel acompanha o coletivo

IMAGEM 3018 - OFICINA DE CAPOEIRA NA QUADRA DA EMEF PROFA. MARIA NADIR VALENTE



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

desde o vínculo com Programa Mais Educação, foi uma das alunas que permaneceu junto ao coletivo após o encerramento das atividades deste programa em uma escola anterior.

A imagem (30), evidencia suas ações em destaque, junto ao professor Léon, ministrando a oficina de movimentação em sua própria escola, isto, é, organizando e ensinando os alunos desta escola, a princípio observam atentos os movimentos que

são apresentados pelo professor Léon e a sua aluna Cobra Cascavel.

Nesta relação do observar e assimilar os movimentos que as primeiras percepções do movimento se apresenta para os alunos, é neste, jogo que as relações também acontecem entre quem ensina e quem aprendi, entra em jogo, alguns códigos, como os olhares e a linguagem corporal. Seguindo a proposta do *Projeto de Inclusão Social através da capoeira* quando menciona a respeito de uma educação que proporcione a inclusão de diferentes sujeitos da sociedade e na escola, meninos, meninas de todas as idades, a educação apresenta-se como um

FIGURA 31 19- INSTRUMENTOS DA OFICINA DE MUSICALIDADE



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

elemento importantíssimo para formação na capoeira, no desenvolvimento físico, cultural e no comportamento social (INCLUSÃO SOCIAL ATRAVES DA CAPOEIRA- ASSOCASE- DIRETORIA DA ESCOLA ARTE, 2015, p.6).

Além da movimentação também se realizou a oficina de musicalidade onde o professor Léon, apresentou os instrumentos utilizados para compor a orquestra musical da roda de capoeira e mostrou os toques de cada instrumento, entre eles haviam alguns berimbaus, atabaque, e pandeiros, na imagem 30, a orientação

realizadas nesta escola vieram com o professor Léon, e o auxílio da sua aluna Eloya, pois, os

demais membros da diretória do pólo Escola Arte, com a participação de Andreia Waldemir e o Mamute, neste momento, ainda não faziam parte das ações desenvolvidas no antigo pólo Nadir Valente.

Os treinos e oficinas nesta instituição de ensino aconteciam nos sábados, quando não haviam expediente regular na escola. Porém, neste dia compareceram outros capoeiristas membros da ASSCASE.

IMAGEM 3220- RODA DE ENCERRAMENTO DA OFICINA DE MUSICALIDADE E MOVIMENTAÇÃO



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

Entre os visitantes do pólo, estiveram presente os capoeiristas Mamute (jogando com uma aluna da instituição na roda na imagem 32), a capoeirista Ellém Teles, no Atabaque (lado direito da imagem 32), trouxe para oficina alguns de seus alunos do pólo da escola E. M. E. F Professora Noêmia Martins, que compõem o círculo da roda, todos foram convidados para ver as ações desenvolvidas nesta escola. Uma observação interessante é a participação de capoeiristas visitantes de outros pólos da ASSOCASE, é uma característica da formação deles demonstrar solidariedade e união nas tarefas partilhadas entre os pólos diferentes.

Também houve a participação da Andreia Waldemir, neste momento das oficinas, quando ela foi buscar a sua filha, no entanto, ela apenas estava conhecendo as ações do coletivo não participava das atividades da diretoria. Todos os visitantes ficaram na oficina de musicalidade, que se estendeu para o cair da noite com uma roda de capoeira para finalizar os trabalhos na quadra desta instituição. Foi o primeiro momento que novos integrantes da diretoria do pólo Escola Arte conheceram de perto o trabalho com a capoeira nesta escola, e as ações do coletivo. A roda de encerramento desta oficinas teve um contorno diferente das demais rodas realizados no antigo pólo de capoeira Nadir valente, geralmente, após os treinos realizavam-se rodas apenas com os integrantes do antigo pólo e demais capoeiristas do pólo.

Na maioria das vezes os treinos eram voltados para movimentos e exercícios sequenciais de golpes, uma das explicações é o horário disponibilizado pela instituição ser bastante curto, por isso a necessidade do professor de capoeira inserir oficinas no lugar dos de sábado. Todavia, as oficinas de musicalidade não aconteciam com frequência, a primeira diferença que notei foi justamente na forma como ensinava a musicalidade e ritmo junto a ginga do corpo, normalmente para os treinos não haviam espaços para a musicalidade a não se nos

momentos de roda. Sobre a roda de encerramento da oficina os capoeiristas experientes (os professores de capoeira e alunos com maiores graduações), compondo a bateria, no pandeiro Sombra, Montanha, nos berimbaus, médio Cobra Cascavel, no Gunga professor Rento Léon e no Atabaque Maquina Mara.

Os primeiros a colocar em prática as movimentações apreendidas durante a oficina de movimentação foram os mais amadurecidos no trabalho (na imagem 33), o professor Léon coordenava a roda, no Gunga, no sentido de que os alunos da escola participassem do aprendizado que estava acontecendo na roda com os demais, partilhando os fundamentos e as respostas do jogo e canto, depois, no jogo, um experiente e um iniciante.

IMAGEM 33 - RODA DE ENCERRAMENTO DA OFICINA NO PÓLO NADIR VALENTE



Fonte: CARDOSO, acervo de pesquisa, 2017.

Nos berimbaus o professor Léon e aluna Eloysa, observam atentamente aos movimentos e as relações de comportamentos dos aprendizes. Cabe destacar a posição de segurança e empoderamento de uma mulher capoeirista, além de ministrar oficina junto ao professor ocupando um lugar de poder na bateria: o berimbau. Não apenas como uma coadjuvante, mas, uma mulher que está ocupando e, é protagonista junto ao seu coletivo de capoeiristas. Geralmente não sendo uma exceção no jogo da Capoeira Regional os participantes que compõem a roda ficam em pé e batem palmas com a cadência rítmica da musicalidade.

No entanto, existe uma especificidade dos capoeiristas da ASSOCASE, principalmente, os que atuam nesta cidade, no início da roda na ritualística do jogo da Capoeira angola, fazendo movimentos parecidos e sincronizados, por isso, na imagem que registrei durante a roda de finalização da oficina no antigo pólo Nadir valente os alunos aparecem sentados em círculo e sem as palmas. Mas, logo após alguns cantos, entram as características próprias do jogo e o toque da capoeira regional (toque regional e Benguela)

Fora esse dia, os treinos ocorriam voltados mais para a movimentação do corpo, aconteciam na quadra esportiva desta escola, uma área bastante ampla como as imagens representam, porém, descoberta, o que dificultava os treinos nos dias de chuva, a quadra tornava-se inapropriada. Como podemos perceber diante da narrativa do aluno desta escola e que participou dos treinos nesta instituição de ensino, as dificuldades na estrutura física.

O treino lá era toda as seis horas era normal alongamento e exercícios só que as vezes ficava ocupada a quadra porque tinha umas pessoas que iam pra lá fazer gincanas ou jogar bola lá, as vezes a gente não fazia, acho que nem completamos um ano lá fazendo, aí as vezes chovia, na época de chuva, aí era muita dificuldade pra treinar lá (VINICIUS, Marcos. Entrevista com o aluno do pólo Escola Arte - Marcos Vinicius - (16 anos). Entrevista: no pólo Escola Arte, 16 jan. 2017).

Sobre a forma como o diálogo e a presença dos capoeiristas aconteceram nesta instituição, encontrei apenas um único documento, no qual foi disponibilizado pela atual direção escolar para o desenvolvimento desta pesquisa, o Projeto Político Pedagógico da E. M. E. F Professora Maria Nadir Filgueira Valente, no ano de 2016. Nele encontrei o registro e a confirmação da atuação do coletivo de capoeirista do Escola Arte/ASSOCASE. Porém, em toda a extensão do documento existe apenas uma pequena parte dedicada a ressaltar as parcerias que esta instituição teve com projetos desenvolvidos junto à comunidade.

A Equipe Administrativa juntamente com a Comunidade Escolar desenvolveu vários projetos. Eis aqui a relação dos projetos: Aluno Nota 10, Família Nota 10, Projeto Valores, Projeto de Informática, Projeto da Horta, Projeto de Leitura e Escrita, Projeto Atleta na Escola, Projeto de Acessibilidade, Programa Segundo Tempo. Além desses a E.M.E.F. Nadir Valente foi contemplada com outros projetos desenvolvidos pelos Parceiros: Bombeiros (Escola da Vida), Polícia Militar (PROERD), UFPA (PIBID), UNIASSELVI (Tutora-externa Josiane Pompeu Damasceno -atividades práticas-Projeto Alimentação Saudável e Educação Física Adaptada...), Projeto Capoeira (Professor Renato Leon), Projeto dos Desbravadores e Projeto Aventureiro (professor ARON- Igreja Adventista do Sétimo Dia) (PROJETO POLITICO PEDAGOGICO DA INSTITUIÇÃO E.M.E.F PROF.^a MARIA NADIR FILGUEIRA VALENTE, 2016, p. 11).

Em meio a outros projetos educativos desenvolvidos neste estabelecimento PPP desta instituição apenas menciona que houve a parceria com a capoeira por meio das ações desenvolvidas pelo professor Renato Léon, como um intermediador dos capoeiristas que exerciam suas atividades nesta instituição de ensino, porém, não existe um aprofundamento neste documento sobre as relações que se teceram neste espaço com a presença da capoeira nem mesmo a citação ao projeto dos capoeiristas. Diante deste contexto, deve-se ressaltar também que análise do documento permite situar o projeto de capoeira no mesmo patamar positivo de outros projetos agregados e desenvolvidos por esta instituição de ensino.

Considerando que a passagem destes capoeiristas tenha sido como base o projeto *Inclusão social através da capoeira* desenvolvido pelos próprios capoeiristas do pólo Escola Arte/ASSOCASE, entre os membros, professor Léon e a monitora Naja, podemos apreender os objetivo e justificativas para a iniciação de atividades com a capoeira neste espaço escolar.

A presente proposta foi elaborada para prática de atividades de cunho capoeirístico que favoreçam o desenvolvimento integral e harmônico do corpo e mente do educando [...], a prática da capoeira deve proporcionar a criança oportunidade de evoluir seu espírito de liberdade com responsabilidade, de adquirir hábitos saudáveis, e de conhecer e reconhecer seus direitos e deveres, de ter a coragem de enfrentar os riscos e de exercer a autoridade para o bem da comunidade, ela também deve oportunizar o espírito criativo e desenvolver aspectos de sensibilidade, para que o educando possa analisar, sintetizar e refletir criativamente sobre seus desafios. Assim, o desenvolvimento de uma capoeira aliada a todo o processo pedagógico da instituição de ensino, tem um papel relevante na formação integral dos educandos (DIRETÓRIA DO PÓLO ESCOLA ARTE/ASSOCASE. Projeto Inclusão Social através da Capoeira, 2015, p. 2)

Na proposta de levar o ensino da capoeira para a escola no sentido de que ela proporcione aos alunos muito mais que do que movimentações para o corpo, mas, a perspectiva de desenvolvimento do intelectual dos alunos, tornando-os sujeitos que se integrem e interajam com a sociedade, proporcione o conhecer de seus deveres e direitos diante do ensino da prática capoeira, sobretudo, a relação entre quem aprende e quem ensina na capoeira, pautados em valores e elementos que pertencem a essa manifestação, a oralidade, memória corporal e a coletividade entre os seus integrantes.

Todavia, a forma como o projeto político pedagógico da E. M. E. F Profa. Maria Nadir Figueira Valente apresenta o projeto de capoeira dá a entender que foi a escola que procurou diálogo com os capoeiristas para estabelecer parceria de ensino e atividades ligadas a essa manifestação. De fato, houve sim, o contive desta escola aos capoeiristas do pólo Escola Arte, através da intermediação da professora desta instituição, como ressaltou o capoeirista Renato Léon, no entanto, deve-se ressaltar que o convite feito pela escola se tratava apenas de uma ação passageira com uma apresentação de roda em um evento.

Uma vez que, após essa apresentação os capoeiristas, decidiram por iniciativa própria a construir o diálogo com este espaço escolar para desenvolverem suas atividades educativas e culturais. Mesmo sendo passageira a referência aos capoeiristas no PPP da EMEF Prof.^a Nadir Filgueira Valente, o documento trouxe outras contribuições importante para entender os motivos para aceitar deste diálogo por parte desta comunidade escolar.

Para compreender os interesses, antes temos que compreender algumas especificidades que a escola possui, por meio do histórico da E. M. E. F Profa. Nadir Filgueira Valente, conhecemos os princípios educativos que regem esta instituição. O PPP registra que a escola foi criada pela lei nº 07 de 27 de março de 2006, com o nome de Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Nadir Filgueira Valente, inaugurada em agosto de 2006. O primeiro nome desta instituição foi “Paulo Nogueira”, onde iniciou as atividades

educacionais em abril de 1994, com uma modalidade multiseriada como não havia uma estrutura passou para outro prédio com nome de Professora Maria Nadir Valente recebendo os alunos da Escola Paulo Nogueira. (PROJETO POLITICO PEDAGOGICO DA INSTITUIÇÃO EMEF PROF.^a MARIA NADIR FILGUEIRA VALENTE, 2015, p. 9).

Entre algumas caracterizações desta escola em relação as concepções políticas, educacionais, sociais e culturais, apontados pelo PPP, é que se trata de uma instituição de ensino que oferece cursos de Ensino Fundamental (1º ano à 8ª série), incluindo Educação Especial, isto é, atendem com ensino voltado e especializado para crianças da comunidade portadores de Autismo e Síndrome de Down, e outras dificuldades cognitivos e psíquicas, nos períodos matutino e vespertino. Outro ponto importante é disposição da escola para parceria e diálogo com a própria comunidade cametaenses e outros setores sociais.

Durante esses 10 anos desenvolveu-se ações com cursos e palestras destinados aos pais e a comunidade escolar com objetivos de aproximar a relação escola e comunidade. Entre estes podemos citar: Palestra com adolescentes com parceria da equipe do Posto de Saúde da Matinha, relação família e escola, indisciplina, torneios de pais, reuniões com temas de relevância como: “amor exigente”, festas de mães, parcerias com universidades e fundações, curso de informática, Festas Juninas entre outros. A escola não deixa de exercer ações que objetivem e o entrelace esta relação, reconhecendo que a participação dos pais, nos vários momentos e ou situações da escola, resultará em contribuição num pleno trabalho educativo mais salutar, responsável e prazeroso (PROJETO POLITICO PEDAGOGICO DA INSTITUIÇÃO EMEF PROF.^a MARIA NADIR FILGUEIRA VALENTE, 2015, p. 12).

Diante deste trecho tirado do PPP da E. M. E. F Nadir Filgueira Valente, buscamos evidenciar as formas desta escola ao relaciona-se com a comunidade cametaense no intuito de aproximação com a comunidade, outras instituições e órgãos como a universidade e o posto de Saúde. Ao fazer esse contato com a comunidade, a escola se mostra como um espaço propício para manter as relações com outros distintos sujeitos. Essa característica vinculada a proposta da política educacional desta instituição, sobretudo, ao sentido de promover uma educação volta para incluir sujeitos com necessidades especiais e cognitivas, talvez, essas percepções sejam alguns dos motivações possíveis para a escola ter firmado a parceria com o coletivo de capoeiristas do pólo Escola Arte/ASSOCASE.

Justamente por enxergar na proposta dos informantes o desenvolver de um ensino volta para inclusão social, no desenvolvimento físico das crianças, aliado a concepção lúdica e cultural que existe no ensino desta manifestação da cultural. Surgiu efeito, que a maioria dos alunos autista que estudavam nesta escola e frequentavam os treinos neste espaço escolar, continuaram a frequentar os treinos no pólo Escola Arte, o que fez desse pólo o único pólo de capoeira da ASSOCASE, a desenvolver ensino da capoeira para incluir crianças e jovens

portadores de autistas. Um dos exemplos, é caso do aluno Benedito, autista frequenta o pólo de capoeira Escola Arte, porém, iniciou na capoeira na escola Prof.^a Maria Nadir Filgueira Valente, por meio das ações de ensino desenvolvidas pelos informantes.

A história dele na capoeira e os processos metodológicos de ensino presente no ensino da capoeira ajudaram-no, e outros adolescentes do pólo Escola Arte, no desenvolvimento de habilidades psíquico motoras e nas suas relações afetivas³⁶. Contudo, ação da instituição escolar em abrir seu espaço para dialogar com a comunidade cametaense também foi um fator determinante em relação a escolha dos capoeiristas em estabelecer um pólo extensivo com ensino da capoeira nesta instituição de ensino. Pode-se afirmar que uma das principais trocas de saberes que este espaço escolar possibilitou ao coletivo de capoeiristas da Escola Arte/ASSOCASE, durante o período que estiveram operando, seja em virtude da principal característica desta instituição de ensino, agregar a educação especial.

Em conversa com os informantes, em especial, os professores que haviam ministrado o ensino da capoeira neste colégio, fiquei sabendo que eles não tinham noção do quanto a prática chamaria atenção dos alunos autistas. No entanto, também não viram problema em se lançar ao novo desafio, experimentar a nova realidade que antes não fazia parte do cotidiano e nem da vivência de ensino e aprendizado produzido por eles. Mesmo que os professores de capoeira não tivessem formação especializada que os habilitassem a trabalhar com as crianças portadoras de autismo, contando com processos educativos da capoeira, a coletividade, memória corporal, oralidade, disciplina valeram-se destes conhecimentos como formas pedagógicas para consolidar a capoeira como um espaço de inclusão.

Em relação aos treinos de capoeira realizados no antigo pólo Nadir Valente, aconteciam às 18 horas, nos dias de sábado, o único horário que a escola disponibilizava, pois, na maior parte do tempo o espaço era ocupada com as aulas de educação física, sendo que os treinos se consolidavam paralelamente a disciplina, ou seja, não houve a interferência ou ação conjunta com docente de educação física. Com respeito a consolidação das atividades nesse estabelecimento, o professor de capoeira Léon, evidencia as suas intenções de aproximação.

De início nós conversamos com a diretora da escola, foi uma coisa muito linda para a capoeira, no qual a gente podia conta com o apoio da escola. Então, de início foi uma coisa muito bonito, os alunos todos treinando e todos participando de início foi uma coisa bonita, apenas de início (GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon

³⁶ Ênfase este processo de desenvolvimento no trabalho de especialização “Ele não sabia nem riscar, a capoeira desenvolveu”: Educação inclusiva através de uma prática afro-brasileira, Cametá/PÁ”.

Martins Garcia — Estudante. (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

A entonação da frase “*de início foi uma coisa bonita*”, pronunciada pelo entrevistado revela uma expectativa que não se concretizou no formato como pretendiam ambas as partes envolvidas nesse diálogo, por outro lado, possibilitar enxergar que a escola em questão abriu espaço e comprometeu auxiliá-los nas atividades realizadas no seu estabelecimento de ensino. O iniciar desta parceria trazia expectativa tanto para o grupo de capoeira quanto a própria escola, no entanto, os mais beneficiados desse dialogo foram os alunos da instituição.

Em meio a narrativa de alguns dos alunos que participaram da experiência no antigo pólo Nadir Valente, evidenciam alguns detalhes sobre atuação dos professores e contribuições que receberam por meio do ensino da capoeira. Começamos com a narrativa do ex-aluno desta escola, Marcos Vinícius, atualmente é estudante do ensino médio da rede pública, no ano de 2016, participou do ensino da capoeira através das ações e oficinas realizadas na E. M. E. F Profa. Maria Nadir Filgueira Valente, pelo professor de capoeira Léon e os demais alunos do pólo Escola Arte. Na sua narrativa podemos compreender como foi a abordagem do professor de capoeira para incentivar as crianças desta instituição a participarem dos treinos de capoeira.

Eu comecei na capoeira em 2015, quando o professor Renato entrou na sala, na minha escola falando sobre capoeira, naquela época eu estava acho que no 6º ano. Aí, ele chegou explicando um pouco sobre a capoeira tipo o que era uma capoeira, falou da história, e falou também de como ela era pra ser usada, tipo pra tirar os meninos da rua não ta se envolvendo em encrenca né! Pra se um menino bom, ter educação com os outros. Antes a capoeira lá na escola era dia de domingo as 6 horas da tarde até as 8:00 horas quem dava essa aula era o professor Léon e a professora Naja, só que nesse momento eu ainda não participava eu só fui participar depois. Tive que falar para os meus pais participar porque as vezes eles não deixavam eu sair né porque era 6:00 horas, já ia partir pra noite, aí eles não deixam, só que aí eles começaram a deixar, e eles viram que a capoeira era boa pra mim e que mudou e me mudei muito. Eu era muito péssimo agora eu tô na linha certa, eu ajudo no que posso aqui! Eles estavam iniciados o trabalho, aí depois acabou o treino lá e a gente veio pra cá porque eu vi que eu podia ter uma chance de ser capoeira, e eles me acolheram (VINICIUS, Marcos. Entrevista com o aluno do pólo Escola Arte - Marcos Vinicius - (16 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte/ASSOCASE em 16 jan. 2017).

O aprendiz capoeirista e ex-aluno da instituição E. M. E. F Nadir Valente, conta um pouco sobre o processo da sua inserção na prática da capoeira, e acaba por revelar, a forma como professor Léon iniciou o diálogo com os alunos desta instituição, a sua postura de entrada na sala de aula, mostra também o lado divulgador da cultura afro-brasileira, pois, apresenta a capoeira como resistência e na sua perspectiva histórica. A ação é entendida aqui, não apenas como uma forma de divulgação, mas, ao analisar e refletir o ato do professor de capoeira de entrar na sala de aula para falar de uma perspectiva de educação e ensino do qual os alunos

apenas conheciam por livros, como esporte ou ainda de forma pejorativa, mostra a intencionalidade dos capoeiristas de se fazerem presentes nos espaços escolares.

Uma personalidade que tem conhecimentos e vivência para falar na sala sobre as possibilidades que o ensino da capoeira como uma manifestação afro-brasileira pode contribuir para formação dos alunos. Uma educação que é diferenciada do aprendizado que acontece nas salas de aulas brasileiras, pois, esse é obtido por meio da experiência e da vivência, no entanto, não apenas por golpes, mas, como podemos perceber pelas palavras do aluno entrevistado tratando a capoeira em forma multifacetadas de ensino que a capoeira proporciona.

Sejam elas advindas das histórias de resistência vivenciadas por capoeiras de outrora, falando de sujeitos que foram silenciados por opressões, mas encontraram na capoeira a sua resistência cultural. Ou ainda, pela perspectiva de defesa pessoal aliada a questão esportiva, essa é uma proposta bastante associada as relações não só pelos informantes, mas os demais pólos de capoeira regional e possível atentar aos discursos de que a capoeira também é uma forma de resistência através da luta física. O que é interessante aqui, é a forma multifacetada que professor de capoeira apresentou o sentido de como “*usar a capoeira*” para os alunos além das concepções de historicidade, esporte e defesa pessoal, está também atrelado aos propósitos socioeducativos de distintos sujeito. Isto é, “o resgatar os sujeitos da marginalidade social”.

Ou mesmo de mostrar que existem outras possibilidades de compreender o sentido de educação, foi o que mais chamou atenção do entrevistado aprendiz Marcos Vinicius, quando ele menciona que “*ela era pra ser usada, tipo pra tirar os meninos da rua não ta se envolvendo em encrenca né! Pra se um menino bom, ter educação com os outros*”. A perspectiva de retirada do mundo da rua na visão deste aprendiz está vinculado ao mundo da criminalidade e ações relacionadas ao vícios, concebendo os processos formativos da capoeira para se afastar destas atitudes, o aprendiz/aluno revela seus motivos para ter inserido na capoeira. Mas, isso não quer dizer que a rua não seja lugar de atuação da capoeira, pelo contrário ela se faz presente justamente, para mostrar que a comunidade também é um espaço onde acontecem formações.

Como vimos nos capítulos anteriores deste estudo, através do mapeamento dos locais e bairros de atuações dos capoeiristas da ASSOCASE. Outro ponto importante no relato do aprendiz e capoeirista Vinicius é os motivos do mesmo ter continuado as atividades com a capoeira junto aos membros do pólo Escola Arte, está na mudança de comportamento e atitude do entrevistado, e que até mesmo pelos pais é reconhecida através da permissão do aluno para participar dos treinos frequentemente. Para o entrevistado a capoeira o ajudou a lidar com as ações de rebeldias, quando afirma que “*eu era muito péssimo agora eu tô na linha certa, eu*

ajudo no que posso aqui”, reconhecendo a contribuição da capoeira na sua vida, ao contrário do que o senso comum pensa que se resume na arte de bater ou ensinar a bater alguém.

Entretanto, é no vivenciar desta manifestação que se aprende a conhecer o corpo e amadurecer os conceitos e pensamentos. Isso, ocorre através de um aprendizado que é feito coletivamente reconhecendo os limites do seu corpo e do outro. Isso fica mais evidente quando os sujeitos se unem com uma finalidade do aprender e vivencia as possibilidades que o ensino desta manifestação afro-brasileira proporciona na vida deles. De certo modo, aconteceu com o entrevistado quando ele reconhece os benéficos da capoeira fez ao seu comportamento e principalmente o sentido de identificação cultural, aqui, refiro-me, ao sentido de identidade de pertencer a um coletivo de capoeira que possui suas próprias lógicas de ensino, sua própria organização cultural e política na formação, e que enxerga que no espaço escolar cametaenses, sujeitos marginalizados e excluídos pela sua diferença ou formas de comportamento.

Outra narrativa que considero importante para trazer para compreendermos as ações dos professores foram as memórias do capoeirista aprendiz Luís Benedito da Cruz Laredo, atende pelo nome Sombra, ex-aluno desta instituição, continuou a frequentar a Escola Arte.

Meus professores lá não incentivavam a capoeira como fazem os professores do pólo, aí passa despercebida quando eu estava na escola, só prestavam atenção no dia da marcha que eles falam pra mim “olha vai ter capoeira”, e como só eu era da minha sala, aí eles me chamavam só pra mim fazer movimento no dia da marcha. Mas, os professores e amigos da turma me chamavam para apresentar, eu tinha autorização do professor Renato Léon pra fazer isso (LAREDO, Luís Benedito da Cruz. Entrevista com o aluno do pólo Escola Arte/ASSOCASE — Sombra — Estudante. (18 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 25 de janeiro de 2017).

Apontando em sua narrativa a forma como a escola concebia a capoeira nos momentos propícios na leitura deste entrevistado, mesmo assim, na participação e ação passageira havia a autorização do professor de capoeira em relação a autonomia das ações de seus alunos. Participantes da marcha do dia Sete de Setembro, o olhar voltava-se para determinado momento de apresentação, como se a escola estivesse mostrando ao público que também trabalha em buscar de um ensino intercultural, no entanto, apresenta a capoeira na sua perspectiva folclórica, e isso é perceptível também pelo próprio aluno entrevistado, quando menciona que *“como só eu era da minha sala, aí eles me chamavam só pra mim fazer movimento no dia da marcha”*, por ser capoeirista seu reconhecimento só surgia em momentos próprios para escola.

Ao continuar sua entrevista ele revela uma colocação sobre o significado de educar nas relações que se constituem na sua experiência na capoeira.

O professor Léon sempre fala que tudo tem sua hora. Tem hora pra estudar tem hora pra treinar, aí ele fala que o estudo é mais importante que a capoeira, em primeiro lugar é o estudo. Se estuda primeiro e depois vem a capoeira. Por exemplo, quando nós estamos em tempo de prova não deixa a gente vim treinar porque tem que estudar. A capoeira também não é só tu vim fazer movimento ou ficar pulando com todo mundo pensa. A capoeira faz parte da vida eu aprendi a ter educação, respeito e humildade, além de tudo de se educar na casa a gente aprende a se educar aqui também. Respeitando os outros, as pessoas especiais que participam em nosso pólo. E o respeito não é só aqui a gente procura levar com a gente, pois, assim como eu respeito todo mundo aqui eu respeito as pessoas de fora. Se não tiver respeito não dá certo (LAREDO, Luís Benedito da Cruz. Entrevista com o aluno do pólo Escola Arte/ASSOCASE — Sombra — Estudante. (18 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 25 de janeiro de 2017).

Diante da narrativa do aluno Benedito Laredo podemos encontrar alguns elementos com relação ao que os capoeiristas propõem como sentido educativo, a primeira está relacionado com o princípio de hierarquia de saberes, em relação a formação formal, ela é secundária nas informações, prioriza-se a frequência do estudo nas escolas, e a segunda questão está relacionando ao sentido do aprender coletivamente, segundo Abib (2004), aprendizagem acontece no tempo de cada um, por isso, a separação entre a hora para estudar e a hora treinar, no entanto, essa relação acontece junto, e o que possibilita leva seus saberes e conhecimentos para além das rodas, mas, aplicá-los no seu cotidiano, deste modo, o aprendiz considera importante a capoeira na sua vida por ela representa um lugar onde pode aprender e ensinar ao mesmo tempo, onde tem educação, assim, como existem educação em outras relações sociais.

O reconhecimento disso está na fala do entrevistado quando menciona o respeito nas formas de aprendizado, com as pessoas que possuem diferenças não apenas no pólo mais saber transitar esses elementos para mundo da vida. Outro olhar é de uma aluna desta escola, e atuante como aprendiz no pólo de capoeira Escola Arte, em sua narrativa podemos atentar para a conciliação entre as atividades da capoeira e as atividades da escola.

Não me trabalha não pelo contrário me ajudou bastante porque eu escrevia muito devagar. Eu era, não gostava muito de copiar eu era muito fechada. Ai a capoeira me ajudou muito nos estudos tipo nas matérias de história eu sou a primeira eu acho. Tipo eles falam pra gente apresentar uma cultura dos negros primeira coisa que penso é capoeira. Meus professores de escola não sabem que eu sou capoeira e só contei pra minhas amigas e elas disseram que ia pra lá só pra pular, mas tú não é isso que você fala, mas eu deixei bem claro pra ela eu vou ser capoeirista e sempre vou ser (SOUZA, Isabelly Maria Cardoso. Entrevista com aluna Isabelly Maria Cardoso. Cobra Coral. (10 anos). Entrevista: no seu pólo de capoeira Escola Arte, 17 de maio de 2017).

O espaço entre o aprender na escola e o aprender na capoeira parecem se estreitar na narrativa da aprendiz Coral, embora, não houvesse o recebimento desta aluna como praticante de capoeira dentro espaço escolar, no entanto, a agilidade adquirida pela capoeira, e os

conhecimentos historizante da prática proporcionaram a ela uma vantagem em seus estudos, a respeito da cultura negra, até um melhor desenvolvimento da sua escrita. A capoeira e os saberes que nela estão presentes são levados para dentro da sala mostrando que os conhecimentos adquiridos junto ao coletivo sejam na roda ou em momentos do treino, se movimentam junto e com as relações que estes sujeitos constroem fora do espaço da Escola Arte.

Deste modo, acontecem a interação entre o saber adquirido da cultura popular e inserido através da experiência de diferentes sujeitos no âmbito escolar. O aprendizado das rodas e no jogo, torna-se um aprendizado social, a partir do momento que o praticante é capaz de fazer relações entre a roda de capoeira, e as possibilidades de empregar esse aprendizado na “roda da vida”, isto, é nas relações constituídas fora da vivência da capoeira (ABIB, 2004, p. 137). Seja, qual for, independente ou não da participação em grupos culturais, elas chegam à escola com um acúmulo de experiências vivenciadas em múltiplos espaços e relações podendo apresentar um olhar próprio do qual veem e atribuem na realidade onde estão inseridos.

Trouxemos também a experiência do aprendiz Douglas (16 anos), autista, aluno da Nadir Valente, foi um dos primeiros a iniciar na capoeira no antigo pólo, atende pelo nome de batismo na capoeira como GTA, o apelido segundo os alunos é em razão a sua coordenação motora, essa nomeação permitir refletir que mesmo diante das ações inclusivas existem também discursos preconceituosos, o que causa uma contradição na proposta dos informantes.

TABELA 5- SÍNTESE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO COM O ALUNO DOUGLAS

O que você mais gosta na capoeira?	Sim. Eu gosto mesmo e tá na roda jogando.
Onde foi que você aprende a jogar capoeira?	Lá na escola Nadir. Foi lá com professor Léon e professora Naja.
Quando terminou as aulas de capoeira na sua escola o que você fez? E por que veio?	Eu vim pra cá. Não ia ficar sem capoeira. Lá na escola não é bom aqui é melhor.
Como era na sua escola a capoeira?	Sim. Lá tinha a gente jogava, eu jogava até na hora no intervalo não parava de jogar.
Pretende continuar na prática?	Sim.
Por que teu nome de batismo é GTA?	Porque eles me deram, igual o nome do jogo do vídeo game.
O que você aprendeu com a capoeira?	Aprendi jogar com outro, e não bater só jogar mesmo, eu sei tocar o pandeiro, dele eu gosto.
Como você se sente na capoeira, aprender aqui no pólo Escola Arte?	Aqui eu me sinto melhor com meu com meus amigos! Eu gosto de vim pra cá.
Você tem apoio da sua família para participar da capoeira?	Sim.

Não conseguir trazer narrativas extensas do mesmo pelo fato de ser tímido, sua comunicação verbal se limitada, no entanto, entre algumas perguntas que fiz, ele respondia com sim ou não, acrescentando frases curtas, mas, significativas. Salvo, outras entrevistas realizadas

neste trabalho está foi a única que tive que realizar um pequeno questionário, com nove perguntas norteadoras, lendo-as explicando a ele. Diante das respostas do aprendiz encontramos a importância da prática no processo formativo das relações que ele vivência no ensino da capoeira, ao mencionar “*eu gosto mesmo e tá na roda jogando*”, o jogo, especificamente, o construído pelos capoeiristas não é um simples lançar dos golpes ou pernas, mas, é uma relação construída entre quem joga e os demais membros atentos que compõem a roda e a bateria, ou seja, o jogo permite manter o contato entre sujeito distintos, os jogadores respondem ao jogo com movimentações de golpes, essa movimentação na lógica do ensino da capoeira é a comunicação que os capoeiristas realizam, fazendo uso dos códigos deste próprio coletivo.

Mas, a comunicação é gerada na troca de olhares e expressadas na ação corporal de cada integrante. E essa troca de comunicação dentro do jogo da capoeira é o que a torna acolhedora e receptiva aos diversos sujeitos sociais e culturais, pois, ela não possui apenas uma linguagem, ela tem linguagem corporal caracterizada pela criatividade dos movimentos, os jogadores tornam-se um só durante o jogo na cumplicidade corporal.

Esse momento possibilita seus jogadores construir suas próprias relações junto aos demais, é essa linguagem corporal no jogo da capoeira regional que é reconhecida pelo entrevistado Douglas (GTA), como mais significativo no ensino da capoeira, pois, é a onde ele está confortável desenvolvendo e entendendo a formação de ser capoeiristas, por meio das características físicas e culturais através de uma linguagem na qual ele domina, e consegue estabelecer diálogo com outras pessoas de seu coletivo no pólo Escola Arte.

Isso fica manifestado quando ele menciona: “*aqui eu me sinto melhor com meus amigos! Eu gosto de vim pra cá*”, porque é no espaço da roda, e na convivência do praticar que ele se permite a dialogar com seus parceiros. Deste modo, a capoeira constrói formas de socializações e possui seus próprios mecanismos para incluir distintos sujeitos. A partir do momento em que a capoeira não é mais desenvolvida na escola, para o aluno/aprendiz Douglas, o ambiente escolar não se torna tão atrativo, quanto no momento em que havia o trabalho dos professores de capoeira, justamente, por perceber que a comunicação entre o ensino da capoeira e o ensino de uma educação formalizada são distintos.

O ato de continuar na prática no pólo Escola Arte com demais alunos, mostra a compreensão de que a capoeira auxiliou no reconhecimento que o identifica com o coletivo. Em relação ao progresso do Douglas na capoeira perguntei ao capoeirista Fernando Willer, qual era sua percepção ao acompanhá-lo no pólo Escola Arte, na sua narrativa o entrevista acaba revelando um momento importante durante a atuação dos capoeiristas na EMEF Nadir Filgueira

Valente, no qual, podemos perceber o reconhecimento da ação da capoeira no processo de inclusão e desenvolvimento com as crianças e jovens autistas desta instituição.

O Douglas, o Benedito esses meninos antes da capoeira apresentavam problemas sociais na convivência até na própria casa. A gente fica muito feliz quando o professor Léon, nos contou que a diretora chamou ele um dia, dizendo que a capoeira tinha conseguido transformar o Douglas, porque depois ele começou a fazer a capoeira ele se tornou uma pessoa muito comunicativa muito presente nas aulas da escola. Começou a chamar as crianças na hora do intervalo lá na escola pra treinar a capoeira no pátio da escola. E com isso a gente fica muito feliz em saber que a capoeira vem ajudando essas crianças ao contrario que muita gente pensa. A capoeira tem esse poder de socializar (CARVALHO, Fernando Willer Costa. Entrevista com o Professor de Educação Física e capoeirista e integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE – Fernando Willer Costa Carvalho – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 29 de março de 2017).

Na narrativa do capoeirista está o reconhecimento da escola, especialmente da direção escolar, por parte de suas ações dos capoeirista com trabalho com as crianças e jovens autistas, embora, seja da importância dos praticantes tal reconhecimento, uma vez que, buscam esse reconhecimento no ambiente escolar, no entanto, pela fala do capoeirista Mamute, o maior retorno que tiveram com ensino da capoeira neste espaço escolar foi promover o desenvolvimento de jovens e crianças portadores do autismo, assim, contribuindo para um aprendizado que se constitui dentro da roda e fora da capoeira que ultrapassa os limites da roda e os ajuda em suas relações socioeducativas e cotidianas.

Embora, em alguns momentos houvesse o reconhecimento das ações dos capoeiristas por parte da escola em relação ao desempenho e progresso dos alunos que frequentam o treino na quadra da escola. Mas, a expectativa e o sentido de educação nesse espaço era concebido de forma distinta por ambos os interessados. A escola os recebia por entender como vantagem para momentos de festividades, além disso, a presença de um projeto de inclusão por meio da capoeira ajudaria a desenvolver seus alunos fisicamente.

Enquanto, a expectativa dos capoeiristas, vinculada a possibilidade de promover uma intervenção no espaço escolar, ajudando-os com o desenvolvimento ensinando a cultura afro-brasileira através do vivenciar das experiências, não como uma ação passageira, fazendo o espaço escolar entendê-los como detentores de saberes culturais.

Conhecimentos e saberes que se diferem da lógica escolar, mas, que na perspectiva dos capoeiristas pode conviver e ser construído coletivamente. A lógica diferenciada de ensino da capoeira permite que os capoeiristas sejam sujeitos de sua própria ação, relação em que o indivíduo tanto aprende quanto ensina num rico processo de interação social (ABIB, 2004, p. 146). No relato do professor Léon é possível perceber que ao decorrer da consolidação das

atividades dentro deste espaço as promessas e o incentivo por parte da escola foram dando lugar a invisibilidade das ações culturais e educativas dos informantes.

No início ajudaram sim, só que bem pouco, do que eles falaram que iam ajudar a gente. Para falar a verdade foi apenas os espaços que liberaram e salas se a gente quisesse. Só que a minha proposta não foi só querer o espaço da escola. A minha ideia era montar uma parceria com a escola, que o projeto fosse pra escola. Inserido na escola, com o apoio da coordenação pedagógica e da diretoria dos próprios professores. Principalmente do professor de educação física. Pra poder levar os alunos para a capoeira. Só que não foi muito bem o que aconteceu (GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon Martins Garcia — (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

Diante do relato, observa-se que a direção da escola, a qual estava atuando no ano de 2016, prometeu ajuda, mas esse auxílio ficou apenas na disposição do espaço físico escolar, especificamente, a quadra esportiva para atuação dos capoeiristas. Obter o espaço físico desta escola não era a única intenção dos informantes deste trabalho, uma vez que, o coletivo mantinha sua sede no espaço da Escola Arte, a proposta segundo a liderança do pólo, era também “*montar uma parceria com a escola, que o projeto fosse pra escola*”, então, a organização e o ensino/aprendizado da capoeira partia de uma perspectiva não formal, onde os capoeiristas criam vínculos com espaço escolar na iniciativa de produzir e organizar o ensino e as atividades fazendo uso de elementos como a memória, a musicalidade, oralidade e o exercício da coletividade entre seus praticantes.

O enunciado do professor Léon, ainda nos possibilita muitas revelações com respeito ao sentido de educação produzido por esses sujeitos diante do espaço escolar, o sentido de legitimação de suas ações, quando se refere a expectativa que esperava do apoio do profissional de Educação Física para realizar as atividades dentro deste espaço escolar. O primeiro ponto, é que os professores de capoeira compreendem que o aprendizado não acontece apenas pela perspectiva cultural, mas, atrelam essa prática ao viés esportivo, o que também não deixa de ser uma formação educativa, é claro, envolvendo outras concepções.

A expectativa dos capoeiristas era usar a vantagem de atrelar-se ao ensino desta disciplina escolar, apenas para que o professor de Educação Física incentivasse os alunos a participar dos treinos de capoeira, entretanto, o ensino e as ações foram realizadas e organizadas sob responsabilidade dos próprios capoeiristas do pólo Escola Arte. A habilidade de ensino com crianças e jovens autistas por meio da capoeira não foi adquirida pelos professores de capoeira em cursos ou pela educação formal, mas procedeu do contato direto com os alunos desta escola,

uma vez que, a escola oferece o ensino na educação especial, o que possibilitou o encontro com os alunos autistas e projeto de capoeira.

A capoeira é eleita como um campo que exprime saberes educacionais e aprendizagem pertencente a essa cultura popular (ABIB, 2004, p.39). O seu processo educativo acontece pela perspectiva de ensino cultural e esportivo, no entanto, são intermediados por elementos que constituem a prática da capoeira entre eles, a oralidade onde os ensinamentos e orientação dos treinos são proferidos e refletidos, como, a musicalidade permite o corpo aprender a lógica e a intensão dos jogos, e os fundamentos também como o respeito e disciplina, entram também a criatividade da movimentação.

Possibilitando desenvolvimento crítico e reflexão de suas ações. Esse processo de ensino é intermediado pelo profissional de capoeira, ou melhor, pelos agentes detentores deste saber cultural. Sobre uma visão de fora da realidade vivenciada na escola podemos apontar o relato do atual membro da diretoria do pólo de capoeira regional Escola Arte, o professor de capoeira Mamute, no momento ele não fazia parte das ações no pólo Nadir Valente, mas acompanhou como visitante o grupo de capoeira quando tiveram nela.

Fui convidado pelo professor Léon e a monitora Naja a participar em um sábado lá com eles, pra mim conhecer o trabalho lá desenvolvido no Nadir Filgueira. Muito interessante e vários alunos especiais tínhamos lá. Mas, não tive conhecimento de como funcionava o trabalho em si lá. Se tinha apoio, se a escola partir do espaço, só depois que comecei a conversar com o professor Léon e com a monitora Naja que eles me contaram como se deu o trabalho lá. Era um trabalho muito bonito de capoeira lá. Hoje eu não sei, o porquê tá parado trabalho lá, questões políticas, esse processo político aqui em Cametá atrapalha nosso trabalho. Mas, eu não fazia parte do grupo lá, eu fui como visitante lá conhecer o trabalho deles dois (CARVALHO, Fernando Willer Costa. Entrevista com o Professor de Educação Física e capoeirista e integrante da diretoria do pólo Escola Arte/ASSOCASE – Fernando Willer Costa Carvalho – (34 anos). Entrevistado: no pólo Escola Arte, 29 de março de 2017).

Mesmo não conhecendo neste momento o funcionamento da parceria entre o grupo de capoeira e a E. M. E. F Nadir Filgueira Valente, aponta como um dos fatores do encerramento das atividades da capoeira nesse pólo por questões de mudanças políticas, que por consequência afetou também a mudança na coordenação desta instituição. Cabe enfatizar que a participação dos capoeiristas nesta escola não foi consolidada por meio de programas educacionais. Foi uma ação decidida por parte dos professores de capoeira que atuam no pólo Escola Arte, firmar a parceria com base na política de expansão proposta pela ASSOCASE. O fato é que a ação do informantes nesta intuição durou pouco, encerrando no final do segundo semestre de 2016.

Entre os motivos para o encerramento das ações dos capoeirista nesta escola foi por ela ter sido palco de tensões e conflitos entre os capoeiristas e a coordenação desta instituição.

Sobretudo, no que diz respeito, a tentativa de autonomia e participação dos praticantes nas atividades culturais realizadas por esta instituição. Porém, outras situações já vinham acontecendo desde o processo consolidação do pólo, relacionado aos descasos com as ações dos capoeiristas e a indisponibilidade do único espaço, a quadra onde realizavam-se os treinos.

Situações que estão presente na memória dos próprios alunos. Por exemplo, a seguir diante da narrativa do aprendiz Marcos Vinicius, dizendo que não havia por parte da gestão escolar a acompanhamento das ações, embora, não ocorresse no dia letivo, mas, eram atividades que estavam acontecendo com os alunos desta escola.

A gente saiu de lá por causa que a diretora não ia ver como era que tava se dando o trabalho com a capoeira, por exemplo, eu entendo que se a gente vai montar um trabalho dentro da escola ela tem que tá supervisionando pra tá olhando pra saber se tá tudo organizado, e a diretora da época não foi nem uma vez lá ver como estava. Aí parou, ele falou um dia pra gente vim pra cá. O polo da escola arte já existia só que eram poucos alunos com fechamento do trabalho aumentou mais o grupo aqui (VINICIUS, Marcos. Entrevista com o aluno do pólo Escola Arte - Marcos Vinicius - (16 anos). Entrevista: no pólo Escola Arte/ASSOCASE, 16 jan. 2017).

O descaso das ações dos capoeiristas nesta escola não é apenas afirmado pelos professores de capoeira, mas, os próprios alunos desta instituição que frequentavam os treinos conseguiam perceber que naquele momento houve a ausência por parte da diretoria e coordenação escolar em monitorar as ações que estavam acontecendo em seu espaço.

Apesar, do encerramento das atividades vemos também através da narrativa a intenção por parte dos professores de capoeira em continuar o trabalho quando o entrevistado menciona que houve o convite por parte da figura do professor Léon, aos alunos para conhecer as relações que aconteciam no espaço da Escola Arte. A aluna Isabelly, Cobra Coral, também trouxe os motivos do encerramento da capoeira na sua escola. Na narrativa seguinte, ela apresenta outras dificuldades ao desenvolvimento do ensino da capoeira na sua escola.

A diretoria não queria mais nos lá. Porque que as vezes dava o nosso horário de treino na quadra pra outras pessoas jogar bola, nosso treino era só sábado aí pulou pra domingo depois, já que sempre não dava porque a quadra começou a ter outras pessoas, e acabou que a gente saiu de lá e viemos pra Escola Arte(SOUZA, Isabelly Maria Cardoso. Entrevista com aluna Isabelly Maria Cardoso. Cobra Coral. Estande. (10 anos). Entrevistada no seu pólo, 17 de maio de 2017).

Outra dificuldades e conflitos que surgiam neste espaço escolar como menciona a aprendiz/aluna desta escola era o fato do horário, não havia uma confirmação por parte da coordenação escolar sobre a disponibilidade da quadra, uma vez que, não os acompanhou como se davam as atividades, entretanto, em nenhum momento destas dificuldades os capoeiristas e

demais alunos procuram a direção para dialogar com a escola e informar que ainda estavam atuando na quadra, e saber de que forma poderia ser evitados esses conflitos.

Em meio as dificuldades de organização no horário disponibilizados pela instituição para os treinos realizados na quadra esportiva e a ausência de uma parceria mais profícua, no sentido de participação das autoridades do espaço escolar nas ações que estavam sendo construídas entre seus alunos, o professor Léon, continuava na escola, mesmo diante do descaso, continuavam com as atividades, isso mostra o que realmente importa na ação dos capoeiristas continuar ocupando o espaço da escola, e manter os laços com os alunos desta instituição, com aqueles que se permitiram participar dos treinos e aulas de capoeira.

No entanto, houve um episódio que ocasionou o estopim do fim desta parceria. Segundo a narrativa do professor Léon, um de seus alunos, queria participar com demais capoeirista de uma atividade cultural que estava acontecendo nesta escola, apresentando uma roda no evento. Como resposta, naquele determinado momento festivo, a direção disse que não era oportuno a presença da capoeira. Diante da narrativa do capoeiristas Renato Léon:

Que aconteceu foi o seguinte, um aluno (não quero identificar ele), meu aluno chegou comigo e disse “ professor vai ter um evento lá na escola, eu queria levar a capoeira pra lá”, aí, eu disse “ poxa legal”. O aluno disse: “Tá tudo bem? ” E eu respondi “Já falou pra diretora? ” E, ele disse: “Já”. Então, vamos conversar com os meninos, só que no dia seguinte ele chegou em casa e disse para mim “professor falei de novo com a diretora pra confirmar que a gente ia levar a capoeira lá, e ela não quis apresentação da capoeira”, ela deu de resposta, ela falou que não ia dá pra colocar a capoeira porque o evento não tava precisava da capoeira lá. Quando ele me falou aquilo eu fiquei triste, entendeu! Porque quando eu levei a proposta eu expliquei bem que nós íamos apresentar justamente para incentivar os alunos a jogar capoeira e entender um pouco da nossa cultura na escola. Na primeira festa da escola aí encontra essa barreira, entendeu! Poxa, se for para ser assim é melhor parar com o trabalho lá e pegar os alunos que treinam lá e leva-los para outro lugar(GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon Martins Garcia — (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

O evento que estava acontecendo na escola tratava-se da temática do meio ambiente, mas, os alunos de capoeira que estudavam no espaço escolar queriam participar com uma apresentação de roda de capoeira na ação cultural e educativa que estava acontecendo na semana da consciência ambiental. A resposta dada naquele momento ao aluno do professor Léon, estava associada a perspectiva de que a capoeira só era necessária nos momentos propícios da escola, isto é, quando a temática negra fosse pauta das atividades, a resposta negativa a presença dos capoeiristas neste evento, repercutiu negativamente aos demais capoeiristas do pólo Escola Arte, fazendo-os repensar sobre a forma como são acolhidos pelos espaços escolares e a decisão de encerrar suas atividades nesta escola.

Este episódio que ocasionou o encerramento das ações dos capoeiristas da ASSOCASE, foi um dos pontos-chaves para refletir até que ponto a presença da capoeira sem parceria com políticas governamentais é importante para as relações que se constroem no ambiente escolar. A resposta “*não ia dá pra colocar a capoeira porque o evento não tava precisava da capoeira*”, possibilita também pensarmos sobre o currículo brasileiro, como o mesmo é fechado e enquadrado, fazendo as ações serem pensadas separadamente, como se tivesse uma regra pré-estabelecida nos processos de ensino formal.

Não conseguindo enxergar a conciliação de outras ações culturais como a prática da capoeira na possibilidade de diálogo intercultural e novas epistemologias de ensino e formação. A tentativa de participação no evento da semana do meio ambiente, é entendida aqui, como um modo encontrado pelos capoeiristas para mostrar a escola que a prática da capoeira pode também se relacionar aos demais temas discutidos na perspectiva educacional, no intuito de estabelecer uma participação integrada às discussões que a escola proporciona.

Não apenas participando em momentos considerados propícios por ela, mas, ter autonomia no diálogo com este estabelecimento, na medida que articulam uma pedagogia cultural, no ato de transformar uma prática cultural e esportiva em um conjunto de informações, histórias, mosaico de utensílios presente nesta manifestação que viabilizassem os processos educativos, inclusivos e culturais, diferente da proposta de didatizar ou pedagogizar a capoeira colocando limites na sua participação como uma cultura estereotipada.

A falta de compreensão e o desconhecimento das diversas mediações presentes no ensino da capoeira, acaba ocasionando as tensões, entretanto, existe a possibilidade dela se desenvolvida no espaço escolar desde que ela seja respeitada em suas características de formação. Leituras como de Victor Barcellos (2013)³⁷, entende que apesar da crescente presença da capoeira nas escolas brasileiras, a prática ainda ocupa um lugar subalterno no currículo brasileiro. Muitas vezes, os treinos/aulas e as rodas de capoeira são vistos pelos sujeitos das escolas como meras atividades físicas e lúdicas. Segundo Abib (2004), o ensino da capoeira tem outra linearidade, outra perspectiva de tempo e elementos pedagógicos que advém da cultura popular que se diferenciam da lógica do ensino das instituições formais.

Quando as políticas curriculares ou programas educacionais que envolvem o ensino da capoeira encerram suas atividades nas escolas, as atividades com a capoeira se encerram também, é neste momento, onde deparamos a observar os processos de mobilização ou articulações realizadas pelos protagonistas culturais para não perder seus alunos e o trabalho.

³⁷ BARCELLOS, Victor Andrade. Currículo e Capoeira: negociando sentidos de “cultura negra” na escola. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

Mostrando-se como resistentes ao encerramento e a desatenção por parte das escolas sobre suas atividades. *“Se for para ser assim é melhor parar com o trabalho lá e pegar os alunos que treinam lá e leva-los para outro lugar”*, o elemento identidade e coletivo parece como um impulso para continuarem com suas atividades educativas e culturais.

Deste modo, a história da cultura afro-brasileira, não pode ser considerada apenas um tópico curricular por conta da legislação, pois, ela está vinculada a experiência e a historicidade que sua trajetória proporcionou seus agentes, deste modo, os laços e a perspectiva de coletivo se assumem na questão da identidade. Mas, é necessário enfatizar que o episódio vivenciado pelos capoeiristas no antigo pólo Nadir Valente, representa a falta de atenção e desinteresse por uma terminada gestão escolar. Não se trata de uma ação na qual a escola tenha em seus princípios pedagógicos ou políticos da exclusão de seguimentos da comunidade. Podemos atentar para essa relação diante dos princípios que constituem PPP desta instituição.

Uma educação voltada para a democratização do poder, da liberdade de expressão, da dialogação, da sustentabilidade, da atitude e postura crítica, da identidade cultural para formação de sujeitos políticos, capazes de intervir na realidade. Uma escola com participação comunitária agregando o cultural e socialização para o desenvolvimento do educando. Uma gestão que promova a articulação entre escola, família e a comunidades. Dessa forma, se pensa um trabalho curricular comum e diversificado, com um currículo para a cooperação com divisão de responsabilidades (PROJETO POLITICO PEDAGOGICO DA E. M. E. F PROFA. MARIA NADIR FILGUEIRA VALENTE, 2015, p. 18).

Diante características educacionais e a organização da gestão escolar proposta de uma educação pautada na democratização dos indivíduos que compõem o corpo escolar (docentes, funcionários da secretaria, discentes, direção e coordenação escolar, e auxiliares de diversos seguimentos presente na escola), a participação de todos os envolvidos no processo de ensino aprendizado desta instituição, isso inclui também abertura para a produção cultural dos alunos através da parceria com a comunidade com objetivo desenvolvimento do olhar crítico dos alunos perante um currículo que se dispõem a trabalhar o diferente por meio da diversidade das relações sociais, educativas e culturais dos alunos.

Em relação a postura da escola no PPP, na educação, procura um currículo para diversidade cultural é necessária uma pedagogia que não se limitasse a celebrar a diferença, mas, que buscasse problematizá-las no contexto escolar. Sendo isto, será que devemos renunciar, no campo do currículo, a quaisquer critérios epistemológicos ou pedagógicos, quando nos referimos aos saberes ensinados e aprendidos fora da escola? Está mais que na hora de pensar outras epistemologias para âmbito escolar. Para isso, “é preciso, enfrentar as implicações políticas e epistemológicas tradicionais” (GABRIEL. 2008, p. 213).

A capoeira como um movimento social, político e cultural dentro da escola, como uma proposta epistemológica pedagógica que possui sua própria lógica de ensino da cultura afro-brasileira baseados na coletividade, corporeidade e gestualidade, oralidade, que permite o dialogar com espaço escolar na sua concepção de inclusão. Infelizmente, como aconteceu na gestão da E. M. E. F Nadir Valente. Esse diálogo não se estende a trabalhar com outras temáticas que no espaço escolar estavam sendo desenvolvidas, pois, a escola, apenas compreendeu o sentido de esporte e folclorização como formas de representação.

Se a escola olhasse para capoeira como a autonomia e participação de seus praticantes nas atividades culturais e educativas permitindo conhecer uma formação voltada para a vida. Uma educação pautada em valores da cultura popular. Durante a ação e participação deste coletivo de capoeiristas nesta escola, apontamos nas narrativas dos alunos/aprendizes as contribuições significativas deste dialogo, e até mesmo o reconhecimento pela própria instituição de ensino. Aceitabilidade e dedicação dos alunos na prática foi o que motivou o professor a continuar o trabalho mesmo diante das tensões.

Eu tive que segurar o trabalho no pólo da Nadir porque a gente tem que ser forte nestas questões. Porque se eu não for forte como é que meus alunos vão se forte também para enfrentar essas nossas batalhas dentro da cultura em Cametá. Se eu não resistir como e que meus alunos vão resistir também? E uma questão em que eu busco é levar a capoeira como uma prática de vida, tanto da minha quanto na deles, e incentivar eles para jogo da vida (GARCIA, Renato Léon Martins. Entrevista com o professor de capoeira responsável pelo pólo Escola Arte/ASSOCASE — Renato Léon Martins Garcia — (22 anos). Entrevistado: no polo Escola Arte, 16 de janeiro de 2017).

Está presente na narrativa do capoeirista a importância que teve de manter seu trabalho o quanto pôde dentro do pólo Nadir Valente, no sentido de não desistir para incentivar seus alunos a não desistirem também, está aí, uma perceptiva de relação entre quem ensina e quem aprende na capoeira, a responsabilidade que o capoeirista assume como educador do processos formativos dos seus alunos, um aprendizado que começa na “roda pequena”, no sentido de caminhar junto ao coletivo aprendendo por meio da vivencia os códigos culturais de ser capoeirista no ASSOCASE, esse conhecimento transcende para “roda grande”, está por sua vez, é concebida nas relações cotidianas dos aprendizes, e quando a capoeira os auxiliam como lida com as adversidades que a vida apresenta.

Não desistir do trabalho significa para o professor Léon, fazer da capoeira como seu instrumento de resistência cultural e diálogo com seus alunos. Trabalhos desenvolvidos seguindo a perspectiva dos capoeiristas do pólo Escola Arte, sem envolvimento com políticas educacionais, acabam sendo ofuscados dentro de determinados contextos nas escolas públicas.

CONCLUSÃO

Alunos, graduandos, instrutores e professores de capoeira regional que vivenciam suas experiências culturais e esportivas dentro do pólo Escola Arte/ASSOCASE são os responsáveis pela produção de conhecimento e educação na forma como apreendem e ensinam a prática da capoeira incentivando a valorização da cultura negra e esportiva na cidade de Cametá, no Pará.

Desta forma, lutando e resistindo a cada dia pela sobrevivência da sua arte de ensinar a prática da capoeira dentro dos âmbitos que nem sempre são compreendidos como sujeitos que produzem formas de organização de ensino, e que o grupo ou coletivo são espaços profícuos para a socialização e partilhas de saberes que se diferenciam da lógica do ensino escola, mas, que contribuem para os processos formativos de quem vivencia na prática.

Ao acompanhar as ações dos capoeiristas do pólo Escola Arte, pode trazer um pouco de seus processos educativos que se baseiam na gestualidade do corpo, na oralidade, na paciência e na coletividade entre os capoeiristas, uma educação baseada no respeito as diferenças: sexo, idade, gênero e físicas. Educação não apenas através da oralidade, mas, também na ritualidade gestual presente no corpo através de múltiplas linguagens e diversos momentos das experiências vivenciadas pelos interlocutores deste trabalho.

Procurei pontuar os processos de ensino da prática que reforçam e legitimam o discurso destes sujeitos como agentes culturais e educadores no pólo Escola Arte. Buscou-se trabalhar com os significados contidos nas ações educativas e culturais desenvolvidas pelos capoeiristas tanto no pólo Escola Arte como fora da sala de treino. Levando em consideração o conceito semiótico da etnografia para descrever as informações da pesquisa de campo (GERRTZ, 2012, p. 10). Na elaboração de projetos e oficina de capoeira para iniciar parcerias com as instituições de ensino formal. Entre os projetos, selecionamos, o “Inclusão Social através da Capoeira”, onde analisou-se e descrevemos seus principais pontos, ambos foram elaborados pela Diretoria do Pólo de Capoeira Escola Arte, procurou-se compreender qual a proposta ou perspectiva de ensino que os capoeiristas levam a prática da capoeira para o espaço escolar, atentamos para os discursos presente nestes projetos que legitimam suas ações.

O “Inclusão Social através da Capoeira”, elaborado no ano de 2015, após o término das ações dos capoeirista no Programa Mais Educação. Todavia, a base desse projeto seguiu a perspectiva deste programa, embora, os capoeiristas não detivessem mais nenhum vínculo com ele, mesmo quando o apresentaram a proposta na instituição de ensino Nadir Filgueira Valente. Consistia na presença dos capoeiristas e da capoeira paralelamente as atividades culturais

realizadas pela escola, possibilitando o desenvolvimento *educacional, corporal e cultural* do aluno (PROJETO INCLUSÃO SOCIAL ATRAVES DA CAPOEIRA, 2015, p. 2-4).

Fica evidente diante da justificativa do projeto, que uma das abordagens que os informantes procuram realizar na sociedade cametaense e no espaço escolar, além de divulgar a cultural afro-brasileira através do ensino da prática e mostrar que a vivência e troca de experiência entre seu coletivo, e que tem o poder de influenciar os jovens e crianças a se desenvolverem-se socialmente, longe da criminalização das ruas. Entende-se um sentido importante diante da prática e ação dos informantes. Segundo Adriana Dias (2004), desde o final do século XIX, o termo “vadio” se referir àqueles que não tinham trabalho, segundo os registros criminas. A palavra *vadiação* qualificava brincadeiras, divertimentos cultivados pelo povo e repudiados pelos grupos dominantes (DIAS, 2004, p. 22).

A rua como ambiente de sobrevivência dos capoeiristas, segundo Josivaldo Oliveira (2004), o universo da capoeiragem na capital baiana republicana, estava associado ao cotidiano das ruas, os praticantes expostos às condições de sobrevivência que as ruas lhes proporcionava, “exercia influência nos processos de demarcações de territórios e nas relações de poderes entre as camadas populares, a capangagem política, experimentando pelos capoeiristas e compartilhado pelas “mulheres de pá virada” (OLIVEIRA, 2004, p. 45).

Diante da historicidade da capoeira, agora em uma perspectiva regional, veremos que em Belém do Pará, a prática também esteve relacionada com o mundo da rua tanto a serviço da capanga política, mas também seus praticantes eram os agentes culturais das ruas e bairros de Belém, no final do século XIX, demarcavam territórios como amos de boi-bumbá. Segundo Augusto Leal (2008), tratava-se de uma experiência lúdica e cultural que envolvia a presença dos capoeiras, no folguedo regional chamado boi-bumbá, não expressa apenas a vida festiva, mas, demarcava os limites territoriais dos capoeiras, em especial aqueles envolvidos recebiam o título de amos de bois-bumbá³⁸, poderiam circular dentro de seus bairros demarcados.

Um salto na história, sem querer cometer anacronismo, mas, tratando-se da capoeira a linearidade ancestral que ela possui, ainda está muito associada ao mundo das ruas, embora, seja prática em academias, mas existem casos especiais socialização com a comunidade é muito importante, no caso, das ações dos interlocutores deste trabalho quando interagem na partilha de seus saberes com a comunidade cametaense, seja pelas ruas, em praças públicas ou mesmo nos espaços escolares, algo nos chama atenção nesta ação de ocupar os espaços.

³⁸ Segundo Leal (2008), por meio da análise feita aos literatos paraenses, consta que existiam pelo menos três bairros em Belém que se destacaram com bumbás famosos nessa época (Cidade Velha, Umarizal e Jurunas), quem participava desses folguedos eram as pessoas pobres, negras e caboclas.

Os capoeiristas do pólo Escola Arte através do mapeamento realizado neste estudo de suas ações mostram que o mundo das ruas também é local do apreender, onde acontecem as trocas de experiências entre o coletivo, e com as pessoas que os observam suas práticas e ações. A socialização dos capoeiristas não se restringe a quatro paredes de uma sala de treino, colocam a capoeira em movimento, é a forma que os mesmos encontram para afirmar a sua existência como um coletivo organizado que possui sua própria lógica de ensino e aprendizado, assim, as experiências que são partilhadas no pólo Escola Arte são levadas as ruas da cidade de Cametá, e as experiências adquiridas nas ruas também são levada para dentro do espaço escolar, através do diálogo ou parceria que os capoeiristas criam com esses espaços.

O ambiente escolar, é um local onde o saber da rua ou ainda o saber de outras experienciais relacionais nem sempre é aceito, ou mesmo não entendido como formas de educação. É neste contexto, que os informantes usam de seu aprendizado para criar estratégias como os projetos citados, articulações com escolas e a movimentação da capoeira onde o saber da cultura popular, é fruto de outras vivencias sociais e que possam adentrar aos espaços escolares. Durante a pesquisa de campo pode observar que na formação da Capoeira Regional, especificamente, dos integrantes que compõe o Associação de Capoeira Senzala, no município de Cametá partem por uma perspectiva de expansão de suas atividades ligados a essa prática.

A formação produzida por essa associação de capoeira é baseada em uma metodologia que visa formar profissionais da capoeira, entretanto, essa formação não se baseia somente nas questões esportivas e movimento repetitivos, não que estes também não sejam de suma importância para outros processo que constituem as relações de ensino dos capoeiristas, ela está voltada para uma educação que prioriza o partilhar de seus saberes com outros espaços outras pessoas com a comunidade, pois, acreditam no poder que a capoeira possui no sentido de incluir pessoas que socialmente são excluídas da sociedade. Para isso, a iniciativa de abertura de novos pólos de capoeira, a produção de projetos de capoeira voltados a iniciação de diálogo com o espaço escolar, porque, entendem que neste espaço também existem exclusão social e cultural.

A abertura de pólos é quase obrigatório para os capoeiristas com formação e títulos de professores na iniciativa de “abrir trabalho com ensino da capoeira”, com finalidade de partilhar suas ações apreendidas durante a sua formação, executado aquilo que eles mesmo se denominam como professores de capoeira. O diálogo com espaço escolar nesse município se deu também em vista de que os capoeiristas não possuem uma sede principal ou uma casa de cultura para a realização dos seus trabalhos. Esse é um dos motivos que marcaram a presença do diálogo com a escola a princípio como o lugar ainda é uma opção na qual muitos deles.

A procura por espaço não é apenas dirigida ao contexto do pólo de capoeira escola Arte, como vimos nos relatos de outros membros da ASSOCASE, a procura por espaços nas escolas traz uma perspectiva de expandir o ensino e a prática capoeira na cidade Cametá. Entretanto, essas entidades de ensino não conseguem conceber uma percepção de educação que não disponha de elementos caraterísticos de uma educação formalizada. Para o espaço escolar a capoeira ainda ocupa um lugar marginalizado sendo introduzida como algo ainda tematizado e esportivo fácil de ser descartado por outras atividades no espaço escolar.

Os principais incentivadores as políticas educacionais, como por exemplo, apontamos o Programa Mais Educação³⁹, as escolas e instituições de ensino da rede pública deste município. As ações legislativas não respaldam e reconhecem os esforços e as condições para a realização das atividades na realidade local, e as relações que se tecem a partir de quem ensina e quem aprende na lógica da capoeira, principalmente, no sentido de pertencimento e identificação que nascem a partir do momento em que os participantes se reconhecem como membros de um coletivo de capoeira.

Trabalhos desenvolvidos e seguindo a perspectiva dos capoeiristas do pólo Escola Arte, acabam sendo ofuscados dentro das escolas públicas. As ações envolvendo a capoeira são entendidas na ênfase da sua perspectiva cultural e esportivas. A primeira colocação em virtude ao programa citado acima, quando estava em funcionamento nas escolas Municipais de Cametá atuou como um verdadeiro fomentador de atividades culturais e esportivas em ambiente escolar, após o termino muitos projetos ligados a prática da capoeira foram desmontados, e aqueles que permaneceram com suas atividades de ensino da capoeira dentro das escolas, encontram dificuldades e tensões com relação a permanecia das suas ações dentro do espaço.

Entretanto, outros como no caso do pólo investigado neste estudo, que procuram estabelecer diálogo sem envolvimento com políticas educacionais deram continuidade nas atividades, no entanto, houveram também tensões e conflitos sobre a autonomia e participação dos capoeiristas em determinados eventos das escolas que estavam inseridos, ambos os contextos de inserção da prática da capoeira. Entre as formas de resistência encontradas pelos informantes frente aos processos de invisibilidade de suas ações culturais e educativas com o ensino da capoeira apontamos a continuação das ações dos informantes em outros espaços da comunidade desenvolvendo um ensino voltado para inclusão social.

³⁹Projeto Mais Educação foi instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para ampliação da jornada escolar e a organização curricular seguindo uma perspectiva de Educação Integral (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA. Programa Mais Educação: Passo a passo Brasília, DF: SECAD, 2007).

Diante das experiências dos capoeiristas, a capoeira é colocada no cenário do currículo brasileiro produzido pelas políticas educacionais criadas pelo Estado, esse induz uma educação voltada as relações ao capitalismo como armadilhas que existem nos processos relacionais que esse diálogo traz como consequência por meio de ações governamentais. A capoeira como uma manifestação cultural de resistência em sua trajetória histórica também possui seus próprios mecanismos de resistência e sobrevivência para permear os âmbitos dos quais tentam concebê-la como uma abordagem estática e sem autonomia política e organização.

As características como musicalidade, princípios de igualdade, coletividade, ludicidade, movimentos acrobáticos são tomados como formas de sedução usadas pelos praticantes para se mantem em diálogo com o espaço escolar, usam o discurso artístico e benefícios físicos para manterem-se como resistentes e conseguir adentrar no espaço escolar e mostrar outros elementos como a memória, oralidade, a coletividade e a ritualização de jogo.

Deste modo, partilhando suas experiências e expandindo o seu ensino com a capoeira, pois, a necessidade de ocupar espaço é importante para os capoeiristas da ASSOCASE, assim como a perspectiva de retorno a comunidade, por isso, estabelecem acordos com o espaço escolar em diferentes contextos e ocupam espaços na comunidade para manterem-se na resistentes nas suas ações culturais, na medida que partilham saberes com ela e possibilitam expandir e obter seu reconhecimento como agentes culturais e produziam elementos educativos em sua abordagem de ensino por meio da vivência da prática da capoeira.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Tese (Doutorado em Ciências Sociais aplicadas a Educação) - Unicamp, 2004.

ABREU, Sara Machado. ARAÚJO, Rosângela Costa. Olha, é tú que é muleeque! Crianças na capoeiragem baiana ao longo dos tempos. In: FREITAS, Joseania Miranda (Org.) “Uma coleção bibliográfica: os mestres Pastinha, Bimba, e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA”. Salvador-BA, Editora UFBA, 2015. p. 237-250.

ARAUJO, Rosângela Costa. “Abrindo a roda: conhecimentos que gingam”. Revista do programa avançado de cultura contemporânea. ISSN: 1980-9981. Ano VIII. 2004.

BARBIERI, Cesar. “O que a escola faz com o que o povo cria: até a capoeira entrou na dança”. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, (2003).

BARCELLOS, Victor Andrade. Currículo e Capoeira: negociando sentidos de “cultura negra” na escola. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense -Coleção Primeiros Passos; 318. 2006.

BURKE, Peter. A abertura: A história nova, seu passado e seu futuro. In: **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESCO, 1992.

CAMPOS, HELLIO. Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba. Editora da Universidade federal da Bahia, 2009.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2013;

CANDAU, Vera Maria e MOREIRA, Antônio Flávio. **Multiculturalismo – Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

CARDOSO. Darcielly da Silva. “Ele não sabia nem riscar, a capoeira desenvolveu”: educação inclusiva através de uma prática afro-brasileira, Cametá/PA”. Monografia de conclusão do Curso de Pós-graduação Lato Sensu em História Afro-Brasileira e Indígena, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Universidade Federal do Pará, 2016

CARVALHO, José Murilo de Cidadania no Brasil: Um longo caminho. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CRUZ, Laura Letícia de Freitas. Memórias da Capoeira em Cametá-Pá: análise da capoeira socioeducativa. Trabalho de Conclusão do Curso (conclusão) – Universidade Federal do Pará / Campus Universidade do Tocantins – Cametá, Faculdade de História, 2015.

CUNHA, Manuela Carneiro. “Africanos libertos no Brasil”. In: *Negros, estrangeiros. Os escravos libertos e a sua volta à África*. São Paulo: Cia. Das letras, 2001. pp.27-126.

CUNHA, Pedro Frederico. Capoeiras e Valentões em São Paulo: Medo e perseguição no Pós-Abolição. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

DIAS, Adriana Abert. Trajetória da capoeira baiana: do mundo das ruas a símbolo da identidade nacional IN: FREITAS, Miranda Joseania (Org). Uma coleção bibliográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-brasileiro da UFBA. Salvador: Editora da UDUFRA, 2015. p. 105-117.

_____. A malandragem da Mandinga: O cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910-1925). Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2004.

GEERTIZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

_____. “**O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**” Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo.** *Educação & Realidade*, v.22, n.2, p.15-46, 1997.

GOMES. Nilma Lino. Cultura negra e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº 23, maio-agosto, 2003.

HALL, Stuart. “As Culturas nacionais como comunidades imaginadas”. In. **A identidade cultural** na pós-modernidade. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

HOBBSAWM, Eric. Invenção das Tradições. IN: HOBBSAWM, Eric e RANGE, Terence (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906). Salvador: EDUFBA, 2008.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola. EDUFBA, 2102.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol.3, nº.3, 1996, p. 01-15

MENDES, Odete da Cruz. A política de Educação no Município de Cametá: Análise sobre a proposta da Escola Caá-Mutá, escola cidadã. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas Educacionais). UFPA, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/SECADI. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Disponível<<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2014-pdf/16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014>> Acesso em 23/05/2015

_____. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e Africana, Brasília, DF: SECAD, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicampi, 2012.

MOCBEL, Alberto Moia. *Ecos Cametaenses*. Belém. Editora Grão-Pará, 1985.

OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, A.P.L. Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil / Josivaldo Pires de Oliveira, Luiz Augusto Pinheiro Leal. - Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires. *Pelas Ruas da Bahia: Criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador Republicana (1912-1937)*. Dissertação (Mestrado em História, da Faculdade de Filosofia e Ciência Humana) – Universidade Federal da Bahia, 2004.

PASTINHA, Vicente Ferreira. "Como eu penso". Salvador, Instituto Jair Moura, 2013.

PINTO, Benedita Celeste Moraes. "Bambaê do Rosário, devoção dos homens pretos". In: *Manifestações culturais da Vila de Juabá: o mínimo que restou de uma raça*, Monografia (Conclusão de Curso Bacharel em História) - UFPA, Campus de Cametá, 1995.

_____. "Escravidão, Fuga e a Memória de Quilombos na região do Tocantins". *Revista Proj. História*, São Paulo. (22), jun. 2001.

_____. "Umarizal no revisitar da memória: na tapera do Paxibal ainda vive a lembrança dos velhos". In: *Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolo de poder feminino em povoados amazônicos de antigos quilombos*. Dissertação (Mestrado em História da Pontifícia) – Universidade Católica de São Paulo, 1999.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *A capoeira na Bahia de Todos os Santos: Um estudo sobre Cultura e classe trabalhadoras (1890-1937)*. Tocantins/ Goiânia NEAB/ Grasfset. 2004.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. Projeto de História, São Paulo, (15), abr. 1997.

RIBEIRO, José Sampaio de Campos. *Gostosa Belém de outrora*. Belém, Editora Universitária, 1965. CARVALHO, Marques. *Hortência*. Belém, CEJUP/SECULT, 1997.

OLIVEIRA, Alfredo. Belém, Belém. Belém. *Falangola*, 1983. MENEZES. Murilo. *Belém ao findar do século*". *Revista da Academia Paraense de Letras*, Volume VI, 1954.

SALLES, Vicente. "A defesa pessoal do Negro – A capoeira no Pará". IN: *O negro na formação da sociedade paraense. Textos Reunidos*. Ed. Belém: Paka-Tatu. 2004, p. 113- 141.

_____. "O negro no Pará, sob o regime da escravidão". Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações [e] Univ. Federal do Pará, 1971.

SARAT, Magda & SANTOS, Reinaldo dos. História Oral como fonte: apontamentos metodológicos e técnicos da pesquisa. Fonte e Métodos em História da Educação. Doutorados, MS: Ed. UFGD, 2010, p49-78.

SCHUWUARCZ, Lilia Moritz. Retrato Branco e negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Campanha das Letras, 2001.

SILVA, Gladson de Oliveira. HEINE, Vinicius. “Capoeira e Inclusão Social”. In: Ministério da Relações Exteriores. Revista Textos do Brasil. 2008, p. 116-128.

SILVA, Vagner Gonçalves. Observação participante e escrita etnográfica. O In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Brasil afro-brasileiro-. - 2. Ed. Belo Horizonte 2001.

SIMPLÍCIO, Franciane. MAGALHÃES, Paulo. ABREU, Sara (Org.) “*Capoeira em Múltiplos Olhares: estudos e pesquisa em jogo*”. Salvador-BA, Editora UFBA – Coleção UNIAFRO, 2016, p. 85-97.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano Soares. “Festas e Violência: Capoeira e as festas populares na corte do Rio de Janeiro” IN: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org) *Carnavais e Outras F (R) estas: Ensaios de História Social da Cultura*. Campinas. São Paulo: Editora da Unicamp, CECULT, 2002. p. 281-310

SOUSA JR., Justino de. Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

SOUZA, Antônio. “Conversa de berimbau”: um estudo sobre canções de capoeira”. Trabalho de Conclusão do Curso (conclusão) – Universidade Federal do Pará / Campus Universidade do Tocantins – Cametá, Faculdade de História, 2016.

THOMPSON, E. P. Costumes em comum- Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

XAVIER, Samarilene Paôla Pantoja. “Mulheres na roda, olhares atentos”: um estudo sobre a contribuição da capoeira para o processo de empoderamento social feminino no município de Cametá Pá”. Trabalho de Conclusão do Curso (conclusão) – Universidade Federal do Pará / Campus Universidade do Tocantins – Cametá, Faculdade de História, 2015.

ZONZON, Christine Nicole. Nas Pequenas e Grandes Rodas da Capoeira e Da Vida: Corpo, experiência e tradição. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 2014.

_____. A da capoeira Angola: Os sentidos em jogo. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 2007.